



CLARA SÁNCHEZ

O perfume da folha de limão



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





CLARA SÁNCHEZ

O perfume da folha de limão

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

 Planeta



1. Nas mãos do vento

Julián

Eu sabia em que minha filha estava pensando enquanto me via com seus penetrantes olhos pretos um pouco assustados fazer a mala. Eram como os da mãe; já os lábios finos eram como os meus, mas, conforme foi crescendo e seu corpo se desenvolvendo, acabou ficando cada vez mais parecida com a mãe. Comparando-a com fotos de Raquel aos cinquenta anos, seus olhos eram como duas gotas-d'água. Minha filha achava que eu era um velho louco e irremediavelmente obcecado por aquele passado que a ninguém mais importava, do qual não conseguia me esquecer nem um dia, nem um detalhe, nem um rosto, nem um nome, mesmo que fosse um longo e difícil nome alemão. Porém, muitas vezes tinha de fazer um grande esforço para recordar o título de um filme.

E por mais que me esforçasse para parecer que estava bem, não podia evitar causar-lhe pena. Além de velho e louco, eu tinha uma artéria obstruída e, apesar de o cardiologista, para não me assustar, haver dito que o sangue encontraria um caminho alternativo desviando-se da artéria perdida, eu não me iludia com a possibilidade de voltar desta aventura. Assim, beijei minha filha como se fosse o último beijo que lhe dava, mas tentando fazer que ela não percebesse isso. Alguma vez teria de ser a última que ela me veria, e eu preferia que fosse aquela: vivo e fazendo as malas.

Mas, na verdade, jamais teria me passado pela cabeça uma loucura dessas em meu estado de saúde se não houvesse recebido uma carta de meu amigo Salvador Castro, o Salva. Não o via desde que nos aposentaram no Centro, que havia sido montado para caçar os oficiais nazistas espalhados pelo mundo. O próprio Centro estava aposentando a si mesmo, conforme seus alvos iam chegando ao limite da velhice e morrendo; e esses monstros moribundos iam se safando de nós mais uma vez. Na maioria dos casos, o medo os mantivera alertas e os ajudara a fugir. Eles tinham medo de nós porque os odiávamos. Só precisaram aprender a farejar nosso ódio para sair correndo.

Quando recebi o envelope em minha casa em Buenos Aires e vi o remetente, senti um sobressalto que quase me fez cair duro, e depois uma emoção imensa. Salvador era um dos meus, o único que restava sobre a face da Terra que sabia quem eu era de verdade, de onde eu vinha, e do que seria capaz para não morrer e para o contrário. Nós nos conhecemos muito jovens em um corredor estreito que existe entre a vida e a morte, que os crentes chamam de inferno, e os descrentes, como eu, também. Tinha um nome, Mauthausen, e eu não imaginava que o inferno pudesse ser de outro jeito nem pior. E enquanto minha cabeça lutava uma vez mais para sair do inferno, cruzávamos o céu entre nuvens brancas, e as aeromoças deixavam um agradável aroma de perfume ao passar ao meu lado, e

eu estava confortavelmente esticado na poltrona, a mais de vinte mil pés de altura, nas mãos do vento.

Salva me dizia que havia vários anos que estava em Alicante, em um asilo para idosos. Um lugar muito bom, ensolarado, em meio a laranjeiras e a poucos quilômetros do mar. No início, entrava e saía do asilo quando queria; era como um hotel, com uma suíte só para ele e menu *à la carte*. Mas depois teve problemas de saúde (não explicava quais) e dependia dos outros para que o levassem à cidade e o trouxessem de volta. Mas, apesar dos inconvenientes, não havia parado de trabalhar, a seu modo e sem a ajuda de ninguém. “Algumas coisas não podem ser deixadas para lá, não é, Julianín? É a única coisa que posso fazer se não quiser ficar pensando no que me espera. Lembra? Quando entrei lá, era um jovem como tantos outros.”

Eu o compreendia quase totalmente e não queria perdê-lo, como não se quer perder um braço ou uma perna. Sabíamos o que era “lá”: o campo de extermínio onde nos conhecemos trabalhando na pedreira. Salva sabia o que eu havia visto e sofrido, e eu, o que ele havia passado. Sentíamos-nos amaldiçoados. Seis meses após a libertação, com uma aparência que dava nojo e que tentávamos esconder com um terno e um chapéu, Salva já havia descoberto que existiam várias organizações cujo objetivo era localizar nazistas e caçá-los. Nós faríamos isso. Quando nos libertaram, alistamo-nos no Centro Memória e Ação. Salva e eu éramos dois dos milhares de republicanos espanhóis que entraram nos campos, e não queríamos que se compadecessem de nós. Não nos sentíamos heróis, e sim pestilentos. Éramos vítimas, e ninguém gosta de vítimas nem de perdedores. Alguns não tiveram outro remédio senão calar e sentir o medo, a vergonha e a culpa dos sobreviventes; mas nós nos tornamos caçadores – ele mais que eu. No fundo, eu me deixei levar por sua fúria e sua sede de vingança.

Foi ideia dele. Quando saímos de lá, eu só queria ser normal, juntar-me à humanidade normal. Mas ele me disse que isso era impossível e que teríamos de continuar sobrevivendo. Ele tinha razão; nunca mais consegui tomar banho com a porta fechada, nem suportava cheiro de urina – nem mesmo da minha. No campo, Salva tinha 23 anos e eu, 18. Eu era fisicamente mais forte que ele. Quando nos libertaram, Salva pesava 38 quilos. Era magro, branco, melancólico e muito inteligente. Às vezes eu tinha de lhe dar um pouco do que lá chamávamos de comida: casca de batata cozida e um pouco de pão rançoso. Não por compaixão, mas porque eu precisava de Salva para seguir em frente. Lembrou-me que um dia disse a ele que não entendia por que lutávamos para viver se sabíamos que íamos morrer, e ele respondeu que todo mundo iria morrer, mesmo aqueles que estavam em suas casas sentados em uma poltrona com um drinque e um charuto na mão. O drinque e o charuto representavam para Salva a boa vida que todo ser humano almeja. E a felicidade consistia em encontrar uma garota que o fizesse flutuar. Também achava que todo ser humano tem direito a flutuar pelo menos uma vez na vida.

Para vencer o terror, em vez de fechar os olhos e não querer ver nem saber, Salva era partidário

de mantê-los bem abertos e reunir toda informação possível: nomes, rostos de guardas, patentes, visitas de outros oficiais ao campo, organização. Dizia-me para recordar tudo que pudesse, porque mais adiante iríamos precisar. E a verdade era que enquanto tentávamos nos lembrar de tudo, esquecíamos um pouco do medo. Logo soube que Salvador tinha a convicção de que não ia morrer naquela pedreira; nem eu, se estivesse com ele.

Quando as portas se abriram e saímos, eu corri atordoado e chorando, ao passo que Salva saiu com uma missão. Não se aguentava em pé, mas tinha uma missão. Conseguiu localizar e levar aos tribunais 92 nazistas de alta patente; quanto a outros, não tivemos remédio diferente a não ser sequestrá-los, julgá-los e executá-los. Eu não fui tão hábil quanto Salva; ao contrário. Nunca consegui encerrar um caso com sucesso; no fim, outros os pegavam ou eles fugiam. Parecia que o destino zombava de mim. Eu os localizava, perseguia, encurralava e, quando estava perto, eles fugiam, desapareciam; tinham um sexto sentido para se salvar.

Na carta, Salva me mandava um recorte da primeira página de um jornal publicado pela colônia norueguesa da Costa Branca, em que aparecia a foto do casal Christensen. Fredrik teria 85 anos e Karin, um pouco menos. Foi fácil reconhecê-los porque não acharam necessário mudar de nome. Segundo Salva, o artigo não os delatava, simplesmente falava da festa de aniversário que esse velho de ar respeitável deu em sua casa, com a presença de vários compatriotas. Reconheci seus olhos de águia que planam sobre a presa. Eram desses olhos que ficam gravados em você pelo resto da vida. A foto do casal não era muito boa, foi tirada na festa e publicada no jornal como uma homenagem. E, por incrível que pareça, Salva conseguiu vê-la. Fredrik não tivera compaixão, havia se manchado de sangue até o pescoço, talvez porque, não sendo alemão – embora fosse bem ariano –, tivesse de provar que era de confiança, tivesse de conquistar o respeito dos superiores. Serviu em vários regimentos das Waffen-SS e foi responsável pelo extermínio de centenas de judeus noruegueses. Eu imaginava quão cruel ele devia ter sido a ponto de se tornar o único estrangeiro merecedor da cruz de ouro.

Estavam sentados em um sofá, um ao lado do outro. Ele tinha suas grandes e ossudas mãos sobre os joelhos. Até sentado ele era enorme. Era muito difícil que conseguisse passar despercebido. Ela, porém, era mais difícil de ser reconhecida. A velhice a havia deformado mais. Eu não precisava vasculhar a memória; havia sido uma de tantas jovens loiras de rosto redondo e ingênuo com o braço erguido que preenchiam minhas lembranças.

“Não enxergo bem, meu pulso treme; você me seria de grande ajuda. De modo que, se não tiver nada melhor para fazer, espero-o. Quem sabe, pode ser que você encontre a eterna juventude”, dizia Salva na carta. Com certeza se referia ao sol, ao drinque e ao charuto. E eu não pretendia falhar com ele. Afinal de contas, eu tive a sorte de me casar com Raquel e formar uma família, ao passo que ele havia se entregado à causa de corpo e alma. Raquel tinha o dom de transformar o ruim em bom, e interpretei como outro castigo o fato de ela ter morrido antes de mim e de que seus bons pensamentos

desaparecessem do mundo e ficassem os meus. Mas, com o passar do tempo, percebi que Raquel não havia me abandonado totalmente e que pensar nela me trazia paz e enchia minha mente de pequenos raios de sol.

Minha filha queria me acompanhar, tinha medo que meu coração pudesse falhar. Pobrezinha, achava que na minha idade tudo é mais difícil – e é verdade. Mas também é verdade que eu preferia morrer fazendo isso do que pensando na possibilidade de meu colesterol subir. Além do mais, pelo menos uma vez as coisas podiam mudar e talvez o coração de Fredrik Christensen falhasse antes do meu. Por mais velho que ele fosse, devia pensar que podia viver um pouco mais, e sempre o atormentaria o fato de que pudéssemos aparecer em sua vida e, no fim, depois de ter conseguido escapar durante tanto tempo, tivesse de sentir medo de nós.

Eu me iludia pensando que Salva e eu chegaríamos até o sofá da foto e que, assim que Fredrik nos visse, cagaria nas calças.

Sandra

Minha irmã deixou que eu ficasse na casa de praia dela para que eu pensasse com calma se eu queria ou não casar com o pai de meu filho. Eu estava de cinco meses e cada vez desejava menos formar uma família, mas também era verdade que havia abandonado o emprego, como uma completa inconsequente, justamente agora que estava tão difícil conseguir outro, além do que ia ser duro cuidar sozinha do bebê. Por enquanto, ia e vinha com ele na barriga, mas, depois... Que merda! Acabaria me casando por comodidade? Gostava de Santi, mas não tanto quanto sabia que poderia gostar de alguém um dia. Santi estava a um palmo, só a um palmo do grande amor. Mas também podia ser que o grande amor existisse só em minha mente, como o céu, o inferno, o paraíso, a terra prometida, a Atlântida e todas essas coisas que não se veem e que de antemão sabemos que nunca veremos.

Não tinha vontade de tomar qualquer decisão definitiva. Estava bem assim, pensando superficialmente e sem desespero em diversas possibilidades tão inalcançáveis quanto as nuvens, porque tinha comida na geladeira e meu filho ainda permanecia dentro de mim e não me pedia nada. Era uma situação muito boa, que infelizmente duraria pouco, porque minha irmã já havia encontrado um inquilino para o mês de novembro.

Estávamos no final de setembro e ainda era possível tomar sol e banhos de mar. Em meados do mês seguinte, as casas dos arredores estariam fechadas até o próximo verão ou seriam usadas apenas em alguns finais de semana e feriados prolongados. Só algumas, como a nossa, continuariam habitadas durante o ano todo, e à noite, com as luzes acesas e por serem tão poucas e estarem tão espalhadas, pareceriam imensamente solitárias. E eu gostava dessa sensação, até o momento em que sentia falta de alguém com quem pudesse conversar ou quando alguém passava por ali fazendo barulho – então me lembrava de Santi. Eram momentos de fraqueza, desses que fazem com que os casais permaneçam juntos muito tempo, como meus pais. Só de pensar neles criava coragem para enfrentar os momentos de solidão. Sabia que se não os enfrentasse agora, nunca mais os enfrentaria.

Para ir à praia tinha de pegar a motocicleta, uma Vespino. Minha irmã, meu cunhado e meus sobrinhos me advertiram diversas vezes para que não a estacionasse sem pôr a corrente. Assim que tomava o café da manhã e regava as plantas (uma das obrigações impostas pela minha irmã), colocava em uma bolsa de plástico da Calvin Klein uma revista velha que pegava de uma cesta de vime, uma garrafa de água, um boné e uma toalha, e ia me deitar na areia. Sob o sol, não havia dor. Os turistas haviam praticamente desaparecido. Quando me cansava de ficar deitada, costumava percorrer determinado trecho e quase sempre encontrava as mesmas pessoas: uma senhora com dois cachorrinhos, vários pescadores sentados ao lado das varas esticadas, um negro de túnica que não devia ter um lugar melhor para ir, as pessoas que corriam pela praia e um casal de aposentados

estrangeiros debaixo de um guarda-sol de flores grandes com quem já trocava olhares de olá e tchau.

E foi graças a eles que naquela manhã não desmaiei e caí dura na areia; só me ajoelhei e vomitei. Estava muito calor, era um desses dias em que o termômetro dispara como se estivesse quebrado. O boné dava pouca sombra e havia esquecido a garrafa de água. Às vezes as pessoas tinham razão quando me diziam que eu era um desastre. Todos os que eram mais próximos me diziam isso. Mais cedo ou mais tarde comentavam: “Você é um desastre, e se todo mundo lhe diz isso, deve ter alguma razão.” Ao me levantar da toalha onde estava sentada, senti náuseas, tudo começou a girar, mas mesmo assim consegui chegar cambaleando à beira da água para me refrescar, quando não aguentei mais e pus tudo para fora. Havia comido demais no café; desde que soube que estava grávida, o medo de desmaiar me fazia comer até não aguentar mais. Nesse momento, o casal de aposentados estrangeiros correu em minha direção, tanto quanto os idosos são capazes de correr na areia ardente. Levaram uma eternidade para chegar; eu afundava as mãos na areia molhada tentando me segurar, até que a areia se desmanchava de novo.

“Deus do céu, não deixe que eu morra”, pensava quando mãos grandes e ossudas me seguraram. Depois, senti o frescor da água na boca. Uma mão molhava minha testa e meu cabelo. Ouvia suas palavras, estranhas e distantes, e não entendia nada. Sentaram-me na areia, e vi que era o casal estrangeiro. O homem trouxe o guarda-sol de flores grandes sob o qual eles sempre se abrigavam e que marcavam seu território. Evidentemente, era mais fácil levar o guarda-sol até mim que me levar até o guarda-sol.

– Você está bem? – foram suas primeiras palavras em castelhano.

Assenti.

– Podemos levá-la ao hospital.

– Não, obrigada, foi só o café da manhã que me caiu mal.

A mulher tinha olhos pequenos e azuis e os deteve em minha barriga um pouco volumosa e redonda, que sobressaía do biquíni. Não esperei que perguntasse.

– Estou grávida. Às vezes a comida não me cai bem.

– Agora descanse – disse ela abanando-me com um leque de propaganda em que vi as palavras “Nordic Club”.

– Quer mais água?

Bebi mais água, enquanto me observavam sem pestanejar, como se me sustentassem com o olhar.

Um pouco depois, quando já deviam estar mais tontos do que eu, insistiram em me acompanhar até a moto e depois de carro até em casa, com medo de que eu pudesse desmaiar na estrada. Estávamos tão devagar que todo mundo nos xingava, e assim que peguei o caminho em cuja margem esquerda a casa de minha irmã parecia ter sido enfiada com uma calçadeira, buzinei e fiz tchau com a mão.

Talvez devesse tê-los convidado para entrar e beber alguma coisa, ou sentar-se um pouco na

varanda, onde costumava correr uma brisa bem agradável. Fiquei com raiva por não ter sido mais gentil, posto que havia estragado a manhã deles na praia; mas também era verdade que não era nada ruim interromper a monotonia desses casais de idosos que passavam o dia em estado contemplativo. Molhei-me com a mangueira e me deitei à sombra, em uma espreguiçadeira. Não queria pensar no enjoo na praia porque não queria me sentir fraca. De agora em diante teria mais cuidado, porque, na verdade, meu corpo já não era o mesmo e me fazia surpresas.

Julián

Fiquei irritado por ter de gastar parte das minhas economias em uma passagem classe *business*. Fiz isso para deixar minha filha tranquila e também porque queria chegar ao meu destino da melhor forma possível. A viagem não poderia ser em vão e, por isso, me limitei a comer pouco e a tomar uma cerveja sem álcool, e depois de me livrar dos demônios como pude, a dormir como um bebê, enquanto os demais passageiros não paravam de virar uísques *on the rocks*.

Não esperava que Salva fosse me buscar no aeroporto de Alicante; ele nem sequer respondeu à carta em que lhe dizia em que dia chegava. Como estaria agora? Talvez não o reconhecesse. Nem ele a mim, claro. De qualquer maneira, olhei as plaquinhas que as pessoas seguravam e me expus o máximo possível na esperança de que Salva de repente viesse até mim e me abraçasse. Depois de mais ou menos quinze minutos, decidi ir para a estação de ônibus e pegar um que me levasse a Dianium, a cidadezinha, a uns cem quilômetros, onde havia reservado hotel e por cujos arredores viviam os Christensen e, um pouco mais longe, Salva, no asilo. Não fui diretamente para o hotel. Ao sair do ônibus, peguei um táxi e pedi ao taxista que me levasse ao asilo de idosos Tres Olivos, para depois voltarmos ao centro da cidade.

Ele colocou a mala no porta-malas e rumamos para o interior em meio ao cheiro de pinho aquecido, e logo o taxista me perguntou, estranhando, se eu não ia ficar no asilo. Não me dei o trabalho de responder; fingi que estava absorto na paisagem, o que também era verdade. Entardecia, e achei aquilo maravilhoso. Terra vermelha, pequenos bosques, vinhedos e pomares e pássaros que desciam para bicar. Lembrei-me de quando era criança, quando nada tinha importância, e meus pais nos levavam à praia nas férias. Apalpei os bolsos do paletó para me certificar de que não havia esquecido nada no avião nem no ônibus. Estava começando a achar que o cansaço pudesse comprometer meus sentidos.

O asilo tinha um jardim menor do que Salva me havia feito imaginar, mas ficava em pleno campo, e isso parecia bom, apesar de que, quando mais velhos, preferimos ver pessoas a árvores. Não era preciso tocar a campainha. Estava aberto, e entrei em um refeitório onde estavam começando a pôr as mesas para o jantar. Perguntei à moça por Salva, disse a ela que vinha de muito longe para vê-lo, e ela, após olhar para mim com estranheza, dirigiu-me a uma pequena sala onde uma mulher grande e forte, com uma vitalidade incrível, disse que meu amigo havia morrido. E quando lhe mostrei o envelope que recebi, ela me explicou que ele mesmo pedira que o pusessem no correio logo depois de sua defunção. Defunção, que palavra! Haviam-no cremado, e suas roupas foram enviadas para uma paróquia, caso algum pobre as quisesse. Morreu de uma insuficiência generalizada; seu organismo disse chega.

Ela comentou, sem que eu perguntasse, que ele não havia sofrido.

Dei uma pequena volta pelo jardim e imaginei Salva ali, fraco e encolhido, resistindo, olhando o céu, enquanto pensava no que tinha para fazer, sem perder seus objetivos de vista. Fazia muitos anos que não tínhamos contato, desde que deixaram de nos considerar úteis no Centro, e eu preferi me dedicar a minha família e a fazer algumas investigações por minha conta, que nunca deram frutos. Tentei amarrar as pontas soltas de Aribert Heim, o criminoso nazista mais procurado do mundo, e de Adolf Eichmann, sem nenhuma sorte. E era difícil para mim acreditar que Salva tivesse parado de trabalhar; com certeza deve ter continuado a reunir material e dá-lo de bandeja para que outros levassem a glória. E agora era a minha vez. Ele me deixava sua última descoberta, que só teria valor se eu fosse capaz de trazê-la à tona. Quando soube que ia morrer, pensou em mim, lembrou-se deste amigo e me deixou uma herança envenenada, como não podia deixar de ser qualquer coisa que viesse de nossas almas atormentadas. Gostaria tanto de ter falado com ele, de vê-lo pela última vez. Não restava mais ninguém que soubesse tudo de mim, que conhecesse exatamente como foi o meu inferno. Um tom prateado e sem brilho ia apagando a tarde.

Entrei de novo no táxi e, depois de dizer ao motorista que íamos ao hotel Costa Azul, tive de tirar o lenço do bolso e assoar o nariz. A visão do asilo, cada vez menor, onde Salva me escreveu sua última carta, fez que meus olhos se enchessem de lágrimas; eram lágrimas fracas, que só molharam o contorno dos olhos, mas que significavam que eu estava vivo. Que havia sobrevivido a Salva, sem querer, como havia sobrevivido a Raquel, com o meu pesar.

O taxista me olhou pelo retrovisor. Como sua juventude estava longe de minha velhice! Era inútil contar qualquer coisa, explicar algo; era inútil lhe dizer que meu amigo havia morrido, porque ele iria pensar que em nossa idade era natural morrer. Porém, nada era natural, porque, se fosse natural, não nos pareceria estranho e incompreensível. Era eu digno de continuar vendo esses lindos campos prateados? Raquel teria brigado comigo por pensar assim, teria me chamado de masoquista e de bicho estranho. Afinal de contas, Salva e eu não nos víamos havia muito tempo, desde que me estabeleci em Buenos Aires com Raquel, e ele seguiu sua vida daqui para lá; nunca teria imaginado que estaria em um asilo. E como ele mesmo dizia, não só nós morríamos; todo o mundo morria, toda a humanidade, e não havia outro remédio a não ser se conformar.

Ao chegar ao hotel, ocupei-me desfazendo a mala e colocando a roupa no armário; e depois estudando o mapa da cidade, tentando localizar a casa de Fredrik e Karin Christensen em uma zona alta e arborizada chamada Tosalet. Como não queria me deitar muito cedo, para ir superando o *jet-lag*, desci ao bar do hotel a fim de tomar os comprimidos da noite com um copo de leite quente. Uma garçonete de colete vermelho, que fazia malabarismos com os copos e as pedrinhas de gelo, perguntou-me se eu queria um pouco de conhaque no leite. Respondi “por que não?” e, enquanto ela me servia, distraí-me olhando para ela, e ela sorriu para mim com um sorriso radiante e lindo. Com

certeza tinha um avô a quem distraía de vez em quando. Quando já estava começando a me sentir confuso por causa do cansaço, pedi na recepção que me esclarecessem algumas dúvidas sobre o mapa e reservei um carro de aluguel para o dia seguinte. Não me surpreendi quando me perguntaram se minha carteira de habilitação estava em dia; isso acontecia amiúde ultimamente. Se tivesse tempo, teria me sentido ofendido, mas tinha outras coisas mais importantes na cabeça que o fato de ser velho e de que me tratassem como tal; tinha de cumprir a missão de Salva.

O quarto não era grande coisa. Dava para a rua, e através das cortinas se via a iluminação de alguns bares. Deitei-me na cama; fazia tempo que não me sentia tão descontraído. Voltava ao velho costume de ficar sozinho em hotéis, o costume de não contar a ninguém o que realmente estava fazendo, com a diferença de que já não esperava nada, porque depois disso não haveria nada mais.

E daí que o mundo inteiro tinha mais força e menos anos que eu? Eu tinha a enorme vantagem de não esperar nada. Eu me sentia... me sentia... como explicar? Eu me sentia conformado. Quando percebi que ia adormecer, tirei a roupa, coloquei o pijama, desliguei o ar-condicionado, tirei as lentes de contato e coloquei os óculos de fundo de garrafa que usava para ler na cama; pelo menos a dentadura era fixa. Que tempos aqueles em que só precisava de mim mesmo para ir de um lado para o outro, sem equipamentos! Fechei os olhos e me encomendei a Raquel e a Salva.

Acordei com os raios de sol atravessando as cortinas. Tomei um banho e fiz a barba com o barbeador elétrico que minha filha pôs na minha mala a contragosto, porque eu dizia que era bobagem não aproveitar o kit de barbear do hotel. Deixei meu rosto suave. Nem quando fiquei doente, no hospital, deixei de me barbear, nem mesmo nos momentos mais difíceis de minha vida. Minha mulher dizia que o jeito meticuloso de me barbear era minha marca pessoal, e talvez tivesse razão. Comi mais que o normal no café da manhã, porque o bufê estava incluído no preço do quarto e porque, assim, ao meio-dia só teria de fazer um lanche, e jantaria cedo.

Como o carro de aluguel só chegaria ao meio-dia, fui caminhando até o porto, e em uma barraca do Passeio Marítimo comprei por vinte euros um chapéu-panamá que me dava mais sombra que o boné. Minha filha insistiu para que eu não levasse coisas que poderia comprar em qualquer lugar, mas eu achava um desperdício deixá-las ali para que depois não soubessem o que fazer com elas. Embora estivesse bastante calor, tinha que usar o paletó, felizmente leve, porque precisava de bolsos para guardar os óculos, caso alguma lente caísse (os de sol eu colocava no bolso da camisa), a carteira com o dinheiro e os cartões de crédito, uma caderneta para fazer anotações e a caixinha de comprimidos. Quando era jovem, também carregava o Marlboro e o isqueiro. Por sorte podia deixar o celular no hotel, porque parou de funcionar assim que atravessei o oceano. Eu gostava de levar tudo bem distribuído pelos bolsos, equilibrando o peso. Uma vez, minha filha me comprou uma mochila, mas eu a largava esquecida por aí porque não me parecia minha. Sempre que pude usei terno, no mínimo calça e paletó, e no inverno casaco de lã bege até metade da perna. Na verdade, não

saberia viver sem esses pequenos costumes.

Sentei-me em um terraço para tomar um café e fazer hora estudando de novo o mapa. O café era o único hábito prejudicial que não havia abandonado nem pretendia; negava-me a passar para o chá-verde como fizeram os poucos amigos que me restavam. O pior de ser velho é que a pessoa vai ficando sozinha e se transformando em um estrangeiro em um planeta onde todo mundo é jovem. Mas eu ainda tinha minha mulher dentro de mim, e minha filha podia viver sua vida sem ter de carregar a minha e todo o mal que havia andado por ela. Em minha balança, o ódio pesava muito, mas também, graças a Deus, pesava o amor; mas, infelizmente, verdade seja dita, o ódio havia tomado muito lugar do amor.

Pensei, tomando o café nesse terraço – um café expresso bem bom, aliás –, que quando se conhece o mal o bem vale pouco. O mal é uma droga, o mal é prazeroso, por isso aqueles açougueiros cada vez exterminavam mais e eram mais sádicos; nunca tinham o bastante. Tirei a etiqueta do chapéu, coloquei-o na cabeça e guardei o boné no bolso. Se Raquel fosse viva, eu compraria um para ela. Ficava bem com qualquer chapéu, mas com o tempo não se usavam mais e as mulheres perderam elegância. Recentemente, um médico me disse que na minha idade temos uma memória cristalizada, o que quer dizer que recordamos mais os acontecimentos distantes que os recentes. Era verdade; agora me dava por lembrar, com toda riqueza de detalhes, do chapéu que Raquel usava quando nos casamos, lá no ano 1950, em uma manhã luminosa de primavera.

Sandra

No dia seguinte, não me arrisquei a ir à praia, e como não estava a fim de pegar a moto, me conformei em descer até um pequeno mercado que havia a quinhentos metros; o suficiente para dar uma caminhada e comprar alguns sucos. Tive o dia todo para fazer comida saudável, ler e ficar tranquila. O limoeiro e a laranjeira davam ao pequeno jardim um ar de paraíso, e eu era a Eva. O paraíso e eu. Minha irmã havia me deixado pilhas de roupa suja para que eu fosse lavando. Tinha de colocar as roupas na máquina, pendurá-las, depois recolhê-las e dobrá-las e, se tivesse um surto, passá-las. Tinha também de regar as plantas de manhã e ao entardecer. Se lhe desse ouvidos, passaria o tempo todo trabalhando. De onde ela tirou tanta roupa suja? Acho que me deixou ficar na casa para me obrigar a fazer alguma coisa, o que, no seu entender, acabaria servindo para alguma coisa. Talvez tenha passado vários dias sujando roupa. Ela gostava de mandar de um jeito que não parecesse que estava mandando. Eu mesma levei anos para perceber que mandava em mim e me obrigava a fazer, sem que eu percebesse, coisas que não queria fazer.

E eu estava justamente cumprindo a tarefa do entardecer, depois da sesta, quando ouvi um carro estacionando na entrada. Ouvi as portas do carro se fecharem e passos lentos, até que os vi. Eram eles, os velhinhos que me ajudaram na praia. Parece que se alegraram ao me ver, e eu também me alegrei; estava havia tempo demais ruminando os pensamentos, sozinha. Fechei a mangueira e fui até eles.

– Que surpresa! – disse.

– Estamos felizes por vê-la recuperada – disse ele.

Falavam muito bem minha língua, embora com sotaque. Ele não era inglês, nem francês. Também não era alemão.

– Sim, fiquei descansando, quase não saí daqui.

Convidei-os a entrar e se sentar na varanda.

– Não queremos incomodar.

Servi chá em uma bela chaleira de cobre que minha irmã tinha em um armário que parecia ser antigo, mas que não passava de uma imitação. Não ofereci café porque não encontrei uma cafeteira.

Tomaram o chá em pequenos goles enquanto eu lhes contava que não tinha certeza de estar apaixonada pelo pai de meu filho e que não queria começar essa nova etapa de vida pisando na bola. Eles me escutavam com grande interesse e não me importava que soubessem tudo sobre mim, pelo menos aquilo que mais me atormentava. Não me importava porque eram desconhecidos, era como contar para o vento.

– Dúvidas da juventude – disse ele pegando a mão de sua mulher. Notava-se que fora muito

apaixonado e que agora não poderia viver sem ela. Ela era um enigma.

Não era um homem que sorrisse, mas era tão educado que parecia sorrir. Sua enorme estatura fazia a poltrona de vime parecer de brinquedo. Era muito magro, com os pômulos, os parietais e absolutamente todos os ossos marcados. Usava uma calça cinza de verão e uma camisa branca de meia manga, e era muito asseado.

– Amanhã, se quiser, podemos vir buscá-la. Levamos você à praia e depois a trazemos de volta – disse ele.

– Para nós, será uma diversão – comentou ela sorrindo de verdade com seus pequenos olhos azuis, que devem ter sido bonitos, mas que agora eram feios.

Em vez de responder, servi mais chá. Estava avaliando a situação. Nunca havia pensado em ficar amiga de dois velhinhos. Em minha vida, os idosos com quem me relacionava eram da família, nunca amigos.

Olharam-se conversando com os olhos e se soltaram para poder pegar as xícaras.

– Viremos às nove, nem muito cedo, nem muito tarde – disse ele, e se levantaram.

Ela parecia contente, seus olhos mostraram sua animação. Com certeza era quem mandava no casal. Era quem pensava em coisas para fazer, quem tinha caprichos. Talvez eu fosse um capricho dessa mulher, o que, em princípio, não era bom nem ruim.

Ela colocou a mão em meu braço e o segurou como se não quisesse me deixar fugir.

– Não precisa levar nada, eu cuidarei de tudo. Temos uma geladeira portátil.

– Fredrik e Karin – disse ele estendendo a mão.

Eu também estendi a minha e dei um beijo no rosto de Karin, cuja expressão era alegre e amarga ao mesmo tempo. Até então eu não sabia o nome deles e não percebera que não sabia, talvez porque até aquele momento eles não fossem importantes para mim; eram completamente estranhos, como qualquer um que passa na rua.

– Sandra – disse eu.

Meus avós morreram quando eu era pequena, e agora a vida me recompensava com esses dois, e eu não me importaria de ser sua neta favorita, ou melhor, sua única neta, a depositária de todo o seu carinho e... de todos os seus bens; esses bens maravilhosos pelos quais não é preciso lutar, nem sequer desejar, porque já são nossos assim que nascemos. Talvez o que os laços de sangue não haviam me dado o destino estava dando.

Julían

Entre uma coisa e outra, só à uma da tarde consegui sair com o carro. Abri a janela porque preferia o ar da rua ao ar-condicionado. Tive de parar em um posto de gasolina e em uma banca de jornal para perguntar por Tosalet, até que me encontrei em uma longa estrada de curvas onde era impossível perguntar algo a alguém. Depois entrei em uma área arborizada onde as casas ficavam meio afundadas entre árvores de quinze metros de altura, e quando muito se ouvia o latido de algum cachorro. E, talvez por causa da idade, foi bem difícil encontrar a rua onde supostamente Fredrik Christensen morava. Mas, por fim, encontrei-a e vi o nome da casa, Villa Sol, um nome nada original para aquele lugar.

Era como um fortim e praticamente não se via nada lá dentro. Eu não queria que os vizinhos me pegassem bisbilhotando, porque o fato de eu não os poder ver não significava que eles não pudessem me ver. Reinava o silêncio e um forte cheiro de flores. O que isso tinha a ver com o sofrimento, a humilhação, a miséria e a crueldade sem limites? Assim como no jornal, na caixa de correio os nomes também eram os verdadeiros. Dizia Fredrik e Karin Christensen.

Tanto a porta de correr da garagem quanto a pequena eram de metal e pintadas de verde-escuro, e a hera ameaçava cobri-las. Fingi que estava admirando as trepadeiras, esperando ouvir algum ruído, algum movimento lá dentro, até que voltei para o carro. Deixara-o estacionado na parte mais larga que havia encontrado, duas ou três ruas acima, e percebi que o lugar poderia me servir de ponto de vigilância, posto que a rua era de mão única, e eles obrigatoriamente teriam de passar por ali.

Mas isso seria mais tarde ou talvez no dia seguinte. Já eram três e meia, hora de comer alguma coisa para tomar os comprimidos e me deitar um pouco. Não queria desperdiçar minhas poucas energias no primeiro dia.

Foi complicado estacionar pelos arredores do hotel e, quando consegui, eram mais ou menos quatro e quinze. Em um bar, pedi uma omelete e um suco de laranja e, para arrematar, tomei um café com leite. O café era tão bom quanto o da manhã. Sentia certa euforia, estava contente e liguei para minha filha. Tranquilei-a, disse que estava melhor que nunca, que a mudança de ares estava me fazendo bem, que abria meus pulmões. Não lhe contei que meu amigo Salva havia morrido.

Disse que já havíamos localizado a casa de Christensen e que logo começaríamos a vigiá-la. Minha filha não gostava nem um pouco de me ouvir falar assim; tudo que lhe parecia obsessão a fazia dizer “Pronto!”, de modo que mudei de assunto e disse que era um lugar perfeito para passar umas férias, com muitas colônias de estrangeiros mais velhos. E acrescentei o que sabia que ela iria gostar de ouvir: aproveitaria para ir olhando casas para alugar ou vender, casas brancas com varanda e um pequeno jardim para eu morar e para que ela viesse passar todo o tempo que quisesse comigo.

– E com que dinheiro? – disse ela, que era o que dizia quando começava a gostar de uma ideia.

Talvez houvesse sido muito egoísta com Raquel, e infelizmente continuava sendo com nossa filha. Não a deixava respirar, não a deixava esquecer o mal. Fazia-a recordá-lo constantemente perseguindo demônios. Ela sempre dizia que não tinha tempo de consertar o mundo e que queria ser uma pessoa normal, uma pessoa cuja família não tivesse passado pelo que passou, e que pelo menos tinha direito a isso, ou não?

E eu me perguntava se era justo que Karin e Fredrik vivessem cercados de flores e de inocência.

Ao chegar ao quarto do hotel, deitei-me na cama vestido, cobri-me com a colcha e liguei a televisão. Não queria dormir, mas acabei cochilando, e quando abri os olhos estava anoitecendo e minha mão formigava. Havia descansado, e estava meio tonto – fui ao banheiro cambaleando, como se estivesse bêbado. Não havia tirado as lentes de contato, e meus olhos estavam ardendo. Resolvi dar uma volta até o porto para respirar ar fresco. A estrada até Tosalet era cheia de curvas, e eu não queria pegar o carro à noite; esperaria até o dia seguinte com uma grande sensação de tempo perdido. Não estava ali de férias, não tinha tempo para isso. Férias eram para os jovens, para gente com a vida toda pela frente, porque, para mim, o que me esperava virando a esquina era o descanso eterno.

As belas luzes do porto não significavam nada em comparação com as luzes que poderiam estar se acendendo no jardim dos Christensen. Essas luzes tinham um sentido, eram sinais que se encaixavam em meu mundo e que me guiavam ao inferno perdido. Andei para cima e para baixo no Passeio Marítimo bolando um plano de ação, e vi que a barraca onde havia comprado o chapéu ainda estava aberta. De manhã, tomaria o café cedo e subiria até Tosalet. Esperaria até que Fredrik saísse e o seguiria. Anotaria o que fizesse. Em dois ou três dias teria uma ideia dos seus hábitos. Embora se tratasse de um oficial condecorado da SS, mestre em fugir de país em país, em mudar de casa, de cidade, não poderia escapar da idade, e a idade é feita e sobrevive à base de costumes.

Ainda não tinha certeza de como usaria a informação que reunisse, mas sabia que acabaria usando. Conhecer os costumes de alguém e as pessoas com quem se relaciona é como conhecer as portas e janelas de uma casa; acaba-se vendo um jeito de entrar. Porque, vejamos, o que faria quando me certificasse da verdadeira identidade de Fredrik? Iria capturá-lo e levá-lo perante um tribunal acusando-o de crimes horríveis, impensáveis para um ser humano? Esse tempo havia passado, já não se julgavam nazistas idosos. No máximo, esperava-se que morressem e que com eles morresse o problema de ter de extraditá-los, julgá-los, prendê-los e remexer mais uma vez em tanta merda sombria e fedida. E pensei, contemplando as estrelas, que, mesmo velhos e nas últimas, lá estávamos ainda Fredrik e eu, e que podíamos levantar a cabeça e admirar sua linda luz. E pensei que ainda era possível fazer as pernas daquele porco tremerem, e que, assim, eu poderia morrer com a consciência tranquila pelo dever cumprido. Sei que Raquel me perguntaria a quem queria enganar, diria que fazia isso por puro prazer e satisfação próprios, e talvez tivesse razão. Mas que importava o nome que se

desse ao que eu sentia?

2. *A garota de cabelo vermelho*



Sandra

Assim, a praia era muito confortável. Fredrik de vez em quando nos trazia um sorvete, um refrigerante; a sombra de seus largos ombros ossudos caía sobre nós. Karin gostava de falar da Noruega, da casa tão bonita que tinham em um fiorde, que em outros tempos foi uma granja. Não iam mais para lá por conta do clima, a umidade entrava nos ossos. Mas sentia saudade da neve, do ar puro. Karin não era esquelética como seu marido. Devia ter sido magra na juventude e gorda na maturidade; agora, era uma mistura das duas coisas, uma mistura deformada. Olhava com uma expressão entre amigável e desconfiada, que não permitia saber no que realmente pensava. Ou melhor, o que dizia devia ser a milésima parte do que pensava, como todas as pessoas de idade que viveram muito e, no final, acabam sentindo prazer com as pequenas coisas. Muitas vezes Karin levava em sua cesta de palha um romance com um homem e uma mulher se beijando na capa. Ela gostava muito de histórias românticas e às vezes me contava alguma que se desenrolava entre o chefe e a secretária, ou entre um professor e a aluna, ou entre o médico e a enfermeira, ou entre dois que haviam se conhecido em um bar. Nenhuma se parecia à minha com Santi.

Era muito agradável deixar-me levar. Passeava pela beira da água, do guarda-sol do casal de noruegueses às pedras, e das pedras ao guarda-sol. Não tornei a vomitar, e tínhamos toda a água fresca que queríamos em uma geladeira portátil muito boa, que não existia no mercado espanhol. Quase nada do que usavam era daqui, salvo as cangas dela, compradas em alguma barraca de praia.

Acima de tudo, eram pacíficos. Andavam devagar, falavam baixo e quase não discutiam; havia, no máximo, uma troca de opiniões entre eles. Não tinham nada a ver com meus pais, que faziam tempestade em copo d'água à menor contrariedade. Nem havia contado a eles que estava grávida; não contei porque não me julgava capaz de suportar mais um de seus dramas. Aproveitavam qualquer oportunidade para fazer um escândalo, para enlouquecer. Talvez por isso eu tenha me envolvido com Santi, simplesmente porque ele tinha um bom caráter e era paciente e carinhoso. Porém, como se vê, não funcionou. Depois de meia hora com Santi eu me sentia invadida por uma insuportável sensação de perda de tempo, e essa era uma boa razão para que não me visse com ele daqui a um ou dois anos.

Os noruegueses e eu íamos juntos à praia uma manhã ou outra, por isso também não me cansavam muito. Quando me deixavam em casa, às vezes nem desciam do carro. Despediam-se pela janela e me deixavam em paz.

Julían

Queria comer alguma coisa antes de voltar para o hotel. Sempre achei que comer nos hotéis é mais caro que na rua. Descartei os restaurantes que ia encontrando porque não queria passar duas horas jantando sem muita vontade. De modo que entrei em um bar e pedi uma salada russa e um iogurte, além de uma garrafa grande de água para levar para o hotel, porque minha filha havia insistido tanto para que eu não bebesse água da torneira que era quase um ato de lealdade a ela tomar água engarrafada.

O recepcionista do hotel era o mesmo que vi quando cheguei. Tinha uma grande pinta na bochecha direita que o tornava pitoresco e inesquecível. Ficou imediatamente gravado em minha mente, como acontecia quando eu era jovem e guardava rostos automaticamente, sem qualquer confusão entre uns e outros. Enquanto me entregava a chave do quarto, perguntei-lhe se ainda não havia terminado seu turno. Pareceu surpreso por eu me preocupar com ele.

– Daqui a uma hora – disse.

Devia ter uns 35 anos. Olhou a garrafa.

– Se precisar de alguma coisa, a lanchonete fica aberta até a meia-noite, às vezes até mais tarde.

Voltei-me procurando-a em volta com o olhar.

– No fundo – esclareceu.

Devia ser a mesma onde havia tomado o copo de leite. Não sei por que, disse a ele que não caísse na tentação de tirar a pinta, porque ela poderia ajudá-lo a se destacar na vida. Veio à minha mente a cicatriz em forma de “w” que Aribert Heim tinha no canto direito da boca e que com a idade deve ter ficado camuflada no meio das rugas. Durante anos fiquei tão obcecado por ela que quando via um velho de uns oitenta, noventa anos com alguma coisa perto da boca que parecesse uma cicatriz, ia atrás dele. Mas mesmo com uma estatura tão chamativa e esse sinal, ele conseguiu se esconder dos nossos olhos por muitas vezes, muitas vezes. Mimetizara-se com os de sua espécie e às vezes era confundido com outros nazistas gigantões e longevos como o próprio Fredrik Christensen, que era muito parecido com ele. Durante as cinco semanas que estive em Mauthausen, entre outubro e novembro de 1941, dedicou-se a amputar membros, sem anestesia e sem necessidade, só para ver até onde um ser humano podia resistir à dor. Seus experimentos também incluíam injetar veneno no coração e observar os resultados, que ele anotava minuciosamente em cadernos de capas pretas, fazendo tudo sem perder os bons modos nem o sorriso. Felizmente, nem Salva nem eu o encontramos no campo. Outros compatriotas não poderiam dizer o mesmo. Era chamado, sem exagero, de Açougueiro, e o mais certo era que o Açougueiro estivesse tomando banho de sol e mar em algum lugar como este. Ele e os outros estariam desfrutando daquilo que não era como eles, daquilo que não

foi feito a sua imagem e semelhança. Salva teve a coragem de não querer esquecer nada.

– Que dia! Estou um pouco cansado – disse tirando da cabeça o chapéu e a imagem de dois judeus costurados pelas costas, gritando de dor e suplicando que os matassem de uma vez. Quem fez aquilo? Alguém que se sentia afetado por esses gritos de dor, como nós nos sentimos pelos de um porco no matadouro, ou os de um rato preso em uma ratoeira. Era impossível voltar ao ponto em que ainda não se viu algo assim. Era possível fingir ser como os outros, mas o visto visto estava. Esse velho fantasma de minha cabeça deve ter me envelhecido, porque o recepcionista disse, fazendo uma expressão bastante séria:

– Como falei, se precisar de alguma coisa, não hesite em me chamar.

Como um gesto afirmativo, acenei com o chapéu meio amassado na mão.

Na realidade eu não estava cansado, mas estava tão acostumado a estar cansado e a dizer o que disse... Estar cansado se encaixava muito mais ao meu perfil que não estar.

Após o costumeiro ritual que levava uns 45 minutos, fui para a cama. Vi um pouco de televisão, apaguei a luz e visualizei mentalmente a rua e a casa de Fredrik, a foto do jornal e o que sabia sobre ele. Suas fotos de quando era jovem, das quais só tinha duas no arquivo de meu escritório e mais alguma em meu arquivo mental, eram suficientes para lembrar como era na realidade: um monstro que, como Aribert Heim, achava que tinha poder sobre a vida e a morte. Também como Heim, tinha um metro e noventa, rosto anguloso e olhos claros. Quando jovem, a arrogância é mais visível, está no corpo, no andar, em um pescoço mais comprido e, portanto, em uma cabeça mais alta, em um olhar mais firme. Na velhice, os corpos decrepitos disfarçam a maldade em bondade e as pessoas tendem a considerá-los inofensivos. Mas eu também era velho, e a mim o velho Fredrik Christensen não poderia enganar. Reservaria as forças que me restavam para o velho Fredrik; o resto do mundo teria de se virar sem mim. Perguntei-me o que Raquel teria pensado de tudo isso, mas eu imaginava. Ela diria que eu ia desperdiçar a pouca vida que me restava.

Acordei às seis da manhã. Nada mal, havia dormido um sono só. Tomei banho, fiz a barba e me vesti sem pressa, ouvindo as notícias no rádio-relógio de grandes números vermelhos que ficava ao lado do telefone, o que também me servia para saber da política local e do esforço dos ecologistas para que não construíssem mais na praia.

Fui um dos primeiros a chegar ao restaurante e comi bastante, principalmente fruta, quase tudo o que precisaria ingerir ao longo do dia, mais uma maçã, que enfiei no bolso do paletó. Saí e andei até o carro sentindo o ar da manhã já bastante fresco a essa altura de setembro.

Subi até Tosalet cruzando com carros que tinham mais pressa que eu, com certeza a caminho do trabalho. De certo modo, eu também ia trabalhar, embora não recebesse por isso. Podemos chamar de trabalho tudo que represente uma obrigação imposta por si mesmo ou pelos outros, e meu trabalho me esperava em uma pequena praça à qual davam várias ruas, uma delas a de Fredrik. Posicionei-me de

modo que ao longe pudesse observar a densa hera da casa, praticamente cobrindo seu nome, Villa Sol. Como Christensen jamais havia me visto, não precisaria me esconder muito, só fazer movimentos naturais caso nos cruzássemos.

E íamos nos cruzar, porque antes de uma hora de espera surgiu o capô de um jipe verde-oliva saindo do fortim Villa Sol. Meu coração deu um salto, esse salto que minha filha tanto temia, e quase não tive tempo de me colocar em posição para segui-lo. Estava acabando de fazer a manobra quando o jipe passou lentamente, como uma visão, uma espécie de tanque dirigido por Fredrik Christensen. A seu lado estava aquela que devia ser Karin. Peguei a estrada principal e segui atrás deles. A uns cinco quilômetros, viramos à direita. Não precisava me preocupar se me vissem; para eles, eu era um vizinho que fazia o mesmo trajeto, e isso me dava certa liberdade para não correr o risco de perdê-los.

Alguns quilômetros adiante, uma garota saiu de um chalezinho e entrou no carro deles. Seguiram seu caminho até a praia, e eu atrás. Às vezes deixava que outro carro se pusesse entre nós para que não reparassem em mim, mas também não queria me arriscar a perdê-lo, não queria ter de fazer manobras urgentes nem estranhas. Ele também não estava para tantos floreios.

Circulamos paralelos à praia durante uns dez quilômetros, até que ele virou à direita e estacionou em uma rua; no final dela, via-se um pedaço de mar, um pedaço de azul deslumbrante. Como o inferno e o paraíso podiam estar tão próximos? As ondas, reparando bem nas ondas, eram obra de uma imaginação portentosa.

Saíram do carro, e tive medo de me emocionar demais; respirei tão fundo que me deu tosse. Era ele, muito alto ainda, ombros largos, pernas e braços longos, magro. Abriu o capô e pegou um guarda-sol, uma geladeira e duas cadeiras dobráveis. A ela, porém, não teria reconhecido. Parecia que seu corpo havia se descompensado e andava sem agilidade. Havia engordado e se deformado. Pendurou uma sacola de plástico no ombro. Usava um largo vestido de praia cor-de-rosa com aberturas dos lados, e ele, bermuda, camisa larga e sandálias. A garota usava uma camiseta em cima do maiô, um boné, a toalha no ombro e na mão uma bolsa de plástico bonita, não daquelas de supermercado. Digamos que, assim que fincaram o guarda-sol, estavam sob meu controle, e fui procurar pelos arredores algum lugar onde entrar para fazer xixi e tomar um café. Não foi fácil, mas no final até deixei no carro duas garrafas de água. Minha filha jamais me perdoaria se eu morresse de desidratação.

Tirei os sapatos e as meias para andar pela areia, era muito agradável. Assim que tivesse tempo, tomaria um banho de mar. O Mediterrâneo fazia pensar na juventude e no amor, em mulheres lindas, na despreocupação. Localizei Fredrik e Karin embaixo do guarda-sol. Ele olhava o mar e ela lia, e de vez em quando faziam algum comentário. Estavam com a cabeça debaixo do guarda-sol e o corpo fora, ao sol. Havia poucos banhistas, os típicos desgarrados das férias e estrangeiros desocupados como estes. A garota já havia chegado à água. Estava tão concentrado no casal de noruegueses que

não percebi que alguma coisa estava acontecendo, até que Fredrik foi até ela. Parecia que uma onda havia levado a revista que tinha nas mãos e ela pulava para alcançá-la. Tirei os óculos de sol para ver melhor, mas a luz feriu meus olhos e tive de fechá-los. Quando os abri, Fredrik estava voltando com a revista na mão. Abriu-a com muito cuidado e a estendeu em cima do guarda-sol. Depois, tirou um sorvete da geladeira e o levou à garota. Sentei-me perto do muro que separava a areia dos abrolhos, juncos e mato que se estendiam às minhas costas, com curiosidade e um pouco de sono.

Pareciam muito cuidadosos e gentis com essa garota, que não era da mesma raça ariana que eles. Dava medo vê-los fazer o bem. Agiam como se não tivessem consciência de ter feito o mal. Em geral, na vida normal o bem e o mal estão bastante mesclados, mas em Mauthausen o mal era o mal. Nunca, ao longo de minha vida, encontrei o bem absoluto, mas conheci de perto o mal com letra maiúscula, e sua força demolidora, e ali não havia nada de bom. Qualquer um que visse Fredrik nesse momento pensaria: “Esse homem foi jovem, lutou na vida, trabalhou e depois se aposentou e descansou”. E nunca saberia que estava enganado e continuaria se enganando cada vez que encontrasse um homem sem alma.

Ficamos ali umas duas horas. Quando vi que começavam a fechar o guarda-sol, e a garota a sacudir sua toalha, fui para o carro e esperei. Logo os três apareceram. Entraram no jipe. Os noruegueses iam na frente e a garota, atrás. Seguiram por um caminho onde as casas tinham um ar mais campestre, mais verdadeiro, com pomares e muitas laranjeiras. Depois, entraram no caminho estreito onde haviam pegado a garota de manhã, e me pareceu muito arriscado segui-los. Assim, fui em frente e esperei em um trecho alongado de terra até que o grande nariz quadrado do jipe de Fredrik surgiu e o vi se afastar. Com certeza voltariam a Tosalet, onde eu poderia passar mais tarde. Por enquanto, daria uma olhada mais de perto na garota da praia; queria saber o que poderia interessar ao casal feliz. Então, estacionei melhor o carro e saí.

Ia pelo caminho, olhando para a direita e para a esquerda, em meio a latidos de cães que pulavam furiosos nas cercas, como se quisessem se matar. Até que a vi ao lado de uma buganvília, deitada em uma espreguiçadeira. Era jovem, devia beirar os trinta anos, nem morena nem loira, tinha o cabelo castanho, com uma parte vermelha. Tinha uma tatuagem preta e vermelha no tornozelo, que parecia uma borboleta, e outra nas costas, umas letras em chinês ou japonês, pretas. Estava deitada meio de lado, de modo que podia ser que tivesse mais do outro lado. O jardim era pequeno, com uma laranjeira e um limoeiro além da buganvília, mas talvez se prolongasse um pouco mais pela parte de trás. Havia um varal com um biquíni, roupa íntima e uma toalha. Estava sozinha. Uma vítima perfeita para os Christensen. Devem tê-la conhecido na praia e posto seus olhos nela para chupar seu sangue novo, para chupar sua energia, para se fartar de seu frescor. No fundo, as pessoas mudam pouco e, para Fredrik, um semelhante era um ser aproveitável de quem pudesse roubar alguma coisa. Não se mudava em dois dias nem em quarenta anos. Eu, na essência, não havia mudado.

O que essa criatura podia saber de tudo aquilo? Como poderia ver o mal nesses dois velhos que se preocupavam com ela? Não queria assustá-la, nem queria que alguém pensasse que eu era um velho pervertido admirando uma garota adormecida e indefesa. Ainda conservava um pouco de pudor, apesar de tudo, embora não me importasse o que poderiam pensar de mim. Parei de observar e continuei descendo, rumo a algum final desse caminho, procurando placas de “vende-se” ou “aluga-se”, para não ser completamente desleal com minha filha. Mentir a ela em uma coisa tão pequena, enganá-la dizendo que estava procurando uma casa que não procurava me parecia mais mesquinho que mentir em algo grande, perigoso, algo que realmente valesse a pena esconder. De modo que para ser consequente com o que lhe prometi, teria de procurar uma bela casa para nós e até pensar na possibilidade de me mudar para lá. Não queria ser, além de tudo, um fanfarrão que cria falsas ilusões em seus entes queridos. Isso não.

No final desse caminho ensombrado e sinuoso onde vivia a garota de cabelo vermelho, havia mais caminhos margeados de chalés, ao lado dos quais estava a casinha da garota que se parecia com as de contos de fadas. Como não vi nenhuma placa nem nenhuma saída para lado nenhum, decidi voltar ao carro, e, ao passar de novo pela casinha, olhei para a buganvília, e a garota não estava mais lá. Uma janela foi aberta, com certeza por ela, e continuei andando. Já era hora de tomar meus comprimidos e me deitar um pouco.

Fui ao mesmo bar do dia anterior, mas ainda estava com o café da manhã na boca do estômago e só pedi um suco e um café para tomar os comprimidos. Depois, subi para o quarto para descansar. Tinha cheiro de limpeza, de fresco, a cama estava perfeitamente feita e a pequena sacada que dava para rua, semiaberta. Mas não podia me distrair, relaxar, dormir como se fosse um aposentado normal aproveitando suas últimas forças, como meu amigo Leónidas, que se levantava cedo e se deitava tarde para viver mais e passava o dia todo cabeceando. Chegaria um momento, não distante, em que já não poderia dirigir, nem pegar um avião sozinho; chegaria um momento em que não existiria mais nenhum Fredrik Christensen. A vida me colocou em um mundo que eu não queria, um mundo desumano, sem sonhos, e agora esse mundo chegava ao fim, como um filme que acaba.

Sandra

Conforme os dias foram passando, restavam menos vizinhos; nenhum, para dizer a verdade, e os dias ficavam mais curtos e silenciosos. Às vezes, o silêncio era tão grande que qualquer pequeno movimento de folhas parecia uma tempestade, e quando um carro passava pela trilha, dava a impressão de que iria atravessar o muro e se estatelar na minha cama. Ainda bem que em pouco tempo as distâncias já não me enganavam, e quando ouvia uma gota batendo no chão do corredor sabia que na verdade estava caindo na varanda. Foi em uma tarde dessas que senti o primeiro chute do bebê e, se soubesse onde Fred e Karin moravam, teria ido correndo lhes contar. Com certeza não se importariam se eu aparecesse de repente na casa deles. Claro que venci a tentação de ligar para Santi, que se agarraria enlouquecido a esse chute de nosso filho para vir me ver; e também de ligar para meus pais, que fariam um sermão sobre minha solidão.

Tinha a lembrança de que os noruegueses mencionaram algo sobre Tosalet, mas lá as casas se espalhavam por uma área muito grande de pinheiros e palmeiras, praticamente um bosque, de modo que seria como procurar agulha em palheiro. Então, fiquei deitada com as mãos na nuca esperando o próximo chute. Até que não aguentei mais, até que senti que tinha de dividir esse momento com alguém, até que o céu ficou nublado e ameaçou chover e eu tinha a tarde toda pela frente e não pude resistir ao impulso de agir. Não tinha nada para fazer além de procurar a casa dos noruegueses. E, não sei por que, no instante em que montei na moto, nessa tarde cinza, percebi que o casal nunca havia me convidado a ir a sua casa. Não me deram o endereço nem o telefone. Ficariam muito surpresos de me ver ali, se conseguisse encontrá-los, e eu ficaria constrangida, como se ultrapassasse uma linha invisível traçada por eles.

De qualquer maneira, não me incomodava dar um bom passeio pelas ruas agradáveis de Tosalet. O cheiro de terra e de flores molhadas, mesmo antes de molhadas, mesclava-se com a umidade do mar. Meus pulmões se abriam, eu respirava melhor que nunca, o que seria muito bom para o bebê. Afinal de contas, eu era sua porta e janelas para o mundo, e o que lhe chegava devia ser muito pouco. Oxigênio, música algumas vezes, as batidas do meu coração e possivelmente minha tristeza e minha alegria. Chegariam sem que soubesse que chegavam e ele as arrastaria ao longo da vida sem saber que as arrastava, e, por isso, as pessoas, desde o berçário, já têm um caráter muito acentuado. E eu me perguntava como estaria formando o caráter de meu filho.

Ia bem devagar, prestando atenção em casas que combinassem com meus novos amigos e nos nomes nas caixas de correspondência. O nome era mais confiável, porque, o que pensava encontrar? Uma granja norueguesa? Nesse negócio de casas as pessoas são bastante surpreendentes. Algumas andam bem arrumadinhas e sua casa é uma merda, de cabeça para baixo. Meus pais, por exemplo,

tinham um jeito de ser desastroso, veemente, maluco, porém eram muito organizados com os documentos e as contas, e também com a casa, onde tudo tinha seu lugar, e se uma lâmpada queimava, era substituída imediatamente. Por isso, eu não tinha certeza de que a morada era o fiel reflexo dos moradores.

Adentrei mais a urbanização e estacionei em uma pracinha. Passei a corrente na moto e, quando levantei os olhos, vi um restaurante fechado. Pena, porque ali poderiam me dar alguma informação. Caíram algumas gotas grossas aqui e ali, mas continuei andando. Se não pensasse, o momento era perfeito. Quase todas as casas eram fechadas com muretas de pedra e portas metálicas inteiriças, como se ninguém quisesse ver nem ser visto, como se dentro tivessem tudo o que um ser humano pudesse desejar. Chovia, agora chovia mesmo, e logo recrudesceu de maneira selvagem. Eu estava me encharcando e não sabia onde me enfiar; não havia nenhum telhado nem cobertura para me abrigar.

Uma mulher de carro, enquanto abria o portão de sua garagem com o controle remoto, perguntou-me se eu queria entrar até que a chuva amainasse. Não precisou perguntar duas vezes. Entrei na garagem andando ao lado do carro com as sandálias encharcadas e fui para o jardim. Havia uma pérgula, e eu disse àquela mulher, estrangeira como Karin, que me sentaria lá embaixo um pouco.

Antes que eu pudesse explicar, deu por certo que havia me perdido. Eu disse que estava procurando a casa de um casal norueguês, Fredrik e Karin. Deduzi que não os conhecia, porque foi para a porta principal sem dizer uma palavra. Enfiou-se entre duas colunas dóricas que a flanqueavam enquanto eu escorria a água como podia e me perguntava quanto tempo teria de passar no planeta estranho daquela mulher, sem muito bom gosto, aliás, mas evidentemente com bastante dinheiro. Nesse caso, morada e moradora pareciam combinar. Foram uns dez minutos sonhando com o que eu faria com aquele terreno e como tentaria salvar a fachada da casa, até que a ela voltou segurando um guarda-chuva, seguida pelo alvoroço de vários cachorrinhos. Estava sorrindo e tinha uma toalha na mão. Entregou-a a mim, mas não me sequei nela porque era uma toalha de praia com jeito de ter sido usada por vários corpos; limitei-me a segurá-la enquanto ela dizia que havia telefonado para Karin, e que Fredrik ia me buscar.

– Pobre Karin – disse –, está com a artrose atacada hoje. A mudança de tempo acaba com ela.

Os cãesinhos ficavam perto dos meus tornozelos, latiam e pulavam ao meu redor. E, no meio da barulheira, eu disse que era uma verdadeira sorte ela conhecer meus amigos.

– Aqui todo o mundo se conhece – disse. – Moram a uns trezentos metros.

Baixou a vista até minha barriga e a deteve ali um instante, mas não fez nenhum comentário; não queria dar bola fora, caso se tratasse de uma falsa impressão. Nessa época, eu ainda usava roupa de verão, de barriga de fora: uma camiseta até a cintura e calça de nós baixo. Sentia meus pés encharcados dentro das sandálias de plataforma.

– Não é bom você pegar friagem, é melhor se secar.

Os cachorrinhos agitavam sua pelagem de cabeleireiro de *pet shop*.

– Não se preocupe – respondi entregando-lhe a toalha.

– Conhece os Christensen há muito tempo?

– Nós nos conhecemos na praia há alguns dias.

A mulher cravou o guarda-chuva fechado no banco de madeira que ficava embaixo da pérgula.

Usava um vestido branco até os tornozelos, meio transparente, que deixava ver a calcinha. Embora tivesse mais ou menos a idade de Karin, parecia ágil e pouco ciente de seus anos. Sorriu para mim, pensativa.

Quando ouvimos a buzina de Fred, fomos para a porta, a velha jovem, os cães e eu. Como imaginava, Fred me olhou com estranheza. Perguntou pela moto e se havia ido sozinha, e eu disse o que se diz nesses casos: que estava passando por ali, que me lembrara de tê-los ouvido dizer que moravam em Tosalet e que... Quando me cansei de dar explicações, calei-me, também não era para tanto. Na entrada um mosaico muito bonito mostrava o número cinquenta. A velha jovem tirou um pequeno pacote de um dos bolsos do vestido e o entregou a Fred.

– Obrigado, Alice – disse Fred. – Muito obrigado.

Entrei no carro apreensiva, porque ia molhar o banco.

– Karin está preparando chá, chegaremos logo – disse com uma alegria que não devia ser só por mim, enquanto rodava por ruas e mais ruas onde só por milagre o jipe entraria e sairia sem nenhum arranhão.

Lia-se Villa Sol na entrada da casa a cujas profundezas descemos, e depois subimos até um vestíbulo.

Karin estava na cozinha. Uma cozinha de uns trinta metros quadrados com móveis gastos e antigos de verdade, e não imitando antigo, como os de minha irmã. Não me perguntou nada, ficou alegre ao me ver. Andava com mais dificuldade que nos outros dias e tinha mais duas ou três linhas de sofrimento no rosto.

– Hoje meu corpo todo dói – disse.

– Sei... aquela senhora me falou da artrose.

– Ah, Alice! Alice tem muita sorte, tem genes de cavalo. Embora pareça impossível, é um ano mais velha que eu.

Então, Fred colocou o pequeno pacote na mão de Karin e os olhos dela se iluminaram.

– Já volto – disse.

Voltou com um roupão de seda rosa na mão e me obrigou a tirar a roupa molhada em um pequeno banheiro ao lado da escada. Obrigou Fred a ir à garagem buscar umas sandálias plásticas. Prefери o jeito da Villa Sol que o da casa de Alice. Era menos pretensioso e mais pessoal. Havia mais flores e a arquitetura era a tradicional da região, com a fachada ocre, o telhado de telha, as venezianas maiorquinas e a marchetaria verde-escura. Sentamo-nos em uma salinha onde deviam ficar o tempo

todo, porque dava para sentir o perfume de Karin. Tinha lareira e se via o jardim, e em um canto me sentei em uma poltrona que adorei desde o primeiro momento. Fred aproximou uma banqueta para que eu apoiasse os pés. As xícaras tinham filete dourado, como os pratos e a chaleira.

– Daqui a quinze dias vamos começar a acender a lareira ao anoitecer. Há muita umidade nesta região.

– Desculpem ter vindo sem avisar.

– Não importa, querida – disse Karin. – Quero lhe mostrar uma coisa: estou fazendo um casquinho para o bebê.

Fred pegou um jornal e eu me aproximei de Karin. Não podia acreditar que haviam pensado em mim a tal ponto.

– Hoje ele deu um chute, bem, dois chutes.

Karin sorriu entre rugas, que faziam seu sorriso parecer um pouco diabólico, como se dissesse: “Como você pode estar tão sozinha a ponto de ter de contar algo tão íntimo e importante a uma desconhecida?”. Mas como não disse nada, não pude responder que se estava contando a uma desconhecida era porque queria contar a uma desconhecida, porque talvez quisesse apenas contar e não compartilhar.

Deixou as agulhas e o novelo de lado, porque a artrose não lhe deixava fazer nada naquele momento, e pôs as mãos no regaço, uma sobre a outra.

– Odeio o inverno – disse. – Gostava quando éramos jovens, a neve resplandecente, o frio gelado no rosto. Naquela época o inverno não me incomodava, eu podia com tudo. Agora, preciso do sol e de seu calor; dias como hoje me entristecem e me fazem pensar. E sabe o que é pior? Pensar. Quando você pensa em coisas boas, sente saudade; e quando pensa nas ruins, fica amargurada. Quando faz muito calor e estou na praia, não penso em nada.

Comigo era mais ou menos a mesma coisa: na praia, com o sol queimando minha moleira, sentia-me no sétimo céu.

– Não se preocupe com nada, querida, vai ter muito tempo para esquecer. Você é tão jovem...

E nós duas ficamos olhando para o jardim sem dizer nada, pensando, ouvindo as gotas que caíam do telhado e das árvores. Fechei os olhos e adormeci, não por sono, mas porque era muito agradável. Esquecer o quê? Santi? Também não era para tanto. Embora não quisesse me casar nem dividir um filho (não via a menor graça na ideia de ir ao parque com ele e a criança), tinha carinho por ele. Abri os olhos e me endireitei na poltrona quando a culpa começou a me rondar, por me sentir muito melhor na companhia de Karin do que jamais me senti com minha mãe, por preferir ter Fred debaixo do mesmo teto, passando as folhas do jornal, que meu pai. Eles me davam paz. Bebi o chá que restava na xícara, já frio. Karin disse que, se eu quisesse, podia me ensinar a fazer alguma coisa para o bebê.

Fiquei entusiasmada com a ideia de aprender alguma coisa útil, que usasse as mãos. Também seria bastante agradável trabalhar o barro nessa paz, em dias em que não acontece nada. Não me fiz

de rogada quando às oito Fred anunciou que era hora de jantar e que esperavam que os acompanhasse. Pus a mesa enquanto Fred preparava uma salada leve. Ele tomou uma cerveja, e nós, água. Depois de recolher as toalhinhas bordadas provavelmente por Karin e os pratos com escudos no fundo, Fred trouxe um maço de cartas para jogarmos pôquer, momento que eu poderia ter aproveitado para ir embora. Mas aceitei me afastar um pouco mais do meu mundo e entrar de cabeça na dimensão de Fred e Karin. Por outro lado, era melhor eu ir sabendo o que me esperava mais para a frente, quando não poderia me dar ao luxo de não ter nada para fazer.

Karin segurava as cartas com seus dedos tortos e olhava com olhos vivos para seu marido. Segundo ela, Fred havia ganhado vários campeonatos de pôquer. Era muito bom, o melhor, mas os troféus estavam na casa-granja da Noruega, assim como os que ganhou no tiro ao alvo. Apesar dos elogios, Fred não mudava de expressão, não levantava os olhos das cartas e se deixava elogiar. Quando por fim nos olhou, seus olhos brilhavam como os de uma criança.

Só interrompemos a partida porque bateram à porta.

Eram dois homens jovens. Um não era alto nem baixo e largo, tinha a cabeça raspada e costeletas muito finas que contornavam a mandíbula. Uma camiseta preta sem mangas cobria seu grande peito. Chamava-se Martín. Ele me olhou intrigado e Fred o pegou pelo braço e o levou a uma salinha que ficava depois da sala. O outro ficou junto à porta. Era meio magrelo; poderia dizer que seu cabelo, em comparação ao de Martín, era comprido e castanho-claro.

– Você é amiga de Fred e Karin? – disse num sussurro e estendendo a mão. – Eu sou Alberto.

Estendi a minha. O contato foi intenso. A mão dele era muito quente. Ou seria a minha? Retirei-a como se queimasse e fugi para a cozinha. Não queria que seus olhos fugidios continuassem me olhando; pareciam mover-se atrás de uma camada de óleo. Era impossível saber o que pensava, ao passo que o outro demonstrava surpresa ao me ver. Alberto não demonstrava nada, era como uma enguia.

Quando saí da cozinha, não estava mais lá. Havia ido embora com Martín.

Não me deixaram voltar para casa. Alguém me esperava? Jogamos baralho até tarde e não parava de chover. Fred teria de me levar até a moto de carro, e eu, depois, teria de descer todas aquelas curvas horríveis no meio do aguaceiro. Afinal, para quê? Para dormir em minha própria cama?

– Temos quartos de sobra – disse Karin.

Fred não dizia nada, o que me fazia hesitar. Até que Karin o incitou.

– Diga alguma coisa – disse. – Não fique aí como uma estátua.

– Se passar a noite aqui, amanhã poderemos ir juntos à praia; ou talvez prefira tomar banho de piscina – comentou ele.

Fiz-me de rogada durante alguns minutos e acabei ficando. Esticamos um pouco mais a noite, até que me conduziram a um quarto muito agradável, com papel de parede de flores azuis e uma estante

branca.

– Foi Fred quem fez – disse Karin apontando para a estante.

Pensei que talvez meus pais pudessem ser mais felizes se minha mãe admirasse meu pai como Karin admirava seu marido. Mas devia ser algo genético, porque eu também não conseguia admirar Santi desse jeito. Karin me emprestou uma camisola de cetim bege com um caimento maravilhoso. Parecia um vestido de noite. Devia pertencer à época em que ela era alta e magra e se faziam tecidos para durar a vida toda. Caía maravilhosamente em mim e dava dó entrar na cama com ela e amassá-la. Eu normalmente dormia com uma camiseta velha e confortável e calcinha, não precisava de mais. Não via sentido em estar entre lençóis como se estivesse em uma festa de gala. Isso antes de o cetim se acomodar em minhas coxas e se ajustar a uns seios de princesa. Talvez, para nascer com a autoestima alta e andar seguro pela vida futura, meu filho precisasse que sua mãe dormisse com camisolas de vampe.

Embora sentisse falta das revistas velhas de minha irmã e de saber que fim levava a princesa Ira de Fürstenberg, logo senti sono. Era impossível resistir àquela cama. Mas tive tempo de me perguntar o que estava fazendo naquele quarto, naquela cama, no meio de tantas florzinhas azuis e com aquela camisola.

Como todas as noites nos últimos dois meses, tinha de me levantar para fazer xixi uma ou duas vezes no mínimo. Acordei um pouco desorientada recordando vagamente que havia um banheiro no corredor. Enquanto procurava, ouvi esse barulho que fazem as camas quando... ouvi um ou outro gemido. Aqueles dois velhos estavam... Estavam fazendo amor? Não sabia que hora poderia ser e, ao voltar à cama, continuava ouvindo um murmúrio distante, de palavras soltas, como se estivessem comentando como foi. Cobri a cabeça com o travesseiro quase com vergonha por tê-los escutado contra minha vontade. De modo que não estranhei que pela manhã, às dez, ainda não houvessem levantado. De início, assim que levantei, pensei que a preguiçosa era eu, porque não se ouvia uma alma. Mas, ao ver que a porta da rua estava com a tranca passada, deduzi que continuavam dormindo. Abri as cortinas da sala e a porta, e o dia estava maravilhoso. O sol arrancava brilho das folhas molhadas e do ar, e os pássaros cantavam a plenos pulmões. Fiz um café com leite e o estava tomando na varanda quando apareceram bocejando, Karin de camisola e Fred de bermuda e uma enorme camiseta polo de manga três-quartos. Estavam contentes. Perguntaram-me se havia descansado, e Karin parecia mais ágil que no dia anterior.

– Vou preparar o café da manhã – disse Fred.

Não tive tempo de lhe dizer que já era meio tarde e que precisava ir. Karin se antecipou colocando as toalhinhas bordadas na mesa da varanda. E, enquanto ela se vestia, Fred fez suco de laranja e o costumeiro chá. “Bem, assim que terminarmos, vou embora para continuar minha leitura da vida de Ira em fascículos”, pensei. Não que tivesse muita coisa para fazer, mas ali tinha a

impressão de estar abandonando tudo, tinha a impressão de que tudo o que não estava fazendo era muito importante.

Estavam muito animados, falavam das séries de televisão que viam, contavam-me episódios inteiros. Eu metia o bedelho falando qualquer coisa que me passasse pela cabeça, mas, de repente, enquanto falava, surpreendi-os olhando para mim terrivelmente sérios, como se fossem pular sobre mim e me devorar. Seria por conta de alguma bobagem que dissera sem perceber? Foi coisa de meio segundo, e depois se olharam do mesmo jeito. No segundo seguinte tudo voltou ao normal. Suas expressões tornaram a ficar muito agradáveis. Foi uma dessas miragens que ninguém nota. Quando nos levantamos, Karin propôs que descansássemos nas espreguiçadeiras ao sol. Pensei: “Perdido por um, perdido por mil”. Afinal, que mal havia em esperar mais um pouco e descansar antes de pegar a moto?

Karin e eu nos deitamos olhando para o sol e fechamos os olhos. Eu não pretendia dormir de novo, simplesmente pensava em como eram confortáveis aquelas espreguiçadeiras, e que minha irmã bem que podia comprar umas assim e jogar as dela fora, pois não se aguentava ficar nelas mais de meia hora.

Fred, para quem era tão velho, não se cansava. Tirou a mesa e lavou a louça, depois se trancou para trabalhar em algum lugar e, por volta das quatro, depois de preparar um chá com biscoitos que só eu comi, foi fazer compras no centro comercial, porque, ao que parece, havíamos comido tudo o que havia na geladeira. Pensei que ele poderia ter me levado até a moto, mas, quando reagi, já havia saído da garagem. Voltamos às espreguiçadeiras. Karin estava melhor da artrose; seus dedos estavam até mais retos e conseguia se levantar com bastante agilidade, como naquele exato momento. Voltou com o novelo de lã e as agulhas, e outro novelo e outras agulhas para mim.

– Se quiser, pode entrar na piscina – disse. – Não faz mal se não tem biquíni, aqui ninguém vai vê-la.

Por mais sol que fizesse, a água estava fria; já não era tempo de piscina, mas me fez bem, despertou-me, e pude tomar sol praticamente nua, aproveitando que Fred não estava. Queria respeitar sua idade e costumes, mas, depois do que ouvira à noite, sentia certo pudor de pensar em seus costumes. Quando calculei que ele poderia estar chegando, pus a roupa e peguei as agulhas. Karin me ensinou a tricotar. Era agradável ir avançando e fazer crescer a barra daquilo que seria um casaquinho amarelo, apesar de os pontos ainda saírem irregulares. Pensei que poderia ir alternando revista, casaquinho, passeios, comida, e que minha vida estaria cheia.

Julían

Durante vários dias, fiquei seguindo Fredrik e vigiando sua casa. Quase todas as manhãs ele e Karin iam à praia ou fazer compras no maior centro comercial da região. Acho que ela fazia algum tipo de reabilitação, porque algumas tardes ia a uma academia e ficava lá por uma hora, tempo que ele aproveitava para pôr gasolina no carro e lavá-lo, ou para ir ao Nordic Club. Eu poderia dizer que levavam uma vida normal e discreta.

Ele havia se acostumado (teve muitos anos para isso) a empurrar o carrinho de compras e a ler as etiquetas dos produtos para, com certeza, se certificar de que não tinham açúcar ou gordura. Era educado com as pessoas e parecia não se incomodar com o *mix* de raças que pululava ao seu redor, seres inferiores que sobreviveriam a ele e se apoderariam do planeta. Como deviam revirar seu estômago! Era um repúdio que carregava dentro de si; seu sucesso na vida esteve ligado ao fato de parte da humanidade lhe causar repugnância. E com certeza precisava, além de Karin, de seres afins com quem dividir seus sentimentos. Haveria outros por ali como eles, ou estavam sozinhos?

Era como se eu tivesse olhos diferentes das demais pessoas, porque onde elas apenas viam um casal de velhos, eu via a jovem enfermeira Karin.

Era quatro anos mais nova que Fredrik e formavam um casal perfeito; agora, eram um par de despojos. Rosto bonito, corpo bonito, cabelo loiro ondulado, alta o suficiente para não parecer uma anã ao lado dele. A típica nórdica, mas não de uma beleza de parar o trânsito. Conheceram-se quando eram estudantes, e parece que foi ela quem o estimulou a se afiliar ao partido nazista e a prosperar nele. As informações que eu tinha diziam que Karin era o cérebro do casal, aquela que manobrava e havia aproveitado as poucas e rígidas ideias do marido para empurrá-lo, e, de quebra, empurrar a si mesma para o topo. Uma história como tantas, só que com vidas massacradas pelo caminho. Fredrik foi um atleta; jogador de hóquei no gelo, como seu amigo Aribert Heim. E ainda montava a cavalo, nadava, esquiava, escalava, um homem saudável. De qualquer maneira, não eram personagens a quem eu tivesse dedicado muito tempo; só o suficiente para saber quem eram, talvez porque havia passado os melhores anos de minha vida correndo de um lado para o outro atrás do Açougueiro de Mauthausen, atrás de Martin Bormann, de Léon Degrelle, de Adolf Eichmann e de outros do gênero. E às vezes, como se costuma dizer, as árvores não deixam ver o bosque, eu não havia prestado a devida atenção em Fredrik. Eu o considerara um nazista de segunda, até agora, quando voltei a tirar de meus arquivos uma informação tão envelhecida e apergaminhada quanto ele mesmo, e quanto eu. E de repente percebi que tudo que havia feito até esse momento havia me conduzido a este lugar e a ele.

Naquela tarde não conseguia ficar quieto. Às vezes nós, velhos, ficamos muito impacientes; é como se a fadiga afetasse nosso corpo, mas não o cérebro. O cérebro tinha muito a fazer, e esses

músculos flácidos e sem força me revoltavam, assim tentava me acomodar o máximo possível na cama para que o colchão fizesse seu trabalho de recuperação. De modo que com uma sesta de uma hora, da qual devia ter cochilado por quinze minutos, estava em condições de ir até a pracinha de Tosalet e vigiar a Villa Sol. Cedo ou tarde chegariam visitas, com sorte, visitas como eles, colegas do inferno, que deviam atrair uns aos outros para se sentir mais seguros. Estava louco para saber mais.

Peguei os binóculos que trouxe de Buenos Aires e que, segundo minha filha, iam aumentar à toa o peso da mala, mas eram uns binóculos Canon antigos como já não se fabricam mais. Eu os usei durante tanto tempo que se ajustavam aos meus olhos praticamente sozinhos, e por nada neste mundo pretendia gastar comprando outros aqui. Eram binóculos de profissional, de observar coisas importantes, transcendentais. Jamais usaria essa arma para bisbilhotar a vida alheia, para ver algo que não devesse ver. Já tive intimidade suficiente no campo. No barracão, dormíamos amontoados em beliches de três andares e eu tinha de apertar os olhos para não ver o que não devia. Desde então, nem no cinema suportava ser testemunha de cenas íntimas. A questão era outra; meus binóculos focalizavam somente o inimigo. Meus binóculos sempre estiveram em guerra. Eu também tinha uma pequenina e silenciosa câmera fotográfica, presente de minha filha, que, enquanto tentava me fazer esquecer, ao mesmo tempo compreendia que certas coisas faziam parte de mim. De resto, meu jeito de funcionar era muito artesanal, não tinha tempo nem vontade de me atualizar.

No carro tinha também várias garrafas de água de litro e meio cada uma, dois cadernos, duas canetas e as maçãs que ia pegando no bufê para o caso de ficar entediado ou com fome. Coloquei a minicâmera no bolso. Todas as minhas jaquetas acabavam se deformando; quase sempre o forro do bolso direito se rasgava e as pontas ficavam desniveladas. Com esse equipamento fui postar-me na pracinha de Tosalet, de onde vigiaria a Villa Sol. Mas não foi necessário chegar até lá, porque nem havia começado a subir as curvas quando cruzei com o jipe verde-oliva de Fredrik. Descia devagar, ocupando a estrada toda. Eram pessoas vorazes também para abocanhar centímetros.

Essa mudança repentina de situação acelerou minha pulsação. Tinha de mudar de sentido urgentemente e seguir Fredrik. Que estrada! Tive de arriscar a vida assim que vi oportunidade e espaço para dar uma guinada. Raquel, do além, disse que eu estava louco, que também havia posto em perigo a vida de outra pessoa com quem poderia ter colidido. Raquel disse que ninguém devia continuar pagando por causa de Christensen ou de qualquer outro. Nesse ponto, Raquel e eu nunca havíamos concordado. Ela dizia que não me preocupasse, que não perdesse mais tempo, porque esses filhos da mãe acabariam morrendo como todo o mundo e que disso não poderiam se livrar; acabariam sendo um esqueleto ou cinzas, morreriam, acabariam, desapareceriam. E quando eu lhe dizia que queria que sofressem nesta vida, que justamente o que não queria é que fossem para o outro mundo escapando de mim e de meu ódio, visto que eu não pude escapar deles, que não tinham por que me odiar, então Raquel me dizia que estava lhes dando muito de mim, que era como se não

tivesse saído do campo e que o ódio era algo que eles também estavam tirando de mim. Sentia tanta falta de Raquel...

Dirigi como um temerário para não perdê-lo de vista e, de fato, ao chegar embaixo e entrar em um trecho reto, distingui-o ao longe. Avancei como pude até ficar a dois ou três carros atrás. O bom do jipe é que podia ser localizado facilmente. E assim que percebi que ia em direção ao centro comercial, relaxei. Minha pulsação caiu tão de repente que me senti meio tonto.

No centro comercial fiquei em sua cola, porque, embora se tratasse de um espaço muito grande e com muitas seções, a cabeça de Fredrik sempre se sobressairia em algum ponto. Porém, no estacionamento, não se via o jipe facilmente. Não importava, porque eu só tinha de prestar atenção no que iria comprar para saber do que ele e Karin precisariam. Água, iogurtes enriquecidos com cálcio, frutas e peixe; o resto lhes faria mal. Também pude encontrá-lo nas prateleiras dos chás e na seção de perfumaria comprando gel, barbeadores descartáveis e papel higiênico. Fiz o percurso rapidamente até que o avistei na parte central falando com outro velho que usava um quepe de marinheiro.

Ambos estavam de bermuda, Fredrik mostrando suas longas e finas pernas que acabavam em volumosos Nikes, e o outro exibindo pernas mais curtas e fortes, ou que deviam ter sido fortes em outros tempos, mas que agora eram gordas. Fredrik era tão impecável e asseado que ao seu lado o outro parecia tosco e sujo. Ambos se apoiavam no carrinho. Tal sujeito, cujo rosto não conseguia ver direito por causa do quepe e de minhas lentes de contato, que embaçavam em locais fechados, apontou para a direita e ambos foram naquela direção. Poderia ter tirado uma foto deles, mas, embora parecesse que ninguém prestava atenção em mim, não era aconselhável fazer isso em um recinto fechado como aquele, onde certamente haveria câmeras de segurança. De modo que também empurrei o carrinho para lá. Eu, ao contrário desses indivíduos, não precisava fazer compras porque morava em um hotel, porque estava sozinho e porque tinha coisas mais importantes para cuidar: eles. Havia ido, sozinho e na companhia de Raquel, a lugares como esse desde que me aposentaram até esse momento, quando de novo tornava a não me sentir como os outros, e quando fingia ser como os outros era muito agradável; talvez tenham sido os únicos momentos felizes de minha vida. Algumas pessoas sofreram muito mais que nós, dizia Raquel, cada um sofre a sua maneira. No fundo, ficava triste por Raquel ter se desgastado tanto para que eu fosse quem era impossível ser. E fez isso por amor, e só por isso eu havia me esforçado em fingir esquecer.

Fredrik e o outro estavam olhando umas camisas de oferta. Três camisas *jeans* pelo preço de duas. Meu estômago se revirou por estarem falando de camisas e olhando os números; fiquei indignado por serem mais felizes que eu, e por Fredrik, depois de tudo que havia feito, ainda ter Karin. Caminhavam por entre suas vítimas, cruzavam com gente que com prazer teriam enfiado em uma câmara de gás.

Fredrik disse em alemão que queria comprar um robalo porque tinham uma convidada para jantar,

e se despediram. Era curioso o fato de eu comer muito mais antes de entrar no campo que depois de sair. Jamais voltei a comer muito, como se valorizasse um simples pedaço de carne e umas cenouras. Por comida se pode fazer qualquer coisa: roubar, prostituir-se, matar. Raquel se salvou por um fio de entrar com as polonesas no prostíbulo do campo. Mas muitos oficiais e *kapos* preferiam os meninos, principalmente os russos. Que fim teriam levado aqueles meninos? Havia um *kapo* que às vezes entrava no barracão com dez ao mesmo tempo, e não se podia fazer nada para impedi-lo.

Fredrik foi ao setor de peixe com bastante gente em volta e pegou uma senha. Calculei que levariam pelo menos meia hora para atendê-lo. Ele também deve ter pensado o mesmo, porque tirou um papel do bolso – com certeza a lista da compras – leu-o e tornou a guardá-lo, foi até a seção de azeite e pegou duas garrafas; a seguir, pegou as camisas e ficou olhando para elas como se quisesse hipnotizá-las e virou o carrinho, decidido a voltar. Eu teria jurado que ia trocá-las ou se desfazer delas, porque, de repente, não ia querer usar as mesmas camisas que o outro. Deve ter se deixado levar por um sentimento de confraternização que o fizera ir longe demais, ou as teria pegado para se livrar de seu amigo o quanto antes possível.

Cheguei antes dele e fiquei atrás de umas toalhas de praia penduradas abertas para que as estampas pudessem ser apreciadas. As camisas eram a oferta principal e estavam reviradas em uma banca. Fredrik tirou as suas do carrinho deixou-as ali e ficou olhando as outras; então, me vi levado a lhe dizer por trás das toalhas: “Eu sei quem você é. Você é Fredrik Christensen e vou pegá-lo, mas, primeiro, vou pegar a enfermeira Karin”.

Dito isso, fiquei com vontade de falar algo a mais, de soltar um pouco do veneno que havia subido à minha garganta, mas era melhor ser seco e frio e deixar que sua mente trabalhasse.

Exatamente como imaginei, ele ficou paralisado por alguns segundos, sem reagir, sem saber para onde olhar, apesar de a voz ter chegado por trás dele. Devia fazer muito tempo que, com a guarda baixa, não levava um susto. O problema é que foi difícil virar o carrinho por causa dessa tendência que os carrinhos de supermercado têm de ir para o lado. Talvez devesse tê-lo abandonado ali mesmo, mas não reagi a tempo, e, quando me dei conta, ele estava a alguns metros atrás de mim. Não queria olhar para trás para que não visse meu rosto, mas sentia que era ele e tive certeza quando, ao apertar o passo, ele também apertou. Seu carrinho parecia um trem descarrilando. O meu também; eu corria o mais que podia para escapar de seus enormes passos, embora tivesse a vantagem de que minha cabeça não se sobressaía, de que podia desaparecer no meio das gôndolas de detergente. De modo que abandonei o carrinho onde pude e me escondi atrás de uma montanha de livros. Ouvi o ruído de seu carrinho se afastar e corri para a saída. Entrei no carro e esperei, secando o suor e me acalmando. Ainda não havia chegado a hora de tomar a cápsula de nitroglicerina que sempre levava no bolso da camisa.

Ele levou quase meia hora para sair. Colocou as compras no porta-malas (pelo que se via, nem por um acontecimento desse calibre ele pretendia mudar sua programação) com o rosto alterado e um

olhar impiedoso. Eu me sentia mais dono de mim que nunca. Faria as coisas do meu jeito. Eu me deixaria levar pela intuição e pela experiência. Estava no fim do mundo, e quando chega o fim do mundo, nada vale o que valia antes. Com certeza, o passo que havia acabado de dar não fora prudente, mas, por outro lado, queria abalá-lo e fazê-lo reagir. De qualquer maneira, o feito, feito estava.

A partir de então, teria de ser prudente e segui-lo mais de longe, porque, embora não me conhecesse, poderia me ter como uma presença *non grata*.

Subimos para Tosalet, mas não fomos à Villa Sol, e sim à outra casa, a uns trezentos metros, que não tinha nome, só o número 50. Estacionei bem mais embaixo, e como uma hora depois não havia saído, fui embora. Tendo localizado esse lugar, seria questão de pouco tempo descobrir quem morava ali. Com toda a certeza, um deles.

Sandra

Às seis, Fred não havia voltado do centro comercial e Karin começou a se preocupar. Não era possível localizá-lo. Não tinham celular. Nenhum de nós três ligava muito para telefone. De minha parte, quando meus créditos acabavam, levava séculos para carregá-lo. Achava que era um jeito absurdo de jogar fora o dinheiro que não tinha. E eles não estavam acostumados às novas tecnologias; também não usavam computador. De modo que achei que pegaria mal ir embora e deixar Karin nessa situação de incerteza, por isso continuei tricotando. Os pontos iam saindo cada vez melhores, mais uniformes. E apesar de Karin estar preocupada com Fred, de quando em quando se abaixava para olhar meu trabalho.

Por volta das seis e meia entramos. E um pouco depois abri a porta para o homem de corpo largo da outra noite, chamado Martín, que estava com a mesma regata preta, *jeans* e tênis surrados, e para o magrelo, a Enguia, que dava muito menos importância à roupa e ao *look* que Martín. A Enguia me perguntou por Fred com ar de quem não sabia o que fazia eu naquela casa, e se aproximou de meu ouvido de uma forma que me intimidou: “Vai ficar morando aqui?”, perguntou.

Ainda bem que Karin chegou logo. Foi da sala à porta da rua com uma rapidez impressionante.

– Deixe comigo – disse.

Levou-os para a salinha-escritório que ficava no mesmo piso onde eu pude ver uma mesa com papéis, uma máquina de escrever antiga e livros. Ouvi ela lhes dizer que Fred estava demorando demais e que estava preocupada.

– Eles ajudam Fred com as contas e os serviços de rua – disse referindo-se à visita quando voltou à cozinha, onde eu não sabia o que fazer, porque de repente estava metida em vidas que não tinham nada a ver comigo. – Disseram que esperássemos um pouco mais antes de sair para procurá-lo. Às vezes Fred encontra alguém, fica conversando e não percebe o tempo passar.

Depois, pegou a cabeça com as mãos, não de forma dramática, mas para pensar melhor. Uns cachos frágeis, recordação do que deviam ter sido lindos cachos dourados, cobriram seus dedos.

– Se acontecer alguma coisa a Fred, será o fim, entende?

Sim, eu podia imaginar, mas nessas ocasiões é melhor não se envolver, então fiquei calada. Quanto a mim, aguentaria mais um pouco, porque se fosse embora naquele momento não conseguiria dormir tranquila. Não era tão fácil entrar e sair das situações como se nada fosse. De fora, tudo se via de outro jeito, assim como meu filho dentro de mim via as coisas de uma forma completamente fantástica.

Quando finalmente Fred abriu a porta com sua chave e entrou com as sacolas de compras, senti um enorme alívio, como se isso me importasse muito, quando na realidade não me importava quase

nada. Karin deixou as agulhas de lado, levantou-se e literalmente correu até Fred. Eu levei as sacolas para a cozinha enquanto eles falavam em sua língua. Como não entendia uma vírgula, concentrei-me na entonação. Primeiro Karin expressou o lógico alívio combinado com alegria. Fred deixou sair sua voz neutra, meio monótona e grave; o que estava contando era importante, não era uma bobagem como um pneu furado. Karin escutava em completo silêncio, e depois respondeu com surpresa e também com alarme. Sua voz havia recuperado a força. Estava claro que tinham um problema.

Às nove, convenci Karin de que precisava esticar as pernas e que iria a pé até a moto que havia abandonado na pracinha fazia mil anos. Fred estava com seus assistentes, ou o que quer que fossem os visitantes, no escritório – ou o que quer que fosse aquela salinha.

Desci o mais devagar que pude as curvas que conduziam ao nível do mar. Nunca me perdoaria se me machucasse. Não sei por que, saí da casa dos Christensen com mais medo do que quando entrei; um medo vago, inespecífico, medo de tudo. O que faria Karin se ficasse sozinha e piorasse da artrose? Eu ainda podia me permitir o luxo de me virar sozinha, de ser autônoma. Quando o bebê chegasse, aí veríamos. Acho que o destino, ou Deus, ou sei lá quem, pôs Karin em meu caminho para que eu visse as orelhas do lobo e para que soubesse apreciar o que tinha agora: juventude e saúde, e um filho a caminho.

Não tornei a vê-los por vários dias.

Julían

Quando entravam na Villa Sol e fechavam o portão metálico, não se ouvia mais nada e então eu ia para o hotel. Jantava alguma coisa pelos arredores, respirava o ar fresco da noite, às vezes até me sentava um pouco em um terraço para tomar um descafeinado e contemplar o corpo seminu das pessoas, os umbigos, as costas, as pernas. Gostava porque não estavam totalmente nus, e ia para meu quarto sem uma ideia muito clara sobre como sair desse impasse, como provocá-los para que se revelassem como quem eram na realidade. Não podia ir à polícia e simplesmente dizer que um perigoso criminoso de guerra vivia ali. “Perigoso?”, diriam. Ele já não é perigoso para ninguém, está com um pé na cova. Chegariam vivos a um julgamento? Mas poderia conseguir, com as provas necessárias, que seus crimes saíssem nos jornais e que sofressem o repúdio de seus vizinhos, que não pudessem mais andar pelo supermercado, pelo hospital e pela praia como qualquer um. Poderia acabar com a vida deles. Poderia fazer que tivessem de fugir, vender a casa, fazer as malas e começar de novo, coisa que, na idade deles, representaria um verdadeiro martírio. Com certeza sonhavam em passar ali seus últimos dias. Mas eu os passaria ali, não eles. Eles não tinham direito a morrer em paz. O que Salva teria pensado em fazer com eles? Ele me deixara de herança o objeto, mas não o objetivo. Durante os últimos anos de sua vida, Raquel me dizia, quando me sentia tentado a fazer o que estava fazendo agora, que estava defasado, que as coisas funcionavam de outro jeito, que havia outros meios de investigação e que ficasse em casa. Pois bem, eu sabia que ninguém contava comigo e que ninguém se lembrava de mim nem de meus serviços; meus velhos colegas estavam como eu ou ainda pior, e os novatos achavam que eu havia morrido. O mundo estava em outras mãos e eu teria de fazer as coisas do meu jeito.

Foi em um daqueles dias que, ao voltar ao hotel à noite, o recepcionista da grande pinta na bochecha interceptou meu passo. Olhava para mim assustado e pediu que me sentasse em uma das poltronas do vestibulo. Algo de ruim estava acontecendo.

– É minha filha? Aconteceu alguma coisa com ela?

Fez um gesto negativo com as mãos, e me tranquilizei. Se minha filha estava bem, não podia ser tão grave.

– Aconteceu algo alarmante em seu quarto... Está destruído.

Eu o ouvia com os olhos arregalados.

– Meu quarto?

– Sim, seu quarto. Entraram e reviraram tudo. Também rasgaram o colchão e o forro da poltrona. Temos cofres. Se tinha algo de valor, teria sido melhor alugar um.

Com certeza era a calma com que eu estava ouvindo tudo que o fez passar da preocupação à

censura.

– O hotel não pode assumir esse tipo de descuido.

– Não tenho nada de valor, se está se referindo a dinheiro, joias ou algo assim.

Deixou de me olhar como um velho indefeso; tentava ver além das rugas e da decrepitude.

– Certo... e... drogas?

Não ri do comentário porque percebi que Fredrik me descobrira e mandara me darem um susto.

Não sabia como, mas, depois da história do supermercado, ele havia me encontrado. E mais alarmante ainda era que Fredrik não estava sozinho, ou pelo menos não cercado apenas de velhos. Ele não poderia ter feito aquilo; era necessário força e rapidez para uma coisa dessas.

– Acho que quem fez isso errou de quarto, não vejo outra explicação – disse eu.

O recepcionista me pediu desculpas e me propôs mudar de quarto. Podia tomar um drinque no bar enquanto levavam minhas coisas para outro andar. Aceitei, considerando que o que devia fazer era trocar de hotel; mas, pensando bem, eles me descobririam de novo. Com certeza encontraram a ficha que eu tirara de meus arquivos pessoais. Felizmente, colocara no bolso do paletó o recorte de jornal e as duas únicas fotos que tinha deles quando jovens. Ela vestida de enfermeira e ele de camiseta fazendo ginástica.

Sentei-me no balcão da lanchonete e pedi um descafeinado pensando que, tendo sido descoberto por Fredrik, a situação mudava por completo, e, o que era mais preocupante, Fredrik estava mais esperto do que eu imaginava. Além de tudo, tinha gente com ele, e eu estava sozinho. Seriam capazes de me matar?

Uma hora depois, o moço da pinta voltou para me dizer que minhas coisas já estavam em outro quarto, mas que eu podia passar pelo antigo para ver se não haviam esquecido nada.

– É a primeira vez que ocorre algo assim neste hotel. Desculpe o transtorno. Lamentamos muito.

Fiz um gesto com a mão para que parasse de se desculpar. Incomodava-me que se sentisse culpado.

– Não se preocupe, nós, velhos, somos um alvo fácil – disse tirando a carteira do bolso, inutilmente, porque ele não me permitiu pagar.

No quarto só restava o estojo das lentes de contato e um dos dois cadernos com anotações; o outro estava no carro. Não era estranho que não o houvessem visto, com tantas coisas pelo chão. O travesseiro, a fronha, o enchimento das almofadas e do colchão estavam rasgados, as mantas do armário, os pequenos frascos de gel e xampu do banheiro, as gavetas da escrivaninha, uns quadros baratos e as garrafas e saquinhos de frutos secos do frigobar destruídos. O rádio-relógio também. Queria que eu soubesse que viriam atrás de mim.

– Nossa! – disse. – Eles se confundiram, não há a menor dúvida.

– De qualquer maneira, veja se não falta nada. Amanhã, o detetive do hotel deverá falar com o senhor. Espero que não se importe.

Para compensar o susto, me transferiram para uma suíte no último andar. Era uma pena que minha pobre Raquel não pudesse desfrutá-la. Tinha uma sala com poltronas e sofás e um grande terraço com plantas tropicais de folhas enormes, de onde se via uma parte do porto. Raquel também teria gostado muito da banheira com hidromassagem e das flores, da cesta de frutas e da garrafa de champanhe. Porém, estava contente por minha filha não estar comigo, porque, assim, teria de cuidar apenas de mim. Respirei aliviado ao ver a ficha enrolada com camisas e calças. Os capangas de Fredrik não a encontraram.

– Aproveite sua estadia. Se precisar de qualquer outra coisa, meu nome é Roberto.

Disse a Roberto que levasse o champanhe, que o bebesse com sua mulher porque eu não podia tomar álcool. Roberto sorriu e disse que mandaria uma camareira retirá-lo.

Chequei as fechaduras da porta e do terraço e pensei em como reforçar a segurança. Enquanto estivesse lá dentro, seria muito difícil me atacarem de surpresa. O problema seria ao voltar da rua.

Fredrik devia pensar que depois do acontecimento no hotel, eu iria correndo para casa. A mensagem era clara: poderiam acabar comigo como fizeram com o colchão e as almofadas. Poderiam pisar em mim como nos quadros. E não é que essa possibilidade não me desse medo; é que não tinha nada a perder, ao passo que retroceder, a essa altura, representaria um grande cansaço mental. Se me matassem, lamentaria muito por minha filha, não queria fazê-la sofrer, mas também era certo que estava escrito que eu morreria bem antes que ela, e que, portanto, em algum momento teria de sofrer minha perda. De modo que decidi dormir tranquilo, e praticamente consegui. Acordei com uns mornos raios de luz que cruzavam a suíte.

De qualquer maneira, não pretendia fazer loucuras. Dadas as circunstâncias, deixaria os Christensen respirar, pelo menos por um dia. Com o novo dia ocorreu-me outro objetivo melhor. Passaria pela casa da garota de cabelo vermelho.

Era sábado, por volta das onze. Estava sol, mas não abrasador. O verão estava acabando. Antes de sair do quarto, decidi não me paralizar pela quantidade de tecnologia que o inimigo pudesse estar usando e recorrer aos velhos truques de sempre. Pendurei na maçaneta a plaquinha “Não incomode” para garantir que a camareira não entrasse e, a seguir, coloquei uns papeizinhos transparentes, cortados do celofane que envolvia a garrafa, entre a porta e o batente e entre a porta e o chão, que irremediavelmente saíam do lugar ou caíam quando a porta se abrisse. Não tinha tempo de me atualizar, de tentar ser mais sofisticado, tinha de ser eu mesmo, um velho decrépito que não podia contar nem com sua própria gente.

Sandra

Quando passava alguém pela trilha, quando vinha o carteiro ou os funcionários da água ou da luz, quando alguma motocicleta amassava os pedregulhos e a terra, a fantasmagórica vida da vizinhança se revolucionava. E com certeza o homem de chapéu-panamá que parou em frente a minha casa e tocou a campainha não suspeitava que não estava interrompendo nenhum tipo de atividade, e sim uma pura e simples inatividade que me fazia adormecer. Interrompeu pensamentos do tipo “devia estar fazendo alguma roupinha para o bebê”, e interrompeu minha vontade de estar e ao mesmo tempo não estar com alguém. Também interrompeu o pensamento “Quem diria que eu ia me acostumar a esse casal de avós estrangeiros?”. Evidentemente, estava pensando em Fred e Karin, que havia vários dias não davam sinal de vida, desde que eu saíra da Villa Sol. Com certeza um deles devia estar doente, ou estariam viajando, ou recebendo a visita de parentes, mudando seu ritmo de vida. Passava todo tipo de coisas pela minha cabeça. Tinha de admitir que sentia falta deles. Era uma bobagem, porque não significavam nada para mim, e, mesmo assim, eu parava de regar as plantas quando ouvia as rodas de um carro nos pedregulhos da entrada. O rosto deles estava fixo em minha mente, talvez porque tinham alguma coisa fora do normal. Todos os rostos, cedo ou tarde, acabam tendo algo de especial, mas o deles teve logo, quase de imediato.

O homem que estava diante do portão devia ter uns oitenta anos, talvez mais, e parecia precisar descansar, de modo que o fiz entrar na varanda. Ele disse que gostava de minha casinha. Disse “casinha”, como se eu fosse um gnomo ou uma princesa. Com certeza não reparou bem em mim. Falava com sotaque argentino, o que suavizava ainda mais suas maneiras, já por si muito corretas. Aproveitei que o homem queria alugar a casa para mostrá-la e ficar falando um pouco com alguém. Exalava a sensação de asseio de alguns idosos enxutos. Tinha olhos claros, ou que ficaram claros com o passar dos anos; também podia ser que com os anos tenha diminuído de tamanho, ficando como eu, a dois centímetros de um metro e setenta. Enquanto lhe mostrava a casinha, senti uma grande angústia ao pensar que estava perdendo tempo, um tempo precioso no qual outros estavam acabando a faculdade, acumulando experiência no trabalho e se tornando chefes, escrevendo livros ou aparecendo na televisão. Não sei, não sei como me deixei levar até chegar ali sem ter feito nada de proveitoso, salvo a criaturinha que levava dentro de mim, e nem sequer eu a havia feito sozinha. Eu era a portadora, a encarregada de trazê-la ao mundo, pelo menos isso eu queria fazer em boas condições, e, por isso, assim que soube que estava grávida, parei de beber e de fumar. E embora muitas vezes a vontade de fumar um cigarrinho à luz da lua desse lugar no cu do mundo houvesse me tentado, a responsabilidade falava mais alto.

Disse a ele que veria a possibilidade de minha irmã lhe alugar a casa, mas não tinha vontade de

ligar; não queria falar com ela, não queria que me passasse um sermão e me recordasse que não poderia viver provisoriamente para sempre. Não queria que me perguntasse se regava as plantas ou se lavava a roupa e cuidava da casa.

Antes de ir embora, ele disse que se chamava Julián, abanando-se com o chapéu. “E eu, Sandra”, disse. “Sandra”, repetiu. E então falou que eu havia sido muito gentil com ele e que me cuidasse, porque o mundo estava cheio de perigos ocultos que só vemos quando estão muito próximos, e que não importava o que acontecesse, sempre pensasse antes em minha integridade física. Depois me pediu desculpas por ser tão alarmista e disse que eu o fazia recordar sua filha quando tinha minha idade. Senti-me um pouco estranha, porque falava comigo como se me conhecesse, como se soubesse alguma coisa de mim que nem eu mesma sabia; mas a estranheza passou quando pensei que era muito velho e que pertencia a uma época em que as mulheres eram menos independentes, e que teria que interpretar o que dizia com base em sua experiência.

Quando a visita foi embora, tirei da bolsa de plástico Calvin Klein que usava para ir à praia a revista com a biografia de Ira. Felizmente, havia secado sem que a tinta borrasse.

Julián

Estacionei o carro no mesmo lugar da vez anterior, na entrada de terra, e adentrei aquela rua tão estreita e tão desbotada, que os demônios já estavam chamando. O sol brilhante e alegre batia em cheio na casinha da garota. No varal, via-se roupa branca pendurada. Ouvia-se música, o que significava que ela estava ali. Toquei a campainha que ficava do lado do portão e esperei. Dois minutos depois, tornei a tocar. Por fim ela apareceu no pequeno jardim. Estava de biquíni e viam-se melhor suas tatuagens, mas desviei a vista de seu corpo, não queria que pensasse que eu era um velho depravado, porque, além de tudo, teria sido uma impressão completamente falsa. Nunca me senti atraído por mulheres mais novas que eu, como nunca me senti atraído por Ferraris ou mansões; meu mundo tem limites, e gosto deles. Pareceu decepcionada ao me ver, estaria esperando alguém? Fredrik, talvez? Não achava; não acreditava que pudesse se decepcionar por não ver alguém da mesma idade que eu.

– Desculpe incomodar. Disseram-me que está alugando esta casa.

– Pois lhe informaram errado. Não está para lugar nem para vender.

Seu cabelo tinha vários tons, que iam do vermelho ao preto, e era mais comprido em alguns lugares que em outros. Tinha também um pequeno *piercing* no nariz. Seus olhos eram pardos-esverdeados e o nariz aquilino, e o sol, pegando-a de frente, fazia que seu olhar parecesse levemente irônico. Se eu tivesse a mesma idade, teria me apaixonado naquele mesmo instante por ela. Fazia-me recordar Raquel quando jovem; seu jeito simples e direto de ver a vida e as pessoas.

– Ah, é uma pena, porque é uma casa realmente bonita. A que mais gostei da rua toda. Minha mulher insistiu para que viesse vê-la.

Olhou ao meu redor como se procurasse uma mulher invisível.

– Ela ficou no hotel, não se sente bem. Não sabe de alguma casa parecida com esta que esteja para alugar?

Tirei o chapéu-panamá e me abanei com ele sem sentir realmente calor. Fiz isso para prolongar o momento e não ir embora. E deu resultado, porque ela abriu o portão.

– Pode entrar e se sentar, vou lhe trazer um copo de água. Ainda está calor.

– Por curiosidade, quantos quartos tem?

– Três – disse lá de dentro. Depois ouvi a água e algum outro barulho.

– Aqui é muito bom – disse estendendo-me o copo. – Todos os dias em contato com a natureza, seja entrando ou saindo. As árvores, as flores, o ar, o sol. É a melhor coisa para mim neste momento.

Notava-se que tinha os problemas típicos da idade: não saber o que fazer da vida, o medo da solidão, a energia.

– Obrigado por permitir que me sente. Tomo remédio para o coração, e minha pressão cai muito.

Ela disse que me entendia muito bem porque, logo que chegara, ficara tonta na praia e passara muito mal. Arrancou uma camiseta do varal e a vestiu.

– Estou grávida de cinco meses.

“De cinco meses”, pensei comigo. Isso complicava tudo. Como ia meter uma grávida nessa confusão? Levantei-me disposto a ir embora como se já houvesse descansado o suficiente.

– Aonde vai? – perguntou alegremente. – Se gostou da casa, vou mostrá-la ao senhor.

Seguia-a até o andar superior. Sim, sua barriga era volumosa, arredondada. A já distante gravidez de Raquel me ligava de alguma maneira à dessa garota; eu sabia algo dessas coisas, não era grego para mim. Não se incomodou que eu visse seu quarto com a cama revirada. Parecia achar tudo normal, natural. Dizia que estava nessa casa como em um mosteiro e que fora se isolar e refletir sobre a vida. Eu não perguntava, era melhor que ela contasse o que quisesse.

– Antes não lhe disse a verdade. Esta casa é de minha irmã e ela a aluga para temporada. Pode ser que no verão que vem esteja livre. Se quiser, falo com ela.

Eu disse que tudo bem, que eu também comentaria com minha mulher.

– Meu nome é Julián – disse apertando sua mão. – Se não se importar, passarei por aqui outra hora.

– Sandra – disse ela sem sorrir, mas sem expressão séria. De algum modo, não precisava sorrir para ser agradável. – Venha quando quiser.

E acrescentou com certa preocupação:

– Antes, eu ia à praia com uns amigos de vez em quando, mas eles desapareceram, deixaram de vir sem me dar explicação.

Devia se referir a Fredrik e Karin, o que, juntamente com o negócio do hotel, significava que minha presença os deixara muito nervosos.

– Não se preocupe, eles vão voltar.

– Bom, eles são idosos, talvez um deles esteja doente.

– Também isso é possível – disse, tanto para ela quanto para mim mesmo.

Assim que chegasse ao hotel pretendia ligar para minha filha para dizer que finalmente havia encontrado uma casinha ideal para nós dois; que por ora não estava livre, mas que com certeza estaria no verão. E também lhe diria que minha permanência ali se estenderia alguns dias além do previsto. Ela insistiria em me encontrar para me vigiar, para que não fizesse nenhuma loucura, mas eu lhe diria que seria melhor economizar esse dinheiro para o aluguel da futura casa. E, evidentemente, não lhe contaria sobre a suíte, não porque quisesse aproveitá-la sozinho, até porque, nessa situação, aquela suíte não representava nenhum prazer para mim.

Mas quase nunca as coisas acontecem na ordem que pensamos. E quando pus o pé no vestibulo,

Roberto, o recepcionista, saiu de trás do balcão e veio até mim para dizer que por volta das onze um indivíduo havia perguntado se eu havia ido embora do hotel. Felizmente, Roberto estava de serviço.

– Eu falei que isso era informação confidencial – disse Roberto –, mas quando insistiu que era importante e que queria falar com o gerente, achei melhor dizer que havia abandonado o hotel. Não sei se fiz mal. Devia ter uns trinta anos, moreno, de ombros largos, mais baixo que eu.

– Obrigado – disse. – Não conheço ninguém com essas características. Como lhe disse, acho que estão me confundindo com outra pessoa.

Roberto me olhava na defensiva, já não acreditava em tudo que lhe dizia.

– Então, vou dar ordem aos meus colegas para que não respondam a nenhuma pergunta sobre o senhor.

Sorri e abri os braços em sinal de impotência e querendo mostrar que não tinha nada a esconder; que estava sendo alvo de uma confusão absurda.

A porta do quarto estava como a deixei. Ao abri-la, os papéis transparentes caíram no chão e os recolhi. Não era boa notícia que Fredrik tivesse seguidores (como o que perguntou por mim, como os que destruíram o quarto), talvez jovens neonazistas. Melhor seria que se tratasse de capangas contratados, seriam menos fanáticos. Sentia-me de novo como David contra Golias; um David sem forças. E, por outro lado, o que Roberto pensaria de mim?

Sandra

Senti falta de continuar o casaquinho e tinha saudade desses avós adotivos que entraram e saíram de minha vida como se ela fosse um metrô ou um ônibus; mas, principalmente, não me parecia normal. Ia além de qualquer lógica que eles fossem mais caóticos que eu, que sempre me considerei a rainha da mudança de opinião e das ideias confusas. Achava que, ao chegar à idade deles, as dúvidas teriam ficado no passado, porque o caminho já estaria feito e não seria necessário pensar tanto no que fazer nos próximos dez minutos. Talvez, sem querer, eu houvesse dito ou feito alguma coisa que os incomodou. Afinal de contas, éramos de culturas e gerações diferentes, e seria normal que surgissem mal-entendidos. Ainda recordava aquele olhar, totalmente incompreensível para mim, que trocaram enquanto eu falava. Ou, o mais simples, Karin podia ter tido uma recaída na artrose. E eu me importava com o bem-estar de Karin? Em parte sim, e em parte já havia regado as plantas, estendido e recolhido e dobrado mais roupa e já sabia quase tudo sobre Ira. Precisava ver de novo pessoas conhecidas que me dessem boas-vindas e calor humano, e não precisava procurar por outras; estavam ali perto, bastava montar a Vespino e ligá-la.

Assim, ao entardecer preparei uma mochila com um pouco de roupa para subir até Tosalet, para o caso de dormir lá. No fundo, atrevi-me a subir a essa hora com a secreta intenção de não ter de descer à noite. E embora fosse bonito rodar no meio das estrelas, das árvores e dos montes à luz da lua, também aumentava a sensação de risco, de perigo, de estar vulnerável. O medo de tudo e de nada que havia se apoderado de mim, uma covardia sem sentido. Ou pode ser que fosse precaução. Os carros que andavam colados atrás de mim se desesperavam porque não era fácil ultrapassar nas curvas, mas o precipício à minha direita me impressionava mais que eles. “Foda-se e foda-se!”, dizia aos carros. Para piorar, na metade do caminho começou a garoar, com gotas que ficavam cada vez maiores. Foi angustiante porque não podia parar e enxergava mal. Respirei aliviada quando cheguei à parte residencial dos noruegueses.

Rodei de moto até a Villa Sol. As gotas haviam se transformado em agulhas de prata, parecia que tinham luz própria e que iluminavam a escuridão. A noite estava caindo. Que estava fazendo ali? Nem meus pais nem Santi poderiam imaginar que nesse momento estava procurando a casa de uns estrangeiros aposentados em um lugar estranho no meio da chuva. Não sei por que estava fazendo isso. Fazia coisas sem sentido porque não tinha emprego nem disciplina. Mas ter emprego era dar um sentido superficial à vida, uma falsa segurança. Também não me convencia que a panaceia da vida fosse ter um horário e ficar presa a um salário. E se o destino houvesse posto em meu caminho Fred e Karin para poder me livrar de uma vida tão medíocre? A Villa Sol, a granja do fiorde, o jipe verde-oliva e o Mercedes preto que vi guardado na garagem teriam de ficar para alguém quando

morressem. E a morte podia chegar a qualquer momento. Não era movida pelo interesse. Havia subido até ali arriscando a vida porque, nas circunstâncias atuais, sentia-me melhor com eles que sem eles, o que não me impedia de considerar a possibilidade de influenciarem meu futuro para o bem. Já me via criando meu filho nessa casa e levando-o à escola no jipe. Venderia o Mercedes e alugaria o andar superior para viver com tranquilidade. No jardim de inverno montaria uma pequena oficina de cerâmica e me dedicaria ao artesanato. Talvez pudesse vender algumas peças na feirinha das quintas-feiras. E teria tudo isso porque Fred e Karin gostavam de mim como de uma verdadeira neta; mais que uma neta, porque nossa relação era espontânea, escolhida por nós, e não por laços de sangue. Que significado têm laços de sangue?

Estacionei na rua deserta e toquei a campainha. Ninguém abriu e fiquei frustrada. Toquei de novo, e nada. Que decepção! Não tinha pensado nessa possibilidade, e não me atrevia a descer até minha casa com chuva; não era hora de ser temerária. E, ao mesmo tempo, estava encharcada, salvo a cabeça, por causa do capacete. Foi quando tive a ideia de passar na casa de Alice, onde me abrigara da chuva da primeira vez que subira até Tosalet. Talvez tivessem ido visitá-la, não parecia lógico que com esse tempo se aventurassem além disso. E acertei. Vi o Mercedes estacionado. Não o jipe, mas o Mercedes preto, a uns metros de casa de Alice. Fred devia ter pensado que era uma oportunidade para fazê-lo funcionar. Mais carros de luxo contornavam toda a calçada, e achei que Alice devia estar dando uma festa. Saía música da casa, música distante que a chuva trazia e levava em rajadas. Encostei a moto no muro e fiquei em pé no selim. Pelas janelas que davam para o jardim, vi as pessoas dançando; pensei ter visto Karin girando em um vestido de noite branco. Talvez tivesse se contagiado da eterna juventude de Alice. Não tive tempo de ver mais porque senti uma presença atrás de mim.

– Se cair, vai se machucar.

Era a Enguia, Alberto, acho que esse era o nome; já o conhecia da casa de Karin. Estava de guarda-chuva e cara de poucos amigos. Fiquei envergonhada. Fui pega bisbilhotando, e os Christensen ficariam sabendo. Alice também. Via a herança se afastar de mim.

Estendi a mão para que me ajudasse a descer.

– Queria saber se Fred e Karin estavam aí dentro. Passei pela casa deles... estou encharcada... não quero descer de moto com esta chuva.

Uma vez em terra firme, coloquei-me debaixo do guarda-chuva e tirei o capacete.

– Eu conheço você – disse ele.

– Eu também conheço você – disse eu, como se estivéssemos falando em código.

– Por que não tocou a campainha?

– Toquei – menti –, mas não devem ter ouvido.

– Onde fica a campainha, à direita ou à esquerda?

– Não lembro.

– Mentirosa.

O guarda-chuva nos obrigava a ficar muito perto e a respirar um na cara do outro. Ele não ia com a minha cara. Era curioso, porque mesmo cheia até o pescoço desse medo vago de tudo e de nada, algo nesse sujeitinho não me dava medo. Ele não era como o nada cheio de estrelas. Não era como a estrada no meio da noite. Ele não era nada disso; era tão mortal quanto eu e não me dava medo nenhum.

– Se puder, diga a eles que vim vê-los. Vou indo – disse colocando o capacete de novo.

– Não tão depressa – disse ele.

– Não tão depressa? Você é da polícia ou algo assim? Ande, não me encha o saco.

– Nem se atreva a sair daí – disse pegando um celular e deixando-me fora do guarda-chuva.

Afastou-se um pouco para falar sem tirar os olhos de mim. Teve de esperar uma resposta que o deixava impaciente. Imaginei Fred e Karin aturdidos por causa da dança e tendo de assimilar a notícia de que eu estava espiando pelo muro. Eu também esperava de braços cruzados e o capacete na mão. Ele se comportava como um leão de chácara, como um guarda-costas, como um segurança. Estava de terno e gravata e de cabelo esticado atrás das orelhas. Por fim, desligou o celular.

– Vou levá-la à Villa Sol e vamos esperar que eles cheguem.

O homem quadrado chamado Martín saiu lá de dentro e lhe entregou umas chaves. Não tinha vontade de discutir, só queria me secar, ver um pouco de televisão e me deitar.

Levar-me foi um modo de dizer. Eu pilotava a moto e ele ia sentado atrás de guarda-chuva aberto. Quando chegamos, tirou as chaves do bolso e abriu o portão e a porta de entrada. Tirei a mochila das costas e deixei-a escorregar até o chão.

– Nem pense em se sentar molhada no sofá – disse ele adivinhando minhas intenções.

Permanecia sem vontade de discutir. Peguei a mochila e subi até aquele que considerava meu quarto, o das florzinhas azuis. A camisola de cetim continuava, como eu a havia deixado, debaixo do travesseiro. A roupa da mochila também estava úmida, e como só se salvava uma camiseta, resolvi vestir a camisola. Sabia o que poderia parecer, mas não estava nem aí.

– Não sei o que pretende, mas a mim você não engana. E eles vão acabar descobrindo, não pense que são bobos.

Essa foi sua reação diante do espetáculo que eu oferecia descendo a escada. Olhava para mim apoiado na parede, com os pés cruzados. De terno preto e o cabelo molhado e puxado para trás, ele tinha de reconhecer que eu não estava nada mal. E, de repente, essa impressão me desconcertou. A camisola ficava muito bem em mim, ajustando-se inclusive à barriga, deslizando na parte dos seios, as alças escorregando. Era o tipo de roupa que as mulheres que não fazem rodeios usam.

Como resposta, dei uma voltinha, fazendo a camisola rodar.

– Pense o que quiser, menos que pretendo seduzi-lo, porque não poderia estar mais enganado.

Olhou para mim com desprezo infinito, mas eu sabia, meu instinto me dizia que ele gostava do

que via mais do que gostaria de admitir. Não conseguia deixar de observar minhas tatuagens. Era o típico fetichista. Um desses sujeitos que você começa a descobrir coisas, coisas e mais coisas, até que já não o aguenta mais. Decidi que não me incomodaria e fui à cozinha. Seus passos, os passos de sapatos novos, seguiam-me. Abri a geladeira e servi um copo de leite, aqueci-o no micro-ondas e comecei a beber devagar, sentada no sofá e vendo televisão. Sentia-o atrás de mim. Sua roupa cheirava a molhado.

– Quem lhe deu permissão para usar essa roupa?

– Não preciso, é minha.

– Claro, leva essas coisas na mochila.

Sentia um pouco de frio, mas aguentei até que ele foi para a sala-escritório, que também abriu com chave. Então, peguei um xale de Karin e o pus nos ombros. Tinha o aroma dela, de seu perfume, o que me causou uma sensação levemente desagradável, porque não era como quando minha mãe me vestia um agasalho. Embora não me entendesse com minha mãe, seu cheiro era tão familiar quanto a ceia de Natal; mas o aroma de Karin em meu corpo no fundo me causou repulsa.

Quando fiquei com bastante sono, tirei o xale e, sem dizer nada, subi para o quarto e me deitei. No início, fiquei alerta, porque a porta não tinha chave, mas depois relaxei. Alberto podia ser uma enguia, mas nada mais.

Dormi profundamente pensando que com certeza Alberto também queria ser o neto favorito dos noruegueses, até que o barulho da porta da rua ao se abrir e fechar me acordou. Houve uma troca de palavras e bocejos em voz baixa. Não sabia se devia sair do quarto ou se seria pior para todos, porque teríamos de falar do acontecido e perderíamos o sono. Na verdade, eu não sabia o que fazer. Fui descalça até o vão da escada e vi Alberto, o tosco, ir embora. E vi Karin com o lindo vestido branco com plumas suaves no decote que nela mais parecia uma fantasia. E, principalmente, vi que Fred usava um uniforme que eu havia visto mil vezes nos filmes sobre nazistas, com quepe e tudo, o que o deixava ainda mais alto e acentuava seus traços já por si graves. O uniforme caía melhor nele que o vestido nela. Alice devia gostar de dar festas à fantasia para seus amigos, à moda antiga, quando o mundo era elegante e as mulheres usavam longo todas as noites.

Entrei na cama e apaguei a luz tentando reconciliar o sono, e logo os ouvi subir a escada. Chegaria uma hora, pensei, em que já não conseguiriam subir, e teriam de transformar a salinha-escritório em dormitório e fazer a vida no andar de baixo. Seria muito mais prático, pensei enquanto meus olhos se fechavam. Mas, antes de abandonar totalmente este mundo, ouvi a porta do meu quarto se abrir, uns pés descalços se aproximarem de minha cama e uns olhos me olhando um pouco, depois indo embora e fechando a porta. Ou já estava sonhando?

De manhã, estavam me esperando na cozinha, Karin ainda de camisola e Fred arrumado dos pés à cabeça para algum compromisso, de calça cinza-claro e paletó azul, sapatos brilhantes e os pômulos

e orelhas mais reluzentes que nunca. Ainda estava em pé tomando o último gole de chá.

– Achávamos que não gostava desta casa nem de nós, pelo jeito como foi embora outro dia. À francesa, é como dizem, não? – falou Karin sorrindo para mim de um jeito que me fez sentir vergonha.

Mas seu marido a interrompeu e não tive tempo de dar explicação.

– Estou feliz que esteja aqui. Assim, poderá fazer companhia a Karin.

Minha cara de desconcerto o perturbou, e ficamos nos olhando fixamente. Minha pergunta era: companhia? Durante quanto tempo?

– Tenho de fazer uma viagem e não quero deixá-la sozinha. Será por um dia ou dois – disse e ficou pensativo. – Certamente, será devidamente recompensada. Será bom um pouco de dinheiro para a chegada do bebê.

– Mas, principalmente – interveio Karin –, vai estar me fazendo um grande favor. Aqui vai ficar bem, não lhe faltará nada.

Achava uma boa ideia ganhar dinheiro, para variar. Era melhor que sonhar com uma herança improvável.

– Uma empregada vem diariamente arrumar a casa. Você só terá de me fazer companhia e algumas compras. Consegue dirigir o jipe?

– Sem problema – disse.

A presença de Fred não me incomodava. Ele era silencioso e gentil, mas, mesmo assim, pareceu-me que a casa ficaria mais leve sem ele; por outro lado, não me agradava ficar totalmente responsável por Karin. E se ficasse doente? Talvez esse tivesse sido o momento ideal para perguntar por que não deram sinal de vida durante aqueles dias, mas achei que já sabia: queriam que eu os procurasse, porque, do contrário, mostraria que não me interessavam o suficiente. Não sabiam até que ponto eu gostaria de estar com um casal de mais de oitenta anos.

Enquanto me entregava à lã e às agulhas, tentando chegar à perfeição de Karin, ela trouxe da salinha-escritório papel e envelopes e começou a escrever umas cartas. Ia fazer aniversário, e queria comemorar. Usando óculos para perto, ia desenhando parcimoniosamente uma letra muito bonita, que parecia alemão, mas eu não tinha nenhuma ideia de como seria o norueguês, na verdade.

– Sabe alemão? – perguntei contando os pontos.

Karin tirou os óculos para me ver melhor.

– Um pouco. Um pouco de alemão, um pouco de francês, um pouco de inglês. Sou muito velha, sei algumas coisas.

– Ontem você estava muito bonita de vestido branco. Eu a vi na festa de Alice – disse para que minha espionagem deixasse de ser um tema tabu.

– Sim, eu sei que andou olhando. Eu também teria olhado se conseguisse subir em uma moto – disse rindo.

Limitei-me a sorrir, porque cada vez me parecia mais exagerada a importância que estavam dando àquele ato completamente inocente, e mais ainda com a distância e a luz do dia.

– O que não entendo é por que não tocou a campainha. Você já conhece Alice.

– Eu também não entendo, foi uma bobagem. Acho que não queria ser uma intrusa, interromper, chegar a uma festa para qual não fui convidada.

Pela expressão de Karin, entendi que a explicação a deixou totalmente satisfeita. E me deixou satisfeita também.

Aproveitei esse momento para lhe dizer que havia esquecido os comprimidos para enjoo lá embaixo (passamos a chamar a casa de minha irmã de “lá embaixo”) e que tinha medo de me sentir mal. No fundo, estava com muita vontade de ficar um pouco sozinha. Queria escutar só meus próprios pensamentos, ou nenhum. Ser tão contraditória acabava comigo. Primeiro queria ficar com eles, e depois sem eles. Como estava anoitecendo, ela disse que eu fosse de jipe. Provavelmente pensava que a moto era muito fraca e queria se assegurar de que voltaria, e eu compreendia. É muito fácil ser valente quando nada nos ameaça.

O jipe era tão grande que estacionei em um trecho de terra antes de chegar à minha rua. Ao fechar a porta, tive uma sensação de liberdade muito boba, posto que ninguém me mantinha presa nem me obrigava a fazer nada. Mesmo assim, respirei profundamente o cheiro da rua. As luzes fracas das varandas tornaram visível um homem na frente do meu portão. Um homem de idade. Olhei melhor. Eu o conhecia. Era Julián, o mesmo a quem mostrei a casa. Ele não ouviu que me aproximava, e, quando falei atrás dele e toquei seu braço, achei que ia se assustar. Era como pôr a mão na mesma bolha de fragilidade em que Fred e Karin também estavam. Mas não; ele se voltou com calma e sorridente.

– Que bom que está bem – disse enquanto eu o fazia entrar.

Estava ali por causa do aluguel da casa. Disse que era a segunda vez que tentava falar comigo, sem sucesso. Pediu desculpas pela hora. Eu disse que havia me encontrado por milagre. Conversamos durante um bom tempo, ou melhor, só ele falava, e sempre que podia mencionava sua mulher, e se interessava por meus amigos noruegueses, talvez porque lhe chamava a atenção o fato de eu ter amigos dessa idade. E escutava com muita atenção qualquer coisa que eu dissesse. Sempre ouvi dizer que os idosos adoram contar casos, menos esses que eu encontrava, porque nem o casal de noruegueses nem este pareciam ter casos para contar.

Quando foi embora, aproveitei para regar as plantas e recolher umas toalhas do varal. Dobrei-as devagar e deixei-as em cima da mesa. Peguei os comprimidos, as chaves e apaguei a luz. Cada vez ia me sentindo mais ligada à Villa Sol que a esta casa.

Julían

Tive de ir ao pronto-socorro. Eu conhecia os sintomas: desfalecimento, suor frio, e não queria criar mais problemas no hotel; não queria que pensassem que eu era o pior cliente que o hotel já tivera. Estava bem ali; as pessoas me conheciam e Roberto havia decidido ser quase um cúmplice de um assunto do qual não fazia nem ideia. No fundo, ali eu conhecia o terreno e poderia me defender melhor do que se me mudasse para outro hotel, o que me levou a pensar em checar, assim que me recuperasse, as instalações, escada, diversos salões, banheiros de uso geral e a cozinha. O bom de estar sozinho é que não deixa ninguém preocupado, não tem de viver a dupla angústia de passar mal e de ver que o outro sofre porque você está mal. Foi maravilhoso ter Raquel ao meu lado durante tantos anos; ela fez que cada dia eu me sentisse mais cheio de vida. Mas, às vezes, nos momentos ruins, eu teria agradecido estar sozinho e não ter de fingir que estava bem para que ela não sofresse. Às vezes, queremos viver o que nos acontece tal como é, em toda a sua dimensão, mas não a ponto de fazer mal a quem está ao nosso lado. De modo que senti certa sensação de liberdade ao ir para o hospital sozinho, de táxi, assim que percebi que alguma coisa não estava muito bem. Nunca suportei as pessoas que jogam sua solidão na cara dos outros, nem os que a vivem como uma afronta. A solidão também é liberdade.

Como imaginava, no hospital me perguntaram se estava acompanhado. Disse que não, que estava passando uns dias de férias sozinho. A médica moveu a cabeça, pensativa, avaliando minha solidão. Falou que, nessas circunstâncias, teria de passar a noite em observação no hospital. Não era nada grave, uma subida de açúcar, uma descompensação geral. Eu disse que tudo bem. Que diferença faria dormir no hotel ou no hospital?

O que mais me incomodou foi como demoraram para me dar alta pela manhã. Ao meio-dia disse que não podia esperar mais e que estava indo embora. Parecia um velho rabugento, um velho cheio de manias, mas tinha muita coisa para fazer e tinha certeza de que já estava bem. Fizeram-me assinar um papel responsabilizando-me por minha decisão, de modo que, se morresse, seria por minha própria negligência. Achei justo. Uma simples assinatura deixava todos tranquilos.

Não havia dormido bem por causa dos roncos descomunais do colega da cama ao lado e porque as enfermeiras entravam toda hora fazendo barulho, mas estava bem, em plena forma. Até tomaria um banho de mar quando terminasse o que era prioridade fazer: ir à Villa Sol, coisa muito perigosa nesse momento, pelo menos até trocar de carro. Assim, o melhor seria ir até a casa de Sandra para ver se os Christensen voltaram a aparecer por ali.

Minha roupa cheirava a hospital. Apalpei os bolsos para ver se tinha tudo de que precisava. Era um dia lindo como nenhum outro. Estacionei o carro em um lugar diferente por pura precaução, mas

achava impossível que me relacionassem com Sandra, e fui andando até a casinha.

Ninguém atendeu à campainha; as venezianas estavam encostadas e no varal havia umas toalhas penduradas. A mangueira serpeava no piso. Não localizei a moto no jardim. Não se ouvia qualquer música. De modo que voltei ao carro e bebi um pouco de água de uma das garrafas que sempre tinha à mão, e pensei que o mais provável seria que a essa hora Sandra estivesse na praia, provavelmente com os noruegueses. E fui para lá.

Pelo menos no lugar em que costumavam ficar não estavam. Apenas umas crianças corriam e um casal se beijava. Andei cerca de um quilômetro pela parte de cima para ver se os via em algum ponto, até que decidi voltar para o carro. Sentia-me muito mais ágil que antes de passar pelo hospital. E embora não estivesse muito calor, a água estava tão azul e a espuma tão branca que decidi ficar de cueca – que, felizmente, era samba-canção e chegava até o meio da coxa e quase parecia uma bermuda – e dar um mergulho, afinal, a qualquer momento os capangas de Fredrik ou o infarto podiam acabar com minha vida. Já estava fazendo o que Raquel chamava de loucura, porque o que para um jovem era saudável, para mim poderia significar uma pneumonia. Mas, quando me dei conta, já estava em meio às ondas, e ao frio seguiu-se um grande bem-estar. Por que não aproveitar o paraíso se ele está ali à mão? Raquel sempre me dizia que as pessoas que, como nós, sofreram muito, tinham medo de aproveitar a vida, tinham medo de serem felizes, e também dizia que há vários tipos de sofrimento no mundo e que ninguém se livra totalmente de padecê-los, motivo pelo qual também não devíamos nos sentir especiais. Para dizer a verdade, eu admirava muito as pessoas frívolas e com grande capacidade de viver bem a vida, de se divertir com qualquer coisa. Fazer compras, jogar alguma coisa e jantar com amigos sem ter nada mais em que pensar. Para mim, esse estilo de vida era desejável e inalcançável. A inocência era um milagre mais frágil que a neve. E era mais fácil que os alegres chegassem a ser dos meus que eu um deles. No fundo, queria que Fredrik e Karin, frívolos, corruptos e perversos, fossem dos meus, que sofressem, que experimentassem a dor. Agora via claramente: a justiça jamais poderia fazer justiça como eu queria. Se Fredrik tinha capangas, eu tinha ódio.

Sequei-me levantando os braços e dando pequenos pulos na areia, e depois me sentei para receber do sol toda a vitamina D possível. Sentia-me melhor que nunca. Fechei os olhos. Viver, sempre viver. Naquele momento, estava sentindo menos medo que o recomendável.

Por precaução, mudei de lanchonete e pedi o cardápio. Estava com fome, fome de verdade. Ainda sentia o sal na pele e também no cabelo, no pouco que me restava, opaco e despenteado. Passei a mão na cabeça; um dia desses teria de cortá-lo. O mergulho despertara meu apetite, além do fato de mal ter tocado no café da manhã do hospital, sem comparação possível com o bufê do hotel. Embora sentisse energia suficiente para seguir em frente e passar pelos arredores dos Christensen, vi que não estava com meus comprimidos e voltei para o hotel.

Na recepção, Roberto me parou com cara de preocupação. Falou baixinho para que nem o outro recepcionista nem os clientes apoiados no balcão o ouvissem.

– Estava preocupado, a camareira disse que não dormiu no quarto.

Era evidente que, de alguém como eu, só se pode esperar que não tenha dormido em sua cama porque morreu em qualquer outro lugar.

– Não foi nada, fiz uma excursão, e ficou tão tarde que fiquei em outro hotel. Obrigado por se preocupar.

E depois acrescentei em tom confidencial:

– Alguma novidade?

– Não que eu saiba. Bem, o detetive quer vê-lo.

Sem me consultar, Roberto pegou o telefone, informou que eu estava no hotel e desligou.

– O detetive se chama Tony e o espera no bar. Já almoçou?

Assenti, pensando se devia ou não subir até o quarto e pegar os comprimidos.

– Então, pode aproveitar para tomar café.

Chacoalhei o chapéu, que espalhou um pouco de areia, e fui para o bar.

Roberto deve ter me descrito muito bem, porque, ao entrar um homem jovem, robusto, que em poucos anos seria gordo, se aproximou, estendeu a mão e me conduziu a uma mesinha com um abajurzinho aceso, apesar de ser de dia, o que não impedia que o bar estivesse sempre na penumbra, para criar um clima de intimidade.

– Sentimos muito o incidente do outro dia em seu quarto.

– Bem, essas coisas acontecem.

Tony segurava uma garrafa de cerveja em sua mão forte. Eu pedi um café, muito bom aliás, e, enquanto o saboreava, Tony tornou a me pedir desculpas. Desculpas demais. Usava um paletó que parecia que ia se rasgar nas costas quando se curvava na mesinha.

– Faço isso há muito tempo – disse Tony olhando fixamente para mim com olhos meio esbugalhados – e tudo sempre tem, e digo sempre, uma explicação.

Fiquei pensando nessa frase com a xícara nos lábios.

– Filho, então poderá me explicar o que aconteceu.

Acho que não gostou que o chamasse de filho. Eu também não teria gostado. Fiz de propósito, para verificar o grau de segurança que tinha em si mesmo. Não era muita.

– Ainda não, mas poderei – disse ficando mais sério. – Ficaré conosco por muito tempo?

– Espero que sim, pelo menos enquanto o tempo estiver bom.

– Disseram-me que acha que o confundiram com outro.

– Não é o mais lógico? – perguntei.

– Talvez – respondeu, e tomou um último e longo gole.

Eu também acabei com a xícara. Levantamo-nos.

– Espero que não torne a acontecer – disse ele.

Tive a impressão de que a frase era para mim, e a acolhi. Ajeitou o paletó, remexendo-se dentro de sua segunda pele. Procurei na memória alguém de meu passado que se parecesse com Tony e encontrei vários. Não eram exatamente perfeitos, mas conseguiam que o mundo acabasse sendo do modo como eles o viam.

Tinha quase certeza de que Tony fez a revista no meu quarto por ordem de Fredrik Christensen, ou que permitiu que a fizessem. Havia algo no movimento de seus olhos que o delatava. A caminho dos elevadores, eu disse a Roberto que precisava trocar de carro porque aquele não estava muito bom. Roberto assentiu com expressão de quem pensou nessa possibilidade. Já não me olhava como no primeiro dia; olhava-me com mais respeito e interesse.

Tive de usar uma garrafa de água do frigobar para tomar a medicação, coisa que me revoltava, porque dentro do frigobar tudo era vários euros mais caro. E cada euro a mais que eu gastava tirava da herança de minha filha. Ninguém ia nos recompensar, nem a ela nem a mim, por esse serviço. Ninguém se importava; havia outras coisas em que pensar, outros inimigos. Eu tinha ficado para trás, em meu mundo. Lá estavam meus ódios, meus amigos e meus inimigos, e não tinha força nem cabeça para mais nada. E, para ser sincero, era a primeira vez que não esperava recompensa nem reconhecimento; era a primeira vez que ninguém saberia se eu fracassasse ou triunfasse, era a primeira vez que a opinião dos outros não me importava, e me sentia livre.

Tirei uma soneca e, quando acordei, entardecia. O sol já se punha um minuto antes a cada dia, como mais ou menos acontecia com minha vida. E um minuto era muito tempo. Não me arrependi de ter dormido além da conta, porque precisava descansar. Deus, fazia tempo que não me sentia tão bem. Não fosse porque o telefonema sairia muito caro, teria ligado para minha filha para lhe contar, mas uma ligação leva a outra e, se um dia não ligasse, ela se preocuparia. Então, preferia lhe contar em pensamento. Minha mulher teria lido meu pensamento, comprovei isso muitas vezes, e costumava me dizer, brincando, que tivesse cuidado ao enganá-la, mesmo que só em pensamento, porque podia lê-lo. E eu acreditava piamente. Tinha certeza de que seus olhos negros eram capazes de penetrar até as profundezas de minha mente.

Passei meia hora percorrendo o hotel, a escada normal, a de incêndio, o terraço, elevadores, portas de serviço, cozinha, restaurante, recantos, porão. Faltava ver a lavanderia, os banheiros de uso comum, examinar corredor por corredor e a despensa da cozinha. Se os hóspedes soubessem como era deficiente o sistema de segurança, sairiam correndo em vez de deixar aqui seus pertences. Mas assim era a vida: uns sabiam, outros não. Eu faria um mapa o mais detalhado possível e traçaria um plano de fuga adaptado às minhas possibilidades. Não sentia sono; tinha tanta vitalidade que saí. Estava refrescando, e o paletó não me incomodava. Por um momento quis esquecer que era um velho cheio de achaques. O ar trazia o cheiro de flores. Talvez fosse o momento ideal para passar

na casa de Sandra e ver se já havia voltado.

Dirigi devagar desfrutando o momento de virar na rua estreita e ir me aproximando da casinha, mas também com medo de não encontrar Sandra, com medo de não poder trocar umas palavras com a garota que poderia ser minha neta, uma neta enviada para que eu pudesse entregar só as coisas boas que a vida havia me dado. De todas as pessoas que conheci ao chegar aqui, só ela me fazia sentir que me restava um pouco de vida pela frente, que haveria vida depois de Fredrik e Karin. O caminho estava quase escuro e nem a casinha estava com a luz da varanda acesa. Uma garota em seu estado... esperava que nada de mal pudesse ter lhe acontecido. Pela nossa conversa anterior, deduzi que não tinha amigos por aqui. Porém, sabemos como são os jovens; eles logo fazem amigos. Enquanto pensava coisas do gênero, fiquei meio abobado ao lado do portão sem me mexer, esperando que talvez, de repente, todas as luzes se acendessem. Subitamente, ouvi alguém atrás de mim; acho que também senti uma mão em meu braço, e estremeci, mas fiz um esforço para não deixar transparecer.

– É o senhor? – perguntou Sandra.

Sandra, Sandra. Chegou. Estava ali.

– Alegro-me em vê-la – disse tentando disfarçar a alegria.

Mais que Sandra, via as sombras de Sandra. O cabelo, os braços, as sombras de uns bicos caindo sobre a sombra da calça.

– Desculpe vir a esta hora, mas só consegui falar com minha mulher há pouco. Espero não tê-la assustado.

Sandra riu.

– Não sou medrosa. Já me vi em algumas situações piores que esta.

Riu de novo, mas não parecia uma garota que expressasse sua alegria com risadas. Acho que riu por mim, para que não ficasse constrangido.

– Entre, não fique aí – disse enquanto abria o portão.

Depois, abriu a porta da casa. Esperei dando uma volta pelo jardimzinho, aspirando seu cheiro, e, de repente, acendeu-se a luz da varanda, e as plantas ficaram visíveis. Sandra saiu e se deitou em uma espreguiçadeira.

– Ia lhe oferecer uma cerveja, mas não tenho. Não tive tempo de ir ao supermercado.

– Não se preocupe, prefiro não beber álcool.

– Eu também não, desde que fiquei grávida não bebo nem fumo. E não está nada fácil, estou com vontade de voltar a fumar. Agora mesmo, fumaria um cigarro com prazer.

Era uma garota confiante, acreditava em seu direito de estar no mundo sem que nada de mau lhe acontecesse, sem que a agredissem ou se aproveitassem dela. Com certeza não lhe ocorria que as coisas pudessem ser de outro jeito. Sentei-me na lateral da outra espreguiçadeira, sem me deitar.

– Bem... vim por conta do aluguel da casa. Poderíamos esperar até o verão que vem, se sua irmã concordar.

– Vou falar com ela, mas não já. Agora não quero me estressar. Não suportaria que ela me perguntasse se já pensei no que vou fazer da vida.

– Não se apresse. Aliás, seus amigos, os idosos estrangeiros, apareceram?

Sandra se levantou.

– Ah, sim. Estou vindo da casa deles. Fred foi viajar, e ela precisa de alguém para lhe dar uma mão, e como não tenho nada para fazer. O senhor gostaria daquela casa. Que jardim! Piscina, churrasqueira, gazebo, árvores frutíferas... Três andares, porão, jardim de inverno.

– Muito grande para nós. Muito gasto com a manutenção. Devem ter muitos empregados.

– Que nada. Um jardineiro e uma empregada que trabalha por hora.

– E eles têm amigos? Esses aposentados de ouro só se relacionam com pessoas como eles.

– Sim, acho que sim, mas também alguns jovens os visitam. Pelo menos dois espanhóis aparecem de vez em quando e falam com Fred. Karin está me ensinando a fazer tricô. Ela é muito agradável, muito compreensiva, preocupa-se comigo.

– É curioso – disse eu – que duas pessoas tão diferentes possam se dar bem.

– Não sei por quê, somos todos mais ou menos iguais.

Como seria Sandra se tivesse sido vítima de Fredrik e Karin? Estava muito feliz por sua alma não ter tido contato com nada parecido, por ser generosa e abrir a porta de sua casa para um desconhecido como eu. Estava feliz porque a maldade não a atingiu.

– Amanhã tenho de ir ao supermercado, quer que lhe compre alguma coisa? – perguntei. – Em seu estado, não deve carregar sacolas nem peso.

– Não se preocupe, é provável que volte daqui a pouco para a Villa Sol e que amanhã passe o dia na piscina. Se me der um telefone, ligarei quando falar com minha irmã.

Dei-lhe o telefone do hotel e o número da suíte. Corria o risco de que falasse de mim aos Christensen, mas, por outro lado, nossos encontros tinham muito pouca relevância para ser contados.

– Às vezes as pessoas não são o que parecem – disse numa tentativa desesperada de que lesse meu pensamento, como Raquel teria feito.

– Vai me dizer que o senhor é um depravado, ou algo parecido?

Sorri.

– Poderia ser – disse eu. – Nunca se sabe onde está o perigo até que o descobrimos.

Quando saí, Sandra acenou e entrou bocejando. Usava calça larga indiana de seda e sandálias de tiras. Ela não sabia onde estava se metendo; nem eu, e fiquei preocupado. Não contei com isso: encontrar alguém que precisasse de proteção.

Raquel teria se aborrecido. Não, teria ficado furiosa. Teria dito que minha atitude era canalha e que deixasse essa garota em paz, que não a envolvesse, que ela não tinha por que ser mais uma vítima. Mas não é tão fácil, Raquel, eles é que a levaram ao seu terreno, eu não a coloquei ali, foram eles, e ela se deixou conduzir como um cordeiro. Mas era verdade que se ela não soubesse de nada,

se fosse completamente ignorante sobre o tipo de gente com quem estava lidando, o perigo seria mínimo. Enquanto Sandra visse Fredrik e Karin fora do inferno, acharia que eram anjos, em vez de demônios. E talvez anjos não existissem, talvez não existisse o bem absoluto; mas eu podia garantir que o mal absoluto existia.



3. *O veneno da dúvida*

Sandra

Tive de levar Karin à ginástica. Dizíamos ginástica para não dizer reabilitação. A academia ficava na rua principal do centro, e era impossível estacionar. Assim, eu a deixava na porta e ia procurar lugar e dar um passeio. Depois de uma hora, voltava para pegá-la me perguntando quanto me pagariam por isso, e também pensava que Fred devia sentir certo alívio por se livrar dessas obrigações. Além da ginástica, íamos às consultas médicas e fazíamos compras no centro comercial. Ela também gostava das feirinhas, de encontrar coisas antigas, de ir ao cabeleireiro e de dar um passeio junto ao mar ou pelo Passeio Marítimo quando não dava para ir à praia. Gostava de falar sobre sua infância na granja norueguesa, sobre a beleza incomparável de sua mãe, sobre a beleza varonil de seu pai e sobre a beleza de seus irmãos e dela mesma. Sobre a beleza do salmão que costumavam comer no jantar e das luzes no meio da noite. Quando se cansava, perguntava por minha vida, porque não suportava o silêncio. Eu também caía em suas garras; durante os dias que passava em sua casa ia me acostumando a ela, e Karin não precisava fazer nada de especial para que minha prioridade fosse agradá-la.

Quem sabia o que ia inventar dessa vez. Deixei-a na porta da academia e, ao chegar à esquina, um homem me cumprimentou tirando o chapéu. Reconheci Julián, aquele que queria alugar a casa de minha irmã. Acenei, mas ele se aproximou do carro.

– Posso entrar? – disse abrindo a porta.

Perguntou-me se queria tomar uma vitamina. Havia descoberto um lugar no Farol onde faziam umas com frutas naturais. O que achava? Correria o risco de ir com ele? Eu disse que em uma hora em ponto precisava estar de volta, e, quando me ouvi falar, pareceu-me estranho, como se não fosse eu mesma, aquela que chegava atrasada em todo lugar. Nesse momento percebi que não suportaria o olhar de Karin me recriminando se a fizesse esperar.

Seguimos, sem suspeitar que a partir desse momento a Villa Sol não tornaria a ser a mesma; como se as cortinas do teatro se abrissem e por fim houvesse uma história. Não compreendi imediatamente; de início, não quis compreender, fiquei assustada. Julián falava sério, com o semblante franzido e o olhar triste.

Tirou um recorte de jornal do bolso, pensei que talvez fosse o anúncio de alguma outra casa à venda.

– E sua mulher? Nunca a vejo – perguntei com a sensação de que havia alguma coisa tensa ou

desagradável no ambiente.

– Minha mulher faleceu, nunca esteve aqui.

Nesse momento, pensei que assim que descêssemos do carro, me livraria dele com um pontapé no saco. Pensei que com um único empurrão forte poderia derrubá-lo, e que demoraria tanto para se levantar que, enquanto isso, eu poderia correr quilômetros.

– Lamento ter mentido – disse ele –, mas é melhor assim.

– Não entendi – disse eu sentindo seu olhar. Eu não desviava os olhos da estrada.

– Nunca teria metido você nisso, eu juro. A questão é que quando a conheci você já estava envolvida.

Envolvida? Em que eu poderia estar envolvida se passava a vida entre plantas do jardim e idosos?

– Acho que é meu dever lhe dizer qual é a sua situação real.

Não gostava que tentassem me manipular nem que brincassem comigo, por isso levantei a voz mais que o devido.

– Eu sei qual é minha situação!

– Não, não sabe – disse ele enquanto eu estacionava.

Com a folha de jornal na mão, ele me conduziu a um banco de pedra de onde se via o mar.

– Como Fredrik e Karin se comportam com você?

– Fred e Karin?

– O casal de idosos noruegueses.

Eu não fazia ideia do que ele queria dizer quando respondi que bem, que eram carinhosos, que sabiam respeitar meu espaço e eu, o deles. O negócio do espaço o fez sorrir vagamente. Não gostei que risse de algo que eu dizia, deixou-me de mau humor.

– Não queria ter de lhe mostrar isto – disse apresentando-me a folha de jornal.

Na folha havia a foto de um casal. Na hora só vi isso, porque só pensava no sorriso irônico dele e nada mais me importava.

– Olhe bem, por favor. Não os reconhece?

– Não sei o que tem de engraçado dizer que eles respeitam meu espaço.

– É que é uma frase feita, não combina com você.

Peguei a folha e observei a foto. Eram... eram Fred e Karin. Concentrei-me para observar melhor.

– Sim, são eles – disse Julián. – Nazistas, criminosos perigosos. Fredrik Christensen eliminou centenas de judeus. Entende o que digo?

Fiquei perplexa. Não sabia o que pensar.

– Tem certeza?

– Eu vim atrás dele. Não quero que vá para o outro mundo sem reconhecer sua culpa, sem pagar de algum jeito. Talvez seja o único ainda vivo a esta altura.

– Por que está dizendo isso a mim? Por que não diz à polícia?

– Quando cheguei aqui, pensei justamente isso, em expô-los, infernizar sua vida, mas essa seria uma vingança pobre. Agora, acho que eles podem me levar a mais gente. Você entra e sai da casa deles, não têm receio de você. Se não estivesse grávida, se não pudesse ser minha neta e se não me sentisse um canalha sugerindo isso, eu lhe pediria que me contasse o que vê lá.

– Não vi nada de especial e, além do mais... são meus amigos.

– Seus amigos? Já lhe disse que não quero que corra nenhum perigo, mas tire isso da cabeça, eles não são amigos de ninguém, são vampiros que se alimentam do sangue dos outros, e adoram seu sangue, dá vida a eles. Tenha cuidado.

Não tomamos a vitamina. Julián sabia muito bem em que lugar falar comigo para que ninguém nos visse. Parecíamos o típico casal de uma garota com um velho meio escondidos entre as árvores. Eu já tinha o telefone do hotel Costa Azul, onde estava hospedado, caso quisesse entrar em contato com ele, mas ele disse que de jeito nenhum fosse lá, porque estava sendo vigiado e era perigoso. O mais sensato seria que eu desaparecesse da vida dos Christensen e da sua própria e que voltasse a minha vida de sempre. Pediu-me por favor para que não caísse na tentação de contar alguma coisa aos meus amigos nazistas, que aguentasse a vontade de contar, porque depois agradeceria.

– Tome – disse passando-me a página do jornal –, observe com atenção.

Dobrei-a e guardei-a no bolso.

Que sabia eu de Julián? Absolutamente nada. Apareceu certo dia em minha casa e agora me dizia essas coisas tão estranhas. Eu podia acreditar porque os nazistas existiram e todo o mundo sabia que havia neonazistas, de suástica e tudo; mas... Fred e Karin? Eu os conhecia, Karin colocava uma almofada nas minhas costas quando me sentava em minha poltrona favorita. Era alta e tinha descanso para os pés. Deixavam para mim a poltrona ao lado da lareira – que ainda não acendiam, mas quando acendessem seria muito agradável. Fred não falava muito. Quando estava em casa, limitava-se a sair e comprar doces para nós, servir o chá. Karin é que levava o peso do grupo. Karin estava me ensinando a tricotar, e às vezes Fred recebia alguma visita e passava um bom tempo conversando. E o que isso tinha de particular?

Julián havia me inoculado o veneno da dúvida. Acabara de me contar coisas terríveis sobre meus amigos. Contou que a enfermeira Karin era uma criminosa sem escrúpulos, que ajudou a matar centenas de pessoas para prosperar ao lado de seu marido, condecorado pelo próprio Führer. “Sabe quantos é preciso matar para ser digno de uma cruz de ouro?” Obrigou-me a duvidar de Fred e Karin e dele mesmo. Não era mais o velho bondoso de chapéu branco que sempre falava de sua mulher; já não sabia quem era. Quem sabe se essa esposa existiu? Talvez nem sequer se interessasse em alugar a casa. Não gostei do jogo que fez comigo. Pelo menos os noruegueses não mentiram para mim. Talvez não tivessem me dito a verdade; na realidade, não haviam me contado sua vida, coisa que, em se tratando de gente de oitenta e tantos, não era normal. Mas, até então, os dados que tinha sobre eles

eram os que havia visto e ouvido, e tirado minhas próprias conclusões.

Decidi não discutir com ele. O mais sensato seria não perguntar e não querer saber mais. Melhor seria não deixar esse homem estranho ali jogado e levá-lo até a cidade e buscar Karin.

E se fosse verdade? Mesmo que depois decidisse abandoná-los, tinha de voltar mais uma vez. Pareceria muito estranho se não voltasse e deixasse lá a pouca roupa que havia levado e os comprimidos de cálcio, os cremes para estrias e todo o resto. Eles se preocupariam e desceriam para me procurar. Haveria muitas perguntas e a situação iria de mal a pior. Eu não ficaria satisfeita, nem conseguiria dormir bem nessa noite. E também, para ser sincera, tinha de reconhecer que estava curiosa. Se saísse daquilo, como propunha Julián, se não voltasse à Villa Sol e desaparecesse, eu me arrependeria, porque ficaria sem saber. A vida ou o destino havia me levado até essa estrada cheia de curvas, e era menos complicado seguir em frente que dar meia-volta e retroceder.

Como temia, ao chegar à academia Karin estava me esperando emburrada. Desculpei-me dizendo que havia ficado sem gasolina e, quando chegamos à Villa Sol, fui para o quarto e guardei o recorte de jornal no fundo da mochila embaixo da minha roupa.

Julián

Não fui muito habilidoso com Sandra, assustei-a, mas em algum momento tinha de abrir seus olhos. Já havia andado muito de cima a baixo, não podia ficar esperando até que um dos jovens animais de Fredrik me acertasse em uma esquina qualquer, e então ela não saberia em que mãos estava. Não havia tempo a perder. Por um lado, Sandra correria menos perigo não sabendo, mas, por outro, também não saberia que tinha de se defender. Ainda estava em tempo de sair correndo e deixar isso para trás e recordar tudo como uma das coisas mais estranhas acontecidas na vida. Talvez lhe servisse para julgar, em sua justa medida, o que deixara para trás a fim de ir até lá.

Minha escolha, ao contrário, estava feita. Iria até o fim, provavelmente o meu fim, mas não iam se livrar de mim facilmente. Mas me preocupava muito a quantidade de dinheiro que estava gastando e que tinha guardada, mais que para minha própria velhice, para a de minha filha. Minha mulher também não veria isso com bons olhos. Só tivemos uma filha, e Raquel dizia que já que não a poderíamos poupar dos desgostos e dissabores próprios da vida, que pelo menos não tivesse muitos problemas de dinheiro. E eu o estava gastando em uma necessidade ou em um capricho, dependendo do ponto de vista.

Para trocar o carro alugado, tive de fazer um desembolso extra. Assim que me entregaram o novo, tornei a seguir Fredrik com certa tranquilidade, pelo menos até que me descobrisse de novo.

Segui-o confortavelmente até o estacionamento do Nordic Club, cheio de carros reluzentes de alto padrão. Era a segunda vez que ia lá. Deixei o meu em um lugar discreto e quando vi que Fredrik já havia entrado, fui atrás. Tirei o paletó e enrolei o binóculo nele, mas deixei o chapéu, que me dava um conveniente ar de estrangeiro. Contava com que o porteiro me interceptasse e, antes de ele abrir a boca, disse que estava com Fredrik.

– Estava estacionando o carro – disse tentando me explicar.

Tomou-me por seu chofer ou por um amigo; a questão é que me permitiu entrar com toda a naturalidade. De repente vi a cabeça de Fredrik e tentei alcançá-lo, mas suas longas pernas, que se moviam como se tivesse a sola dos pés em brasas, levantando os ombros a cada passo, levaram-no para longe. Entrei em diversos salões, e foi em um deles que o vi falando com um indivíduo que devia ter sido muito forte, mas que agora era gordo. Tinha olhos claros e uma boa papada, além de uma cicatriz no rosto. Poderia perfeitamente ser Otto Wagner, fundador da organização Odessa, além de engenheiro, escritor e outras coisas, um sujeito inquieto e aparentemente de boa saúde, que com certeza não se contentava só em jogar golfe. Apoiei-me na parede para me acalmar. Estava emocionado e triste, e em meu estado, a emoção era menos recomendável que a tristeza. E em cinco minutos, graças a algumas respirações profundas, consegui ficar só com a tristeza. Doía que esses

monstros desfrutassem a vida como jamais Salva a desfrutara; nem eu, nem Raquel, por mais que tentasse, nem mesmo minha filha. Pesavam-me seu vigor e sua vontade de viver e usufruir.

Vi-os entrar em um carrinho e se afastar pelo gramado. O Nordic Club era uma maravilha: varandas com belas e refrescantes poltronas de vime, quadras de tênis, *paddle*, piscinas coberta e aberta, restaurante, *pub*, salão de bilhar, biblioteca e tudo que não conseguia ver, e, ao fundo, as suaves ondulações verdes do campo de golfe. Perguntei-me quanta água seria necessária para regar tudo aquilo. Mas que importava? O que importava era que o gigantão Fredrik e seus amiguinhos fizessem um pouco de exercício.

Em que buraco estavam? Eu via esse esporte como algo muito distante. Apoiei-me em uma árvore, o mais afastado possível do campo de visão dos terraços do clube, e pendurei o binóculo no pescoço. Fiz uma varredura pela região intermediária e encontrei um grupo de octogenários, dentre os quais Fredrik e Otto conversavam apoiados nos tacos. Também havia alguns jovens. Pareciam homens de setenta anos, era incrível. Talvez o fato de se sentirem superiores aos outros lhes desse tanta energia. Abaixei o binóculo pensando nisso quando notei certo alvoroço. Levei de novo o binóculo aos olhos e vi que um deles, que não era Otto nem Fredrik, estava deitado no gramado. Um dos jovens falava ao celular e em poucos minutos um carrinho chegou trazendo um homem com uma maleta; outros o seguiam correndo. Enrolei o binóculo no paletó, embora ninguém reparasse em mim. “É, no fim das contas, temos a idade que temos”, pensei. Ouvi uma sirene de ambulância. “Esse teve um infarto”, pensei.

Os salões do Nordic Club agitaram-se com a notícia. Finalmente uma novidade nos soporíferos dias de golfe. Pelos comentários, parecia que havia morrido. A notícia correu como rastilho de pólvora, e do carro vi o corpo de quem quer que fosse sendo colocado na ambulância, não completamente coberto e com máscara de oxigênio, para não alarmar os sócios do clube. Mas, no fundo, para os sócios do clube, teria sido decepcionante se depois de tudo não tivesse acontecido nada. Teriam comentário para vários dias. Mas eu sabia; quem já viu tantos mortos, reconhece-os de cara.

Saíram todos o mais depressa que puderam. A sola dos pés de Fredrik pareciam queimar mais que nunca; pulava, mais que corria, para um Mercedes desses que saem nos encartes dos jornais.

Segui à distância o suposto Otto pelas endemoniadas curvas que subiam para Tosalet. Ele fazia o mesmo trajeto que seu amigo Fredrik, mas não ficou na Villa Sol; a uns trezentos metros, entrou em uma mansão de número 50. Fredrik havia me levado até Otto, e Otto me levaria a alguém mais. Estavam todos ligados por um pacto de sangue.

Sandra

Fred me pagou mais do que eu esperava por fazer companhia a Karin, levá-la à academia e fazer cem mil tarefas. Talvez compreendesse que eu me sentia bastante amarrada porque Karin gostava muito de sair de casa e ir comigo fazer qualquer coisa; além disso, sua lentidão para entrar e sair do carro e para andar me tirava do sério. Mas eu nunca chegava ao limite, porque Karin era imensamente observadora e quando percebia que eu estava me aborrecendo, me dava um tempo, deixava-me à vontade e eu podia ir no fim de semana para a casa de baixo para poder respirar. Não era ruim, pois ao economizar quase tudo que ganhava, estava comprando minha futura liberdade.

Do que Fred me deu, separei um pouco para uns novelos de lã e agulhas novas para começar o segundo casaquinho. Guardaria o primeiro como recordação, porque servira para errar até aprender, mas o que meu filho usaria seria esse outro, com o qual eu teria todo o cuidado do mundo. Claro que ao chegar à cava teria de consultar Karin. O resto eu faria sozinha.

Então, depois de almoçar, enquanto Fred e Karin se vestiam para ir ao enterro de um amigo, na hora em que em outros dias Karin fazia a sesta no sofá coberta com uma manta e com a televisão ligada, porque para Karin a televisão era um narcótico, tirei a linha e as agulhas de uma sacola de veludo vermelho que Karin me deu para guardá-los e comecei a trabalhar com as agulhas, lentamente, até que mais ou menos quinze minutos depois os pensamentos começaram a sair da minha cabeça como as formigas de um formigueiro. Passavam um atrás do outro, apareciam e desapareciam, menos o assunto do uniforme e o recorte de jornal que Julián havia me dado. Segundo Julián, eles eram nazistas, o que justificava o uniforme de oficial das SS que eu vi Fred usar naquela noite ao voltar da festa na casa de Otto e Alice. O enorme uniforme era alugado ou dele mesmo? Se Julián tivesse razão, estaria guardado em algum lugar. Mas, se esquecesse suas suspeitas, também poderia pensar que as pessoas têm umas fantasias bem estranhas, e, nesse caso, pode ser que não tivessem nada a ver com o que o uniforme significava. Comparado com aqueles que se excitam sexualmente fantasiando-se das mais diversas coisas, o de Fred podia ser sua maneira de se animar com Karin. Mas por que queria enganar a mim mesma? Fred, de uniforme, era um perfeito nazista. O que acontecia era que, sem uniforme, de roupa normal, eu não sabia como era um nazista. O que os delatava? Não permitiriam que alguém percebesse. Eu não notava nada especial.

E o que eu tinha com isso? Bom, tinha alguma coisa, pelo menos tinha curiosidade, não sei. O caso é que deixei as agulhas na sacola de veludo e fui me aventurar pela casa. Até aquele momento, nunca tinha sentido uma tentação séria de bisbilhotar. De alguma maneira estava voltando à infância, quando era tão prazeroso abrir gavetas e fuçar no que havia dentro sem que ninguém soubesse o que eu estava fazendo. Mas, nesse momento, o prazer se misturava com a cautela.

A casa tinha dois andares, um porão, um jardim de inverno, um quartinho de bagunça, uma garagem e, no alto, um sótão sem escada e nenhum tipo de acesso. Normal, porque para os dois a casa tinha espaço de sobra. Distribuídos pelos quartos havia baús e arcas antigos muito bonitos onde no verão guardavam os volumosos edredons e os tapetes, além de armários. Quando eu fosse velha e não pudesse andar o dia todo por aí, também ia querer ter uma casa muito grande, como essa, para ir de um cômodo ao outro sem problemas. Karin tinha de subir com dificuldade para o andar superior, segurando firmemente na artística balaustrada de mogno. Com certeza, quando se instalaram ali não podia imaginar que acabaria assim. E talvez o pior ainda estivesse por vir. De modo que ela procurava ficar no andar de baixo até a hora de dormir, e cada vez mais coisas que deviam estar em cima ficavam embaixo, para não terem de ir buscá-las ou mandar que eu as buscasse. Disse que para que não houvesse tanta coisa no caminho, sapatos, vestidos, casacos, paletó, eu os guardaria em um baú na salinha-escritório, mas ela me disse que nem pensar, porque na salinha-escritório só Fred podia entrar. Fred era muito zeloso com a ordem que dava a seus papéis e livros, e ficava fora de si quando alguém mexia em suas coisas. Por esse motivo a porta ficava trancada, para que ninguém entrasse por descuido e lhe causasse aborrecimento. Porém, quando seus conhecidos, Martín, a Enguia ou Otto, tinham de esperar por ele, podiam ficar ali sozinhos, coisa que, pensando bem, não era da minha conta e me calei. Era evidente que essa porta estava fechada só para mim.

Subi para os quartos fazendo o mínimo barulho possível, embora não houvesse ninguém além de mim. Só se ouvia o tique-taque de um relógio antigo de porcelana, que devia ser muito valioso; normalmente também seria possível ouvir os roncos de Karin. Ela costumava dormir 45 minutos roncando a plenos pulmões. As portas não eram lubrificadas havia mil anos e todas rangiam. Segundo Karin, funcionavam como alarmes contra a presença de qualquer intruso. As portas do armário também rangiam. Abri-as e fiquei maravilhada com os lindos vestidos de noite de Karin. Não era só o branco que ela usara na festa de Otto e Alice. Eram pelo menos cem, guardados em sacos de pano. Com certeza custavam um dinheirão. Levantando os sacos, pude ver apenas parte de alguns. Embutido no armário havia um cofre em que com certeza deviam guardar as joias, porque com esses vestidos teria de usar joias igualmente valiosas. A seguir, abri a parte do armário pertencente a Fred. A ordem era ainda maior que na parte de Karin. Os sacos de proteção eram transparentes, e dentro não havia nenhum uniforme. Fiquei um instante abobada com a perfeita colocação das gravatas, dos lenços, das meias. Fechei o armário e olhei no baú de laca que ficava aos pés da cama, e, como imaginava, havia um edredom. Saí e fechei tudo com a sensação de que minhas pegadas estavam por todos os lados, uma consideração absurda criada por um medo infundado.

Também entrei no quarto de hóspedes e olhei nas gavetas da cômoda e no armário. E nos três dormitórios restantes. No fundo do corredor havia uma porta também trancada. O uniforme de nazista poderia estar guardado em muitos outros lugares, mas também podiaser que fosse alugado e já o

houvessem devolvido. Não reparei no tempo que fiquei indo de um lado para o outro, abrindo e fechando armários, até que ouvi a porta da rua e os passos de Fred subindo a escada.

Perguntei pelo enterro; e ele, se algo novo aconteceu na casa durante sua ausência. Eu disse que não, e notei que estava com vontade de saber o que eu estava fazendo ali em cima, então disse que havia me deitado para descansar, que estava meio mole e que ia dar uma volta de moto para despertar.

Desci até a cidade e fui ao hotel de Julián. Lembrava que ele havia dito algo sobre não ir lá, mas eu nunca levava a sério essas coisas, achava-as exageradas, de modo que estacionei, escrevi um bilhete dizendo que o esperava no dia seguinte às quatro no Farol, fui para o vestibulo, fingi que olhava um jornal, fui rapidamente para os elevadores, cheguei ao seu quarto e coloquei o bilhete debaixo da porta. Saí como havia entrado, tentando não ser vista, mas não sabia se havia conseguido.

Julían

No dia seguinte ao episódio do Nordic Club, tivemos um enterro. Foi nada mais, nada menos, que o de Anton Wolf, comandante de um batalhão das Waffen SS, célebre por ter participado do massacre de quatrocentos civis de uma cidadezinha italiana, a maioria mulheres e crianças. Com certeza Salva o havia localizado, mas eu não fora capaz de vê-lo, de novo um deles me escapava debaixo do meu nariz, mesmo que para o outro mundo. Esteve na mira de meu binóculo e eu não o reconheci, como se, no fundo, estivesse esquecendo mais do que acreditava. Estava tão concentrado no que faziam Fredrik e Otto que Anton Wolf me passou despercebido. Conseguiu escapar. Foi enterrado em frente ao mar.

Apesar do horror que criou em vida, seu enterro esteve cercado de beleza. Ainda bem que ele não podia desfrutá-la. Sua mulher, Elfe, choramingava entre Karin e Alice, estas com cara de quem queria que aquilo acabasse logo. “Sim, Elfe, vocês também morrem, de nada serviu tanta crueldade, afinal a vida passou como um suspiro. Já nem sequer se lembra direito das atrocidades que cometeram. Lembra que tínhamos de cavar nossas próprias covas? Você não sabia de nada? Sim, sabia, e não se arrepende porque achava que tinham o direito. Você também vai morrer, Elfe, nada nem ninguém poderá evitar.”

Pensei isso com todas as minhas forças para que meu pensamento atravessasse todos os neurônios que tivesse de atravessar até que ela compreendesse. E então, atraída por minha força do pensamento, ela olhou na minha direção, mas não pôde me ver porque eu estava escondido atrás da lápide de um menino de oito anos que tinha um impressionante anjo entalhado em mármore. Começou a chorar mais e mais forte, o que não foi do agrado de seus irmãos arianos, principalmente quando se juntou ao grupo um velho de grande estatura, muito parecido com Fredrik, mas mais gordo, que andava um pouco inclinado para a frente, como se o motor de seu corpo estivesse na cabeça. Eu poderia jurar que era Aribert Heim, *o Açougueiro de Mauthausen*, o mesmo que acompanhava Fredrik no supermercado no dia em que o assustei, mas naquele momento não me ocorreu pensar que aquele homem meio sujo, tão gordo, tosco e descuidado, fosse o magro e engomadinho Heim de outrora. Dava a impressão de que no canto da boca tinha o famoso “w”. Que pena, Salva, que não possa dividir este momento comigo, que não possamos pensar juntos no que fazer com eles. Todos cumprimentaram o Doutor Morte com respeito, o tipo de respeito que também encerra um pouco de nojo. Elfe foi levada dali por dois amigos, e os outros voltaram a seus carrões.

Eu não tinha mais nada para fazer ali, de modo que peguei o melhor buquê de flores do túmulo de Wolf, coloquei-o no do menino de oito anos e saí. Ficava atrás do anjo de grandes asas e à frente do arco do cemitério que formava um mar cinza. E na rua de cima Heim caminhava pesadamente rumo à

cidade. Isso eu não esperava. Cravei as unhas na mão para que meu coração não batesse além do conveniente. Estava seguindo um provável Heim. E por que não? O que se sabia de seu paradeiro? Não era certo se estava morto ou vivo. Supunha-se que morava no Chile, protegido por Waltraut, a filha que teve com uma amante austríaca, ou pela filha dela, sua neta Natasha Diharce, em Viña del Mar. Mas nem essa filha nem os outros dois que moravam na Alemanha haviam reclamado o seguro de vida de um milhão de dólares depositado em um banco alemão, a melhor prova de que ainda estava vivo e rindo de todos nós. Também se dizia que poderia ter morrido no Cairo além de se ter indícios de que se escondia em Alicante.

Diante de mim, de calça *jeans*, capa de chuva e boné de marinheiro muito usado, o Açougueiro de Mauthausen andava arrogantemente, como se quisesse se ancorar na vida o máximo que pudesse. Naquele lugar que cheirava à carne queimada e onde seres como Heim eram os senhores da vida e da morte, deixei de acreditar em Deus, ou deixei de gostar dele. Se o Deus dos campos verdes, dos rios como o Danúbio, das estrelas e das pessoas que nos encham de felicidade também era o Deus de Heim, das câmaras de gás e dos que sentem prazer fazendo os outros sofrer, esse Deus não me interessava, chamasse como se chamasse nas milhares de religiões do mundo. Um Deus de cuja energia saía o bem e o mal ao mesmo tempo não me inspirava confiança, de modo que comecei a viver sem ele esta vida que eu não pedi. E nem nos piores momentos o invoquei em meus pensamentos, e aconselharia que todo o mundo passasse o mais despercebido possível diante dele.

Ele andava tão depressa que parecia que ia cair de bruços. Dirigia-se ao porto, e eu precisava ter seu rosto a poucos centímetros do meu, vê-lo de frente, poder examiná-lo alguns minutos sem chamar a atenção e sem que ele suspeitasse. Não podia deixá-lo ir embora sem comprovar que era ele. De modo que me sentei no chão com dificuldade e gritei:

– Por favor, pode me ajudar?

Heim se voltou e hesitou um segundo, mas, por fim, estendeu-me a mão. Era incrível, aquele verdugo estendia a mão para me ajudar a levantar. Não fazia isso porque queria, mas porque era o que se esperava dele no ambiente em que agora vivia, do mesmo modo que naquele outro ambiente amputava braços e pernas dos prisioneiros sem anestesia e sem necessidade, e se entregava a todo tipo de experimentos macabros. Estava me ajudando a levantar, a mim, um residente daquela agradável colônia de férias chamada Mauthausen. Foi difícil levantar, e nisso eu não estava fingindo; ele teve de se agachar um pouco mais, e o vi. Vi-o bem, a cicatriz no canto da boca, os olhos claros e seu olhar para dentro formavam um mundo feito a sua imagem e semelhança.

Agradei, e ele não disse nada, seguiu seu caminho. Começou a ventar. O mar começou a rugir. Segurou o boné com a mão e pôs o capuz. Eu poderia ir atrás dele com toda a tranquilidade, porque a não ser que se voltasse completamente, não poderia me ver. Entrou em um barco de madeira muito bonito com o nome *Estrella* pintado em grandes letras verdes. Com certeza era o nome que tinha quando o comprou, e não trocou. Nova vida, novos nomes, novos costumes, mas a mesma alma.

“Heim, você nunca vai mudar”, disse a ele em pensamento.

Que descoberta! Talvez devesse ligar para algum antigo amigo da Memória e Ação e lhe contar tudo; mas temia que, quando reagissem, fosse tarde demais, e, principalmente, que pusessem tudo a perder pela simples razão de que não se pode pôr alguém a par, em um instante, de uma infinidade de pequenos detalhes necessários para se manter na organização desse grupo. Porque se tratava de um grupo organizado.

Também não sabia se devia comentar isso com Sandra. Cedo ou tarde ela acabaria vendo esse velho inofensivo em alguma reunião do grupo e não seria recomendável que ele lesse em seus olhos que o havia reconhecido. Por sua própria segurança, seria melhor mantê-la na ignorância.

Sandra

Fred e Karin acreditavam que qualquer nativo nascia sabendo fazer uma *paella*. Tive de suplicar que não me obrigassem a cozinhar porque não fazia nem ideia. Tive de lhe dizer que preferia comida norueguesa à espanhola e que qualquer coisa que eles fizessem eu comeria, de modo que me livrei dessa tarefa, e, no máximo, limitava-me a colocar os pratos na lava-louças, momento em que Karin se deitava no sofá para ver a novela até adormecer e Fred ia para a salinha-escritório. Eu aproveitava para encontrar Julián.

Cheguei às cinco para as quatro ao Farol, lugar que estávamos fixando como local de encontro. Estávamos nos acostumando a sentar no mesmo banco, entre pedras rochosas e palmeiras-anãs selvagens que cresciam espontaneamente e que era proibido arrancar. O mar em frente nos servia para ficarmos calados de vez em quando.

Julián já estava lá. Sempre usava o mesmo paletó azul-claro porque, com certeza, quando decidiu vir, não imaginava que ficaria tanto tempo. Colocou depois um lenço no pescoço, que juntamente com o chapéu-panamá lhe dava um ar de ator de filme italiano, mas em breve teria de comprar algo mais quente. Perguntou-me como estava. Então, não pude aguentar e lhe contei da noite em que havia visto Fred de uniforme nazista e que andara procurando-o pelos armários da casa, mas que não o havia encontrado e que não sabia se podia ser uma fantasia.

– Posso lhe garantir que não. Se pudessem, usariam o uniforme o dia todo. E também cercariam um pedaço de terreno, o mais pedregoso e onde a terra estivesse mais seca, e colocariam todos nós ali, e nos maltratariam para usar nossos ossos, dentes, pele e cabelo e para se impor como seres superiores.

E quem era Julián? Seria esse seu verdadeiro nome? Por que devia confiar mais nele que em Karin e Fred? E se fosse meio maluco? Mas também era verdade que eu não havia comentado nada sobre o uniforme com nenhum dos dois. Eu não tinha nenhuma prova de que fosse verdadeiro, e, mesmo assim, evitara mencioná-lo. O instinto me dizia que não devia incomodá-los e obrigá-los a me dar uma explicação.

– Eles não se sentem culpados – disse Julián. – Jamais conheci um que mostrasse qualquer arrependimento. Achem que são vítimas de um mundo que mudou e que não os compreende. De alguma maneira – acrescentou cabisbaixo –, sua falta de sentimento de culpa pôs muitos deles a salvo, inclusive Fredrik e Karin. Livraram-se, conseguiram sobreviver muito bem. Com certeza, na intimidade continuam alimentando suas fantasias de superioridade.

Ficou olhando para ver minha reação, mas não tive nenhuma, não vi neles qualquer indício de que se fossem nazistas; só suspeitas.

– E se você tiver razão, o que quer que eu faça? Já lhe contei o pouco que sei.

– Nada. Não quero que faça nada. Quero avisá-la para que se afaste a tempo. Se você se envolver mais com eles, vai se dar mal. Eles sempre ganham... até agora. Não vou ter compaixão.

Não ia ter compaixão? O que esse velho magro pretendia fazer disfarçado de italiano? E o que eu estava fazendo escutando-o? Como é possível verificar se alguém está com demência senil?

– E se eu resolvesse fazer alguma coisa, o que deveria fazer?

Ficou contemplando o mar, mais baixo que nós e que se espremia no horizonte em um profundo azul.

– A cruz de ouro. Se encontrasse a cruz de ouro, acabariam nossas dúvidas. Ou melhor, suas dúvidas, porque quando vim para cá eu já sabia quem era ele.

– Preciso pensar – disse.

Resistia em acreditar que Fred e Karin fossem nazistas. Os nazistas eram seres incompreensíveis. A última coisa que teria me passado pela cabeça nesta vida é que fosse conhecer um. Eu os vira em filmes e documentários e sempre me pareceram irrealis. Os uniformes, as botas, as bandeiras, as multidões com os braços erguidos, a raça e tão distorcida maldade. Era impressionante que as pessoas – pessoas com cérebro – os tivessem levado a sério e deixado fazer tudo que fizeram.

– Digo uma vez mais, você não deveria. Não se deixe intimidar por eles e não se deixe explorar por mim. Você não devia estar nessa história. Devia estar com um rapaz que a ame, com alguém que a faça feliz. Não desperdice sua vida.

– Não sei como não se desperdiça a vida.

– Sendo feliz, ficando contente, aproveitando a vida. Apaixone-se.

– Gostaria muito, mas não é tão fácil.

– E o pai de seu filho?

– Santi? Às vezes sinto falta dele, mas não tanto quanto se estivesse apaixonada.

– Sabe uma coisa? A paixão passa.

No resto do tempo, ficamos falando de meus sentimentos. Notava-se que ele havia amado muito sua Raquel, de modo que ela devia ter existido de verdade. Perguntei-lhe como soube que a amava, o que havia sentido para saber. A pergunta o deixou desconcertado, e ficou pensativo um tempo.

– É que às vezes ela me fazia flutuar – disse.

Disse que, se precisasse falar com ele, fosse dali a dois dias a esse mesmo lugar às quatro da tarde.

Julían

Então Otto morava no número 50 com uma mulher chamada Alice, que tinha jeito de guarda de campo de concentração. Eu conhecia esse olhar gelado, era muito parecido ao de Ilse Coch, famosa para todos nós por suas coleções de pele humana tatuada. Ela me repugnava quase mais que Otto, mas não mais que Karin e Fredrik. E quem ganhava o prêmio de repugnância era Heim, o homem de cérebro mais podre que já pôs os pés neste planeta, e que agora ocupava cinquenta por cento de minha atenção. Enchi de anotações os dois cadernos que trouxe de Buenos Aires e tive de ir a uma papelaria comprar mais dois. Se me acontecesse alguma coisa ou se não conseguisse caçá-los, queria que esses dias ficassem registrados assim como o empenho do pobre Salva, do meu e também o de Sandra, porque Sandra merecia que alguém dissesse a seu filho que tipo de mãe tinha. Para falar de Sandra, usava “Ela”, caso os cadernos caíssem em mãos perigosas, e teria de pensar muito bem a quem os enviaria se as coisas não dessem certo, porque não queria que toda essa investigação desaparecesse como aconteceu com a de Salva. O problema de ser velho é que ninguém nos leva a sério. Consideram-nos ancorados no passado e incapazes de compreender o presente, e com certeza por isso jogaram fora os papéis de Salva. Também anotava o que ia gastando. Queria que minha filha compreendesse que não gastei o dinheiro em caprichos, e sim em gasolina, aluguel do carro, aluguel da suíte ao preço de um modesto quarto, agasalho, cadernos, líquido para limpar as lentes de contato, almoço no bar e umas moedas para a lavanderia, evitando os preços da lavanderia do hotel. Havia levado bastantes medicamentos, mas, caso acabassem, teria de ir ao hospital e explicar minha situação, porque eram muito caros.

A lavanderia ficava duas ruas acima do hotel, e enquanto esperava aproveitava para redigir meus informes. Ia lá quando já não me restava nem uma só meia, nem uma única cueca limpa. As camisas às vezes eu mesmo lavava usando os vidrinhos de xampu do hotel e as pendurava no boxe, bem esticadas no cabide para não precisar passá-las. Às vezes, também me sentava um pouco no terraço para escrever e me cobria com uma manta, de modo que respirava bem e não sentia frio. Fui me acostumando tanto a esse quarto, a esse terraço, a entrar no carro e vigiar os malditos nazistas que não me ocorria o que mais poderia fazer senão isso. Parecia que tudo havia sido preparado milimetricamente por Salva e Raquel em algum lugar distante de minha mente para que eu encontrasse sentido no que me restava de vida.

Acrescentei ao itinerário anterior a casa do falecido Anton Wolf. Ficava mais escondida, mais para dentro, onde casas de campo foram restauradas e modernizadas, conservando o ar rústico. Só precisei ir ao cartório de registro de propriedade para descobrir o endereço. Estava no nome de Elfe.

Não era fácil encontrá-la, tinha de pegar uma estrada de terra, e fiz isso com total descaramento, como se tivesse me perdido. Antes de entrar na propriedade, um cachorro já estava latindo. Virei o carro para deixá-lo de frente para a trilha, na porta da casa cercada por um jardim tão silvestre que parecia um campo. Virei devagar, para dar tempo a Elfe de sair. Debaixo de uma pérgula havia dois carros, um novo e outro velho.

Era uma mulher nas últimas. Seus olhos estavam pequeninos de chorar e seu cabelo, sujo e despenteado. Em outro momento da história da humanidade, teria tido pena dela. Sua dor me inspirava curiosidade; podia ser a dor de quem teve tudo e não tem mais nada. Levou água para o cachorro e depois veio até mim.

– Desculpe – disse eu –, acho que me confundi, estou procurando...

– A casa de Frida fica um pouco mais abaixo, na terceira curva à direita. No caminho há uma caixa de correspondência preta.

Estava claro que todo mundo que aparecia por ali procurava por Frida, nunca por Elfe, e ela tinha isso como certo. Agradei com a convicção de que Elfe não duraria muito. Havia baixado a guarda, falava demais. Não poderiam se arriscar a sair por aí dizendo o que sabiam. E, ora, ora, sem querer, localizei a casa da tal de Frida. Mais uma a considerar.

Da estradinha viam-se vários carros e parte da casa. Era bastante isolada, e da minha posição ficava exposto, podia ser visto, de modo que não me atrevi a usar o binóculo e segui em frente. Iria dar uma olhada em Heim e tiraria uma foto do barco.

Sandra

Nunca reparava no que fazia Frida, a empregada, que eles chamavam de funcionária. Vinha três horas por dia, e enquanto ela arrumava a casa, aproveitávamos para sair e fazer as coisas ou para ficar no jardim, principalmente quando tinha de limpar o andar de baixo. Mas quando ficávamos lá dentro, tínhamos de reconhecer que era silenciosa como um duende. Só se ouvia o barulho de uns móveis que pareciam se mexer sozinhos e de umas janelas que pareciam se abrir sozinhas. E também parecia que o próprio chão se encarregava de ficar reluzente. Um dos dias em que Karin se sentia tão bem e que decidira ir jogar golfe com Fred e Otto, vi a empregada abrir a salinha-escritório – com certeza para limpar, por conta da festa que Karin pretendia dar –, entrar e fechá-la atrás de si, o que estranhei, porque Karin havia me dito que ninguém entrava ali.

Com a maior naturalidade, abri a porta e entrei. Ela estava em cima da escada da biblioteca tirando o pó de uns livros de aspecto diferente dos romances de amor que Karin lia. O ambiente era acolhedor. Havia poltronas de couro onde as visitas deviam esperar confortavelmente. A empregada se voltou e me perguntou com sotaque alemão se estava procurando alguma coisa, e então compreendi que, sendo verdade as suspeitas de Julián, ela era uma deles, de modo que não me arrisquei, retrocedi e disse a ela que talvez saísse dali a pouco e pedi que deixasse a casa bem fechada.

Não saí. Fiz barulho com a moto e parei. Do jardim, vi-a sacudir algumas coisas pela janela da salinha-escritório e colocar no parapeito um grande tapete persa, depois de passar o aspirador. Contemplei-a sossegada enquanto abria um armário envelhecido, muito bonito e pintado de verde-maçã, que contrastava com a seriedade da biblioteca e que minha irmã teria adorado. Quase dei um grito quando tirou o uniforme nazista e o escovou com extremo cuidado e, a seguir, passou um pano em umas botas pretas que eram quase tão altas quanto eu. Eu acabava de descobrir algo importante, mais um indício a favor das teorias de Julián, e ninguém dessa casa podia perceber que eu havia descoberto, de modo que entrei na garagem e desmontei o banco da moto, preparada para fingir que o estava arrumando se Frida aparecesse por ali, coisa que felizmente não aconteceu. Nem sequer passou pela garagem. Quando chegou sua hora, fechou a casa, montou na bicicleta e foi embora sem olhar para trás.

Os Christensen não haviam chegado, era o momento ideal para bisbilhotar no porão e nos quartos de novo. Coloquei o selim no lugar, tirei o chaveiro do bolso da calça e abri a porta da frente. O cheiro era muito agradável, como se Frida tivesse espalhado lavanda por todo lado. Como era a lavanda? Não sei, mas Frida tinha uma cara muito saudável e jeito de quem leva lavanda nos bolsos, e umas panturrilhas extremamente fortes de tanto pedalar. Quando entrava na casa, trazia com ela

todas essas sensações.

Nunca pensei em Frida. Via-a chegar e às vezes ir embora e nunca durante o trabalho. Porém, sua imagem ficou fixa em minha mente. Era loira e devia ter uns quarenta anos, mas as bochechas coradas eram de quinze. Por andar tão rápido de bicicleta, o ar colava em sua pele e em sua roupa, que se transformou em seu cheiro característico.

Não vi grande coisa no porão, ou eu não sabia ver. Depois do uniforme, tinha a impressão de que por ali devia ter outras coisas guardadas. A única coisa que me chamou a atenção foi um sol com seus correspondentes raios desenhado no chão e pintado de preto.

Julían

Não encontrava um lugar suficientemente seguro no quarto para esconder os cadernos. Não confiava em Tony, o detetive do hotel, tinha a impressão de que me vigiava, e cada vez desconfiava mais de Roberto, o recepcionista. No início, levava os cadernos no paletó, mas cada vez tinha mais, e então só carregava o que estava usando. Os outros, deixava no carro embaixo do tapete, coisa que não era muito recomendável, porque qualquer um que decidisse revistar meu carro, com toda certeza os encontraria ou, senão, acabariam em algum desmanche em meio a pedaços de lata. Também ficava horrorizado de pensar que me relacionariam com Sandra e que a poria em perigo. Mas, pensando bem, o mundo é sempre perigoso, às vezes de um jeito consciente, e outras, inconsciente. O mundo era perigoso para mim de forma consciente e para Sandra de forma inconsciente.

A última coisa que anotei é que teria de voltar à casa de Elfe. Ela, diretamente, não me interessava muito, mas me interessava o que pudesse deixar escapar, o que conseguisse lhe arrancar agora que estava fora de forma e desorientada. No cemitério, não deu a impressão de ser muito amiga de Karin e Alice. Estiveram ao lado dela, mas não a tocaram nem a consolaram, mal falaram com ela. Talvez arrastassem uma inimizade ou nunca tenham se dado bem. Podia ser que Elfe não estivesse à altura da maldade de Karin e de Alice. Ou podia ser que as houvesse superado. Eu não sabia nada dela, passara despercebida para mim. Teria de pedir informações no Centro, coisa para a qual não tinha tempo nem vontade.

Aproximei-me com cuidado da bela casa da viúva Elfe. Na garagem descoberta, feita de madeira maciça, estavam os dois carros. Um devia ser o de uso diário e o outro o de ir jogar golfe ou à casa dos outros oficiais, se é que os convidavam. O cachorro pulou latindo na janela do carro. Esperei um pouco para ver se Elfe saía e buzinei, mas nada. Porém, os carros estavam ali. O cachorro foi para a porta, latiu e depois voltou. Parecia querer me dizer alguma coisa. “OK, vou sair, pensei.” Saí, e o cachorro latia, mas não mostrava os dentes. Agitava-se ao meu redor, era bastante grande, mas não queria me agredir.

Fui à porta e toquei a campainha. Olhei pela janela da cozinha. Não se via ninguém. O cachorro queria que eu fizesse alguma coisa, estava nervoso, mas eu não sabia o que fazer. Não podia forçar a porta; e se ela não estivesse dentro? “Lamento, amigo, não posso fazer nada”, disse ao cachorro. Então, o cachorro foi para a lateral da casa e olhou para mim como quem diz: venha. Apontou para o chão com o focinho, para uma floreira de cobre. Afastei-a com um enorme esforço amaldiçoando o cachorro e Elfe. Havia uma portinha para descer ao porão. Abri-a, e o cachorro saiu em disparado e quase me derrubou. Descemos ao porão e subimos para sair no vestíbulo, ao lado da escada. O cachorro subiu correndo e latiu lá de cima, mas eu, depois do esforço feito com a floreira, tive de

descansar e subir devagar. Para emergências, levava sempre no bolso da camisa um comprimido de nitroglicerina, que esperava não precisar. Não sei por que, mas sabia que ainda não era a minha hora.

Descansei mais um pouco e fui para onde indicava o cachorro. “Você podia estar fazendo filmes de ação”, disse a ele. Depois de Sandra, era o ser mais admirável que conhecera nos últimos tempos.

O quarto cheirava a álcool e vômito. Elfe estava deitada na cama, com certeza inconsciente. Fosse como fosse, eu não pretendia chamar ambulância nenhuma. Fiz o cachorro sair para que parasse de lamber toda aquela porcaria e fechei a porta. Procurei um banheiro no quarto, molhei uma toalha, envolvi sua cabeça com ela e coloquei meus dedos em sua boca. Não sabia se havia tomado comprimidos além de álcool. Quando acabou de pôr tudo para fora, obriguei-a a se levantar e, fazendo um esforço que Elfe não merecia, levei-a ao banheiro e abri o chuveiro. Ela gritou, e mandei que se calasse. A água caía em uma saia e uma blusa que fediam. Depois, envolvi-a em um roupão e a levei para outro quarto, que estava limpo. Abri a cama e disse para se deitar. Ela falava algo em alemão que parecia uma queixa, arrependimentos e exaustão. O cachorro subiu e ficou junto a ela balançando o rabo. Tinha certeza de que, se esse animal tivesse mãos como as minhas, teria feito tudo o que eu havia feito, ou ainda melhor. Desci até a cozinha fazer café.

Potes organizados, taças de vinho cujo cristal estava impregnado de um leve tom arroxeadado pelo uso excessivo. Peguei uma xícara e, felizmente, no pote havia café suficiente para fazer uma cafeteira. Fiz uma. Na cozinha respirava-se tristeza, solidão, drama.

Levei uma bandeja para o quarto. Eu não tomei café, não queria perder o sono e, principalmente, não queria tomar o café de Elfe, nem pôr meus lábios onde eles tivessem posto. O cachorro colocou a cabeça perto de minha perna e o acariciei.

– Como se chama o cachorro? – perguntei a Elfe.

– Thor, como o Deus.

– Não é para menos – disse sentado na beira da cama. – Não fosse por ele, eu não poderia ter entrado.

Coloquei uma xícara em suas mãos e a servi.

– Não trouxe açúcar, lamento.

– Tanto faz, obrigada. Jamais pensei que alguém viria me resgatar, muito menos um desconhecido.

Não perguntei se havia tentado se matar, não me interessava. Podia ser uma mistura de alcoolismo e suicídio.

– Vim lhe dar os pêsames. Eu conhecia Anton do golfe, e Thor não me deixou ir embora. Mostrou-me onde fica a portinha do porão para descer.

Recolheu o cabelo com as mãos e colocou-o atrás das orelhas. Em algum momento da vida, devia ter sido bonita, mas agora dava medo.

– Deitei molhada e encharquei a cama – disse preocupada. Certamente não se lembrava de como

havia deixado a outra cama.

– Não se preocupe, quando melhorar você dará um jeito. Agora descanse. Vou deixar a cafeteira. Thor cuidará de você.

– Não, por favor, não vá. Eles não gostam de mim, acham que sou fraca, e tenho certeza de que nunca virão me ver, de que me deixarão completamente sozinha.

– Refere-se aos amigos que jogavam golfe com Anton?

– Sim – disse afundando a cabeça no travesseiro. – Eles e suas mulheres estúpidas. Sempre me deixaram de lado.

– Tenho certeza de que você era muito mais bonita que elas quando jovens.

Endireitou-se apoiando-se nos cotovelos.

– Como disse que se chama?

– Julián.

– Bem, Julián, esta que você está vendo não sou eu. Pergunte a Anton.

Não lhe recordei que Anton estava morto, para quê? Em seu mundo, naquele momento, Anton poderia estar jogando golfe, eu ser amigo dele e o cachorro, um Deus.

Levantou-se com o roupão sobre a saia e a blusa molhadas e subiu até a sala descalça, segurando-se no corrimão. Eu a seguia e Thor chegou antes de nós. Abriu uma gaveta, tirou um álbum de fotos e pude vê-la quando jovem, vestida como nos anos 1940, de cabelo ao vento e um olhar em que se podia ler que acabaria assim. Braços erguidos, suásticas, Anton Wolf de oficial. Karin de enfermeira em outra foto. Perguntei por ela.

– Nessa época eu não conhecia Karin, mas um dia nos conhecemos e ela me deu a foto. Depois nos distanciamos.

Todos eles já maduros de maiô na praia. Alice sozinha de maiô. Eles e mais outros de uniforme. Aquele álbum era uma joia, e eu o queria.

– Por curiosidade, desde quando mora aqui, Elfe?

– Desde 1963. Em 1970, tivemos de ir embora por três anos, mas voltamos e a casa estava intacta, ninguém havia mexido em nada.

– E Karin? E Otto e Alice?

Ignorou a pergunta, queria falar de cada foto, mas eu disse, guardando de novo o álbum na gaveta, que a visitaria muito em breve e que as veríamos com mais atenção.

– Agora precisa ficar boa, tem de descansar e, se quiser, quando fizer um belo dia de sol eu a levo à praia. O sol cura tudo.

De baixo, vi-a subir a escada, cansada, e, quando a perdi de vista, abri a porta da rua. Antes de sair, voltei à sala e tirei da gaveta o álbum de fotos. Fechei a porta suavemente, mas não a do porão. O cachorro que a fechasse.

Apesar de ter manchado o paletó, fui embora contente. Eu mesmo o limparia, ou talvez gastasse

um extra e o mandasse à tinturaria.

Agora também teria de encontrar um lugar seguro para o álbum de fotos.

4. *Abre-te, Sésamo!*



Sandra

A cruz de ouro parecia ser a prova de que eu precisava para comprovar que as suspeitas de Julián não eram meras fantasias e que eu não estava ficando louca. Pensei em dois lugares onde poderia estar guardada: em alguma gaveta trancada da salinha-escritório ou no cofre do armário, com as joias de Karin, e, portanto, seria impossível encontrá-la. Eu teria de descobrir a combinação para poder abri-lo, coisa impossível naquele momento. Porém, era simples, só precisava dizer: Abre-te, Sésamo!

Naquela tarde. Na tarde do Abre-te Sésamo, fomos comprar o vestido e os sapatos para a festa de aniversário de Karin, que estávamos preparando havia vários dias em tempo integral. Todas as pequenas dificuldades, ou melhor, receios e dúvidas, pareciam se dissipar com os preparativos que nos mantinham o dia todo no jipe indo buscar mil coisas. O vinho em uma cidadezinha do interior, as carnes em outra, as tortas em um forno especial. Encomendamos o peixe e o marisco no mercado e tudo mais. O mais chato foi encontrar um vestido novo (um trapo, perto dos que ela tinha no armário) e sapatos.

Era um vestido de *chiffon* vermelho. Tinha reflexos metalizados, e com ele Karin parecia um presente em que o mais bonito era o papel. Convenci-a a não comprar sapatos vermelhos também, porque ia parecer que ia a um casamento, e sim um bege, neutro; além de tudo, não podia usar salto muito alto por causa da deformidade dos dedos ocasionada pela artrose. Karin ouvia o que eu dizia para que me envolvesse em suas coisas. Adorava que falássemos dela, nem que fosse de seus pés meio tortos, e a mim não custava nada.

– Com esse vestido, iriam bem uns brincos grandes de brilhantes, ou um colar – disse eu distraidamente, sem pensar muito bem no que dizia.

– Acho que ainda tenho brilhantes. Se bem me lembro, ainda tenho um colar de brilhantes.

O comentário me chocou de leve; não tanto quanto deveria ter me chocado, porque toda a atenção que Karin sugava de mim me deixava esgotada. No fundo de minha mente, agitava-se o comentário de alguém que se referia a seus brilhantes como quem diz “acho que ainda tenho um cacho de uvas na geladeira”, como alguém que não precisou comprá-los, nem sequer pagá-los, nem escolhê-los. Ninguém fala assim de suas joias, por mais que as tenha e por mais dinheiro que lhe sobre, o que também não era o caso de Fred e Karin, que não chegavam a ter avião particular, nem um iate, nem mansões em diversos pontos do planeta, que parecem ser as posses que mais combinam com tantos

brilhantes.

Acabamos as compras quase na hora do jantar, e ao chegar em casa e cumprimentar Fred, feliz porque sua mulher estava intensamente ocupada, pois ele via uma partida de futebol e o mundo girava lentamente para a escuridão, Karin me obrigou a subir com ela até seu quarto. Embora já o conhecesse, nunca tive tranquilidade para prestar atenção nele. Era muito grande, um pouco infantil, com muitas almofadas e bonecos antigos, que pareciam de coleção e que Frida devia ter de limpar com muito cuidado. Os armários, a cômoda, os criados-mudos e a escrivaninha eram cheios de curvas, como as gavetas, os pés dos móveis e os espelhos. Os abajures dos criados-mudos eram de cetim rosa pregueado, com pompons. A colcha e as cortinas também eram de cetim rosa, e os enfeites dos móveis, dourados. E não era preciso entender de tapetes para saber que eram verdadeiros persas. Tudo era muito, muito caro. E essa cama rosa devia ser a cama em que faziam amor naquelas noites apavorantes em que eu pensei que estavam morrendo ou algo do gênero. Ia me perguntar o que aquelas paredes e aqueles móveis tão femininos teriam ouvido, mas nem as paredes nem os móveis sentem nem padecem, e por isso duram mais que nós, suportam tudo que não sejam marteladas ou algum tipo de destruição direta, ao passo que as pessoas são afetadas pelos olhares, pelos sons. Os sons, quanto mais baixos, mais nos perturbam, principalmente se estão falando de nós.

Karin tirou as compras das sacolas e abriu tudo em cima da cama. Ajeitou o vestido e os sapatos de forma que parecia que ela estava dentro e que era rosa.

– Que bonito! – disse ela.

Sentei na ponta da cama porque não tinha nenhuma vontade de intuir o que aqueles dois teriam feito ali, porque, sendo eu um corpo vivo, poderia perceber, sim.

– Acho que acertamos – disse eu.

E então, com a maior simplicidade, abriu o armário, inclinou-se sobre o cofre e o abriu. Quando tirou uma caixa de madeira lá de dentro, eu estava olhando para o outro lado para que visse que não estava prestando atenção. Pôs a caixa em cima da cama ao lado do vestido. Colocou a mão e tirou do fundo um colar de brilhantes. Tinha também um de pérolas de várias voltas, com bracelete combinando, brincos, umas diademas, anéis. Se não soubesse que tudo aquilo era verdadeiro, teria achado que era bijuteria dessas que se vendem nas lojas de um euro. Eu reviraria tudo com a mão como se fosse um cacareco qualquer.

– Antes, quando colocava o braço na caixa, as joias chegavam até meu cotovelo – disse.

Colocou o colar sobre a cama rosa. Harmonizava maravilhosamente com o vermelho do vestido.

– Posso? – disse eu, levando a mão às pequenas cintilações que escapavam da caixa.

– À vontade, querida – disse ela com esse jeito de falar um pouco antigo que tinha –, experimente o que quiser, é tudo verdadeiro.

Peguei uns brincos de rubis e os segurei perto das orelhas, mas sem colocá-los, porque não queria colocar brincos que provavelmente haviam sido tirados de alguém, talvez com a vida. Olhei-

me em um espelho de moldura dourada e vi que ela me observava.

– Você ainda não tem idade para usar essas coisas – disse dissuadindo-me a me encantar com eles.

Deixei-os na caixa e continuei tirando peças e olhando-as na luz, enquanto observava uma caixinha que havia no fundo.

– Por que não experimenta o colar com o vestido? – disse eu. – Queria ver o conjunto.

Enquanto se despia, eu fingia que olhava joias distraidamente, e quando já estava toda vestida e se contemplava extasiada no espelho, vendo a legendária enfermeira Karin pronta para mais uma festa, com a mão direita abri a caixinha de veludo e vi lá dentro uma cruz, a que eu tinha visto nos filmes presa nos uniformes nazistas. Meu coração deu um pulo e minhas mãos começaram a tremer e a suar. Fechei bem a caixinha e, quando Karin se voltou para mim, peguei o colar de pérolas e o fiz estalar nos dedos. Apertei bem as pérolas para me acalmar.

– Belíssima, Karin, belíssima. Quer que Fred a veja?

– Não! – disse em tom infantil. – Quero que seja uma surpresa.

Fechei bem a caixa de joias e, quando Karin se trocou e foi devolvê-la ao cofre, eu disse que olhasse bem antes para ver se nenhuma tinha caído. Disse isso porque precisava que confiasse em mim e, de fato, fez o que eu disse e passou a mão várias vezes por entre as pedras, como se só com o tato já soubesse o que havia ali. Estava tudo lá, e a deixei ali fechando o cofre.

Antes de conhecer Karin, não me ocorreria pensar que a maldade sempre está fingindo que faz o bem. Karin sempre fingia que fazia o bem, e devia ter fingido quando matava ou ajudava a matar inocentes. O mal não sabe que é o mal enquanto alguém não lhe arranca a máscara do bem.

Julián

Às quatro, como havíamos combinado, eu estava no Farol. Não me sentei diretamente no banco, fiquei dando voltas, nervoso, entre as palmeiras, pensando em mil coisas.

Desde 1963, Anton Wolf vivia ali. Certamente, aqueles que formavam essa comunidade andaram indo e vindo debaixo do nariz de todo o mundo, como se fossem invisíveis. Passaram de aposentados jovens a aposentados muito, muito velhos. Uma verdadeira infâmia.

Sandra se atrasou, o que me deixou mais nervoso ainda. O que faria sem Sandra? Tinha de reconhecer que nada teria sido igual sem ela. Sandra era minha testemunha. O que ela fazia não era completamente inútil porque estava sabendo, embora não lhe contasse tudo. Sandra era o substituto que Salva havia deixado em seu lugar. E se Sandra levasse a sério a sugestão de ir embora, grande parte do edifício que estávamos erguendo desmoronaria. Era tanto o acumulado, era tanto o peso do que eu sabia que precisava de mais de duas mãos para sustentar tudo. Ainda bem que ouvi o barulho da moto, o maravilhoso som rodando sobre as pedras e depois parando. Não quis ir ao seu encontro, sentei-me como se estivesse assim o tempo todo, e notei atrás de mim que ela ia se aproximando. Sandra tinha um andar esportivo, longo e flexível, mas não masculinizado. Quando já estava perto, voltei-me e vi sua cara de estupefação – das que eu conhecia, essa era a palavra que mais combinava com a cara que vi.

– Não posso acreditar em nada do que está acontecendo – disse ela. – Parece que estou vivendo um sonho, ou melhor, um pesadelo.

Eu não queria interromper seus pensamentos, e amarrei melhor o lenço do pescoço. Era evidente que trazia novidades de algum tipo, porque olhou fixamente para mim. Desde que a conhecia, havia tão pouco tempo, seu olhar estava mudado; estava mais madura, mais dona de si, vagava menos pelo ambiente e selecionava mais.

– Vi a cruz de ouro.

– Tem certeza?

Assentiu.

– Até agora, eu duvidava de tudo. Quando a pessoa procura, pode encontrar coisas que se encaixem no que busca, mas que formam uma impressão falsa. Mas ver a cruz de ouro foi definitivo. Você mesmo disse. A cruz de ouro é a verdade. Por que eles teriam algo assim se não fosse deles?

Balancei a cabeça afirmativamente.

– Eu já sabia – disse eu –, mas você precisava de uma prova.

– E o que vamos fazer agora?

– Deixe isso com os profissionais. Você, falo sério, vá embora, já fez bastante. Depois, pode ser

tarde.

– Ainda não, eles não sabem que eu sei. Nada mudou, porém não sou mais aquela tolinha que eles encontraram na praia. Para que me querem?

– Talvez para nada especificamente. Querem você para o que está fazendo: alegrando a vida, dando mais vida, à sua, à deles. Está lhes prestando um serviço.

– Vou me convencer de que não sei de nada, de que não vi a cruz de ouro e vou continuar como até agora. Amanhã será aniversário de Karin, e não sei o que lhe dar de presente. Queria que fosse alguma coisa de que gostasse, que a pusesse ainda mais a meu favor. Assim, poderia saber mais de sua vida.

– Mas, Sandra, já sabemos quem são e que, daqui para a frente, você poderá encontrar mais e mais coisa suja na casa e na cabeça deles. Agora que já sabe o fundamental, vai perceber muitas coisas mais, e não podemos seguir assim indefinidamente. Precisamos dar uma guinada na situação, deixá-los nervosos, fazer que se delatem e que nunca saibam de onde vem o ataque.

– E como se faz isso?

– Naturalmente; só precisamos fazer um pouco de pressão. Ande, vamos comprar seu presente. É por minha conta.

Sandra protestou, mas era o mínimo que eu podia fazer nesse momento em que estava me deixando levar por um mau pensamento necessário. Levei-a a uma loja de cães e gatos que havia visto no centro comercial, e Sandra achou uma grande ideia.

Sandra

Karin, no último dia, o dia da festa, quis que eu a maquiasse. Parecia que ia comemorar esse aniversário como se fosse o último de sua vida, e devia ter razão. Todos os seus amigos viriam e ela estava muito excitada, mal sentia a artrose. Sentiria quando tudo acabasse e relaxasse; então, seria melhor sumir dali. O que para ela era uma grande diversão para mim era uma chatice. Acabei completamente farta, e o pior é que a coisa não acabava nunca, porque no dia anterior eu ainda não havia comprado seu presente. Foi Julián quem me sugeriu lhe comprar um cachorrinho. Ele tinha certeza de que a verdadeira Karin gostavam muito de cães, principalmente de uma raça específica, e teve a delicadeza de arcar com a despesa. Era um filhote preto e marrom de rottweiler, uma bola linda e macia. Eu o entregaria em uma cesta de vime forrada, com flores e um laço grande de rafia vermelha do lado.

Vesti-me meio formalmente para combinar com os outros. Coloquei um vestido de alça e por cima um xale, e uma flor no pescoço, arrancada do jardim, maior que uma rosa, que eu não saberia dizer o nome. A verdade é que tudo estava lindo, e Fred se encarregou de acender velas por todos os lados. Assim que chegaram os primeiros convidados, começaram a abrir garrafas de champanhe, e um garçom contratado para a ocasião passava com bandejas de canapés feitos no melhor restaurante da região. Karin me apresentava a todos como se eu fosse da família, menos a Alice e Otto, que me conheciam muito bem e que se limitaram a me cumprimentar com frieza. Também não me apresentou a Martín e a Alberto, que foram à festa com outros homens que pareciam fazer a mesma coisa que eles, e que me perguntaram se eu era da Irmandade, até que Martín lhes disse alguma coisa baixinho e eles se afastaram de mim. Frida também estava lá; assou o peixe e fez umas saladas coloridas de alface, beterraba, pimentão e carne-seca. E juntou algumas mesas para formar uma comprida no jardim de inverno, que com as plantas e as velas acesas não podia ficar mais agradável. Não sei por que, sentada no meio daquela gente que se perguntava quem eu era e que se dirigia a mim por estrita educação e grande curiosidade, sentia certo sentimento de culpa por nunca ter me empenhado tanto para fazer uma festa de aniversário para minha mãe; nem havia me passado pela cabeça perder vários dias montando uma festa para ela. E agora, ali estava eu no meio desses estranhos comemorando um aniversário que, no fundo, não me importava em absoluto. O que estava fazendo com minha vida? Estava sem norte, como quando descia de moto para a cidade à noite e à frente tudo eram estrelas e abismo.

“Você não sabe que tipo de mãe vai ter”, pensei dirigindo-me telepaticamente a meu filho. “Não estou preparada para ser filha nem para ser mãe. Sou uma preguiçosa, uma inconstante, não sou nada e vou ter um filho que vai depender de mim. Nem sequer sei como vou chamá-lo, e você já está aqui,

neste jardim de inverno no meio de um rolo que não significa nada para você nem para mim.” Conforme ia me sentindo mais deslocada, os rostos ao meu redor iam ficando vermelhos e as vozes se excitavam cada vez mais. Comida e bebida nunca falham para alegrar uma tribo. E comecei a imaginá-los de uniformes da SS, e elas com os vestidos do tipo que Karin guardava no armário. Se fossem jovens, talvez depois do jantar viesse a orgia, mas agora não poderiam nem ficar de quatro. E, dentre eles, devotados, venerando-os, estavam Martín e seus amiguinhos. Estavam de terno e gravata e pareciam leões de chácara, salvo a Enguia, que observava de lado e de cabeça baixa. Era o que mais falava com Otto e Alice, e o que mais ficava me olhando de soslaio.

Continuava com vontade de chorar, até que chegou o bolo com dez velas simbólicas. Não dava para espetar 82 velas, de modo que propus que pusesse duas velas com números, mas ela não gostava de números. Então, sugeri uma vela, mas Karin achava ridículo uma vela sozinha. Por fim, optamos por dez, o suficiente para cobrir o bolo.

Depois de soprá-las, cantar e brindar com champanhe, Karin abriu alguns presentes e disse que era o dia mais feliz de sua vida, que nunca pensou que chegaria a essa idade cercada de amigos e, a seguir, disse algumas palavras em alemão. Eu fui discretamente para a garagem. À tarde, havia deixado Bolita no jipe, assim, se chorasse, ninguém ouviria. Deixei que lambesse meu dedo para que não fizesse barulho até que entrasse no jardim de inverno e o entregasse a Karin.

Embora eu não fosse muito de sorrir, esbocei um meio sorriso ao lhe entregar a cesta. Karin olhou para mim com a grande ruga que cruzava sua testa e depois olhou dentro da cesta. O cachorrinho se mexeu e gemeu. Tirou-o com a mão direita, na qual havia colocado uma pulseira de brilhantes e um anel combinando.

– O que é isso? – disse contemplando-o desconcertada.

– Acertei? Gostou? – perguntei.

Karin não me agradeceu, não me respondeu, não olhou para mim. Devolveu-o ao cesto e o deixou com os outros presentes. Nenhum comentário. O silêncio só era quebrado por Bolita, como eu chamava o cachorro, e pelo barulho das folhas quando alguém roçava nas plantas. Até que Fred disse que beberiam lá dentro, e todos se encaminharam para lá. Eu fiquei no jardim de inverno. Não podia beber álcool, pelo menos isso queria fazer direito: não passar a meu filho nada de ruim que pudesse evitar. E fiquei no meio das plantas sem saber o que pensar.

Ela não só não havia gostado do cachorrinho como havia lhe provocado uma reação estranha, o que significava que não ficaria com ele. E isso sim era um problema. O que eu ia fazer com um cachorro? Era só o que me faltava. Estava com vontade de chorar, mas segurei.

Atrás do vidro do jardim de inverno, a lua tremia ligeiramente. Estava enorme e brilhante. Quantas vezes ouvi dizer que não somos nada... nesse momento me lembrava dessa frase. Abriguei-me entre duas grandes plantas de aparência tropical e tive a estúpida sensação de que de uma hora para outra suas grandes folhas iam se enroscar em meu corpo e me devorar. Tinham algo de humano,

pareciam respirar, e não era uma fantasia, porque quando o compasso da respiração se acelerou me voltei, e a Enguia estava me olhando fixamente. A luz da lua focalizava uns olhos terrivelmente brilhantes. Estremeci e fui até a mesa onde estavam os presentes para me afastar dele, mas não deu certo. Tive de roçar meu corpo no dele para desviar de um cacto; era questão de escolher com que espinhos preferia me ferir. Ele não se mexeu; observava-me, o que me deixou ainda mais nervosa. Quem dera pudesse ficar invisível, desaparecer... mas não, tinha de me controlar.

– Por que está aqui? Não vai tomar um drinque?

O cachorrinho gemeu forte, e logo latiria a plenos pulmões.

– Não posso beber álcool.

Assim que falei me arrependi; acabava de me tornar muito vulnerável. Não gostei do jeito como baixou seus olhos fugidios para minha barriga. Não devia ter falado e fechei os lábios com a intenção de não tornar a abri-los. Se eu ficava ou deixava de ficar no jardim de inverno, ele não tinha nada com isso. Peguei Bolita da cesta e o coloquei perto de meu rosto. Ele me lambeu. Era hora da mamadeira. Contava com que Karin cuidasse de suas necessidades, pensei que a distrairia, mas acabei arrumando para minha cabeça.

– Gosta de cães? – perguntei.

– Você pisou na bola – respondeu –, e acho que nem sabe. Quem lhe deu a ideia de dar esse cachorro para Karin?

Já havia falado além da conta. Nem louca pretendia soltar o nome de Julián.

– Foi por acaso. Foi o que mais me agradou. Agora, parece que Karin não gosta de animais. Bom, que se há de fazer.

Ele olhava para mim tentando compreender. Compreender o quê? Tirei a flor do cabelo. Estava farta dela. Joguei-a em um vaso.

– Vou lhe fazer um favor: vou levar o cachorro, vou criá-lo. Em troca, um dia você sai comigo, ok?

O que seria mais difícil: ficar com o cachorro ou suportar durante um jantar inteiro seus olhos me olhando?

Entreguei-o na cesta.

– Espere – disse saindo a passo ligeiro.

Quase não tive tempo de refletir sobre a situação, porque ele voltou logo com leite em um pote. Bolita bebeu, e quase me deu dó me desfazer dele. Pensava que, na certa, na manhã seguinte eu não continuaria nessa casa.

– Não lhe faça mal – disse eu.

– Quem pensa que sou? – olhou o relógio. – Está tarde.

Foi para a saída com a cesta na mão, e logo ouvi o motor de um carro.

Pegaria a moto e fugiria dali, iria para a casa de minha irmã, para a “casinha”, mas o inquilino,

um professor de ensino médio, havia chegado antes do previsto e já ia ocupá-la. Eu também poderia ir para um hotel, tinha dinheiro; mas esse dinheiro duraria pouco, o quarto de hotel comeria tudo. E, acima de tudo, era uma covardia me sentir ferida pela reação de Karin, ir embora de repente. Uma mãe, uma futura mãe, devia saber enfrentar qualquer situação. Eu não era mais uma menina e não podia jogar a toalha por qualquer contratempo. Com certeza de manhã veria tudo de outro jeito. Além do mais, tinha de fazer um ultrassom. Havia pensado em levar Karin comigo, dividir com ela o momento em que descobrisse o sexo de meu filho. Mas acabava de mudar de opinião, iria sozinha, talvez ligasse para minha mãe da clínica, porque Karin não era minha mãe nem se importaria com meu filho. Na vida, constantemente surgem situações completamente artificiais. E minha relação com Karin era artificial, porque não existia alguns meses antes nem existiria depois. Era como um colchão inflável no meio do mar.

A melhor coisa era ir para a cama e tentar dormir.

Entrei timidamente na sala. Algumas mulheres dançavam e outras estavam sentadas. A porta da salinha-escritório estava entreaberta, via-se parcialmente o que acontecia lá dentro, o suficiente para saber que os jovens estavam reunidos ali com Fred, Otto e os outros. Saía cheiro de cigarro e de maconha. Riam. Uma mão fechou a porta. Do lado de fora ficou um sujeito alemão que parecia espanhol, baixo, de olhos pretos. Bocejava jogado em uma poltrona. Não parecia se interessar por nada. Ao me ver, sorriu um pouco; não sorriu para mim, mas para si mesmo.

– Está se divertindo? – perguntou.

Eu ia dizer que sim, mas disse que não.

– Não, estou cansada.

– Gostaria de dar uma volta pelo jardim?

– Ia me deitar.

Ele já estava em pé, e me fez uma leve reverência com a cabeça em sinal de despedida, algo que jamais fizeram para mim. Diante disso, coloquei o xale nas costas e fui andar com ele.

– Os *piercings* não doem? – disse olhando para minhas orelhas e nariz, mas eu duvidava que com a tênue luz do jardim pudesse vê-los. Com certeza reparou neles antes.

– Não, depois que o buraco está feito, não dói. Mas eu jamais faria um na língua.

– Que absurdo! – disse enquanto admirava a lua. – Vocês, jovens, são loucos. Os jovens são sempre loucos. Nós também fizemos barbaridades.

– Que barbaridades faziam?

– Na época não pareciam barbaridades, fazíamos porque queríamos e pareciam normais. Como colocar um *piercing* no nariz.

A conversa estava começando a me deixar nervosa. Não sabia se estávamos falando em código.

– Eu posso fazer muitas coisas que não faço. Podia matar alguém, mas não mato – disse eu.

– Porque não seria fácil e geraria um trauma. Se a descobrissem ou não, você seria alguém à

margem da lei, se sentiria em pecado ou simplesmente criminosa. Mas imagine se existisse um sistema no qual fosse legal e patriótico matar certo tipo de gente, e que depois ninguém lhe apontasse o dedo nem lhe cobrasse por isso.

Tirou um cigarro de uma cigarreira de prata, que fez um clique agradável ao se fechar, e o acendeu. Não me ofereceu, de modo que imaginei que sabia que eu não fumava. Quando jovem, devia ter sido alguém muito equilibrado, e não parecia muito contente com seus amigos.

– Enfim, o feito feito está, não se pode voltar atrás. Além do mais, a vida é curta. Quando você chega ao final, parece que acordou de um sonho de cinco minutos, e nos sonhos fazemos coisas totalmente sem lógica.

– Como espetar uma bola de aço na língua – disse eu.

– Por exemplo.

– Desde que a pessoa só faça mal a si mesma... – disse eu.

– Tem razão. No fim, o mal a si mesmo é a única coisa que pode aliviar a consciência.

Estava apoiada em uma árvore e, ao me afastar dele, dei a conversa por encerrada. Não queria que me dissesse mais nada; talvez tivesse bebido e no amanhã se arrependesse de ter falado. E eu não pretendia que me fizessem mal, por isso, deixei-o lá terminando o cigarro, absorto em seu passado, a lua jogando toda a sua palidez sobre ele. Não se voltou para mim, parecia uma estátua insuportavelmente melancólica. E eu queria que amanhecesse e o sol saísse, e que seus raios se cravassem em minha cabeça.

Devia ter sido um homem elegante. Agora, usava um terno cinza-chumbo com calça de barra italiana, e embaixo um suéter preto de gola alta. Era a imagem de um anjo negro, sem saber o que isso significava para os outros. Mas foi a primeira coisa que me veio à cabeça, um anjo negro. Talvez fosse o mais inteligente desse bando, não parecia se sentir dominado pelo ambiente em que vivia. Porém, não podia sair dele, ainda devia ter medo da solidão. Nenhuma daquelas mulheres era a dele, talvez fosse viúvo. Deve ser muito desesperador não ter mais nada além do passado e não poder dividi-lo com ninguém. Por isso, por um triz não o dividiu comigo. O problema é o que aconteceria comigo depois. Para a sorte dele, ainda podia contar com aqueles monstros, mesmo que o repugnassem.

Quanta coisa em poucas horas! Foda-se a reação de Karin com o cachorro, foda-se que não me dirigisse o olhar, foda-se o anjo negro e tudo. Subiria a escada o mais rápido possível até o quarto, como se isso fosse fácil! Com um pé no primeiro degrau, uma mão me pegou pelo braço com força.

Era Alice.

Não podia ser considerada velha, não parecia velha. Não tinha pele sobrando, o que era o próprio dos anos. Aparentava uns sessenta, mas na realidade devia ter mais de oitenta. E não podia ser só por causa do esporte, do sol e dos sucos naturais. Dava a impressão de haver se submetido a algum experimento. Tinha até os bíceps definidos.

– Quer dançar comigo?

A proposta me deixou atônita. Do jeito que as coisas estavam, não podia negar, não podia ser grosseira. Precisava de Alice a meu favor.

Tocava uma música lenta que não esquecerei em toda a minha vida. *Only you*. Desci o degrau e peguei-a pela cintura. Usava um elegantíssimo vestido de veludo verde-escuro sem mangas com decote em V na frente e atrás. Era um veludo escorregadio com um caimento maravilhoso. Chegava até o chão. De perto, tinha a típica pele sardenta de sol. Passei a mão pelo veludo, não por prazer, claro, mas por curiosidade. Também tinha curiosidade de saber como era a cintura de Alice, se tinha algum pequeno pneu ou ossos duros. Era um corpo muito bom, perfeito. Acho que Alice interpretou meu toque como algo a mais e se aproximou de uma maneira que me incomodou; mas me incomodou só um segundo. E daí? Alice, embora jovem de uma maneira suspeita, era uma mulher, e eu preferia que uma mulher se excedesse comigo em vez de Martín ou seu amigo, a Enguia, o Anjo Negro ou Otto, ou qualquer um deles. Não seria nada mal um pouco de calor humano. Precisava que me abraçassem e me beijassem. E foi o que Alice fez. Abraçou-me e pôs seus lábios em meu cabelo até que a música acabou. Então, desprendi-me de seus braços, e com a cabeça meio baixa disse que estava cansada. Ela falou algo em alemão e olhei para ela. Era um idioma difícil de interpretar, não se podia saber se o que estava dizendo era bom ou ruim.

– Como você é jovem! – disse a seguir, pegando minha mão de um jeito que me deu medo. Se ela pudesse, teria ficado com minha juventude.

Seus olhos, normalmente inexpressivos, olhavam-me com dureza. Queria o que eu tinha, algo difícil de roubar. Livrei-me do contato de sua mão e subi depressa para que ninguém me detivesse de novo.

Teria trancado a porta com prazer, mas não tinha como. De repente, percebi que todos os quartos possuíam chave, menos o meu. Tomei um banho para tirar os lábios de Alice do meu cabelo, peguei a camisola de debaixo do travesseiro e, como sempre, joguei-a na poltrona. Coloquei a camiseta de dormir, acendi o abajur e peguei de uma pequena estante um romance de Karin, em norueguês, com a capa bem manipulada. Ouvia-se o barulho de baixo, a música, as vozes, a porta da rua que se abria e se fechava quando alguém ia embora, os carros acelerando. As indecifráveis páginas do romance me davam sono; olhava uma história que acontecia diante de meus olhos sem entendê-la. Apaguei a luz e me cobri até o pescoço. O barulho não me incomodava, estavam em outro mundo, um mundo distante de gente estranha.

Só acordei quando a luz entrou pela janela, atravessando as cortinas, pois não havia persianas em nenhum local da casa. Foi um despertar reflexivo; tive sonhos estranhos, pesados, sentira Fred e Karin me observando, e Alice também. Alice foi a que me deixou mais nervosa. E esse nervosismo me acompanhou durante todo o dia.

Desci às nove enquanto eles ainda dormiam. Frida já estava recolhendo os restos da festa com seu sigilo habitual. De fato, não a vi; percebi que estava lá pelo cheiro bom e pelo brilho que começava a aflorar dos móveis e do piso. Estava preparando o café da manhã quando sua voz me assustou.

– Hoje não vou poder arrumar seu quarto. Tenho muito trabalho aqui embaixo.

– Não tem importância – disse. – Depois faço minha cama.

Frida tirava taças e mais taças da lava-louça, e juntas na pia da cozinha criavam um efeito luminoso e intenso que quase me hipnotizou.

Estava com frio. Havia refrescado muito e o sol quase não aquecia. Teria de comprar botas e meias e um casaco. Na entrada, havia um armário embutido com casacos impermeáveis pendurados, guarda-chuvas, jaquetas e calçados para andar pelo jardim e pela praia. Coloquei uns tênis velhos de Karin. Eram um número maior, mas não tinha importância, não queria ficar doente em meu estado. Também peguei um casaco de lã com os bolsos esticados de tanto Karin enfiar as mãos. Fechei-o bem e liguei a moto. O jipe era muito grande para estacionar e, além do mais, não me atrevia a pegá-lo sem a permissão de Karin. Tinha a impressão de que alguma coisa havia mudado na noite anterior e que já não estávamos na mesma sintonia.

O vento entrava pelos pontos do casaco e gelava meus ossos. Parecia que a maldita estrada de curvas não acabava nunca. Estacionei perto do hotel de Julián, queria lhe contar do cachorro, e principalmente queria falar com alguém que não fosse da Irmandade. A Irmandade, alguém havia pronunciado essa palavra, e era a que melhor combinava com a tribo em que eu fui parar sem querer.

O recepcionista, um homem com uma pinta bem grande na bochecha direita, disse que Julián tinha saído. Perguntei-me por onde eu gostaria de dar uma volta a essa hora e fui até o porto. O casaco me incomodava ao andar, por isso tirei-o e o coloquei nos ombros, e então comecei a tiritar. Percorri o porto procurando Julián com o olhar, até que encontrei um chapéu branco perto dos catamarãs e barcos a vela.

– Olá – disse eu.

Julián não ficou surpreso ao me ver.

– Estou absorvendo vitamina D. Quer um pouco? – disse ele abrindo um lugar para mim no murinho onde estava sentado.

Espirrei e coloquei o casaco de novo.

Julían

Não dormi bem, apesar de ter tomado um sedativo. Tomei porque não estava com a consciência tranquila e sabia que em algum momento da noite, em sonhos ou acordado, Raquel apareceria com suas recriminações. Minha mulher não teria permitido que metesse aquela garota em um assunto tão complicado sem seu consentimento. Teria me proibido que a usasse. Teria dito que havia ficado como eles, que havia me contaminado com a maldade deles.

Por sorte, Sandra estava ali sentada ao meu lado, mas o remorso me impedia de olhá-la nos olhos. Perguntei como estava com os olhos no balanço do *Estrella*, o barco de Heim, ao longe.

– Bem – disse ela, e a seguir me contou mais ou menos o que eu imaginei que aconteceria com o bendito cachorro.

– Não entendo – disse ela. – Eles têm tanto jardim e a casa é tão grande que um cachorro não poderia incomodá-los, faria companhia a eles, os protegeria. E, além disso, Frida poderia cuidar dele. Fiquei pasma com a reação de Karin.

– Sinto muito – disse sentindo de verdade, arrependendo-me sinceramente, mas sem lhe contar que os cães dessa raça eram os que Fred e Karin usavam no campo de concentração para aterrorizar os prisioneiros (esse era um de seus traços mais conhecidos e identificadores, de modo que sua reação confirmava que, sem dúvida alguma, eram eles). Quando os aliados tomaram o campo e eles tiveram de fugir, os dois juntos mataram os cães. Seis cães de raça, fortes e assassinos como seus donos, ficaram tombados no chão com um tiro na cabeça, como se fossem as sombras de Fredrik e Karin. Não contei isso a Sandra porque ainda precisava de sua inocência.

E me senti muito mais porco e miserável quando ela me confessou que estava nervosa porque ia fazer um ultrassom para saber o sexo de seu filho. Estava com os dedos das mãos entrelaçados, e ostentava anéis grandes nos dois dedos médios. O sol caía em seus cabelos vermelhos, mais compridos que quando a conheci na casinha, mas cortados de forma desigual, que era a moda dos jovens. O pequeno *piercing* do nariz brilhava. Ela era tão linda e natural, apesar de tudo que usava, que pensei não merecer estar ao seu lado, não merecer falar com ela nem olhar em seus olhos esverdeados. Não merecia que sorrisse para mim nem que me considerasse um semelhante. Embora estivéssemos juntos, eu pertencia a um planeta diferente; eu pertencia, contra minha vontade, a um passado sem perdão. Também podia me sentar ao lado de uma rosa de pétalas vermelhas aveludadas e ao lado de uma rocha, ou debaixo de uma estrela fulgurante, e nem por isso seríamos iguais. Ela disse que, no fundo, tinha a sensação de estar traindo sua mãe se permitisse que Karin vivesse esse momento com ela. Sandra tinha problemas morais tão ingênuos que dava vontade de abraçá-la e de protegê-la em uma redoma de vidro.

– Posso ir com você, se quiser. Eu não sou mulher, não vai trair sua mãe. Sei como são essas coisas. Eu tenho uma filha, e você poderia ser minha neta.

Não devia ter dito isso. Teria tratado minha própria neta como a ela? Eu a teria exposto assim?

– Sim, acho que você é a pessoa que quero que venha comigo – disse ela.

Até a hora da consulta, andamos pela rua comercial porque ela queria comprar sapatos de inverno. Comprou botas pretas até o tornozelo com sola de borracha, seis pares de meias em oferta e um casaco impermeável grande. Pôs as meias, as botas, o casaco e guardou em uma sacola os tênis e o casaco de lã que usava. Eu comprei um casaco comprido, ao gosto de Sandra.

– Agora já podemos ir ao ultrassom – disse ela.

Com as botas, ela era tão alta quanto eu. Ia andando pela rua como uma rainha, e eu gostava de andar ao seu lado. De vez em quando espirrava, como se estivesse resfriada. O vento vinha do mar e carregava algumas gotas frias.

Ao chegar à clínica, permanecemos na sala de espera até que a chamaram. Não me levantei, disse que aguardaria ali. Foi ela quem me pediu que a acompanhasse, e não é que me sentisse constrangido, mas sabia que estava em uma situação que não me dizia respeito. Eu não merecia, e não me julgava capaz de lhe dar o apoio que necessitava.

Entramos em uma sala muito pequena onde só cabíamos Sandra deitada na maca, a médica sentada em uma cadeira giratória ao lado dela e eu em um canto segurando a mochila de Sandra, a sacola com os tênis e o casaco e, em cima de tudo isso, meu chapéu.

– É um menino – disse a médica.

Houve um silêncio e depois Sandra perguntou:

– Um menino? Tem certeza?

– Absoluta. Veja, este é o coração.

Avancei a cabeça para olhar no monitor, mas tudo era muito confuso. Podia ser um bebê ou qualquer outra coisa. Devo reconhecer que nesse momento esqueci tudo, até quem eu era e o que estava fazendo ali.

– E ele está bem? – perguntou Sandra.

– Perfeitamente – disse a médica, passando um papel absorvente pela barriga dela e tirando as luvas.

– Parabéns – disse eu.

– O senhor é o avô dela? – perguntou a médica mecanicamente.

Não chegamos a responder. Acharmos desnecessário mentir para alguém que não tinha qualquer interesse em nós. Passei a Sandra o casaco e a mochila e fiquei com a outra sacola.

– Um menino – murmurou Sandra. Achei que o melhor era sorrir.

– Nem sei que nome vou pôr nele. Não suporto as pessoas que parecem que têm um filho para pôr

um nome que escolheram há mil anos.

– Logo vai pensar em algum. Tem tempo. O que acha de comemorarmos? Eu a convido a almoçar. Vamos achar um bom restaurante.

Eu estava sendo insensato, por nada no mundo poderia deixar que me vissem com Sandra pela cidade. Relaxei e decidi confiar na sorte, confiar que ninguém nos veria juntos. Pobre garota... passou do ninho de cobras ao de serpentes venenosas.

Perguntei onde havia deixado a moto e propus que fôssemos de carro a um restaurante do interior menos turístico e em que servissem comida tradicional; de quebra, visitaríamos algum lugar que nos chamasse a atenção. Pedi que me esperasse em um terraço enquanto ia ao hotel buscar meu remédio.

Roberto me interceptou para dizer que uma garota meio ruiva, meio morena, quase uma *punk*, havia me procurado.

– Não é uma *punk* – disse eu. – Os punks usam correntes, couro, cabelo tipo moicano. Quase nem existem mais *punks*.

Pela cara que fez, deduzi que achou meu comentário engraçado. Notava que cada vez me respeitava mais, que debaixo dessa camada de rugas e ossos ia descobrindo uma vida.

– Bem, parece que sabe de quem estou falando.

Acenei me dirigindo aos elevadores e de novo quando passei diante dele a caminho da saída com os comprimidos no bolso da camisa.

Quando voltei ao terraço onde a havia deixado, encontrei Sandra com a cabeça apoiada na mão e mergulhada no mais absoluto devaneio. Qualquer um poderia ter pensado que essa garota estava entediada e que não se interessava por nada ao seu redor, mas eu sabia que era o contrário, que Sandra tinha muito em que pensar. Naquele momento a vida era completamente sua e, se quisesse, teria deixado os outros na mão. Precisava se concentrar nesse poder, e eu me sentei por alguns minutos sem dizer nada.

Pedi que ela dirigisse. Abriu o carro cantarolando.

– Quando voltarmos, vou ligar para meus pais de alguma lanchonete. Não posso guardar isso só para mim, é impossível.

– Meu celular não funciona aqui, nem o tiro do hotel.

– Não importa, não é nada urgente.

– Você não devia ter ido ao hotel, não é seguro – disse eu.

Sandra deu de ombros.

Foi bom. Visitamos algumas cidadezinhas e encontramos, ao pé de uma estrada estreita, um restaurante onde comemos pão ao forno com azeite de oliva, alho e óleo caseiro com um delicioso gosto de alho. Comemos embutidos e carnes-secas, e Sandra me contou que nunca se dera bem estudando ou trabalhando, que se entediava muito fazendo essas coisas. Terminou a faculdade de

Administração aos trancos e barrancos e seu pai conseguiu colocá-la no escritório de uma construtora. Uma semana depois, sentiu-se invadida por uma grande tristeza e em seis meses havia emagrecido seis quilos. Um ano depois não conseguia nem entender direito as notícias do telejornal. Santi a ajudou muito. Era meio que chefe, e um dia lhe pediu que fosse ao médico da empresa, e o médico lhe deu uma licença por depressão. Santi se comportou muito bem, era carinhoso e sempre se empenhava em encontrar qualidades em Sandra que ela mesma sabia que não tinha. Aconselhou-a a aproveitar a licença o máximo que pudesse e, quando terminasse, que pedisse demissão, porque aquilo não tinha nada a ver com ela. Ela tinha um espírito mais artístico. Nem todo o mundo servia para ficar oito horas entre quatro paredes. Enfim, não servia para nada.

– Quando soube que estava grávida passou pela minha cabeça abortar. Não sei se faço bem tendo este filho. Não sei se vou saber criá-lo. Se vou poder lhe dar o que necessita. Não sei se...

– Não se preocupe, as crianças se criam sozinhas, são capazes de viver em condições que você nem imagina. A única coisa que tem de fazer é amá-las e alimentá-las. E não acredito que sua família permita que vocês morram de fome.

Sandra estava quase chorando, e me assustei. Balançava a cabeça de um lado para o outro, negando minhas palavras.

– Essa criança merecia uma mãe inteligente, uma mãe que tivesse estudado e que fosse capaz de fazer casquinhas bonitos.

– Essa criança merece uma mãe que não pense essas coisas de si mesma. Você é muito corajosa, mais corajosa do que pensa. Quando passarem alguns anos, vai compreender e então vai olhar para trás e ver que você era maravilhosa e que com o que tinha fez o que pôde, da maneira mais honrosa possível.

Ela olhou para mim com os olhos prestes a se afogar em lágrimas. Estava suportando uma carga emocional mais forte do que imaginava. Eu sabia melhor que ela. Ela não podia ver, de fora, o labirinto em que estava metida, por isso, quando se chega à minha idade e podemos vê-lo de cima, queremos voltar atrás e percorrer o caminho sem angústias.

Dei-lhe meu guardanapo de papel para que assoasse o nariz.

– E, agora, vai comer um pedaço de bolo de chocolate com creme, e eu vou tomar um café com leite. E, amanhã, Deus é quem sabe.

De repente, como se respondesse a alguma pergunta que eu tivesse feito inconscientemente, ela disse que o cachorrinho havia ficado com um dos amigos de Fred e Karin. Chamava-se Alberto, mas ela o chamava de Enguia, por causa do seu jeito fugidio de olhar. Provavelmente sua cabeça também explodia com informações das quais não tinha cem por cento de consciência. Possivelmente sentia ansiedade por estar processando dados e detalhes que não sabia como encaixar. Achamos que só o que sabemos que nos faz mal realmente nos faz mal, mas existe uma infinidade de recordações e imagens que geram uma grande melancolia porque não entendemos seu sentido.

– Disse que vou ter de sair com ele um dia.

Fiquei olhando fixamente para Sandra, tentando descobrir o que aquele elemento queria dela. Do jeito como o descrevia, não parecia o típico fanático sem inteligência. Esse cheirava a psicopata.

– Não pode confiar nele. Procure fazer o que ele espera que faça. O que não sabemos é o que quer de você.

– Vou lhe dizer que não posso. Não quero falar com ele. Preferia sair com o anjo negro, ele me inspira mais confiança.

O anjo negro. O Anjo Negro? Alemão, moreno, de minha estatura, elegante, afável, de aparência equilibrada, inteligente, o cérebro de qualquer organização. Pelo que Sandra me disse dele, podia ser Sebastian Bernhardt. Não, era impossível, a história oficial dizia que havia morrido tranquilamente em Munique em 1980. Porém, também podia ser que tivesse sentido saudade de seu maravilhoso refúgio espanhol. Esses ratos entravam por um buraco e saíam por outro, estavam acostumados a morrer e a ressuscitar. Era um alívio saber que não eram eternos, embora houvessem tentado, embora houvessem buscado desesperadamente o elixir da eterna juventude. E a que preço! Que se pergunte aos prisioneiros, vítimas de loucos como Heim.

– Espere um instante, vou buscar uma coisa no carro.

Sandra não respondeu, comia, pensativa, pequenos pedaços de bolo com a ponta da colher.

E quando voltei com o álbum de fotos de Elfe, continuava na mesma posição, pensando em seu filho, no Anjo Negro ou na Enguia, talvez em Karin ou em sua mãe, que não fazia a menor ideia de onde sua filha estava metida.

– Veja – disse abrindo o álbum. – Veja este homem.

Era Sebastian. Estava de terno, o que facilitaria a identificação. Um terno escuro, entradas no cabelo, olhos também escuros.

Ela o olhou, saindo de seu devaneio particular.

– Este é o Anjo Negro? – perguntei.

– Pode ser. Fuma do mesmo jeito.

Hesitei em revelar a Sandra quem era o Anjo Negro, porque, quanto mais soubesse, pior seria para ela. Já não olharia para ele da mesma forma, ou poderia deixar escapar seu nome verdadeiro, não falaria com ele com o saudável tom do desconhecimento. Sandra era uma garota franca e sincera sem nada a esconder, e eles logo leriam em seus olhos o que sabia. Por outro lado, não me considerava capaz de manipulá-la até esse ponto. Ela tinha direito de conhecer o ninho de víboras em que estava metida. Permitiu que eu participasse de um lindo acontecimento de sua vida e eu não podia descer tão baixo a ponto de traí-la, a ponto de vê-la cair sem lhe avisar que o abismo a esperava a dez metros.

– Você tem de decidir – disse eu. – Precisa me dizer se quer que lhe conte quem é esse indivíduo. Leve em conta que cada dado que souber será mais um passo para o inferno.



5. *Os monstros também se apaixonam*

Sandra

Pelas fotos que Julián me mostrava era difícil reconhecê-los. Fisicamente, eram outros hoje. Alguns conservavam traços que não podiam esconder, como as descomunais estaturas de Fred e de Aribert Heim, o *Açougueiro de Mauthausen*, que na atualidade tinha meia dúzia de fios de cabelo, e brancos. Andava encurvado como se não conseguisse sustentar seu enorme esqueleto. Só recordava tê-lo visto uma vez na casa dos noruegueses, no aniversário de Karin, e me pareceu um homem gentil. Apertou minha mão e sorriu para mim. A cicatriz que cruzava seu rosto e os olhos azuis de Otto Wagner tornaram-se menos visíveis, foram se apagando. E o Anjo Negro, que pelo visto se chamava Sebastian Bernhardt, não tinha nada de chamativo, era um tipo comum, embora tingisse o pouco cabelo que lhe restava nas laterais da cabeça.

Julián supunha que aquele que eu chamava de Anjo Negro havia morrido na Alemanha, mas, na realidade, voltou para essa cidadezinha, onde vivera desde 1940 até cinquenta e tantos. Ele e sua família desfrutaram de uma casa que Franco lhe dera em reconhecimento aos serviços prestados, que consistiam em, nada mais nada menos, que convencer Hitler a prestar ajuda a Franco. Jurei a mim mesma que quando voltasse à vida normal leria mais. Como alguém tão velho podia se manter em pé? Sua mulher, Hellen, provavelmente havia morrido, e seus filhos já deviam estar aposentados. Sebastian sempre teve fama de pessoa modesta e agradável, e continuava sendo, eu podia acreditar nisso. Julián logo suspeitou de que aquela mansão de Sebastian era a atual Villa Sol. Provavelmente a teria vendido aos noruegueses e ele mesmo teria se retirado para algum apartamento mais confortável. Havia algo de bom na Villa Sol que talvez tenha sido deixado por Hellen e seus filhos. Eu não entendia por que alguém aparentemente tão razoável como Sebastian, alguém tão compreensivo, podia ser um deles e não se sentir repugnado pelas coisas que fizeram. Eu me perguntava o que podia passar pela cabeça de alguém para não se recriminar por nada, nunca. No fundo, ele era o único daquela tribo que tinha um olhar humano; os outros eram uns farsantes. Será que algum deles tornou a matar depois da guerra, ou estariam saciados para sempre? Algum deles seria capaz de matar com suas próprias mãos, ou tinham de estar organizados?

Antes eu não sabia dessas coisas, nem nunca teria sabido se não me houvesse ocorrido passar uns dias na praia. Maut-hausen, Auschwitz... quantas vezes ouvira esses nomes, mas estavam a anos-luz de distância, estavam em Órion; no mínimo, estavam em um passado que não era meu. Agora estavam a um metro de minha cara, às vezes a alguns centímetros.

Aribert Heim apertara minha mão, e ao saber o que essas mãos haviam feito senti que não podia mais desistir. Mas sempre havia a possibilidade de que se tratasse de simples semelhanças, todos os velhos se parecem. Quem dera fosse mentira que eu havia apertado a mão do Açougueiro... só de pensar sentia nojo. Por ora, só era possível provar a identidade de Fred, por causa da cruz de ouro. O resto eram conjecturas.

“Sabe disfarçar?”, Julián me perguntou. Sabe disfarçar a ponto de que nem passe pela cabeça deles que você possa se interessar por aquela velha história de nazistas e do Holocausto? Na verdade, nunca falavam de política na minha frente. Não mencionavam nada que parecesse importante, mas às vezes soltavam alguma frase em alemão que não precisava entender para perceber que destoava do tom normal. E eu tinha certeza de que essas precauções não eram por mim, mas porque estavam acostumados a tê-las, e por isso escaparam das mãos de Julián tantas vezes. Se eu não soubesse que eram nazistas, continuariam sendo normais para mim. Porém, agora tudo, qualquer coisa, tinha um significado. Os traços acentuados de Fred eram traços arianos e a estranha juventude de Alice provinha de Deus sabe onde, talvez de sua confiança em sua superioridade genética. Decidimos que nunca mencionaríamos seus sobrenomes verdadeiros para que não me escapassem ao falar com eles.

Julían

Como sempre, Sandra chegou ao Farol de moto, estacionou-a e entrou na sorveteria. Eu a vi pela janela. Sempre nos sentávamos em uma mesa de onde se via a chegada dos carros e as pessoas que entravam e saíam do local. Era um jeito de não ter surpresas desagradáveis. Quando se sentou à mesa, suspirou e deixou o capacete de lado. Notei que estava abatida, talvez magra demais para estar grávida, mas era só uma impressão superficial, não pensava nisso conscientemente; mais que um pensamento, era uma imagem. O presente escapava muito depressa, não tinha tempo de saboreá-lo. Os pássaros voavam muito rapidamente, o ar se perdia antes de senti-lo, os rostos mudavam logo, os cheiros desapareciam, e quase não importava, toda minha vida era passado. Eu tinha a impressão de que tinha ficado neste mundo depois da morte de Raquel para expiar alguma culpa, para sofrer um pouco mais. Não tinha lógica nenhuma o fato de eu ter sobrevivido a ela. Sandra funcionava na dimensão do presente e eu na do passado, embora pudéssemos nos ver e conversar.

Quando confessasse a Sandra que havia comprado o cachorro de forma deliberada e malsã e sem calcular os riscos, quando lhe confessasse que a havia usado para deixar os noruegueses nervosos, não olharia para minha cara pelo resto da vida, e acharia, com toda a razão, que eu era tão miserável quanto eles. Mas precisava lhe contar, não podia morrer com isso na consciência; se bem que depois de morto não sentiria, não pensaria, nada poderia me afetar porque teria me dissolvido e evaporado. Talvez não fosse uma questão de consciência, e sim o puro egoísmo de querer ser como era, e não melhor. Ficar como a marca de um pé na areia na memória de Sandra, viver um pouco mais ali tal como eu era, e não como um ser inventado. O que poderia pretender parecendo melhor do que era a essa altura da vida? O respeito de Sandra? O respeito de Sandra para quê? Para me sentir falsamente bem?

Pensei em lhe escrever uma carta e entregá-la ao nos despedirmos no Farol, mas logo me pareceu uma covardia não dizer cara a cara, de modo que a olhei nos olhos.

– Tenho de lhe dizer uma coisa. Não quero que me perdoe, não quero nada, a vida é assim, uma sujeira atrás da outra. Você não deveria se relacionar com alguém como eu.

Sandra nem piscava. Às vezes, fixava tanto o olhar que incomodava; era como se esquecesse de mudar os olhos de direção.

– Trata-se do cachorro, do cachorrinho que você deu de presente a Karin.

– Pobre Bolita – disse ela. – Eu também pensei nele. Não devia ter deixado a Enguia ficar com ele, não devia ter me livrado dele. Estou com a consciência pesada, sabe-se lá o que fizeram com ele.

– Imagino a surpresa que sentiu com a reação de Karin. Um cachorro tão bonito, uma casa tão

grande... Não dá para entender que o tenha rejeitado, não é?

– Eu me senti muito mal, você sabe. Foi uma desfeita imensa, e Karin nunca disse nada; não pediu desculpas nem me deu uma explicação. Tive a sensação de ter feito algo terrível sem saber. Mas, agora, a única coisa que penso é no que terá acontecido ao cãozinho.

Em alguns segundos, eu ia arrancar de Sandra um pouco de seu bom coração. A partir de então, teria um pedaço a menos de bom coração. E quanto menos bons corações houvesse no mundo, pior para todos.

– Foi culpa minha. Absoluta e completamente culpa minha – disse quase fechando os olhos para não vê-la. – Karin odeia essa raça de cães porque os usavam no campo de concentração para aterrorizar os presos. Não vou lhe contar mais. Eles os adestravam para isso, e a presença desse cãozinho a faz recordar quem foi e quem continua sendo. No fundo, as pessoas não mudam, não melhoram, só envelhecem. Infelizmente, é mais fácil piorar que melhorar. Eu mesmo acabo de perceber que sou pior do que pensava.

Sandra estava desconcertada. Provavelmente nunca teria me julgado capaz de uma canalhice dessas, de pô-la em perigo ou, no mínimo, em uma situação difícil. Seu olhar mudou, ficou um pouco triste, como se estivesse muito cansada.

– Sabe, eu a estimo e aprecio, e a considero maravilhosa; e se sou capaz de fazer isso, imagine até onde eles podem chegar.

Não suportava o silêncio de Sandra. Quando Raquel ficava realmente chateada comigo, não falava; a raiva costurava seus lábios. No início eu me desesperava tentando fazê-la voltar ao meu mundo e olhar para mim, aceitar-me de novo, o que só piorava as coisas, até que compreendi que era melhor esperar e não forçar a situação. Eu ia para outro quarto ou ia dar uma volta, afastava-me acreditando que as forças da natureza fariam seu trabalho. E agora pretendia fazer o mesmo, embora Sandra não fosse Raquel, embora nunca tenha feito com Raquel uma canalhice como a que fiz com Sandra.

Chamei a garçonete, paguei e me levantei. Sandra permanecia cabisbaixa. Deixei dois euros de gorjeta no pratinho e, mesmo assim, a garçonete me olhou com infinito desprezo. Alguma coisa devia ter lhe acontecido na idade de Sandra com alguém da minha idade; algo pior do que o que eu havia feito a Sandra.

Sandra

Já tinha quase conseguido esquecer a festa de Karin quando Julián me confessou o lance do cachorro. Eu me senti tão enganada e traída que me comportei como uma tola. Na hora, não pude compreender que se houvesse me contado o que pretendia fazer, eu mesma teria me delatado na frente de todo mundo quando Karin rejeitou Bolita, e não teria reagido com a mesma naturalidade. Julián se deixou levar por sua ânsia de que se sentissem descobertos e que não continuassem vivendo tranquilos. Poderia não ter me contado nada, e eu nunca teria sabido. Só por ter se exposto à vergonha de confessar, queria dar a ele um voto de confiança. Também me passou pela cabeça que Julián tivesse me dado essa explicação sobre o cachorro para que eu me afastasse de uma vez desse assunto. Não acho que fingia quando se preocupava com minha segurança e insistia para que eu fosse embora. Talvez tenha pensado no lance do cachorro para forçar minha retirada, o que não estava em meus propósitos. Queria fazer algo grande.

Posto que não sabia fazer direito as coisas pequenas da vida, teria de fazer direito alguma que se destacasse para não continuar me sentindo uma completa inútil. Nunca acreditei nas oportunidades que a vida nos coloca no caminho porque nunca entrei nesse jogo de oportunidades, acredito que para encontrá-las primeiro é preciso procurá-las. E quais eram as oportunidades que me convinham? Nunca soube, até que me encontrei na casa dos noruegueses e até que conheci Julián e comecei a entrar nessa história terrível que todo mundo conhecia de ouvir falar porque restavam muito poucos que a tivessem vivido. Eu me encontrava entre as vítimas e os verdugos, entre a espada e a parede. A vida acabava de me colocar uma oportunidade debaixo do meu nariz para ajudar Julián a desmascarar essa gentalha. Qualquer uma podia ser mãe, e eu não queria que meu filho tivesse qualquer mãe. Não era mais uma menina nem nunca mais tornaria a ser, e a vida me dava uma oportunidade. Não era hora de fugir.

Tinha me esquecido da Enguia e da minha promessa de sair com ele. Era algo que havia afastado da minha cabeça pensando em que nome daria a meu filho agora que sabia que era um menino. Não sabia se devia chamá-lo como alguém da família ou como o pai, Santi, ou dar-lhe um nome completamente novo, que não recordasse ninguém. Também pensava em como decoraria seu quarto, embora ainda não soubesse em que casa ficaria esse quarto. Colaria um céu estrelado no teto, que se iluminaria com a luz apagada e que ele veria quando abrisse os olhos. Quem dera pudéssemos fazer tudo com o pensamento. Com o pensamento, eu teria dinheiro para montar uma loja de roupas ou bijuterias e contratar um vendedor, de modo que eu não me sentisse amarrada. Com o pensamento, eu me apaixonaria até perder os sentidos, como nos romances que Karin lia, e com o pensamento ela e Fred seriam dois idosos normais, de quem eu não teria de suspeitar nem temer nada. Mas quase

nunca acontece o que pensamos que vai acontecer.

Na segunda-feira, ao voltar à Villa Sol depois da ginástica de Karin, encontramos Martín conversando com Fred, e pela cara dele ao me ver parecia que estava me esperando. Em cima da pia da cozinha, havia um pequeno pacote, que ele devia ter levado. Karin pegou o pacote e Martín me entregou um papel com uma expressão maliciosa.

Uma letra redonda e inequivocamente feminina dizia que iria me pegar às sete. Assinava “Alberto”. Era a Enguia.

– Você leu? – perguntei a Martín.

Ele havia raspado mais o cabelo e tatuado uma esfera na cabeça.

– Eu escrevi – disse, feliz por me desconcertar.

– Por quê?

– Alberto me pediu, está cuidando de umas coisas e não tinha tempo.

– Você tem uma letra muito bonita.

– É mesmo? – disse ele passando a mão pela tatuagem.

Assenti.

– Às vezes escrevo poesias, letras de músicas. Quero montar uma banda, sabe?

– Você tem talento, dá para notar.

– Ouça – disse ele se aproximando tanto que quase encostava em mim. – Alberto é um bom sujeito, mas às vezes lhe dá os cinco minutos. Não discuta com ele, ok?

– Vamos, chegue pra lá – disse eu afastando-o com dois dedos. – Quando montar a banda, nem pense em usar essa colônia.

Pegou-me pelo braço, preocupado.

– Nem pense em falar essas coisas a ele; ele não entende. Gosto de você, mocinha.

Mocinha? De onde havia saído esse idiota? Falava mocinha e tinha letra de freira, mas uma cabeça que dava medo. Afastei-o completamente com a mão e subi para pensar no que vestiria para não afetar os nervos da Enguia.

Quando desci, Fred e Karin já sabiam do meu encontro. Martín havia ido embora. Olhavam para mim sorridentes, gostavam de tudo referente ao amor. Com certeza gostariam que ficasse com alguém da Irmandade, seria o jeito ideal de me manter sob controle ou de não ter de me controlar em absoluto. Nessas condições, talvez me nomeassem herdeira de todos os seus bens.

Coloquei uma outra calça *jeans*, as botas e uma camisa branca, bordada na gola e nos punhos, que Karin havia me dado. Era uma peça que não pretendia usar em nenhuma outra ocasião, que pretendia jogar fora quando tudo isso acabasse, mas que nesse momento servia para me ajudar a ver um pouco as coisas sob a perspectiva da Irmandade. Peguei o casaco.

– São muito bons garotos – disseram tirando as palavras da boca um do outro.

– Quer um pouco de perfume? – perguntou Karin. Felizmente, nesse momento a Enguia tocou o buzina do outro lado do portão e pude sair correndo. Agradei o fato de não ter ido me buscar na porta.

– Olá – disse ele quando entrei, e partimos rumo à estrada principal.

Eu não disse nada, não sabia o que dizer, até que ouvi uma mistura de gemidos e latidos no banco de trás. Não podia acreditar! Era Bolita na cesta de presente. Virei-me para ele.

– Sem-vergonha! – disse – Como você engordou!

– É que eu cuido bem dele – disse a Enguia.

– Nunca teria imaginado, achava que...

– Que o havia levado ao canil para que o matassem? Que o teria matado com minhas próprias mãos? Que o havia comido?

– Não sei – disse brincando com o cachorro. – Não combina com você ter um cachorro e cuidar dele.

– Sei. O que combina comigo é ter um grande e feroz para intimidar as pessoas.

– Justamente – disse eu, ignorando as recomendações de Martín.

Comecei a reparar mais nele. Não estava especialmente bem-vestido para sair comigo, de modo que não me parecia muito lógico que quisesse alguma coisa a mais, mas também podia achar que eu não merecia mais. Usava uma camisa de manga longa que não parecia escolhida especialmente para a ocasião, uma calça cinza que também não parecia recém-passada, e perto de Bolita havia uma jaqueta azul-escura de uso diário. Nem sequer havia penteado com os dedos o cabelo agitado pelo vento. Sem dúvida, não tinha a intenção de me impressionar. Tinha feições delicadas e cabelo castanho-claro, meio loiro, entradas na frente. Não era feio, devia ter uns 35 anos.

– Posso saber aonde vamos? – perguntei.

– Ao Farol. É um lugar muito agradável.

Olhou para mim de soslaio, eu também a ele.

– Prefiro um lugar mais animado, ver gente. Se para você tanto faz, prefiro ir à cidade – disse eu.

Graças a Deus ele não insistiu em ir ao Farol. Por que escolheria o Farol? Seria intencional?

Fomos a um *pub* na cidade e tivemos de deixar Bolita no carro.

– Como você se vira com o cachorro?

– Procuro não deixar que morra de fome.

Pedi uma cerveja para ele, e eu, uma vitamina de frutas e um pedaço de bolo. Estava começando a passar fome com os noruegueses. Eles comiam pouco, muito pouco, diria eu. A única comida decente do dia era o café da manhã. Provavelmente, na idade deles, um banquete seria morte certa, e às vezes se esqueciam de que eu era jovem. De modo que, embora estivesse nervosa com esse encontro com a Enguia, devorei o bolo e a vitamina.

– O que quer de mim? – perguntei diretamente. Prefiri não fazer rodeios porque ele tinha mais

experiência que eu da vida em geral e dessas situações em particular.

Em vez de responder, ele se levantou e foi até o balcão, onde havia verdadeiras delícias. Eu queria aproveitar para pensar, mas de estômago cheio era muito difícil.

Voltou com um prato cheio de docinhos variados e outra vitamina. Pediu mais cerveja. Eu ia dizer que ali era bem melhor que na sorveteria do Farol. Ainda bem que parei a tempo; melhor seria falar o menos possível.

– Não quero o que você imagina. Só quero conhecê-la, você é uma novidade em nossa vida.

– E o que você acha que eu imagino?

– Que queria ir para a cama com você ou algo assim,

– Pode parar! – disse eu dando um pulo que fez a moleza passar. – Para que eu pense isso, as pessoas têm de me dar motivos.

– E que motivos eu dei?

– São seus olhos, seu jeito de olhar. Você é estranho, não se sabe o que pensa.

– Está vendo? Você é como todo o mundo, deixa-se levar pelas aparências.

– Sim, sou como todo o mundo. Por que quer me conhecer?

– Está bem – disse. – O que quero saber é como acabou indo morar com os Christensen.

– É muito simples: eu os conheci na praia, estou sozinha e eles precisam de mim. Para mim, o dinheiro que pagam é bom. Só isso.

– Só isso? Não há mais ninguém?

Bebi a vitamina para não responder.

– Como foi dar aquele cachorro a Karin? Justamente esse tipo de cachorro?

– Eu também me perguntei isso muitas vezes desde aquele dia. Na verdade, não entendi o que aconteceu.

– Entendeu, sim, não tente me enganar.

– E se tentar, o que pretende fazer comigo?

– O pior que possa imaginar.

– Não tenho medo de você, nem de Martín.

– Pois deveria. Não tente dar uma de esperta, sei o que estou falando. Quer mais alguma coisa, algo salgado?

– Seria bom dar uma caminhada, comi demais.

A Enguia não era tão terrível quanto eu havia imaginado, pelo menos aparentemente. Embora dissesse essas coisas, não o julgava capaz de me matar, e em momento algum me deu a impressão de me olhar com preocupação. De qualquer maneira, não devia baixar a guarda e me lembrar bem das palavras de Martín.

Demos um passeio pelo porto. A certa hora, ficamos contemplando o mar. Trocamos olhares de soslaio, ele olhava meu perfil e eu, o dele. O céu estava intensamente estrelado, era um momento

maravilhoso para estar com alguém que me importasse.

– Por que Martín escreveu o bilhete, e não você? – perguntei sentando-me em uma muretinha.

– Porque... Não tem importância nenhuma.

– Ele é um grande amigo seu?

– Somos da Irmandade, somos mais que amigos. A amizade pode se romper, mas os laços da Irmandade não. Você devia saber, para seu próprio bem, que Martín não tem tanta paciência quanto eu; não sei se me entende.

– Bem, é difícil entender tudo, acabei de chegar.

– Eu sei. O que não sei é se sabe o que significa. Por que acha que estamos juntos? Os Christensen lhe explicaram?

– Não, acho que não. Achei que eram amigos, que vocês os ajudavam, as pessoas procuram não ficar sozinhas. Não vá me dizer que é uma seita!

– Algo parecido. Ah, Deus! – disse de repente. – Por que não ficou em casa com seu marido, seu namorado ou o que quer que seja?

– Vou ser mãe solteira – disse eu.

E então, a Enguia passou a mão pelo cabelo, aproximou-se rapidamente de mim, sem me dar tempo de pensar, e me beijou.

Não reagi, foi tudo muito rápido, imprevisível. Fiquei colada a ele pelo menos um minuto. Senti seus lábios, sua língua, sua saliva, suas mãos em minha cabeça, seu cheiro. Quando se afastou, roçou-me com o cabelo, e eu a ele. Afastou-se lentamente. Ainda sentia seu beijo, uma sensação longa e calorosa. Minha boca não era mais a mesma, nem a Enguia era o mesmo. O mundo mudou de repente. Não disse nada, fiquei quieta, porque não conseguia sentir raiva; porque seu beijo era o beijo que eu necessitava; necessitava exatamente como havia sido, e jamais, nem se vivesse mil anos, teria pensado que o encarregado de me dar o beijo que necessitava para que a vida fosse ainda melhor seria a Enguia.

Não levantei os olhos. Ele, com os seus também baixos, disse:

– Desculpe. Não pude evitar. Você é linda.

Continuei muda, esperando um cataclismo que me tirasse daquele estado de atordoamento, ou um segundo beijo.

– Vai me matar agora?

– Não, nem iria antes. Mas não pode contar a ninguém. E quando digo ninguém, é ninguém mesmo, entendeu?

Afirmei com a cabeça. Olhei para ele, já não era a Enguia. E essa mudança me deixava transtornada. Antes era a Enguia, um ser assustador, um inimigo, e já não era mais. Eu me sentia atraída por ele, por sua jaqueta azul-escura como a noite que caía sobre nós, por sua camisa amassada. Teria andado pelo porto de volta ao carro abraçada a ele, e teria gostado que passasse seu

braço por meus ombros e que me apertasse contra si. Uma loucura, o que aconteceu foi uma loucura. Talvez fosse a magia da noite, das estrelas sobre nós e as luzes do porto, do som do mar, da brisa, do fato de estarmos sozinhos...

– Isso é uma loucura – disse ele atrevendo-se a me olhar de frente.

Já gostava de seus olhos. Gostava de seus olhos rasgados e de seu olhar fugidio. Não existia ninguém perto de mim que me fizesse sentir algo assim. Nem por Santi havia sentido isso, e teria sido tão fácil... Não precisava fazer nada, só não resistir, de modo que não entendia por que teve de ser a Enguia, e não o pai do meu filho, a me fazer levitar. Santi não tinha culpa, a culpa era minha por não ter sido então como era agora.

No carro, quase nos beijamos outra vez, mas não o fizemos. Estávamos desperdiçando um bom momento que quem sabe se tornaria a acontecer.

– Acha que devo ceder, que devo entrar para a Irmandade?

Levou um minuto para responder, como se estivesse atento à estrada; depois, disse secamente:

– O que importa é o que você acha. Ninguém a chamou, você entrou sozinha nisso.

Saí do carro devagar; talvez aquilo não tornasse a acontecer mais. E eu não era a mesma que saíra da Villa Sol algumas horas antes. Voltava de uma longa viagem, e o que havia deixado ali me parecia menos importante.

Fred e Karin me esperavam na sala. Perguntaram, curiosos, como havia sido.

– Boa-noite – disse em resposta. – Comi demais.

Ao chegar ao quarto, deitei-me na cama. Pela janela, via as estrelas, e debaixo das estrelas as folhas das palmeiras balançando. Estava um pouco tonta, como se flutuasse.

Julían

Provavelmente Sandra não apareceria mais depois do último dia. Eu, se fosse ela, não apareceria. Por que ia querer ver alguém que havia me enganado e posto em perigo? Porém, minha obrigação era estar ali, caso ela decidisse aparecer. A única coisa que podia fazer era lhe mostrar meu profundo desprezo por mim mesmo.

Não saí do carro, não queria ver a cara da garçonete da sorveteria antes do tempo. Embora não quisesse me preocupar com ela, não podia evitar. Não se pode evitar ver, ouvir e sentir simpatia ou antipatia por gente que se vê só por alguns momentos, gente de cinco minutos. Não se pode estar morto antes de morrer, por mais que se deseje isso. De modo que, quando ouvi os pneus da moto de Sandra na terra pedregosa, dei um pequeno toque de buzina, só para chamar sua atenção. Meu coração deu um perigoso pulo de alegria.

Sandra estacionou e veio até mim. Abri a porta para que entrasse.

– Não tem lugar lá dentro? – perguntou.

– Aquela garçonete me incomoda. Ela me ofende olhando-me como se eu fosse um perverso.

Sandra riu sem muita vontade. Seu rosto estava chupado, havia emagrecido pelo menos dois ou três quilos e não me ocorria outro lugar onde levá-la para que comesse alguma coisa. Só confiava no bar onde almoçava e nesse local, porque em outro qualquer da cidade corríamos o risco de sermos vistos juntos.

– Mas, pensando bem, estou com fome – disse eu. – Comería um sanduíche quente e um pedaço de bolo de chocolate. Em nenhum lugar são tão bons como aqui.

– Como quiser, eu não estou com fome.

Fiquei mais tranquilo quando nos sentamos em nossa mesa perto da janela. Dava mais ar de normalidade ao encontro.

– Parece que os noruegueses não têm uma geladeira muito cheia.

– Por que está dizendo isso? – disse ela enquanto pegava com desânimo o menu plastificado. Sabíamos de cor o que serviam na sorveteria, mas sempre olhávamos o menu um bom tempo enquanto conversávamos.

– As grávidas engordam, não emagrecem.

– Estou bem.

A garçonete nos interrompeu. Olhou-me com sua hostilidade habitual.

– Café de máquina para mim e para a moça um sanduíche quente de pão integral e presunto, um pedaço de bolo de chocolate e uma vitamina.

Sandra não queria bolo, e a garçonete o riscou do pedido e lhe dirigiu um olhar compreensivo.

– Estão sugando seu sangue. Se continuar nessa casa, vai acabar ficando doente – disse eu.

– Não é isso, estou nervosa. Bem, nervosa não é a palavra, estou ansiosa, à espera.

– À espera de quê?

Sandra se calou. A garçonete trouxe as toalhinhas de papel e os talheres.

– À espera. Tenho a impressão de que minha vida, minha vida verdadeira, vai começar a qualquer momento. Esta viagem foi muito importante para mim. Imagine, eu achava que ia passar o tempo todo deitada em uma espreguiçadeira. E, agora, veja só.

Eu escutava vagamente. No fundo, estava pensando em Sebastian, no que poderia fazer para localizar sua casa sem ter de usar Sandra.

– O cachorrinho está bem – disse de repente.

Fiquei irritado por demorar um minuto para compreender de que cachorrinho se tratava. Ela me olhava com seus olhos pardos-esverdeados bem abertos. Estavam enormes e haviam perdido um pouco de alegria, mas ganharam em intensidade. O cachorrinho nos fazia recordar minha maldade. Estava tão concentrado na virada dos acontecimentos que, de repente, vi na mesa o que havíamos pedido, como se houvesse aparecido ali em um passe de mágica.

– Como você sabe?

Continuava olhando para mim, dando-me tempo para recordar e para encontrar o fio da meada. Segundo Sandra havia me contado, a Enguia levava o cachorro na mesma noite da festa, e queria sair com ela um dia.

– Não me diga que saiu com ele, com a Enguia.

Assentiu, e seu olhar se transformou.

– O nome dele é Alberto – disse mordendo o sanduíche sem vontade.

– Alberto.

– Foi me buscar na casa dos noruegueses e levou o cachorro para que o visse. Estava muito gordinho, muito bem cuidado.

– E por isso você acha que ele é um bom sujeito?

Sujeito? Estava pegando o vocabulário de Sandra. Sentia-me estranho dizendo “sujeito”, era como se estivesse me transformando em outro.

– Não o vi mais desde então. Não passou por lá, não deixou um bilhete, nada – disse com melancolia.

Dessa vez, não precisei nem de um minuto para compreender. Seus olhos brilhavam perigosamente.

– Não tem mais medo?

Ela deu de ombros. Havia tomado a vitamina e só mordiscara o sanduíche.

– As coisas mudaram. Essa gente já não pode nos fazer mal. No máximo, vão viver mais cinco anos, os mais novos.

Tive de levantar um pouco a voz para fazê-la reagir. A garçonete me vigiava do balcão, devia achar que era uma discussão de casal.

– As coisas continuam exatamente iguais ou piores e, justamente porque tanto eles quanto eu estamos com um pé na cova, temos de acertar contas.

Olhou o relógio. Usava um relógio grande de pulseira larga de couro azul. Suas mãos eram muito bonitas, mas não delicadas nem lânguidas. Sandra não tinha nada de lânguida, porém, estava a um passo de se tornar.

– Você não entende... Alberto não permitirá que me façam mal.

– Por que, posso saber?

– Ele me beijou no porto.

Essa era a ponta do fio. Precisava dizer a alguém que estava apaixonada. Preferia me perdoar a não poder contar.

– Sei... e você retribuiu?

– Sim.

– E o que sentiu?

– Que tudo o que está acontecendo é a melhor coisa do mundo.

– Tudo? Agora temos realmente um problema – disse, mas ela não pareceu me ouvir.

– Mas não o vi mais, nem sei onde encontrá-lo. Por que ele está fazendo isso?

Até este momento, Sandra havia me preocupado; agora me assustava. E, principalmente neste momento, achava-a um pouco alheia, estava se afastando de mim e de nossos objetivos. Eu disse que provavelmente quando voltasse a vê-lo recuperaria a razão e perceberia que tudo havia sido uma ilusão. Disse que logo encontraria um homem que a amasse de verdade. E disse que, talvez, depois do que havia vivido nesses últimos tempos, pudesse ver o pai de seu filho com outros olhos. Disse que a Enguia não era bom para ela, mesmo que se chamasse Alberto e a tivesse beijado. Disse que ele havia se aproveitado do fato de ela estar sozinha e carente de amor. Mas Sandra não me ouvia.

Quais seriam os verdadeiros sentimentos de Alberto por Sandra? Por menos sangue que tivesse nas veias, podia ter se apaixonado por ela. Só um idiota não se apaixonaria por essa alma grande e calorosa, por seu olhar transparente, por sua sinceridade e sua força. Ela era infinitamente melhor que todos nós, e o fato de a Enguia poder estar tão dentro dela era preocupante, porque é muito difícil se defender do amor. Sandra estava ainda mais emaranhada naquela teia de aranha. Se ela ficasse no grupo porque estava apaixonada por um deles, seria muito difícil tirá-la de lá.

Depois desse encontro, fui embora mais preocupado que nunca e com mais sentimento de culpa que nunca, porque, se eu não tivesse me comportado como um cretino, Sandra não teria se sentido tão desvalida e não teria se jogado nos braços de ninguém.

Sandra

Acho que, da mesma forma que eu com relação a eles, Fred e Karin foram pouco a pouco tendo receio de mim, dominados pela dúvida de estarem ou não paranoicos. Eu me comportava da forma mais ingênua possível. Fingia ser como antes de conhecê-los e de saber quem eram. Tentava fazer que se sentissem confusos. O que eu tinha a ver com o mundo de pesadelos deles? Haviam me encontrado na praia, eu estava grávida (que mãe poria em perigo seu próprio filho?) e fora morar com eles porque precisava de dinheiro urgentemente e porque estava sozinha. Eram razões suficientes para que não vissem com clareza que os havia descoberto. Afinal de contas, nossa relação começara por puro acaso, por um encontro fortuito na praia. E por isso só percebi que o veneno da suspeita havia entrado de verdade na cabeça deles quando voltei de minha última conversa com Julián.

Quando cheguei, anunciada pelo barulho da moto, Fred, no andar de baixo, como sempre via televisão, e Karin lia um de seus romances. Quando levantou os olhos das páginas, sua expressão me pareceu estranha, mas como ainda não sabia de nada, fiquei por ali comentando como o passeio naquela tarde maravilhosamente nublada havia me feito bem, como o ar batia em meu rosto na moto. Na verdade, desde a noite com Alberto eu passara a produzir muitos hormônios da felicidade, e por isso não soube interpretar o meio-sorriso de Fred e o penetrante olhar de Karin. Olhavam para mim de outro ângulo do cérebro. Mas chegou uma hora em que senti muita vontade de fazer xixi, e em vez de usar o banheiro de baixo, preferi subir ao meu e aproveitar para tomar um banho. E, então, o mundo mudou.

Subi para meu quarto cantarolando uma canção em voz baixa, porque não tenho ouvido musical. Tirei as botas e a calça. Abri o armário mecanicamente para pegar uma camiseta limpa, e alguma coisa no espelho da porta do armário me chamou a atenção. Ou melhor, me fez calar. Fiquei paralisada porque tive de me concentrar demais para compreender a situação. Senti um enorme calor subindo do pescoço ao rosto, como de vergonha ou de medo, e tomei a decisão de parar de olhar para o espelho e olhar em cima da cama, onde estava o que o espelho refletia.

Não podia acreditar; eu estava perdida. Diante dos meus olhos, ajeitado como uma almofada, estava o recorte de jornal que Julián havia me dado com a foto dos noruegueses. Com certeza eles o teriam posto ali, ou Frida, e certamente o haviam encontrado em minha mochila. Nem me atrevia a tocá-lo, como se fosse fazer disparar todos os alarmes da casa. Fiquei meio tonta, olhando para ele sem saber o que pensar. O recorte só poderia ter chegado até ali se alguém o tivesse tirado de debaixo da roupa, e, para isso, teria de ter remexido minha mochila.

E se fui eu mesma? Podia ser que, procurando e tirando roupa, o papel tivesse saído e, de alguma

maneira, caído ao chão, e Frida o teria encontrado e colocado em cima da cama.

Estava difícil reagir, e fiquei em meu quarto o máximo de tempo que pude, sem coragem para descer e encará-los, nem para fugir pela janela. Pensei que não tinha por que passar por uma situação tão tensa e que esperaria ali, colocando a roupa na mochila, até que eles adormecessem. Então, iria para minha casinha, como dizia Julián, até que chegasse o inquilino, ou pediria a Julián que me abrigasse em seu hotel. Eu estava paralisada, confusa. Nunca me dei bem com enfrentamentos, e não sabia como mentir para esse casal. Afinal de contas, eu fui para lá a fim de não enfrentar o pai de meu filho, minha família, minha falta de emprego e de futuro e a realidade em geral, e encontrava aquilo, como se fosse impossível fugir dos problemas. Mas também havia encontrado Alberto, que se transformou em outro tipo de preocupação, a única preocupação que me agradava. Por que ele não dava sinal de vida?

Sentei-me um pouco na cama, completamente atordoada, e depois respirei profundamente três vezes e decidi tomar banho, como pretendia. Envolvida no roupão, com a pele fresca, o cabelo molhado, pingando, as coisas iam parecendo menos trágicas, e a solução para esse assunto desagradável caiu do céu, como se em alguma parte do mundo um gabinete para resolução de crises tivesse se reunido para pensar sobre esse assunto e me mandasse telepaticamente o resultado, porque eu não estava em condições de me esforçar. Assim, me vesti, deixei a folha em cima da cômoda e desci por aquela escada (feita, conforme Karin havia me contado, com mármore rosado trazido de Macael), cada vez mais infernal.

Continuavam no sofá fazendo o mesmo que antes, ele vendo televisão, e ela lendo seus eternos romances. E me dirigiram o mesmo olhar, cujo significado eu já entendia e me intimidava. Mas, naquelas circunstâncias, tirando forças de fraqueza, disse a eles: estou muito cansada, acho que vou tomar um iogurte e ir para a cama logo. E, a seguir, tirei da sacola de veludo o casaquinho e o mostrei a Karin. Perguntei se seria muito difícil fazer um desenho na frente para ficar mais alegre. Ela continuava me olhando, tentando compreender minhas intenções, e não teve mais remédio que pegar o tricô em suas mãos torturadas e dizer alguma coisa.

Eu li em seus olhos que eles tinham revistado meu quarto enquanto eu dava uma volta ou encontrava Julián. Revistavam-me mesmo antes de suspeitar de mim, como se fosse um dever para eles desconfiar de todo mundo. E o pior de tudo era que não se importavam que eu soubesse que me revistavam, que desconfiavam de mim e que não me consideravam plenamente amiga, talvez porque com esse achado as cartas estavam na mesa. Tanto que Karin mudou de olhar. De repente, seus olhos, seu rosto retorcido pelo tempo, eram os da enfermeira Karin sessenta anos depois. A beleza e a juventude não podiam mais esconder sua verdadeira alma.

– Para fazer um desenho, você teria de começar de novo. Teria de desmanchar o que já fez. É melhor tentar em outro. Primeiro acabe este.

Suas palavras soavam como se tivessem um significado oculto. “Teria de desmanchar o que já

fez”, disse. Sentei-me no sofá para tomar o iogurte e, ao me despedir e desejar boa-noite, não insistiram para que ficasse, como era normal.

Ainda não havia desfeito o feito, mas sentia-me aliviada por não tê-los diante de mim. Tirei a calça e fiquei de camiseta. Tirei a camisola de cetim de baixo do travesseiro, joguei-a na poltrona e me deitei. Abri um pouco a janela, como se aconselhava, para respirar mais intensamente e para que o oxigênio chegasse melhor ao cérebro, e fiquei lendo um pouco. Amanhã seria outro dia.

Julían

Eu ainda não sabia onde Sebastian Bernhardt, o Anjo Negro, morava. Não o via no Nordic Club nem havia aparecido enquanto seguia Fredrik ou Otto. Evidentemente, levava outra vida até que chegava a hora de se reunir quase obrigatoriamente com eles. Era diferente, mais inteligente e menos fanático. Tudo o que se disse sobre ele mostrava que talvez pensasse realmente que estava fazendo um bem à humanidade. Era um homem ativo, com visão, e com um modelo na cabeça cuja implantação requeria sofrimento, porque toda mudança implica dor, e mudar o mundo não ia ser fácil nem confortável para ninguém. E por isso mesmo dava mais medo. Não era sádico, mas havia estabelecido as bases para que os sádicos como Heim pudessem cultivar seus instintos e agir à vontade.

A essa altura da minha vida, eu sabia mais ou menos como todos procediam. Tinham um pensamento rígido, egoísta, e uma visão completamente interesseira da vida, sem nenhuma compreensão. Eram sociopatas, e os que não eram doentes acabaram adoecendo. Eu não tinha qualquer interesse em falar com eles, mas Sebastian era outra coisa, era mais complicado e, no fundo, mais perigoso. Não devia sentir prazer fazendo o mal, nem pondo a bota no pescoço de seus semelhantes. Devia pensar que o mal era necessário, que vinha no mesmo pacote do bem e que, quanto maior fosse o bem que se quisesse alcançar, maior teria de ser o mal.

Fui vigiar o barco-moradia do *Açougueiro* Heim com um mau pressentimento. Um tipo de pressentimento ou de sexto sentido que desenvolvi no campo. Talvez o tenha desenvolvido na idade em que surge esse tipo de talento, e que me pegou naquele lugar dedicado à morte. A questão é que aprendi a sentir na alma, ou no espírito, quando ia acontecer algo pior que o normal, e também quando ia acontecer alguma coisa boa. Ali nunca se sentia um bem, mas quando iam matar com gás algum amigo, ou quando de repente nos chamavam na enfermaria para ver se ainda éramos aptos para o trabalho ou para continuar vivendo, um dia antes eu me sentia insuportavelmente mal, sem nenhum motivo especial. De repente, na pedreira ou no barracão, ou no pátio no meio do gado humano, a sombra do mal entrava ali e o mundo ficava escuro como se estivesse anoitecendo. De início, eu não relacionava uma coisa com outra; depois, fui percebendo que era como quando minha avó sentia dor no braço porque ia chover. No dia em que tentei me matar, foi porque a alma, ou o espírito, entrou em colapso. Eu não aguentava mais, a sombra era muito grande e em minha cabeça não se via nada. Salva me encontrou a tempo, e o dia seguinte foi horrível. As chaminés fumegavam tanto que o cheiro de carne queimada era irrespirável. Uma nuvem cinza cobria o campo, e então pensei que aquela nuvem velaria por nós que ficávamos, e pedi às moléculas ou cinzas que formavam a nuvem que nos protegessem de todo mal e que Salva, que já pesava 38 quilos, não fosse considerado improdutivo e

inútil. E fui atendido. De alguma maneira, Salva se tornou invisível até que libertaram o campo.

Até aquele momento, eu tivera de inventar todo tipo de estratégia para protegê-lo. Procurava ficar na frente dele, encobri-lo diante dos guardas da pedreira; ele sabia onde devia ficar para não ser visto e eu ficava imensamente esgotado, quando subíamos os 189 degraus que levavam ao campo, por tentar sustentar sua carga quando não nos viam e me fazer passar por ele sempre que podia. Era um inferno, Salva estava no limite, e eu não aguentava mais. Estava chegando a hora em que teria de abandoná-lo a sua sorte. E então, aquele céu coberto de cinzas me compreendeu e atendeu às minhas súplicas, e a partir daquele momento ninguém reparava em Salva, a ponto de eu não ter mais medo por ele. Acostumei-me a que aqueles guardas não percebessem que ele não subia a escada com a pedra. Só descia e subia uma vez por dia, no início e no fim, e no meio-tempo fingia que fazia alguma coisa e às vezes até se sentava um pouco.

Ele, de tão esgotado que estava, não se dava conta do que estava acontecendo, mas eu não acreditava no que meus olhos viam: os olhares o atravessavam como se fosse um espírito; com certeza o viam, mas não se interessavam porque sempre havia algo ou alguém que chamava mais a atenção. A prova de fogo foi no dia (não saberia dizer se era manhã ou tarde) em que um guarda ficou olhando fixamente para ele. Eu via aquele esqueleto pelos olhos do guarda, e quando, em um impulso, foi direito para ele, achei que ia lhe dar um empurrão e fazê-lo despencar da pedreira. Senti tanto terror que nem pensei no que estava vendo, porque era o fim; havíamos chegado ao final, ao momento em que percebemos que, façamos o que fizermos, somos uma marionete. E, nisso, o guarda passou ao lado de Salva, que esperava apoiado confortavelmente em uma rocha que o matassem, e seguiu adiante, rumo a um pobre homem, dando-lhe um tiro ali mesmo. Esse foi o momento de maior estupor com relação à nova natureza de Salva, e dali em diante comecei a me despreocupar. Não importava o que acontecesse, nem os guardas nem os *kapos*, nem sequer os cães farejavam Salva. Ele ia se salvar, e se eu estivesse em sua esfera mágica, também me salvaria. E eu gostava de estar em sua esfera mágica, que não precisava de paredes nem portas. Os outros é que haviam perdido a faculdade de vê-lo. E por isso eu não acredito nessas coisas.

Também não acreditava na sombra do mal, porém eu a sentia mais que meus braços e minhas pernas. Não havia sombra quando ia acontecer alguma coisa boa, ou no mínimo nada de ruim. Nesse momento, eu sentia o calor do verão dentro de mim que me revitalizava e me dava forças. Salva me olhava ironicamente e dizia que me agarrasse ao que pudesse, que esse negócio do calor para combater a sombra era boa ideia. Evidentemente, eu não disse a ele qual era sua situação real; não disse que vivia em um círculo mágico, porque temia que se quebrasse. Mas no dia da total ausência de sombra, no dia em que lhe confessei que me sentia tão bem que achava que estava ficando louco, aconteceu algo que o fez pensar que às vezes acontecem coisas estranhas.

Não sei se até cheguei a cantarolar baixinho. Foi o dia em que Raquel apareceu no campo. Assim que a vi, compreendi que ela era a causa. Chegava em uma remessa de judeus e desfilou entre eles

com um casaco marrom e o cabelo preto cacheado meio despenteado. Olhava assombrada e horrorizada. Nós, Salva e eu, nossos esqueletos dentro de um trapo listrado, fazíamos parte desse horror. Ela não podia saber que havia nos enfeitiçado e enchido de sol. Nem que muito em breve seria como nós.

“Tomara que não tenha nenhuma peça de ouro na boca, tomara que seja saudável para poder trabalhar, e tomara que não reparem em você, que a considerem um número útil e que não a destinem à prostituição. Tomara que sobreviva tempo suficiente para entrar no círculo mágico de Salva.”

Salva, naquele dia, ao vê-la avançar olhando ao redor com seus enormes olhos pretos, disse: “Essa garota é linda”. E eu disse: “Viu como hoje ia acontecer algo bom?”.

Bom para nós e terrível para Raquel. Sabíamos pelo que ela ia passar e pensamos que, se superasse esses primeiros dias, nós a acolheríamos sob nossa proteção. Salva se apaixonou. Disse que nunca, mas nunca na vida havia sentido algo assim. Disse que talvez fosse um recurso para se sentir humano, mas que, fosse como fosse, era uma emoção desconhecida. Perguntei por que tinha tanta certeza de estar apaixonado.

– Porque ela me faz flutuar, porque meus pés saem do chão, porque fico tão nervoso quando ela está perto que minhas mãos tremem e porque tenho muita vontade de beijá-la – disse cabisbaixo.

Infelizmente, Raquel se apaixonou por mim, e eu por ela, embora eu nunca tenha tido certeza de que meu amor estava à altura do de Salva. Não sei se voei bem alto, e nunca saberemos.

Dali em diante, depois que fomos libertados, não soube muito da vida privada de Salva. Dedicou-se a vingar todos, a caçar todos os nazistas que estivessem em sua mira. Eu também, mas, além disso, era o mais feliz que sabia ser. Salva teria sido feliz com Raquel? Teria se dedicado a sua missão com a mesma força se tivesse sido feliz? A verdade é que a vida não tem resposta. E nem Raquel nem Salva estavam mais aqui. Mas daquilo havia surgido uma filha a quem eu amava, e amar alguém nos livra de muito desespero, e por conta daquilo conheci Sandra, a quem provavelmente Salva teria trancado em um círculo mágico, ao passo que eu a estava levando ao desastre.

Embora tenha conseguido estacionar em um lugar de onde do carro podia observar confortavelmente o *Estrella* com o binóculo, tinha vontade de tomar um pouco de ar, e fui caminhando até onde o barco estava amarrado. Fazia um solzinho muito agradável e me sentei três pilares antes de chegar. Achei melhor ficar o mais perto possível do carro, caso tivesse de sair correndo. Heim estava tomando sol em uma espreguiçadeira, ou acabando de tomar, porque de repente se levantou, desceu a escadinha do camarote agachando-se meio metro e subiu de volta com um caderno, que em sua grande mão parecia ridículo de tão pequeno. Fiquei com raiva de ter deixado o binóculo no carro. O que estaria anotando? Provavelmente o que havia comido. Ele gostava de deixar registrado o que fazia, o modo como influenciava o mundo. Por ser tão minucioso, conhecíamos de próprio punho as barbaridades que havia feito no centro cirúrgico, e aquele registro

o confirmava como criminoso de guerra. Escrevia lentamente, e houve um momento em que parou e ficou olhando o céu, talvez para pensar melhor, ou para descrever as nuvens.

Foi coisa de um minuto: o escritor Aribert Heim passou a um segundo plano quando vi parar entre o *Estrella* e o local em que eu estava um carro que me parecia familiar. Alguns anos antes, não precisaria ter me esforçado para lembrar, não precisaria ter buscado em minha mente o bendito carro. Ele teria se identificado sozinho, teria saído feito um raio do meio dos demais carros vistos ao longo de minha vida. Porém, agora tinha de esperar alguns minutos até que se fizesse a luz, e em situações extremas alguns minutos podem ser muito tempo.

O carro e um pastor-alemão com a cabeça para fora da janela. O carro e o cachorro de Elfe. Uma mulher com uma trança loira desceu do carro. Ela era um deles, sem dúvida. Ao vê-la, Heim se levantou da espreguiçadeira. Na realidade, já a estava vendo havia minutos suficientes para ter reagido antes, mas com ele acontecia o mesmo que comigo.

Ela entrou no convés com um pulo. Não se cumprimentaram nem trocaram nenhum gesto amistoso. Conversaram, e não pude mais continuar observando porque o cachorro me farejou e me reconheceu, e ficou maluco. Latia em minha direção e parecia que ia sair voando pela janela meio aberta. Era o cachorro que salvou a vida de Elfe e queria me cumprimentar; já estava com metade do corpo para fora, e a mulher loira se voltou para olhar para ele, de modo que decidi me retirar. Ela e Heim estavam trocando impressões sobre algo mais importante que a agitação do cachorro. Achavam que o cachorro estava assim por qualquer coisa.

O cachorro ficou latindo em minha direção até que entrei no carro, e continuei ouvindo-o ao longe enquanto partia. Aquilo não cheirava bem; eu já sabia, já tinha notado que alguma coisa ruim estava acontecendo. Fazia muitos anos que a sombra do mal desaparecera de minha vida, mas sua recordação havia ficado. Chequei a gasolina e rumei para a casa de Elfe. Era uma temeridade, porque por ali as estradas eram muito estreitas, uma verdadeira ratoeira, se me descobrissem; mas eu tinha de confirmar minhas suspeitas.

O problema dessa região é que era muito fácil confundir a trilha. Em todos os lugares, havia a mesma vegetação, e para chegar às casas falsamente rurais era preciso manobrar o carro até o desespero. Eu me confundi duas vezes, e na terceira reconheci a casa de Elfe e não vi nenhum carro na garagem. O silêncio era absoluto e não me atrevia a parar por muito tempo. Por outro lado, estava ali e sabia que havia uma portinha pela qual se chegava ao porão. Cocei meu pescoço até quase me arranhar. Evidentemente, não podia deixar o carro ali e chamar a atenção, seria suicídio, de modo que me arrisquei e entrei em uma horta, esmagando alfaces e tomates. Voltei andando até a casa, afastei a floreira e abri a portinha. Fechei-a ao descer. Antes de mais nada, não queria ficar nervoso. Não queria morrer naquela casa tão triste, que fedia a álcool e a vômito rançoso. Tive de acender a luz no porão, e alguma coisa no chão chamou minha atenção. Nas lajotas de barro, haviam pintado um sol negro, de modo que naquele porão deviam ter feito alguma cerimônia. Subi temendo que a porta

que separava o porão do térreo estivesse trancada, mas ela se abriu, o que queria dizer que não esperavam que nenhum intruso entrasse.

A cozinha e a sala estavam reviradas, muito mais que da outra vez. Tinham aberto as gavetas e as portas dos móveis sem se incomodar em fechá-las de novo. Deus sabe o que deviam estar procurando. O álbum que eu havia levado? Com certeza, mais coisas. Arrisquei subir a escada sem querer pensar que, se me pegassem, me matariam. Pisava com cuidado, embora tivesse certeza de que não havia ninguém. Deviam ter acabado com Elfe. Estava vivendo uma vida que não merecia viver, na opinião de seus amigos. Fui até seu quarto, completamente revirado. Não me dei o trabalho de procurar alguma coisa porque não saberia por onde começar. Fosse o que fosse, eles já teriam encontrado, e se não, eu não seria capaz de ver. Dei uma olhada por cima no armário. Alguns cabides estavam nus e as gavetas, meio vazias. Abri os outros aposentos e nada em especial me chamou a atenção, salvo as marcas na parede dos quadros que deviam ter retirado. Quem sabe se não havia algum Rembrandt ou Picasso...

Já era hora de sair. Fiz a viagem de volta mais depressa. Desci correndo a escada principal e abri a porta temendo dar de cara com alguém entrando. Coloquei o vaso em cima da portinha e entrei na horta onde havia deixado o carro. Continuava ali, ainda bem. Antes de voltar, fui até a casa de Frida (talvez a loira que estava com Heim naquele momento), onde se podia ver o outro carro de Elfe estacionado.

Tinham se livrado de Elfe e, como desse, podiam se livrar de qualquer um. Continuavam na ativa, e eu ainda não havia encontrado um lugar onde guardar o álbum e os cadernos de anotações. A qualquer momento poderiam revistar meu carro, e no quarto era impensável mantê-los.

Sandra

Às vezes, nos sonhos, surgem as soluções, porque eu já sabia o que queria e tinha de fazer. Tomei correndo um café com leite, não queria ficar a vida toda ali acompanhando seus lentos goles de chá. Disse a eles que queria procurar aulas de preparação para o parto, que não havia dormido pensando nisso e que estava saindo. Não se opuseram, nem sequer me recordaram que Karin tinha ginástica à tarde. Estavam avaliando a situação. Muito bem. Estava com o recorte no bolso do casaco. Podia ter pedido conselho a Julián, mas era pueril consultá-lo a cada passo que desse, e, além do mais, a situação se prolongaria.

Às duas horas estava de volta. Fred preparava outro chá no lugar do almoço, e Karin estava sentada lá fora, embora já estivesse fresco. Acontece que o conceito de fresco para um norueguês é diferente do nosso. Nem Fred nem Karin usavam manga comprida ainda, nem sapato fechado, nem precisavam de nenhum tipo de calefação.

Esperei que estivéssemos sentados à mesa para me levantar e tirar da mochila um pacote embrulhado em papel de presente. Entreguei-o a Karin dizendo que nunca havia lhes dado nada e que esperava que gostassem. Karin desembulhou-o e ficou sem fala quando viu a página do jornal com sua foto em uma bela moldura dourada, que ficaria muito bem em seu dormitório.

– Desde que encontrei essa foto de vocês, guardei o recorte para emoldurá-lo. Queria que fosse uma surpresa, mas acho que vocês já viram. Vocês são famosos! É incrível, são famosos!

Eles não sabiam o que dizer, o que pensar. Eu olhava para eles com meu melhor sorriso.

– Obrigado – disse Fred. – Foi um gesto muito bonito, não precisava ter se incomodado.

Karin era muito dura. Não corou, não pediu desculpas por fuçar em minhas coisas.

– Vamos colocá-lo aqui – disse colocando a foto no console da lareira. – É um jornal um pouco antigo – acrescentou.

– Vi-o por acaso na academia enquanto a esperava e o peguei. Alguém deve tê-lo deixado lá.

Estava mentindo para eles. O mais normal seria que me descobrissem, eram especialistas em interrogatórios e em falar com gente desesperada capaz de qualquer coisa para se salvar. Era normal que não acreditassem nessas mentiras, mas também não podiam ter total certeza de que não estava dizendo a verdade, porque, às vezes, a verdade parece mentira, e vice-versa.

– Foi puro acaso – concluí levando um pãozinho à boca. – Não imaginei que aqui publicavam jornais em norueguês. Aliás, o que está escrito?

– Andei pensando em que desenho poderia colocar no casaquinho do bebê – disse Karin com uma expressão que dava por encerrado o assunto. Decidiu acreditar em mim.

Julían

Não sabia se contava ou não à Sandra o que descobri sobre a Enguia (se é que era quem eu imaginava).

Descobri que estava evitando vê-la. Na quinta-feira à tarde, quando ia dar uma olhada na casa de Otto e Alice para ver se Sebastian Bernhardt aparecia por lá, ou se saíam para que os pudesse seguir, um carro que me parecia familiar parou na pracinha de Tosalet com dois homens dentro. Enquanto entrava na primeira rua à direita e estacionava na frente de um muro de pedra rosada, percebi que era um dos carros de Elfe, o mais novo. Pelo retrovisor podia ver o que estava acontecendo. Vi Martín sair do carro com um pequeno pacote na mão. O outro, que devia ser a Enguia, ficou dentro. Pelo rumo que Martín havia tomado, estava indo para a casa dos noruegueses. Porém, a Enguia preferia ficar no carro a ver Sandra. Provavelmente Sandra estava lá, naquela estranha prisão que ela mesma havia imposto a si, com minha ajuda. Devia estar esperando que a Enguia desse sinal de vida. Talvez, quando ouvisse a campainha e passos entrando que não fossem os de Fredrik nem os de Otto, seu coração se enchesse de esperança. A Enguia também devia pensar algo parecido, porém, ficava ali, a uma distância suficiente para que ela não o pudesse ver. Doía em mim a fato de Sandra estar sofrendo por aquele estropício.

Em dez minutos, mais ou menos, o estropício saiu para fumar um cigarro apoiado no carro. Não era grande coisa, era bem comum, a não ser por algo em seus movimentos e nos traços, o que o tornava sinuoso e assustador. Seu rosto era pálido e alongado, e tinha entradas nas têmporas que logo o deixariam sem esse delicado cabelo castanho-claro. Eu o achava bem capaz de enganar uma garota como Sandra. Não era o primeiro que eu havia conhecido capaz de se transformar de sapo em príncipe, ainda mais se beijado pela maravilhosa boca de Sandra.

Se eu fosse o pai de Sandra e fosse jovem, o levaria pela orelha para vê-la, embora, na realidade, não tenha conseguido livrar ninguém das decepções. Quando livramos de uma, chega outra, como se tivesse uma cota reservada para cada mortal. Se a Enguia não traísse Sandra, outro a trairia, como ela havia traído Santi, e se não tivesse sido ela, teria sido outra.

Quando acabou de fumar, esmagou a bituca com o pé e passou as mãos pela cabeça, tirando o cabelo do rosto. Respirou fundo e ficou olhando à distância durante vários minutos. Não parecia o jeito de olhar de quem não pensa em nada. Estava pensando em alguma coisa, muito concentrado, quase sem mover um músculo. Depois, entrou no carro e, apoiado no volante, escreveu em uma agenda durante quinze minutos.

Tive a paciência de esperar quase uma hora até Martín voltar. Mas, antes que aparecesse em meu campo de visão, a Enguia colocou a agenda no bolso, abraçou o volante e pôs a cabeça neles como

se dormisse.

Atrevi-me a segui-los. Era quase um suicídio, porque eram jovens e ágeis. Se me vissem, estava perdido. Perceberiam que os seguia. Só me salvaria se os pegasse com a guarda baixa, sem vontade de perceber nada. Mantinha distância, mas ver sempre o mesmo carro atrás seria estranho, de modo que quando vi que pegavam o desvio que levava à casa de Elfe e à de Frida, parei na entrada, entre outros carros estacionados, em um gramado. Era muito arriscado entrar em um caminho tão estreito, seria uma armadilha. Se o carro não saísse em meia hora, iria embora. Caso contrário, tornaria a segui-los.

Não levou nem dez minutos para aparecer. A Enguia dirigia, estava sozinho. Eu imaginei que àquela hora da tarde não iam se enfiar em uma casa até o dia seguinte, e acertei. Ainda restava muito dia pela frente para todos. A Enguia dirigia feito louco. Eu só pedia que nessa corrida minhas lentes de contato não embaçassem.

Estacionou perto do restaurante Bellamar, fechado até o verão, e sentou-se na areia, bem perto da margem, mas não tanto a ponto de se molhar. Depois, deitou-se com os braços esticados, com sensação de liberdade. Eu o via do carro. Depois de alguns minutos, uma garota se aproximou, e ele se levantou e se abraçaram. Sentaram-se contemplando o mar, ela com a cabeça no ombro de ele. Estavam de costas para mim e eu não via se falavam. Imaginava que sim.

Ficaram assim por meia hora e depois caminharam pela beira da água. Senti um enorme pesar por Sandra e me perguntei se ela devia saber disso; talvez a ajudasse a tirá-lo da cabeça. Talvez devesse saber que ela era mais uma, que tinha sido a garota do porto, e essa outra, a da praia, e que devia haver mais. A Enguia tirou os sapatos e as meias e arregaçou a calça. Em dado momento, ele a enlaçou pelos ombros, e ela a ele pela cintura, e logo se despediram. A Enguia percorreu outra vez a orla até a altura do carro e começou a vir. Fingi que estava dormido apoiado no volante para que não me visse. Quando levantei a cabeça, ele estava sentado em seu carro, com a porta aberta e os pés para fora, tirando a areia e colocando as meias e os sapatos. Depois, baixou o espelho retrovisor e me pareceu que estava me observando; mas, com certeza, era só apreensão minha.

Será que essa garota da praia também era um deles? Não tinha certeza de poder reconhecê-la se cruzasse com ela. Não o segui mais. Estava entardecendo, a noite cairia de supetão e eu não queria dirigir no escuro por lugares desconhecidos, de modo que teria de dar o dia por concluído e voltar à solidão do meu quarto. Mas teria de estacionar em um lugar onde o carro passasse despercebido, e isso levaria tempo. Todos os meus tesouros estavam no carro, e eu não tinha dinheiro para estacionamento. Mas, por outro lado, em um estacionamento ficaria mais localizável para os inimigos, e enquanto estacionava me vieram à cabeça as imagens dos pombinhos na praia; alguma coisa não se encaixava, havia algo desconcertante naquela despedida. Por que não iam embora juntos? Quem os impedia?

Sandra

Julián me fez um sinal do carro quando eu descia de jipe com Karin para ir à ginástica. Queria dizer que, assim que a deixasse, estaria me esperando em fila dupla e me seguiria, mas, assim que pudesse, ele me ultrapassaria e eu o seguiria, porque ele sabia onde estacionar. Ele já conhecia a cidade e as ruazinhas mais escondidas como a palma da mão. Como nunca havia lugar perto da academia, eu tinha liberdade durante uma hora e meia, mais ou menos. Às vezes, quando voltava, Karin já estava me esperando embaixo com a mochila na mão e o cabelo meio molhado do chuveiro, e então eu dizia que não podia arriscar chegar muito cedo ou que tivera de dar a volta.

Assim que Karin desapareceu pela porta da academia, fui atrás de Julián. Deixei o jipe em um pequeno terreno e entrei no carro de Julián, estacionado em outro lugar. Ele me deu água do arsenal de garrafas que guardava ali. Além da água, tinha cadernos, binóculos, uma manta, o chapéu, uma almofada, uma toalha de praia e outra do hotel. Também tinha maçãs, e o carro tinha um cheiro meio doce. Coloquei a almofada nas costas e perguntei o que queria. Esperava que não me perguntasse por Alberto, esperava que não me enchesse o saco com esse assunto, que era exclusivamente coisa minha. Mas não, não disse nada sobre isso; o que disse foi que haviam matado Elfe. Não queria me assustar, mas também não tinha direito de me esconder algo assim. Julián a havia conhecido por acaso. Era esposa de Anton Wolf, aquele que morrera de infarto jogando golfe. Uma mulher que tomava uns pileques fenomenais e falava pelos cotovelos o que não devia, de modo que acabaram com ela. Era totalmente irrecuperável, um estorvo e um perigo. Se haviam matado tanta gente que não os incomodava, por que não Elfe? Entendia o que queria dizer? Sim, eu entendia, mas achava que respeitavam os deles.

– Elfe não era mais como eles; era um dejetto humano. Eles não a suportavam.

Agora, a bela casa de Elfe estava vazia e os carros e o cachorro foram levados para a casa de Frida, mas parecia que na casa de Frida tudo era de todo mundo, porque os carros de Elfe também eram usados por Martín e pela Enguia. Senti algo amargo na boca. Se Alberto quisesse, eu poderia ser feliz, mas como não queria, eu era um pouco desventurada.

– Viu Alberto? – perguntei.

– De passagem; estava em um dos carros de Elfe indo para a praia.

– Para a praia? – Elfe não me importava mais. Não me importava que se matassem entre si, nem sequer me importava que matassem outras pessoas. Só me perguntava por que Alberto não ia me ver, não me dava nenhum sinal nem me mandava um bilhete por Martín. Por quê?

Eu notava que Julián sabia mais do que me dizia, e que queria dizer, mas achava que não devia.

– Eu o segui até a praia.

- Ah, é? – perguntei nervosa, sabendo que o que se avizinhava não era bom.
- Até aquele restaurante fechado, o Bellamar.
- De modo que ele não entrou no restaurante.
- Não, ficou areia. Deitou-se vestido, sem tirar o paletó, e abriu os braços como se quisesse se purificar.

Como eu teria gostado de estar ali, de que me abraçasse com seu corpo purificado ou não, tanto fazia. Sabia que era uma ilusão e que não podia amar de verdade alguém que havia visto tão pouco, que nem sequer sabia como era, nem se era um assassino ou um pobre diabo. Só havia me beijado, um beijo que eu tinha medo de esquecer. Essa história não podia acabar bem. Eu não podia continuar vivendo só da recordação de uma boca. Todo mundo tinha lábios e língua, e isso era o terrível: que nenhuma língua era igual e que com certeza jamais encontraria outra como a dele. E, principalmente quando me deitava ou ficava vendo televisão com Fred e Karin, vinham-me imagens de cenas que não existiram, em que Alberto estava nu e eu também, e ele pegava minha cabeça com as mãos olhando-me fixamente, e depois fechava os olhos porque havia chegado a hora de fazer amor a fundo. Às vezes, eu o imaginava tão detalhadamente que não podia suportar e tinha de me levantar e ir para o jardim. E no jardim era ainda pior, porque pelo menos sentada com Fred e Karin tinha de engolir a decepção e resistir.

– E o que aconteceu na areia? – perguntei, embora já não confiasse cem por cento em Julián, pela simples razão de que tinha um jeito diferente de ver as coisas e objetivos mais claros que os meus. Naquele momento, meu objetivo era Alberto.

– Quando estava na areia, chegou uma garota e ficaram dando uma volta.

Meu coração deu um pulo.

– Só uma volta?

– Não sei o que lhe dizer, os jovens agora são diferentes. Os amigos se beijam como se fossem namorados. Não saberia lhe dizer que tipo de relação têm. Não ficaram nem uma hora juntos.

Que ridícula! Mil vezes ridícula. Eu não significava nada para ele, e por isso não aparecera mais. Não queria se comprometer comigo, talvez até tivesse se arrependido.

Não pude evitar sentir-me triste, e a tristeza pôs as coisas em seu devido lugar. O mundo de repente deixou de ter essa camada de merengue com que eu o havia coberto desde o porto e o beijo. Tornava a ser real e sério. E, no mundo real, acontecem coisas terríveis, como o fato de terem matado Elfe. Poderia dizer que a morte de Elfe me ajudou; foi um bálsamo para minha alma.

Saí do carro de Julián e entrei no jipe. Tantas precauções, para quê? Estava farta. Não olhei a hora. Quando cheguei à academia, Karin estava esperando com cara de poucos amigos, mas meu humor estava pior. Não abri a porta para ela nem a ajudei a entrar. Deixei que se virasse enquanto eu via os pássaros voando e as pessoas que passavam, e minha vida que ia embora. Meu filho deu um chute. Pelo menos tinha a ele e toda a compaixão do mundo por mim mesma. Sentia o olhar retorcido

e difícil de Karin em meu perfil. Já não podia me fazer mal. Seu mal não era nada perto do de Alberto.

6. *A eterna juventude*



Sandra

Karin tinha recaídas preocupantes. Quatro dias bem e cinco mal, até que chegava Martín com um pacote do tamanho de uma mão, que Karin levava para seu quarto. No início, não reparei na relação entre o pacote e a saúde de Karin, mas, pouco a pouco, uma coisa levou à outra. Os olhos viam que o pacote chegava e que Karin melhorava e depois a mente fazia seu trabalho, até que não tive mais remédio senão suspeitar que tinha gato na tuba. O que havia no maldito pacote? Nunca o deixavam ao alcance de minha mão. Se Karin estava na cama quando Martín chegava, ele mesmo o levava, ou Fred, ou ela descia. Quando estavam fora, Martín, ou qualquer outro, abria a salinha-escritório com uma chave que tirava do bolso, deixava-o ali e guardava de novo a chave. O que no início me pareciam simples costumes foram se transformando em verdadeiros mistérios: o uniforme, o pacote, a cruz de ouro, a porta fechada. Talvez estivesse tão ocupada procurando a cruz de ouro que não havia notado algo tão simples. Devia ser isso que Julián queria dizer quando falava que mantivesse os olhos bem abertos, e que achamos que não estamos vendo nada, mas estamos vendo muitas coisas. Com certeza, como o pacote, devia haver muito mais sinais interessantes, e por isso eles sempre deviam estar com a pulga atrás da orelha, preocupados com o que eu pudesse ter descoberto. Quando me colocaram dentro de sua casa, na própria boca do lobo, nem lhes passava pela cabeça que alguém tão jovem quanto eu, tão afastada de seu mundo, alguém distraído que não sabia o que fazer da vida, que vomitava na praia totalmente sozinha quando a encontraram, alguém que nem sequer havia feito uma faculdade decente, não lhes passava pela cabeça que esse alguém fosse tropeçar com outro alguém como Julián, e que esse Julián abriria um véu, e que atrás desse véu estaria a verdade.

No início de novembro, Karin estava mal havia vários dias, com a artrose nas nuvens e muito cansada; não podia nem subir a escada, e Fred disse que teriam de ir pensando em instalar uma cadeira mecânica, algo a que Karin sempre havia se negado, por conta da sensação de decrepitude que essas cadeiras davam. Passava o dia na cama. Eu também não estava bem; tossia, espirrava e às vezes me sentia febril.

Fred estava muito preocupado com sua mulher. Sua expressão, por si séria, estava muito mais séria ainda, como se cada traço, cada ruga e pequeno músculo fossem de cimento e pesassem toneladas. Passava o dia observando a piora de Karin e subia e descia nervosamente a escada. A cada dez minutos, perguntava se haviam trazido algum pacote, de vez em quando achava ouvir a campainha. Imaginei que Martín não estivesse chegando com o pacote conforme o previsto, e que era

vital para que Karin se recuperasse. A coisa estava ficando evidente e, pelo ambiente, de uma hora para outra eu acabaria sabendo de tudo. Eu, por um lado, queria saber, saciar a curiosidade, mas, por outro, tinha medo de que eles soubessem que eu sabia. E vestindo o casaco, disse a Fred que estava saindo.

– Não pode sair agora – disse ele contrariado.

– Tenho de fazer umas coisas. Tenho de ir à farmácia comprar alguma coisa para a gripe.

– Não se preocupe com a gripe, isso não tem importância.

Não gostei do tom de Fred, de sua ira contida que podia explodir de uma hora para outra.

– Sinto muito – disse eu. – Volto o quanto antes.

– Não! – gritou Fred. E acrescentou algo em norueguês ou alemão. No caso, dava no mesmo, era assustador.

Imaginei que, se chegássemos ao corpo a corpo, eu seria mais ágil, mas ele era maior, embora fosse tão velho, e tinha força. Ele conseguia abrir os vidros de conserva que eu não conseguia e, se havia sido oficial de alto escalão das SS, devia saber um monte de jeitos de me imobilizar. Eu poderia lhe dar um chute no saco com minhas botas de escalada, mas não tinha certeza de acertar, e, depois de ter tentado, a situação ficaria terrível. Fiquei no lugar, com o casaco vestido, olhando para ele e tossindo, uma tosse mais nervosa que de gripe.

– Hoje eu preciso de você. Até hoje, você precisou de nós.

– Como? – perguntei, intuindo que não se referia só ao fato de terem me dado um emprego.

– Sim, moça. Você já poderia estar no fundo do mar se Karin e eu não a protegêssemos.

Sentei no sofá tentando pensar com agilidade. Como sairia dessa? Será que sabiam que eu sabia? Valia a pena continuar me fazendo de boba?

– Não estou entendendo – arrisquei.

– Não tenho tempo para bobagens. O tempo das bobagens e das garotas alegres e ingênuas com *piercings* e tatuagens acabou. Agora estamos todos no mesmo barco.

– Quero saber por que estou em perigo e quem quer me matar.

– Não temos tempo, mas tenha certeza de que, se a deixar a sua sorte, vai poder andar de moto duas vezes, no máximo. Não estou para brincadeiras, nem você, estou dizendo. Vai fazer o que eu mandar – continuou, sem que eu pronunciasse uma só palavra. Não me ocorria nada para dizer. – Karin e eu não queremos que lhe aconteça nada de ruim, e isso não acontecerá se me obedecer.

Enquanto Fred falava, eu me perguntava se teriam descoberto Julián. Eu fui para Dianium fugindo de qualquer tipo de dependência, com medo de perder a liberdade, de me sentir prisioneira de alguém, e agora minha vida, não só minha liberdade, estava nas mãos de um monte de gente que eu não conhecia.

Eu me sentia encurralada por Fred, ele nunca tinha falado assim comigo. Não encontrei outra

saída senão fazer o que me pedia: ir até a casa de Alice e dar um jeito de roubar uma dessas caixas com as ampolas que faziam Karin reviver.

A moto era mais aconselhável que o jipe, o jipe fazia pensar em Fred e Karin, de modo que peguei a moto para ir até a casa de Alice. Fiquei tentada em ir contar tudo a Julián ou a fugir e esquecer tudo, mas já estava metida naquilo e não devia ser tão fácil sair; iriam atrás de mim. E, além disso, em um instante pensei que se a vida havia me lançado esse desafio, por alguma coisa devia ser. Estacionei e toquei a campainha no número cinquenta. Fiz o sinal da cruz, como nos momentos trágicos da vida, mas de costas para as câmeras de vigilância, e respirei fundo. Não era certo pôr meu filho em perigo, mas seria bom limpar dessa gentalha o mundo em que ele ia viver. Ninguém atendeu ao interfone, o que era quase um alívio. Toquei de novo e, quando já ia embora, a porta se abriu. Apesar de estar frio, comecei a suar. Nesse momento, percebi que era covarde. Nunca reconheceria isso, mas era covarde, e por isso estava fazendo aquilo, para fingir que não era. Só os covardes são capazes de fazer essas coisas.

Era Frida, que apareceu entre o jardim e a rua. Sustentei seu olhar tosco de pessoa que faz o que mandam e disse que queria ver Alice.

- Está na ioga – disse Frida –, mas você pode esperar.
- Alice sabe que estou aqui? – perguntei imaginando que deviam ter ligado para ela.
- Sim, ela chegará em vinte minutos. Posso lhe preparar um chá.
- Ok – disse enquanto nos encaminhávamos às colunas. – E Otto?
- Está no escritório. Não quer ser incomodado.
- Não há nenhuma necessidade – disse eu.

Assim que abriu a porta da casa, os revoltosos cachorrinhos de Alice vieram nos receber. Como ela não estava, não me preocupei em lhes fazer carinho. Eram bonitinhos, mas eu não sentia nada por eles. Sentei na sala enquanto eles mordiscavam minhas botas. Apesar do calor, não tirei o casaco. Enquanto Frida me servia o chá, passei a mão pela barriga e perguntei pelo banheiro. Apontou para o lavabo ao lado da escada. Entrei. Era pequeno, com uma cuba muito bonita, de porcelana rústica da região. Eu não sabia o que fazer, nem por onde começar a procurar. E além do mais, eles iam me pegar; era muito arriscado com Frida e Otto na casa.

Fred me pediu, ou melhor, mandou, que procurasse caixas de ampolas injetáveis com um líquido incolor e sem nenhum nome gravado, nem nas ampolas nem na caixa. Poderia encontrá-las no dormitório, no primeiro andar. Assim que entrasse, à direita veria uma cômoda. Talvez ali guardassem algumas caixas, porque Alice se injetava aquilo constantemente. Também poderiam estar nos armários do banheiro social e no cofre, com toda certeza, mas era impensável que eu o pudesse abrir. Não era capaz de inventar nenhuma desculpa para subir ao andar de cima.

Olhei-me no espelho. “Você não foi feita para isso, que Fred faça, se quiser. Saí do banheiro e me dirigi à porta de saída. Tinha minhas coisas comigo, não precisava voltar à sala. Mas quando pus a

mão na maçaneta, Frida me chamou. A loira Frida, aquela que eu bem imaginava matando gente na câmara de gás sem pestanejar.

– Não posso esperar, não estou bem – disse.

Então, apareceu Otto tirando os óculos de perto e pondo os de longe, e me entregou um pequeno pacote; metade do que Martín costumava levar, mas um pacote, afinal.

– Tome, leve isto a Karin, ela precisa. Ligarei daqui a dez minutos para saber se chegou.

– Ok – disse. – Dê um abraço a Alice.

Montei na moto completamente desconcertada. Não foi preciso procurar nem roubar nada na casa de Alice. Eles me entregaram o pacote na boa. Consideravam-me um deles, e eu quase estraguei tudo por causa de Fred. Ele disse que a amizade com Otto e Alice havia esfriado por minha culpa, que a Irmandade não via com bons olhos o fato de eu me enfiar na casa deles. Eu não perguntava, não perguntava o que já sabia, e quase lhe pedi que não me contasse mais nada.

Embora Otto tivesse dito que ligaria em dez minutos, fiquei tentada a parar um pouquinho e abrir a caixa. Afinal de contas, tinha passado maus bocados tentando ser uma ladra. Sério, tinha passado mal, nunca me vira em uma situação como aquela, e achei que merecia ver as famosas ampolas, contemplá-las de perto.

Sabia que era impossível que o pacote ficasse exatamente como antes e que se notaria que havia sido aberto, mas a curiosidade era mais forte e desviei por uma rua afastada da estrada. Parei a moto, desci, pus o pacote no banco e dei início à operação de desamarrar o cordão, tirar o papel e abrir a caixa, rezando para que as ampolas não caíssem e se esstraçalhassem. Também rezei para que nenhum dos carros que passavam lentamente ao meu lado fosse da Irmandade. Foi difícil desfazer o nó da fina corda que amarrava a caixa, tive de afiar as unhas, por assim dizer, e quando consegui ainda precisava abrir o papel que a envolvia e descolar com muito cuidado o selo que fechava as bordas, e depois teria de tentar embrulhá-lo igual, respeitando as dobras do papel, e colar o selo no mesmo lugar.

Só havia quatro ampolas. Eram bem grandes, incolores e sem nenhum nome, como havia dito Fred. E se pegasse uma e a guardasse para entregar a Julián para que fosse analisada em um laboratório? Essa ideia quase me enlouqueceu. O que fazer? Arriscar-me um pouco mais? Talvez a dose fosse de quatro ampolas e Fred notaria imediatamente que eu havia tirado uma. E com certeza comentaria com Alice e Otto, e logo saberiam que eu a havia pegado. Mas se não ficasse com essa amostra, para que servia tudo o que estava fazendo? Para que servia estar arriscando a pele? E se fosse uma prova? Era muito estranho que me tivessem confiado a caixa. Otto mesmo a poderia ter levado, ou Frida. Alguma coisa não se encaixava, de modo que tornei a embrulhar tudo o melhor que pude. Reparando bem no cordão, dava para ver que tinha sido desamarrado e amarrado duas vezes, mas pelo menos as quatro ampolas estavam lá.

Quando cheguei, Fred saiu correndo para abrir a porta com suas próprias mãos. Seguiu-me

correndo atrás da moto. Na garagem, dei-lhe o pacote.

– Otto ligou há dez minutos. Disse que você já devia estar aqui.

– Tive de parar para fazer xixi, não conseguia segurar.

Fred ficou satisfeito com a explicação, e eu também. Entramos na casa. Karin estava deitada no sofá com uma calça *jeans* larga, horrorosa, que usava para ficar confortável. Com certeza estava preparada caso tivesse de ir para o hospital. Fred abriu a caixa em minha presença, tirou uma seringa de uma sacola dessas que se usam para guardar cosméticos, abriu uma ampola, passou o líquido para a seringa e a cravou na coxa de Karin, por cima do tecido. Depois, Karin se recostou e fechou os olhos com um suspiro. Fred jogou a seringa e a ampola aberta no cesto de lixo e olhou dentro da caixa com mais atenção.

– Só lhe deu isso?

Dei de ombros.

– Quer tudo para ela – disse, e logo se arrependeu. Se queria desabafar, podia ter falado em norueguês, mas precisava dividir sua raiva com alguém.

– Esqueça tudo que lhe disse sobre esse assunto – disse Fred. – Foi um exagero. É um medicamento que ainda está sendo testado, não está patenteado aqui, vem do exterior por meio de um amigo de Otto, e de repente tive medo de que não fossem nos fornecer nunca mais. Fiquei nervoso, lamento.

– Tudo bem, não foi nada – disse eu. – O importante é que agora Karin ficará bem.

– Acho que não preciso lhe dizer que não deve falar sobre isso.

Fiz um gesto querendo dizer que não se preocupasse.

– Você é muito estranha. Fiquei muito surpreso por ter aceitado ir à casa de Alice com a tarefa de roubar.

– Sim, eu também não sei por que fiz isso. Talvez não quisesse ver Karin sofrendo.

Fred me observava com seus olhos de águia. Talvez ele também não soubesse o que via em mim, exatamente. E eu me perguntava de onde viriam essas injeções e o que teriam dentro.

Finalmente pude me livrar do casal feliz e ir ao meu encontro com Julián no Farol, em meio a palmeiras selvagens. Disse que tinha de ir à farmácia comprar algo para a gripe, porque, embora não perguntassem, era melhor me antecipar e não dar espaço para suposições. A cada dia anoitecia mais cedo e fazia frio, e logo teríamos de nos encontrar sempre em algum lugar coberto. Rodei o mais depressa que pude por aquelas curvas desejando com todas as minhas forças que Julián tivesse me esperado, se não sentado no banco nem na sorveteria, pelo menos protegido no carro. Queria que tivesse tido a paciência de me esperar pelos aproximadamente 45 minutos que estava atrasada. Tinha tanta coisa para lhe contar, era tão saborosa a informação que fervilhava em minha cabeça! No fundo, dava graças a Deus por estar metida nessa aventura. Sabia coisas que nenhum dos habitantes dessa

cidadezinha poderia imaginar. Mas realmente sabia, ou imaginava que sabia, com a ajuda de Julián?

Como sempre fazia, por precaução, passei o Farol e estacionei depois da sorveteria, que nessa época servia qualquer coisa menos sorvetes, e caminhei até a parte pedregosa. Já não se via o mar, só se ouvia e se sentia o cheiro; era como estar cega. Mal comecei o percurso a pé, ouvi uma buzina. Segui em sua direção e encontrei o carro de Julián. Que alívio! Que enorme alívio! Eu havia me transformado em um brinquedo nas mãos das emoções rápidas.

– Estava preocupado – disse assim que abri a porta, e acreditei, porque tanto para ele quanto para mim esses encontros eram sagrados; era o momento em que os detalhes mais absurdos e o comportamento de Karin, Fred, Otto, Alice e Martín (menos o de Alberto) ganhavam sentido.

– Não vou poder ficar muito, antes de voltar tenho de ir à farmácia comprar alguma coisa para gripe.

– Andei pensando – disse Julián –, e acho que sou um insensato e que a meti numa boa confusão. Estou pondo você em perigo para quê? Por mais que saibamos, não vai nos servir de nada. Estamos sozinhos, e eles são mais e estão organizados. Nada do que descobrirmos poderá levá-los à prisão; eles são muito velhos, são os restos de algo que aconteceu em um pesadelo.

– E os jovens? Martín, a Enguia (quando pronunciei Enguia, minha língua travou um pouco) e os outros?

– Muita gente pertence a alguma organização secreta. Enquanto não matarem alguém... como... bem... como Elfe. Ouça, sério, não quero que você volte para lá, não sabemos do que são capazes.

– Não chegou a hora, sinto isso. Minha vida sempre foi um caos, fiz as coisas por fazer, sem pensar, e agora de repente tudo vai se encaixando. Qualquer movimento que faço serve para formar uma corrente. Hoje, por exemplo, estava louca para lhe contar, aconteceu uma coisa que parece importante, mas não sei até que ponto.

Claro que era importante, porque conforme ia falando das injeções e da impressionante melhora de Karin e da vitalidade de todos em geral e da de Alice em particular, Julián balançava a cabeça, não muito, mas o suficiente, como sinal inconsciente de que o que ouvia se encaixava com algo que tinha na cabeça. Parou de balançá-la e ficou paralisado quando lhe disse que com certeza esse líquido tinha a ver com a curiosa juventude de Alice. E então, justamente naquele momento, eu percebia que quase com certeza Otto e Alice estavam regulando o medicamento não por minha causa, não porque os Christensen me acolheram em sua casa, mas porque o produto estava começando a faltar e não o queriam dividir.

Quando contei a Julián o que suspeitava, e que Fred era um manipulador e que havia tentado me usar para roubar algo que seria muito pior que roubar cocaína ou heroína, ele se limitou a dizer que talvez sim, ou talvez não.

– Como talvez não?

– Enquanto não conhecermos a composição, não vamos poder ter certeza de que estão brigando

por esse líquido. Talvez tenha efeito placebo. As pessoas tomam qualquer bebida que fuja dos circuitos comerciais normais.

– Mas, se acreditam, para o caso dá na mesma. Poderiam brigar por uma coisa que não vale nada pensando que vale, principalmente se faz efeito para eles. E posso garantir que para Karin faz. Ela tem uma artrose cavalgar, e quando se injeta esse líquido, todas as dores passam.

– Se fosse mesmo uma fórmula tão incrível, ela se curaria para sempre.

Após dizer isso, calou-se, e eu também. Deixamos o assunto por ali mesmo. Estava claro que o passo seguinte seria pegarmos uma daquelas ampolas. Julián não ia me pedir isso depois de ter rogado que fosse embora daquela casa, e eu não ia me oferecer sem mais nem menos; nem sequer lhe disse que quase peguei uma ampola do pacote.

– Ligou para sua família? – perguntou enquanto continuava pensando na nova informação que eu lhe havia dado.

Neguei com a cabeça. Que ia dizer à minha família? A cada semana que passava, tinha menos o que lhe dizer. Eles estavam lá e eu ali, em duas vidas completamente diferentes.

– Devia falar com eles, ouvir a voz deles. Assim, vai se lembrar de como você é.

E sempre ficava com vontade de falar com Julián sobre o que mais me importava: sobre Alberto e sobre flutuar.

Julían

Depois do nosso encontro no Farol, descemos para a cidade, eu na frente, de carro, e Sandra atrás, de moto. De vez em quando ela desaparecia do retrovisor, e depois reaparecia. Tinha de voltar à Villa Sol com alguma coisa da farmácia na mão, para justificar sua saída dessa tarde. Infelizmente para Sandra, já estava aberta a porta da simulação, da enganação; já havia a necessidade da atenção em certos detalhes para esconder outros. A sacola da farmácia esconderia nosso encontro, como a velhice de Fred e Karin escondia sua maldade.

Propus a Sandra pilotar a moto, mas ela se negou categoricamente. Disse que estava mais acostumada àquela lata velha, que podia entrar alguma coisa em meu olho ou algo assim, e não queria que me acontecesse nada. Eu não me preocupava com ela; dava por certo que, se tinha sobrevivido até agora, continuaria sobrevivendo. No fundo, não queria me preocupar além da conta e perder de vista o objetivo que me levou até ali, principalmente agora que havia descoberto algo essencial, ou melhor, Sandra havia descoberto para mim. Tinha acabado de compreender que aquela frase da carta que meu amigo Salva me mandara a Buenos Aires, que dizia que ali poderia encontrar a eterna juventude, não era uma frase vã. Era uma pista, que teria ficado oculta se eu não tivesse encontrado Sandra, e Salva não podia prever que uma Sandra fosse cruzar meu caminho nessa história. Talvez Salva tivesse indícios desse composto que eles deviam trazer de alguma parte do mundo e não queria que eu ficasse obcecado. Bem que podia ter me contado tudo o que sabia, para que eu não tivesse de começar do zero.

Parei quando Sandra estacionou a moto diante da cruz verde de uma farmácia. Estacionei alguns metros adiante e observei pelo retrovisor enquanto entrava e saía da farmácia e depois montava na moto, olhava em minha direção e arrancava. Ia voltar à Villa Sol; teria de continuar vendo a cara daqueles dois monstros sem força que conheciam mil maneiras de acabar com as pessoas e para quem a vida não era sagrada, e sim uma arma.

Salva e eu vimos muita coisa em Mauthausen. Vimos esqueletos andantes e montes de corpos nus no pátio pisando em neve, um estranho tipo de gado cinza. Nosso corpo se transformou em nossa vergonha. As dores de estômago por conta da fome, as doenças, a falta de intimidade. Tudo ia para o corpo. Não era fácil se elevar acima dos próprios dejetos, de modo que, um dia sim e outro também, pensava em suicídio. Era uma forma de libertação, libertava-me pensar que aquilo podia ter um fim, que se eu quisesse acabaria para mim. A morte era minha salvação. Hitler era um doente e tinha afundado todos nós em sua mente terrível. Vivíamos no cérebro repugnante desse homem, capaz das mais monstruosas atrocidades, e só havia um jeito de sair de sua cabeça: ou morria ele ou morria eu. Não suportava o fato de que a vida, maravilhosa, com seu sol, suas árvores e suas canções, fosse

terrível. Mas não queria que sua demência me matasse. Morreria de minha própria vontade e olhando para o céu, se possível. Então, sentado perto do barracão, tirei do bolso uma lasca da pedra que arrancávamos da pedreira e cortei os pulsos; mas alguém avisou Salva, e ele me salvou. Não sei como fez, mas me salvou; cuidou de mim e disse que não importava o que acontecesse, que mesmo que estivéssemos na merda até o pescoço, que mesmo que fôssemos humilhados, que fôssemos da pior espécie de escravos, minha vida era minha. Claro que não era uma vida boa, não era uma vida decente, nem digna de se viver, mas era minha, ninguém podia vivê-la por mim. Pois bem, Salva, no fim Hitler morreu antes. Mas quanto mal deixou, quanto mal em meu coração. Muitas vezes sonho que ganharam a guerra e acordo suando.

“Você se referia às ampolas que esses velhos nazistas se injetam quando mencionou a eterna juventude, não é?” Talvez, com seus muitos experimentos horrendos, tenham encontrado alguma fórmula antienvelhecimento, uma fórmula que só eles usam. Onde será fabricada?

Cada vez ia entendendo melhor as intenções de Salva. Deixou em minhas mãos um grande projeto, mas que eu teria de ir tornando meu, com minhas descobertas e minhas próprias motivações. Salva devia saber muito, se é que soube do elixir da eterna juventude, mas não queria me envolver, me usar para se vingar. Acho que queria pôr um brinquedo em minhas mãos, dar-me um presente, uma última oportunidade.

Se toda essa suposição tinha uma base real, eu sabia como lhes fazer mal. Era só cortar o abastecimento do elixir. Karin se contrairia até acabar retorcida em uma cadeira de rodas, Alice se consumiria como uma uva-passa e eles perderiam toda a vitalidade. Perguntei-me se seu pupilo, o tal de Martín, sabia o que transportava quando levava os pacotes de uma casa a outra.

O problema era Sandra. Sandra era um caso de consciência. Se a pressionasse, seria capaz de me arranjar uma das ampolas, e poderíamos analisar seu conteúdo e seguir o rastro dos laboratórios onde a droga pudesse ter sido sintetizada. Mas eu permitiria que uma garota com a vida toda pela frente, que havia tentado me proteger evitando que eu pilotasse a moto, corresse risco? Porém, tinha de chegar ao final, devia isso a Salva, que se lembrou de mim em seus últimos momentos e que me dava a oportunidade de não fracassar.

Sandra

Não escondiam mais o pacote com as ampolas. Ficava em uma gaveta da cômoda com duas seringas para quando Karin necessitasse. Se faltasse alguma, saberiam que eu havia pegado, e creio que não achariam nada engraçado. No fundo, eu andava me livrando de muitas coisas, de muitos sustos, mas a boa sorte não dura para sempre.

Quando cheguei, pus a sacola de plástico da farmácia no balcão da cozinha, peguei uma colher da gaveta, abri a tampa do xarope e o tomei na frente deles.

– Estávamos preocupados – disse Karin –, você demorou muito.

– É mesmo? – disse um pouco nervosa. – Não olhei a hora.

Tossi para que não me interrogassem mais. E uma tosse levou a outra, à verdadeira. Não conseguia parar de tossir.

– Não queremos nos meter em sua vida, mas estávamos preocupados. À noite, nessa estrada com tantas curvas, e em seu estado... Precisa ter cuidado, só queremos o seu bem.

Karin estava recuperada, seu olhar dava medo, de tão vivo. Via-me tossir sem fazer nada. Tive de me apoiar na pia da cozinha para continuar tossindo. Foi Fred quem se levantou e me deu um copo de água.

– Seria bom se deitar, você não está bem – disse Karin.

Não disse para que ficasse. Mas eu também desejava ficar o mínimo possível na companhia deles. Já não me pareciam tão simpáticos. Atrás daquele rosto, estava o de sua juventude insolente e sem escrúpulos. Talvez Karin tenha se tornado mais suave com o passar do tempo e com o que tinha aprendido pelo caminho ali. É provável que sua própria fraqueza também a tenha tornado mais humana, ou pelo menos a obrigado a reconhecer que precisava da ajuda dos outros. Mas nem que vivesse mil anos teria uma ideia do que aquela mulher pensava e sentia; ela, cujo pulso não tremera para injetar todo tipo de porcarias no organismo dos presos, para ajudar a fazer experimentos com gêmeos. Se tudo aquilo lhe pareceu normal, se entre uma atrocidade e outra podia relaxar lendo seus romances de amor, eu nunca saberia o que estava pensando nem que planos tinha para mim.

Disse que se não melhorasse teria de ir para a casa de minha família.

Os dois me olharam muito sérios.

Para fugir de seus olhos, voltei-me para a geladeira, abri-a e me servi um copo de leite. Coloquei-o no micro-ondas enquanto tentava pensar em que mais dizer, sem falar nada que me compromettesse.

– Aqui você tem um futuro – disse Fred. – Seu filho merece uma oportunidade, e sempre terá sua família. Não vai poder ficar debaixo da saia deles a vida toda.

– Nós não temos filhos nem netos – disse Karin –, mas alguém tem de nos suceder. Alguém terá de continuar cuidando deste jardim e enchendo a piscina de água no verão, se é que me entende.

Tirei o copo do micro-ondas e comecei a beber pequenos goles. Estavam me confirmando que seriam meus avós sonhados, os avós que resolveriam minha vida. O problema era que eu já não me iludia de que seriam meus sonhados avós.

– O que você fez hoje – disse Fred – foi um ato de coragem. Antes de Otto lhe entregar o pacote, você foi ao banheiro e ficou sondando o ambiente. Frida nos contou. Queremos acreditar que, se possível, você teria roubado para ajudar Karin.

Não disse nada; sorri ligeiramente enquanto bebia o leite. Não era verdade, não teria me arriscado tanto por Karin. Também não teria chegado a roubar. Fiz o que fiz porque queria saber, porque era insuportável a ideia de voltar à minha vida de antes deixando as coisas como estavam. Pouca gente tem algo tão importante a fazer. Eu não sabia nada sobre nazistas antes de conhecer Julián. Julián os procurava, e eu os encontrara sem procurar – ou eles me encontraram. E aqui estávamos os três, na cozinha, brincando de eu ser sua neta favorita.

– Não se pode andar sozinho pela vida – disse Karin. – Quando você está sozinho, tudo é muito mais difícil. Você se limita ao que pode fazer sozinho, ao passo que se tem o apoio dos outros, de muitos, o que antes era impossível pode se tornar possível. O grupo dá poder. O difícil é haver um grupo disposto a nos aceitar e proteger.

Eu não dizia nada, só olhava para eles e bebia.

– Você tem uma família a quem ama e com a qual devia ser muito mais unida – prosseguiu Fred. Sempre que Fred falava, Karin o observava com muita atenção, arregalando os olhos. Notei que estava tensa, com medo de que falasse bobagem. – E, além de tudo, pode ter a nós e a todos os nossos amigos.

– Otto e Alice? – perguntei.

Karin estendeu o braço e pegou minha mão. Senti um calafrio ao toque de seus dedos. Consegui não fazer nenhum movimento de repulsa até poder retirá-la suavemente para pegar o copo.

– Sim, você já conhece alguns.

Trocaram um olhar e pareceram de acordo para falar algo importante. Karin tomou a palavra.

– Batemos em algumas portas, ouvimos opiniões sobre você e não é impossível que entre em nossa Irmandade. Claro que não seria fácil, teríamos de convencer alguns cabeças-duras. Somos todos muito velhos, muito conservadores, é difícil nos acostumarmos a caras novas. Porém, não sei se devo lhe dizer isso, mas são os jovens que menos querem que você entre.

– Não sei o que é uma irmandade. É como uma seita?

– Algo parecido – disse Fred meneando a cabeça.

Karin o recriminou com o olhar. Jamais desautorizaria a grande obra de um oficial com cruz de ouro, mas ficava com vontade.

– Estamos falando de ajudar uns aos outros, de todos juntos fazermos jantares, festas, e, quando alguém tiver um problema, dar-lhe uma mão. Não sei o que é uma seita – concluiu Karin.

– Estou um pouco cansada – disse tossindo de novo. – Sabem que podem contar comigo para o que for, mas esse negócio de Irmandade... não sei se saberia participar de uma irmandade, não sei o que se deve fazer.

Karin se levantou, veio até mim e passou a mão por meu cabelo. Não movi um músculo sequer. Ela parecia realmente uma avó.

– Descanse e pense. Amanhã verá tudo com mais clareza.

– Boa-noite – disse dirigindo-me para a escada. No primeiro degrau, lembrei-me do xarope e voltei para buscá-lo. Achei melhor mantê-lo por perto.

– Caso tenha muita tosse – disse eu.

Karin levantou a voz para que a ouvisse enquanto me afastava.

– Temos de cuidar da roupinha do bebê!

Dormi pensando que teria de contar também isso a Julián.

Julián

Ao chegar ao hotel, depois de deixar Sandra na farmácia, as coisas ficaram feias. Segundo meus cálculos, era plantão de Roberto, e não havia ninguém na recepção. Talvez tivesse ido ao banheiro, tomar um café ou fumar um cigarro. Pensei nisso rapidamente, como esses pensamentos mecânicos que se formam sozinhos, sem esforço. Estava pensando nas injeções e em Sandra, em seu cabelo, que havia crescido bastante e que ela usava preso em um rabo de cavalo, o que a fazia parecer mais jovem. Tinha perdido a espontaneidade, seu olhar era meio sério, meio assustado. Descobrira o medo; não o medo de não saber o que fazer da vida, mas o medo dos outros. Já não tinha volta. Sandra estava pulando de um precipício sem ninguém que a segurasse, que a ajudasse; nem mesmo eu.

A surpresa foi quando, ao chegar ao meu quarto, vi Tony, o detetive do hotel, saindo dele. O que estava procurando?

Perguntei se havia algum problema. Ele se pôs de lado para que eu entrasse, mas não entrei. Não queria ficar lá dentro sozinho com ele.

Disse, sem se alterar nem se incomodar por ter sido pego fuçando em minha suíte, que havia ido checar se eu estava bem. Era pura rotina, disse com sua cara redonda. E acabou com uma pergunta sem resposta possível.

– Tudo em ordem?

Os papeizinhos transparentes estavam no chão, e dentro, aparentemente, não havia acontecido nada, salvo a mão de Tony que eu percebia nos puxadores das gavetas e das portas e seu olhar nojento nos papéis (anotações sem importância) em cima da mesa.

Sandra

No dia seguinte, acordei com vontade de ligar para meus pais, minha irmã e até para Santi. Estava me afastando muito de minha vida normal, parecia que tinha viajado para outro planeta, que minha nave estava avariada e eu presa ali. Sentia-me consumir pela impotência, porque se alguém me perguntasse se tinham feito algo de mal para mim, se tinham me tratado mal, se tinham tentado algo contra mim, eu não teria nada de objetivo nem específico para dizer. Teria de falar de olhares, de frases com duplo sentido, de suspeitas, tudo seria vago, suposições e apreensões. Se desse o passo e me juntasse à Irmandade, talvez ficasse sabendo de tudo, mas quem sabia das coisas que teria de fazer? Não creio que me permitiriam ser um deles sem manchar as mãos, e, uma vez que as tivesse manchado, teria de carregar isso em minha consciência. Não seria tão fácil sair do clã, ou da seita ou irmandade. Para mim, não estava sendo fácil sair de minha relação com Santi, e menos seria sair desse estranho grupo.

Como Karin já estava bem, com certeza ia querer que trocássemos de jipe de lá para cá. Com certeza tinha um plano preparado, mas eu precisava de tempo para minhas coisas. Depois de tomar banho, fazer a cama e ajeitar meu quarto, desci para tomar o café da manhã. Como imaginava, Karin já estava lá. E mais que ouvir, percebia que Frida estava limpando a casa. Assim que me viu, enquanto preparava um café com leite para mim, Karin disse que tinha um plano para esse dia. O temido plano.

Fazia sol, e tomei o café olhando para os galhos das árvores. É que atrás do balcão de mármore da pia havia uma linda janela horizontal que propiciava um ambiente muito alegre e luminoso à cozinha. Karin insistiu em fazer um suco para mim; mas não por mim, e sim por ela, para que eu estivesse em condições de fazer tudo que ela quisesse. Ela mesma espremeu as laranjas, com uma vitalidade que fazia pensar que havia se injetado outra ampola daquelas. De modo que só deviam restar duas e eu não podia levar uma, era muito arriscado.

O plano era fazer compras no centro comercial. Ela adorava percorrer as diversas seções olhando tudo, espantando-se com os preços tão baratos, com as coisas tão bonitas que os *designers* criavam. Adorava a seção de artigos para o lar e tinha de arrastá-la dali. Eu ficava esgotada e entediada, mas ela gostava de gastar sua energia assim. A questão era se sentir viva. Depois, iríamos à ginástica. Eu a deixaria ali e teria uma hora para tentar ver Julián, e adiaria a ligação para minha família para quando tivesse mais tempo. Pelo menos, o xarope me fez bem e estava tossindo menos.

Mas o que tinha em mente naquele momento eram as ampolas. O fato de lembrar delas significava que haviam se apoderado de minha cabeça. Fred fora jogar o golfe com Otto e mais alguns “irmãos”; Frida estava na parte de baixo, de onde chegava o típico ruído de movimento de móveis da salinha-

escritório, e Karin decidiu me esperar sentada na varanda. Disse a ela que ia pegar a bolsa, o que era verdade, mas, antes de chegar ao meu quarto, passei pelo de Fred e Karin, deixando a porta aberta, caso Frida subisse. Ela tinha um sexto sentido muito desenvolvido e intuía quando alguém tentava fazer algo fora do comum, como eu naquele instante. Fui direito para o banheiro e olhei dentro da lixeira. Tive de afastar com os dedos alguns papéis manchados de ranho e Deus sabe de que mais, e lá estava uma das seringas. Continuei procurando mais embaixo, e lá estava a outra. Karin havia se injetado as duas para aproveitar mais a vida.

Eu estava tão nervosa! Se Frida me pegasse ali, estava perdida. Arranquei um pedaço de papel higiênico e embrulhei as seringas. Depois, remexi um pouco o que restava na lixeira e fui para o meu quarto justamente quando Frida começou a lustrar a balaustrada da escada. Saí com a menor bolsa que tinha, a tiracolo. Em um bolso interno estavam as seringas embrulhadas no papel higiênico. Rezava para que Frida não percebesse, para que algo mais importante chamasse sua atenção. Pensei algumas coisas, como me arriscar a entrar de novo no dormitório de Karin, abrir o frasco de perfume que ficava na penteadeira e colocar umas gotas, suficientes para que Frida, a farejadora, o detectasse e isso justificasse minha presença naquele santuário dourado e rosa. Mas, então, estaria confirmando que havia entrado lá e que muito provavelmente havia pegado as seringas. Era preferível não fazer nada e não pisar na bola.

A balaustrada era de mogno e muito trabalhada, com curvas e fendas onde o pó se escondia, e quando Karin e eu saímos Frida ainda a estava limpando. Em que será que pensava enquanto fazia suas tarefas com tanta paixão? Peguei a sacola de veludo com o casaquinho que estava fazendo e as agulhas, dando a entender que, em alguns momentos, eu a esperaria no centro comercial fazendo tricô.

Karin ia curtindo a paisagem. O sol, embora não fosse forte, aquecia os vidros e criava um calor muito agradável dentro do jipe. Karin às vezes fechava os olhos, como se quisesse se encher mais de vida. Nesses momentos, nunca devia pensar nas pessoas que matara ou ajudara a matar, nas que privara do calor do sol assim, na boa, e não por um acesso de ira. Olhei para ela de soslaio. Estava quase sorrindo de tanta felicidade, por se sentir tão bem, e não parecia ter peso na consciência. Parecia que só se importava consigo mesma. E era essa falta de culpa que me fazia pensar se Julián não havia se enganado de pessoas, ou que talvez tudo que me dizia não fosse verdade. Podia ser que Julián tivesse sofrido tanto que já não distinguia os bons dos maus.

No centro comercial, depois de meia hora na seção de jardinagem, eu disse que meus pés estavam inchados e que a esperaria no carro fazendo tricô. Ela insistiu que ficasse, insistiu que justamente andando de um lado para outro meus pés desinchariam; insistia porque gostava de ir comentando o que via. Mas eu não estava disposta a dar meu braço a torcer e fui para o jipe, e fiquei muito bem sem ouvir a voz de Karin. Peguei o tricô; fazia dias que não tricotava e me abstraí nessa tarefa. Quase me esqueci de pensar em Alberto. O ausente Alberto. Abri a janela para que entrasse o ar e o

ruído dos carrinhos de compras rumo aos carros. A vida podia ser muito simples; uma vida calma de aposentados cansados de guerrear empurrando os carrinhos de compras e aproveitando as pequenas coisas.

Duas horas depois vi Karin ao longe, entre brilhos metálicos, e fui ajudá-la. Deixou que eu empurrasse o carrinho, não me perguntou se estava melhor, não falou comigo. Tive a impressão de que durante todo esse tempo, por não ter com quem falar, ficara pensando em mim, e o que havia pensado não parecia ser muito bom. Engoli em seco. Abri o porta-malas, coloquei as coisas e elogiei uns vasos de terracota. Disse que tinha dado um mau jeito ao levantá-los para colocá-los no carrinho, e ainda bem que uma morena (quereria dizer uma negra?) por fim fora socorrê-la. Disse morena com desprezo, e socorrer com a intenção de fazer que eu sentisse que a havia abandonado. Quase falei que não precisava ter comprado os vasos se não podia carregá-los, mas isso teria piorado as coisas. Ficaria mais zangada, pensaria mal de mim, e estaria certa. De modo que optei por dizer que lamentava.

– Sinto muito, mas chegou uma hora em que fiquei muito enjoada.

Essas palavras a amoleceram? Eu não diria amolecer; não pensava em mim, pensava que eu não havia deixado de gostar dela, pensava que eu gostava de estar com ela e que só uma indisposição poderia me afastar dela.

– Quando chegarmos em casa, vai ver tudo que comprei.

Eu disse que queria muito ver aquelas coisas tão bonitas e seguimos para a academia. Nesse dia a ginástica era de manhã, e por sorte a essa hora também não costumava ter lugar perto para estacionar e ela tinha de descer na porta. Rezei para que não tivesse, para poder ir até o hotel ver Julián ou deixar-lhe um bilhete. Do contrário, ela me obrigaria a entrar, e não poderia negar. E perceberia se eu saísse enquanto ela estava fazendo os exercícios e teria de me justificar.

Mais uma vez, o fato de a rua estar cheia de carros foi muito bom, mais que bom. Ela mesma comentou que ia ser difícil estacionar.

Fui direito para o hotel. Quando cheguei, um carro saiu praticamente na porta. Perguntei por Julián na recepção e ligaram para seu quarto; não estava. Não estava, e eu não queria voltar com as injeções. Preferia jogá-las fora a voltar com elas, mas, antes de jogá-las, tinha de tentar entregá-las a Julián.

Onde estaria? Que fazia quando não estava comigo no Farol? Eu tinha de tentar tudo! Estava farta, farta! Saí depressa e desci até o Passeio Marítimo. Havia bancas de flores lá. Parei na primeira que encontrei e comprei o buquê mais barato que havia. Eram flores de temporada, evidentemente de jardim de inverno, e não tinham perfume; o único cheiro era dos talos cortados e molhados. A florista chinesa as tirou pingando de um balde e as embrulhou em papel transparente. Pedi um pouco daquele papel extra e disse que tinha pressa; mas, já que estava comprando, também não queria que o buquê ficasse feio. Também me deu um envelope com um cartão para escrever alguma coisa.

Sentei-me em um banco olhando para o porto e, sem tirar o papel higiênico, embrulhei as duas seringas no celofane que a chinesa me dera sem entender por que queria um pedaço de papel que não serviria para nada. Coloquei o pequeno pacote no meio das flores. Não dava para perceber, e, além do mais, o laço, muito grande, esconderia qualquer coisa. Escrevi no cartão:

Feliz aniversário! Que você sempre encontre entre os tenros talos dessas flores a juventude de que não se esquece.

Em vez de “a juventude de que não se esquece” ia escrever “sua eterna juventude”, mas achei que seria muito explícito caso caísse em mãos erradas. Evidentemente, era pura paranoia, mas não ia me arriscar por causa de uma simples frase. Esperava que, depois do risco que estava correndo, restasse alguma gota em bom estado nas seringas que pudesse ser analisada. Voltei ao hotel e deixei o buquê na recepção para que o entregassem a Julián assim que chegasse.

A seguir, entrei em um bar próximo e liguei para minha mãe.

Ela quase deu um grito ao me ouvir e disse que estavam preocupados comigo, que não sabiam onde havia me metido depois de minha irmã me fazer sair do bangalô. Quando minha mãe ficava irritada com minha irmã, chamava a casa de bangalô, de modo que deduzi que deviam ter discutido por minha causa. Disse a ela que não se preocupasse, que estava dividindo um apartamento com umas amigas e que estava feliz da vida.

– E não tem mais nada para dizer?

– Não. É só isso.

– Tem certeza? – disse com aquele tom inquisitorial que tanto gostava de usar quando nos pegava em alguma falta.

– O que quer dizer? – perguntei.

– Estou me referindo a... você sabe.

– Não, não sei – disse eu para torturá-la, ou para torturar a mim mesma.

– Por Deus, Sandra, sou sua mãe! Você não nasceu de um repolho.

De um repolho? Quando estava fora de si, dizia bobagens como essa, de modo que pensei que esse seria um momento tão bom quanto qualquer outro para confessar.

– Está se referindo às crianças que vêm ao mundo?

– Sim, a isso mesmo. Sua irmã me contou, não podia carregar esse segredo na consciência. E se acontecesse alguma coisa com você?

Começou a chorar. Até que demorou muito, por se tratar do que se tratava.

– Eu disse a sua irmã que não devia ter alugado o bangalô, que tinha de deixar você lá até que voltasse.

– Mamãe, ela precisa do dinheiro, deixe-a, já lhe disse que estou ótima.

Disse que o ultrassom mostrou que seu neto ia ser um menino. Disse que era um bebê muito

saudável, perfeito, e que os passeios pela praia e a vida ao ar livre estavam me fazendo muito bem. Começou a chorar torrencialmente. Nada do que eu fazia se encaixava em sua ideia de como as coisas deviam ser.

– Precisa de dinheiro? – disse com a voz entrecortada.

– Arrumei um emprego, vivo bem – respondi. – Quando minha amigas forem embora, vocês poderão vir me ver.

No fundo, eu estava mais aliviada, e só havia me esquecido de fazê-la prometer que não diria nada a Santi. Mas estava atrasada para ir pegar Karin. E não sabia se voltar lá era voltar à realidade ou à irrealidade mais absoluta.

Quando cheguei, ela já estava na porta me esperando com a mochila no ombro. Como sempre, seu rosto retorcido, principalmente quando o sol a fazia contraí-lo mais, mostrava que iria acontecer um interrogatório que eu não pretendia responder. Nem sequer recorri à desculpa batida de ter tido de deixar o carro no quinto dos infernos e depois ter ficado dando voltas até que saiu. Limitei-me a perguntar como havia sido a ginástica.

– Maravilha – disse ela.

Embora com sotaque, Fred e ela usavam o idioma com grande desenvoltura, e era engraçado ouvi-los usar expressões típicas.

Karin estava cansada, e não conversamos muito até a casa. Ela disse que a instrutora havia lhes dado uma surra. De repente, Karin deixava de ser uma bruxa e se transformava em uma velha cheia de achaques. Não conseguiu levar nem uma sacola para dentro; sua energia acabava cada vez mais cedo. Tive de fazer tudo. Assim que entrou, deitou-se no sofá. Frida havia feito uma sopa; era incrível como tinha tempo de fazer tantas coisas e ainda ficar atenta a algum pequeno detalhe fora do normal.

Enquanto ia tirando as coisas das sacolas e dizendo como eram bonitas, ela me perguntou se havia pensado na proposta de entrar para a Irmandade; disse que Fred estava justamente tentando convencer Otto e os outros a me aceitarem.

– É para isso que servem o golfe, os almoços e jantares com os amigos – disse ela.

Eu falei a verdade. Disse que havia esquecido, que não havia pensado naquilo e que agradecia muito seus esforços, mas que tinham de compreender que, para mim, aquilo tudo era uma surpresa, algo que nunca havia me passado pela cabeça fazer. Ela cochilou, e a cobri com a manta xadrez com que costumava fazer a sesta. Continuei guardando as coisas temendo que de uma hora para outra Fred chegasse, possivelmente com seu amigo Otto.

Fred já não era o mesmo. Entre aquele homem que me socorrera na praia, que me levantara com suas grandes mãos, que queimara a sola dos pés para me levar água, e o de agora, havia um abismo. Este era simples e obediente e me parecia capaz de qualquer coisa. Se Karin mandasse que me matasse, ele me mataria; se a Irmandade ordenasse, também me mataria. Desde que Karin e ele

namoravam, viveram dentro de um grupo, e, para ele, a verdadeira lei e a verdadeira justiça eram as do grupo. Tudo o que fosse de fora seria aceito de má vontade, sem reclamar em público.

Julían

Passei a manhã de um lado para o outro na busca de informação sobre os amigos de Fredrik e Karin, e o que estava vendo me parecia um sonho, um pesadelo. Salva havia descoberto um ninho de nazistas; nazistas nas últimas, mas nazistas. A pergunta era por que não me deixou no asilo as informações que foi conseguindo? Deveria ter deixado expressa a ordem de me entregarem a caixa, a maleta, o envelope ou o que quer que fosse que tivesse guardado. Com certeza, quando me escreveu já sabia quantos eram, quem, que tipo de vida levavam e o que andavam fazendo, além de se unirem graças ao prazer de torturar e matar. Ele me falou da eterna juventude e devia saber muito mais coisas, de modo que, assim que pudesse, daria um pulinho no asilo. Agora tinha de descansar um pouco. Comer e descansar.

Fui ao bar de sempre e pedi o *menu*. Àquela altura, o garçom já me conhecia e tinha certa simpatia por mim. Assim, ao me ver entrar, saía de trás do balcão com os talheres em uma mão e a toalha de papel na outra. Colocava tudo, se estivesse livre, em uma mesa do fundo voltada para a porta. Era algo que eu não podia evitar, sequelas que ficaram do meu trabalho no Centro: nunca me sentar de costas para uma porta, virar de repente na rua se alguém andasse muito perto de mim e sempre cobrir o número que tatuaram em meu braço, inclusive no verão. Às vezes, eu punha uma bandagem ou uma tirinha em cima, para que as crianças, quando minha filha era pequena e íamos à praia, não me perguntassem o que era aquilo. Eu não gostava que se compadecessem de mim nem que me vissem como alguém diferente; já tinha sido diferente, e, por outro lado, não queria começar a amargar a vida das crianças, nem as enganar.

As crianças logo reparam no que importa, por mais insignificante que pareça. Houve um tempo em que minha filha sentia atração pela areia do pátio do colégio. Guardava a mais dourada em um saquinho plástico e a levava para casa. Ainda tenho alguns daqueles saquinhos, e guardo um comigo como talismã. Sempre o levo comigo no bolso da jaqueta, e, felizmente, quando revistaram o quarto, não o tiraram de mim.

Não reparamos no mais evidente, e o segredo do mundo, a revelação, com certeza está no mais evidente, nos grãos de areia dourados pelo sol. Minha filha me disse que agora os números do braço poderiam ser apagados com laser, mas eu disse que uma coisa era escondê-los e outra eliminá-los. Aqueles números faziam parte de mim; minha vida não tornou a ser a mesma depois que foram gravados em mim. Eu estaria me enganando se fizesse que desaparecessem. E, além do mais, para quê? Meu futuro estava ali, meu agora era o que me restava de futuro.

Havia desistido das omeletes dos primeiros dias e recorria ao *menu*. Entre uma coisa e outra, saía quase o mesmo preço e eu ficava bem alimentado o dia todo. O garçom cuidava para que não

colocassem sal na comida e me recomendava o que poderia me cair melhor. De vez em quando, eu lhe deixava uma gorjeta decente. No bar, deviam saber que eu estava hospedado no Costa Azul e diziam que fazia bem em ir comer ali; e não falavam mais, não queriam encrenca. Fazia bem em não comer no hotel e pronto.

Eu tinha certa antipatia pelo hotel, não conseguia me sentir bem lá como no bar. E a gota d'água foi quando cheguei, depois do almoço, para deitar um pouco e organizar as anotações que ia fazendo na biblioteca, na prefeitura, no cartório de registro de imóveis, no de registro civil e no de notas. Um lugar ia me levando a outro, e o que ia ficando claro é que alguns nazistas moravam ali desde os anos 1940 e 1950, outros foram atendendo ao chamado dos que continuavam ali e vários haviam ido embora ou fingido que foram. A questão é que tinham uma vida dourada, haviam até montado negócios muito prósperos. Dedicaram-se ao ramo imobiliário e à hotelaria e haviam aberto consultórios particulares de ginecologia. Eu não sabia exatamente em que ano Salva fora para lá, mas a informação acumulada por ele devia ser imensa. Deve ter sentido uma impotência infernal quando compreendeu que morreria antes que muitos deles. Não acreditava em Deus nem no além, e eu também não. A vida toda fomos republicanos ateus. Depois do que vimos, negávamos a existência de qualquer entidade que pudesse se preocupar conosco. Porém, eu teria gostado que tivesse sido enterrado para poder levar umas flores ao meu amigo no cemitério.

Como dizia, foi a gota d'água. Para ir até os elevadores, não precisava necessariamente passar pela recepção, e lá estava o detetive do hotel com um buquê de flores na mão. Eles conheciam mais ou menos meus costumes e meu horário, coisas da velhice, quando é impossível sobreviver sem hábitos e rituais. Quando jovem, isso jamais teria me acontecido, mas, bem, lá estava Tony entregando-me um buquê de flores.

– Por quê? – perguntei.

– Feliz aniversário – disse Tony.

Estava admirando as flores, e continuei assim para que nenhum movimento me delatasse. Por que estava me dizendo aquilo?

– Obrigado – disse fazendo uma cara festiva que servia tanto para o caso de que fosse verdade quanto uma brincadeira. – Vocês, sempre atentos.

Tony sabia que havia gato na tuba, e eu também, mas não se pronunciou. Limitou-se a olhar para mim. Foi Roberto, o recepcionista da pinta, que não resistiu à tensão.

– Lamento, dom Julián, mas não fomos nós. Foi uma jovem, uma *punk*, quem trouxe. – Disse isso olhando fixamente em meus olhos para que eu compreendesse a quem se referia.

Ambos ficaram esperando uma explicação.

– Ora, que delicadeza. Por isso não sentia saudade de minha pátria, porque aqui as pessoas são de uma gentileza a toda prova – disse tentando ir para os elevadores com o buquê.

Porém, embora surpreso e meio empachado pelo delicioso refogado de carne com batata do bar,

conservava um pouco de lucidez, e procurei dentro do papel transparente o cartão que sempre se entrega com um buquê e por meio do qual o enxerido do Tony teria sabido de meu falso aniversário.

– Não deixaram cartão?

Roberto me entregou o cartão rapidamente, não queria se meter em confusão. Tony não teria se importado de ficar com ele; nasceu e cresceu para isso.

Tirei o cartão do envelope e dei uma olhada por cima. Depois, em meu quarto, leria-o com calma.

– Não me diga que leu o cartão! – disse a Tony, fixando meus olhos nele. Eu conhecia esses animais o suficiente para saber que tinham de entender que não tínhamos medo deles.

– O envelope estava aberto – disse sem afastar seus olhos de peixe morto dos meus. – Fazemos isso por segurança. Não podemos recepcionar nada estranho sem segurança.

Recepcionar, que idiotice!

– Um buquê de flores é algo estranho?

– Se eu fosse o senhor – disse Tony –, acharia estranho que uma mulher jovem, que não parece exatamente uma freira, me desse um buquê de flores. Poderíamos estar falando de um ato terrorista ou de alguma ameaça. Sou responsável por tudo o que acontece aqui.

– Compreenda – interveio Roberto. – Se soubéssemos quem é essa garota, se soubéssemos que o senhor a conhece, não seria estranho se ela aparecesse por aqui com outro buquê de flores. Depois do que aconteceu em seu quarto, estamos preocupados com o senhor.

– Ela não é uma terrorista, e, como devem ter visto pelo cartão, também não está me ameaçando – disse eu, compreendendo que era melhor entrar na deles. – É uma garota normal que eu socorri na praia. Ela ficou tonta, e em algum momento devo ter lhe dito o dia de meu aniversário. É uma maneira de agradecer meu gesto.

Por fim entrei no elevador. Alguém em condições normais não teria se deixado interrogar; em condições normais, nem lhes teria passado pela cabeça meter o bedelho em meus assuntos. Mas todos sabíamos que estávamos no meio de uma guerra surda, e não me agradava nada, nem um pouco, que tivessem visto Sandra; era a segunda vez que ela ia ao hotel. Teria que lhe dizer que fosse mais cuidadosa, não confiava em Tony. Afinal de contas, estávamos em uma cidade pequena, e em uma cidade pequena todo mundo se conhece e o tempo todo fica relacionando uma coisa com outra sem descanso, e, no final, acaba somando dois mais dois.

Coloquei o buquê em um vaso que havia em cima de uma mesinha, como se fosse certo que em uma suíte cedo ou tarde entrariam buquês de flores. Olhei para o banheiro e para o cartão. Que fazia primeiro: lia o cartão ou punha água no vaso? Tirei os sapatos com essa dúvida na cabeça, mas como os havia tirado sentado na beira da cama, deitei-me e estiquei a mão para pegar o pequeno envelope.

Li com atenção. Li as palavras de Sandra várias vezes. Parecia poesia, mas era uma mensagem, definitivamente. Falava dos talos, da eterna juventude entre os talos. Pulei da cama e peguei o buquê. Com o saca-rolhas, que nas suítes de hotel parece estar sempre esperando uma garrafa de vinho,

rasguei o laço de fita fortemente amarrado. Foi difícil rasgá-lo e não havia nenhum sinal de ter sido manipulado, de modo que, felizmente, protegido por uma grande sorte – pela sorte de Tony não ser tão perspicaz como ele pensava –, eu seria o primeiro a ver o que havia entre os talos.

Dentro de um papel celofane, encontrei outro pacotinho, e quase me espeto com o que havia dentro. Santo Deus! As seringas descartáveis com as quais Karin devia se injetar o misterioso líquido, o ouro branco, porque se não fosse misterioso poderia ser comprado em qualquer farmácia.

Um laboratório poderia extrair uma amostra para analisar. Desceria até a cabine telefônica do hotel e procuraria nas páginas amarelas por laboratórios clínicos. Ligaria para alguns para ver se estavam abertos.

Assim fiz, mas primeiro fechei os olhos por vinte minutos e tentei relaxar e descansar, porque era inútil forçar a máquina e acabar não servindo para nada. Por vinte minutos, mais ou menos, nada ia mudar. No vestíbulo do hotel, perto dos banheiros, havia um telefone em baias de laterais de mogno. Peguei o guia e liguei para os três laboratórios que encontrei. O horário de atendimento ao público era até o meio-dia, e só em um uma voz humana me atendeu. Eu disse que não se tratava de uma análise de sangue nem de urina, e sim de outra substância que não estava em meu corpo. Ele disse que analisavam todo tipo de fluidos orgânicos e não orgânicos e marcou para as nove da manhã.

Agora sim tinha um tempo para organizar minhas anotações antes de ir ao encontro de Sandra. Depois de Raquel, ela era a mulher mais maravilhosa e corajosa que havia conhecido; minha filha torta. Não costumava comparar minha filha com ninguém, nunca seria objetivo.

Sandra

Quando acabei de guardar as coisas que Karin havia comprado, e enquanto ela esquentava a sopa que Frida deixara pronta, subi para dar uma olhada no banheiro de Fred e Karin. Entrar naquele quarto sempre me impressionava, por conta da cabeceira e da colcha de cetim, das cortinas e seus retratos na parede, além da foto de jornal que eu havia lhes dado de presente, que, com certeza, acharam melhor que os outros não a vissem no console da lareira.

O armário por dentro era imponente, com os longos e decotados vestidos de Karin, pelos quais talvez o próprio Führer tenha passado a mão, e as enormes calças e paletós de Fred. Havia um ambiente especial, cheio de pensamentos desses dois monstros, cheio de seus pesadelos, embora eu não tivesse notado neles nenhum problema para dormir, só perdiam o sono para seus coitos e quando no dia seguinte tinham de fazer algo fora do habitual. Eu não diria que eram pessoas com qualquer tipo de remorso.

Às vezes eu achava estranho que fossem pessoas de carne e osso que eu pudesse ver, porque as atrocidades que Julián me contava não podiam ter sido feitas por seres humanos. De modo que, depois disso, quando ouvia dizer que alguém era muito humano, não sabia se era bom ou ruim.

O banheiro também era imponente. Era feito de mármore trazido das pedreiras de Macael, como a escada, o que sempre me fazia pensar nas pedreiras de Mauthausen, onde Julián vivera enclausurado como a pobre gente que tantas vezes eu havia visto nos documentários. Era um mármore muito fino, fresco, rosa, e sobre ele se destacavam, de maneira luxuosa, os frascos de perfume de Karin. Dentro dos armários, havia potes de creme com tampas douradas e nomes indecifráveis. Mas não me detive em nada disso, ouvi a porta da rua se abrir com o típico barulho de chaves de Fred. Ele gostava de segurá-las tilintando um pouco na mão e, conforme o tilintar, dava para saber se estava de bom ou mau humor.

Abri a tampa metálica da lixeira do banheiro e, para minha surpresa, vi que Frida não a havia esvaziado. Parecia que os papéis amassados, dois rolos vazios de papel higiênico, um pote de xampu e várias outras coisas estavam mais ou menos como eu as tinha deixado. Parecia que o conteúdo era o mesmo que havia visto pela manhã, mas não podia ter certeza; não tinha certeza de que Frida não estava me testando, porque conhecendo-a, esse descuido não era lógico. Frida era campeã de limpeza, não fazia corpo mole, não deixava nada por fazer. Era criteriosa, um soldado da limpeza. Senti um tremor por dentro que me tirou radicalmente a vontade de tomar sopa, pensando que Frida teria percebido e que contaria a Fred e Karin no dia seguinte; isso se já não tivesse localizado Fred e lhe contado. Nessecaso, que desculpa poderia dar? Era a palavra dela contra a minha, e acreditariam a nela.

Mas, a seguir, aconteceu algo que me tirou do bloqueio e me fez pensar que, antes de tomar decisões drásticas como confessar ou me jogar por uma janela, teria de esperar; teria de esperar calada que acontecesse alguma coisa, porque sempre acontece, basta ter paciência.

O que aconteceu foi que Fred estava falando com Karin em norueguês de uma maneira que me assustou. Fred nunca levantava a voz para Karin; Fred era o cachorro de Karin, por isso me surpreendi tanto. Saí do quarto dourado e rosa na ponta dos pés, a tempo de ver os dois subindo. Fred praticamente empurrava Karin, que se apoiava em uma perna e em outra segurando-se à balaustrada como podia. De início, pensei que era por minha causa. Karin devia ser minha protetora, e se ainda não tinham me flagrado espiando-os era porque não quiseram ou porque eu tinha um dom especial que os cegava, ou porque, segundo a lei da probabilidade, era muito improvável que uma garota que haviam encontrado vomitando na praia fosse uma espiã. Mas, felizmente, a irritação não tinha nada a ver comigo. Fred estava tão nervoso que quase nem me viu no corredor saindo do quarto dele e indo para o meu.

Karin veio até mim choramingando, e quando chegou perto me abraçou. Fred nos olhou enternecido. Eu percebi que Karin fingia que chorava. Afastei-me um pouco e, olhando para Fred, passei a mão por seu cabelo, perguntando com os olhos o que estava acontecendo.

Karin, com seu choro fingido, disse que Fred não compreendia o que as joias significavam para uma mulher. Fred queria que ela desse as suas a Alice.

Assenti, como pretendia Karin, apesar de ambas sabermos que eu era uma mulher sem joias e que nunca me ocorrera pensar nelas.

– Por Deus, Karin – disse Fred –, existem coisas mais importantes que joias.

Karin não disse nada e Fred prosseguiu.

– A vida é mais importante, não é? Vida em troca de joias.

– Essa vadia... – disse Karin. – Está me deixando sem nada.

Entendi que as injeções que Otto e Alice lhes davam tinham um preço em joias.

– Quero que vá à casa dela – disse Fred abrindo o cofre embutido dentro do armário – e lhe diga que se esqueceu de lhe entregar este pequeno presente e que sente muito. Nunca na vida passei tanta vergonha como quando Otto me chamou a atenção.

– Você não pode ir? – perguntou Karin.

– Não – disse Fred, pegando o porta-joias que eu conhecia do cofre. E nesse momento saí; pareceu-me prudente não ficar olhando as joias de Karin, principalmente porque não queria vê-las.

– Sandra pode ir com você. Assim dão um passeio.

Desci correndo porque a sopa estava cheirando a queimado. E então, comecei a tossir como antes. Sentia um suor frio correr pela nuca. Tirei a sopa do fogo e me deitei no sofá, praticamente no vão que Karin havia deixado um momento antes.

Deviam estar escolhendo as joias para levar à Alice, e tive tempo de me recompor e de servir a

sopa em umas cuias de madeira que Karin tinha comprado no centro comercial.

Tomamos a sopa com a sacola de plástico que eu trouxe da farmácia em cima da mesa e que Fred usou para colocar as joias de Alice. Falaram um pouco em norueguês recriminando um ao outro. Talvez discutiam pelo fato de Fred não ter controlado esse produto que lhes custava tão caro, até que ele disse que ia ligar para Otto para lhe dizer que Karin ia ver Alice porque queria muito lhe dar um presente.

Levantou-se, ligou e disse que ela nos esperava às cinco. Justamente na hora marcada com Julián para nos encontrarmos no Farol.

– Não acham que vocês deviam ir? Na verdade, não me sinto à vontade envolvendo-me em um assunto tão privado.

– Por isso quero que vá – disse Fred –, porque quero que compreendam de uma maldita vez – Fred deu um soco na mesa que me deixou pasma – que você é da família e que merece entrar para a Irmandade, que merece mais que muitos dos que mostraram méritos aprontando pelas ruas.

Karin olhou com admiração para seu marido e depois sorriu para mim.

– Ele tem razão – disse.

O fato de que quisessem dividir tantas coisas comigo me assustava. Ou que Fred pudesse se rebelar contra sua tribo por mim; isso era algo com que não contava. Com certeza estavam havia tanto tempo guardando segredos e tramando assuntos entre si que precisavam desesperadamente da entrada de um terceiro jogador para não morrerem de tédio. A Irmandade lhes dava segurança, mas nenhuma diversão. As festinhas de outrora eram legais, mas não deviam mais dar muita satisfação. E, acima de tudo, eu estava ficando muito nervosa com a ideia de não poder ir encontrar Julián.

– Tenho hora marcada para a inscrição em um curso de preparação para o parto. Podemos ir mais cedo à casa de Alice, ou talvez amanhã.

Fred e Karin negaram com a cabeça.

– Mais cedo Alice está deitada – disse Fred –, é impossível vê-la das duas às cinco. Se adiar por um dia a preparação para o parto acho que não vai acontecer nada.

– É que podem acabar as vagas, esse é o problema – disse eu.

– Não se preocupe – disse Karin com seu sorriso diabólico –, em minha academia também há cursos de preparação para o parto, só preciso falar com o diretor. Assim, enquanto eu faço meus exercícios, você faz os seus. Amanhã mesmo falo com ele.

Era impossível para eles não fazer o que sempre queriam. Sentiam-se violentados por ter de se moldar às necessidades dos outros.

Às cinco em ponto, estava estacionando o jipe na porta de Alice. Tocamos a campainha e demoraram uns cinco minutos para abrir, o que humilhava Karin. Eu, falsamente (para mim, tanto fazia Karin ou Alice), fui solidária a Karin. Morava na casa dela, tinha mais contato com ela,

conhecia-a melhor. Embora, se chegasse a hora, as duas pensassem em se livrar de mim, era impossível não tomar partido.

Não disse nada para não a aborrecer mais; nem sequer a olhava de frente.

– Essa Alice vai me pagar – disse enquanto a porta se abria lentamente.

E enquanto andávamos rumo às colunas dóricas, perguntei-me qual das duas seria pior, quem poderia mais contra a outra. Alice tinha mais juventude e força e era quem controlava o líquido, de modo que Karin não tinha muito que fazer, a não ser aguentar e engolir.

Fomos recebidas por Frida, que à tarde tinha de limpar aquela mansão, e tivemos de esperar um pouco mais na sala. Eu estava ansiosa para reconhecer no rosto de Frida se havia descoberto o roubo das injeções usadas, mas ela mal olhou para mim. Reparando mais nela, percebia que me considerava uma intrusa na Irmandade e que minha presença na casa dos Christensen devia tê-la irritado muito.

– Que mau gosto! – disse Karin na voz baixa passando a vista por relógios de bronze, candelabros de prata, espelhos com molduras de ouro, tapeçarias antiquíssimas, quadros de museu.

– São verdadeiros? – perguntei.

– Sim, são, mas nem parecem – disse Karin com desprezo.

Perguntei se havia pegado a sacola com as joias, e ela tocou a bolsa confirmando. Também não era que Karin tivesse um gosto requintado, mas era um pouco mais pessoal e gostava de coisas bonitas, embora não fossem caras nem luxuosas. As coisas de Alice eram puro luxo, um abarrotamento de luxo, que impedia algo em especial de se destacar. Eu me sentia como em uma loja de antiguidades, onde vamos reparando em cada coisa e imaginando-as em um lugar diferente. Eu nunca tinha comprado uma antiguidade, não tinha dinheiro para comprar nem a casa onde colocar, mas, de tudo que estava vendo, gostei de um vaso chinês que devia de ter dois mil anos.

De repente Alice apareceu no alto da escada. Começou a descer devagar, como uma atriz. Usava uma calça larga de veludo preto com um caimento incrível que lhe dava muita classe ao descer. Pelo que via, ela gostava muito de veludo, porque as cortinas também eram de veludo, nesse caso, azul-turquesa. Usava também um blazer acinturado do mesmo tecido da calça, e só faltava uma piteira comprida para parecer uma vampe *démodé*. Ao me ver, sua expressão mudou, não sabia se para melhor ou para pior. Ajeitou o cabelo com as mãos, o que me fez supor que era para melhor. Estava feliz por me ver, e eles sabiam. Fred e Karin sabiam que ao me ver ela amoleceria e que tudo correria melhor. Eu acabava de perceber que esse gesto favorecia mais a eles que a mim. Talvez, quando massacravam os judeus e as pessoas como Julián, achassem que lhes faziam um favor.

E, mesmo assim, eu estava a favor de Karin, não de Alice. Ela nos ofereceu chá. Sempre chá. Eu não quis. Disse que me dava insônia.

– Mas você é tão nova! – disse Alice. – Não acredito. Você nem sabe o que é isso. Vou lhe fazer um de camomila.

Arrependi-me de não ter me conformado com o chá-mate, porque o de camomila ia nos atrasar ainda mais. Já eram cinco e meia. E, ainda por cima, não permitiu que Frida o fizesse, o que com certeza envenenava ainda mais o sangue de Frida contra mim. Eu estava perdida. Ela mesma foi à cozinha, ferveu a água e colocou o saquinho na xícara. Pôs tudo em uma pequena bandeja e a depositou diante de mim com certa cerimônia. Senti medo. Depois, sentou-se cruzando elegantemente suas longas pernas e tomou seu chá em uma xícara de porcelana muito bonita, na qual sabe-se lá quem havia bebido antes.

Olhou fixamente para Karin por cima da xícara.

– Ah! – disse Karin pegando a sacola de plástico com a cruz verde da farmácia. – Espero que goste. É o melhor que tenho e o que mais pode favorecê-la.

– Vejamos, então – disse Alice empurrando as coisas que estavam sobre o vidro da mesa de centro, entre as xícaras, o açucareiro e as colherinhas. Karin me dirigiu um olhar que dizia: “Ela é uma ordinária, não merece nem olhar para essas joias”.

– Um colar de rubis – disse Alice segurando-o na mão –, brincos combinando, uma pulseira de pérolas, um anel com safira, se não me engano, um anel com ametista... é ouro branco?

Pegou a pulseira de pérolas. Dava quatro voltas.

– É uma pena, falta o colar dessa pulseira.

– O colar? – disse Karin. – Ah, sim, O colar! Deve ter caído na bolsa.

Diante do frio olhar de Alice, Karin fingiu que procurava na bolsa, e tirou um colar de pérolas de duas voltas que devia custar uma fortuna.

– Obrigada – disse Alice ao pegá-lo. – Sei que você não gosta muito de pérolas, mas eu adoro.

Levantou-se e colocou o colar no pescoço em frente ao espelho com moldura de ouro.

– Pesa um pouco – disse –, mas é bonito.

Karin acabou sua xícara de chá, eu fiz um esforço para engolir a camomila pelando e nos levantamos. Olhei o relógio: eram 5h55. Talvez Julián ainda estivesse me esperando.

– Nada disso – disse Alice – não vão ainda. Vão provar um pão de ló que Frida fez.

Dissemos que não estávamos com fome, que havíamos almoçado muito tarde e que nenhuma das duas aguentava pôr um pedaço de pão de ló no estômago.

– Só um pedacinho, só para experimentar, é espetacular – disse sem se levantar, com o colar de pérolas no pescoço.

– Frida! – gritou –, traga um pouco desse maravilhoso pão de ló que você fez.

Tivemos de nos sentar. Alice também estava acostumada a que os outros fizessem o que ela queria. Serviu mais chá a Karin, e eu, para que não fosse preparar outro de camomila, disse que ia tomar um pouco daquele. Frida apareceu com o mesmo pão de ló que costumava fazer na casa de Karin e serviu um pedaço descomunal a cada uma; um pedaço que quase saía do prato.

– Não pretende que comamos tudo isso, não é? – perguntou Karin com seu sorriso diabólico.

Então, Alice disse alguma coisa em alemão e Karin respondeu em alemão também, e ficaram assim uns dez minutos, trocando o que pareciam ser recriminações, até que Karin se levantou.

– Agora vamos – disse. – Esta menina tem coisas para fazer, e eu também. O pão de ló está ótimo, Frida.

Eu também balbuciei que estava muito bom, embora o comesse no café da manhã quase sempre. Pela cara de Alice, dava a impressão de que Karin havia ganhado a discussão em alemão. E pela de Frida, dava a impressão de que estava satisfeita por eu ainda não poder atravessar a barreira do idioma e dos grandes segredos.

– Espere um instante – disse Alice quando estávamos saindo.

Karin suspirou e olhou o relógio como se tivesse algo para fazer. Não seria de estranhar que, no decorrer da visita, tivesse lhe ocorrido ir ao centro comercial. Alice abriu uma porta e em cinco minutos saiu com um dos pacotes de sempre.

– Este é um presente pessoal, é coisa minha.

Karin pegou o pacote e lhe deu um aperto de ombros, algo parecido a um abraço. Estavam reconciliadas. No fundo, como espécie em extinção, estavam condenadas a se entender.

E houve um momento, um instante, enquanto essa cena se desenrolava, em que instintivamente me virei para a direita e flagrei Frida olhando para mim. Ela logo desviou o olhar, e não pude tirar nenhuma conclusão, mas era evidente que Frida me estudava ou me vigiava, e também era evidente que não havia dito nada a Alice sobre eu ter pegado as injeções usadas, de modo que ou não sabia, ou estava guardando essa carta na manga para outra oportunidade. Era possível que, durante todo o tempo em que eu nem reparara em Frida, ela já estivesse me observando.

Para se despedir, Alice me apertou contra si como na noite da festa. Senti os ossos de seus quadris contra os meus.

Quando finalmente nos sentamos no jipe, não me atrevi a olhar o relógio. Não queria que pensasse que eu tinha uma vida própria por aí.

– Parece que você a colocou em seu lugar – disse eu com certa admiração.

– Tive de lhe recordar umas coisinhas; as pessoas têm memória fraca. E, já que estamos no carro – completou –, podíamos dar uma volta por aí, não acha?

– Ok – respondi. Estava cansada de tanta tensão.

– Essa mulher me tira do sério, quer tudo o que os outros têm. Se encontrasse o maior e mais precioso diamante do mundo jogado na rua, não se interessaria. Só o desejaria se o visse no pescoço de alguém. E nem teria reparado em você, se não estivesse conosco.

Alice, a predadora. Todos eram predadores, cada um com seu estilo. Menos Alberto. Alberto havia me dado mais que tirado. Mas, pensando bem, havia tirado minha paz. O amor é uma faca de dois gumes, serve para ser feliz ou para ser infeliz. Lembrei-me do Anjo Negro. Parecia o mais inteligente de todos, e talvez fosse o chefe da Irmandade. Só havia aparecido em nossa casa na festa

de Karin, e dava a impressão de estar farto de todos eles. Perguntei a Karin por ele.

– E Sebastian, aquele senhor tão elegante que estava em sua festa?

– Sebastian... Sim, esse tem classe. Não tem nada a ver com Alice. Alice é uma nova-rica, como vocês dizem; já deve ter notado em seus modos. Mas Sebastian é outra coisa; a esta altura, ainda meço minhas palavras quando estou com ele.

Rumei para o Farol. Karin ia olhando pela janela. Estava escurecendo.

– Aonde vamos? – perguntou.

– Não sei. A cidade deve estar transbordando, e na casa de Alice minha cabeça começou a doer.

– Sim, Alice estava muito desagradável.

Para chegar às palmeiras selvagens do Farol, tinha de desviar e pegar um caminho de terra. Tentei ver da estrada o carro de Julián, e, como era natural, não devia estar mais me esperando. Mas, já que estava ali, era uma bobagem não dar uma olhada. Karin não poderia relacionar a visita àquele lugar com nada mais.

Estacionei perto da sorveteria. Suas luzes lançavam fantasmas sobre as árvores ao redor. Eu gostava dessa sensação de paz e solidão, mas sabia que Karin detestava; ela precisava de agitação.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntou Karin, que preferiria estar no centro comercial vendo gente e coisas bonitas.

– Fiquei com vontade de fazer xixi. Com certeza deve haver banheiro aí.

– Podia ter feito no campo, ninguém ia ver – disse ela gargalhando.

– Sim, é verdade, mas é o costume. Se não quiser descer, volto logo.

– Eu espero. Não demore – disse meio contrariada porque eu não estava fazendo tudo o que ela queria.

Fui muito atrevida levando-a lá e estava me arrependendo disso; sabia que ela queria ir ao centro.

Entrei sabendo que seria difícil encontrar Julián e sem imaginar como tirar proveito da situação. Havia dois ou três casais sentados e dois homens no balcão jogando. Ao me ver ir para o banheiro, a garçonete de sempre olhou para mim e eu para ela. Fui até ela e lhe perguntei se haviam me deixado algum recado.

– Para você? – disse, avaliando se estava disposta a me dar essa informação.

Meu coração batia muito forte. Se Karin resolvesse entrar, estava perdida. A garçonete olhava embaixo do balcão. Ouvi a porta de um carro bater e quase corri para fora, quando aquela abelhuda pegou um papel, olhou atentamente para mim com vontade de dar sua opinião sobre minha relação com o velho Julián, e o entregou. Guardei-o no bolso e ia lhe pedir por favor que ficasse de boca fechada, mas não disse nada porque seria lhe dar muita importância e, no fim, ela ficaria ciente de mais esse detalhe. Saí sem passar pelo banheiro e, lá fora, vi outro carro ao lado do nosso. Chequei se pela janela Karin poderia ter me visto falando com a garçonete e guardando o bilhete no bolso. E

era possível.

– Já? – disse Karin.

Não disse nada; limitei-me a suspirar e liguei o carro.

– Todas as joias eram lindas, mas o colar de pérolas... – disse eu enquanto voltava o nariz do jipe para a cidade.

– Teriam ficado muito bem em você, e não nessa velha. Não sei quem ela pensa que é. Pérolas são para gente jovem. Não pretende tirar nunca o *piercing* do nariz?

– Já que fiz o buraco, tenho de aproveitá-lo.

Ajeitou-se no banco; gostava de estar comigo. Passei o desvio para Tosalet e entrei no burburinho da cidade. Notava o entusiasmo crescente de Karin. Ela não dizia nada com medo de que eu estivesse distraída e fizesse o retorno de volta para casa. Parei no estacionamento do centro comercial.

– Não disse que estava com dor de cabeça? – disse ela um tanto excitada.

– É, mas já passou; e temos de esquecer Alice, não é?

Parecia uma criança no parque de diversões. Não esperava que partisse de mim a ideia de ir ao centro comercial sem que ela tivesse de pedir. Eu acreditava que qualquer dúvida, qualquer suspeita, qualquer sombra que tivesse passado por sua cabeça no Farol desapareceria agora. Quando já estávamos dentro com o carrinho de compras, ela passando os olhos pelas coisas bonitas, eu disse que não sabia se havia deixado as luzes do carro acesas e que voltava logo, que a encontraria.

Assim que me distanciei, tirei o bilhete do bolso. Era um esquema sem nomes. Havia uns círculos desenhados; três para ser exata. Cada um tinha uma letra, A, B, C. O círculo C continha uma cruz. Também havia um retângulo e umas palmeiras. Fechei os olhos para me acalmar e, ao abri-los, o desenho começou a me parecer familiar. Palmeiras baixas, selvagens, banco e pedras. Era o lugar do Farol onde Julián e eu nos sentávamos antes que refrescasse, o que poderia significar que debaixo da pedra C ele havia me deixado algum recado. Podia ser uma forma de me dizer que não fosse ao hotel, e sim ao Farol. Mas naquele momento seria complicado ir. Demoraria muito, e Karin estranharia e ficaria impaciente. Mas também poderia inventar alguma coisa pelo caminho. Quando Karin estava feliz, ficava disposta a acreditar em tudo. Sabia que não lhe restava muito de boa vida, que assim que a torneira do líquido mágico se fechasse ela encolheria, ficaria prostrada em uma cadeira e não poderia mais sair de casa. Suas joias também acabariam um dia. Tinha de aproveitar o momento.

Saí dali buzinando para todo carro que cruzava meu caminho e me atrapalhava. De moto, teria chegado em um instantinho, mas com aquele tanque tudo se complicava.

Finalmente cheguei ao Farol. Era uma loucura ter deixado Karin sozinha. Levei quinze minutos para percorrer aquelas malditas curvas. Deixei as luzes apontando para o banco e as palmeiras e, quando encontrei a pedra C, corri para ela. Pesava bastante, mas finalmente a tombeei, peguei um papel que estava debaixo embrulhado em plástico, coloquei de novo a pedra no lugar e saí correndo. Era como estar em um desses concursos da televisão em que se tem de superar provas a grande

velocidade. Tanta agitação poderia me fazer mal? Em dois meses, com certeza, não poderia mais fazer isso, mas naquele momento, felizmente, ainda podia. Entrei no carro, liguei o motor. Nos semáforos, suplicava que abrissem logo, suplicava com toda a minha alma, e depois supliquei que houvesse uma vaga no estacionamento. Àquela hora, o centro comercial transbordava de gente, e se não encontrasse um lugar não teria como explicar. Minhas súplicas foram ouvidas; achei lugar um piso abaixo. E se Karin perguntasse alguma coisa, talvez pudesse fazê-la duvidar de si mesma. Eu suava por todos os poros do corpo e meu coração estava a mil. Assim que pus o pé no centro comercial, procurei controlar a respiração, não queria que Karin me visse agitada. Sequei o suor do rosto. Havia demorado quase 45 minutos. E mais uma súplica, jurei que essa seria a última da noite. Supliquei ser capaz de encontrá-la logo no meio daquela multidão.

Situei-me em um ponto central, concentrei-me e varri com a vista seção por seção. Na súplica, incluía-se o desejo de que ela não estivesse atrás de nenhuma coluna. Eu a vi. Via-a na seção de livros comprando vários romances de letras douradas.

Parei ao seu lado e peguei a sacola com os livros.

– Onde você se meteu? Estava preocupada. Você passou mal?

A pergunta era capciosa, eu sabia, de modo que disse que não, que simplesmente não a estava encontrando; era impossível com tanta gente, e estava quase jogando a toalha e mandando chamá-la pelos alto-falantes quando a vi.

– São bons esses romances?

– Quero começar logo. Hoje não vou ver televisão.

Era bom saber, para eu também poder subir correndo para meu quarto. Não queria ficar sozinha com Fred. Já eram tantas coisas que tinha de esconder que alguma poderia escapar.

Para desviar a atenção de Karin do fato de ter de pegar o elevador para descer um andar e do pouco tempo que marcaria no *ticket* do estacionamento, disse a ela que gostaria de aprender alemão, que achava que aprender alemão me abriria portas, e que talvez ela pudesse me ensinar.

– Por exemplo – disse eu –, como se diz: “Moro na casa de Fred e Karin. Fred e Karin são meus amigos”?

Karin soltou uma torrente de palavras em alemão e depois ficou pensativa.

– Acho que não tenho paciência para ensinar. É melhor ir a uma escola. Conheço uma muito boa.

Distraída, Karin pagou o *ticket* e eu o peguei e joguei em uma lixeira; tínhamos descido e já estávamos abrindo o capô e guardando as compras. Dessa vez, além de seus típicos caprichos, havia comprado coisas práticas, como fruta e leite. Nesse momento, olhou em volta e disse que não havíamos estacionado ali. Eu disse que sim, só que em vez da escada rolante, havíamos subido pelo elevador.

Deu outra olhada em volta e não disse nada. Eu poderia ter dito que, ao voltar para ver se havia deixado o farol ligado, percebera que havia estacionado em uma vaga reservada para deficientes e

que tivera de mudar de lugar, mas optei pelo caminho mais curto. Se acreditasse, bem, senão, também não teria engolido a outra desculpa.

– Já vamos para casa? – perguntei para tirá-la de seus pensamentos.

– Vamos, mais por você que por mim; eu não me canso.

Perguntei, para tirá-la de novo de seus pensamentos, se não se importava se antes passássemos na casa de minha irmã para ver se estava tudo em ordem e para pegar uma pasta que havia esquecido lá; uma pasta que, evidentemente, não existia.

Julián

Fiquei uma hora esperando no Farol e Sandra não apareceu. Era muito fácil que surgisse qualquer eventualidade e ela não pudesse comparecer ao encontro. Quando isso acontecia, eu não sabia se devia esperar mais ou ir embora. Sentia pena de que ela precisasse inventar cem mil histórias para poder ir e que eu já tivesse ido embora. E o que me parecia realmente perigoso era que aparecesse outra vez no hotel. Acima de tudo, queria avisá-la de que não fosse lá me procurar, de que quando precisasse falar comigo o fizesse ali mesmo, no Farol. Nosso problema até então era onde poderíamos deixar recados um para o outro. Algumas vezes fiquei tentado a comprar um celular e dar dinheiro a ela para que pudesse me ligar, mas as ligações acabam delatando, as ligações são indiscretas, nunca podemos saber em que situação se encontra a pessoa a quem ligamos. Era melhor assim. Quanto menos pudessem localizar nossos meios de contato, melhor. Por isso, o casal norueguês não usava celular e muitos daqueles invisíveis também não tinham telefone fixo. Em geral, usavam o de alguém conhecido ou de bares perto de casa. Foi quando me veio à cabeça o que poderia ser a mais simples caixa de correspondência para nós: o lugar que melhor conhecíamos, o banco de pedra onde tantas vezes nos sentamos. Esse era o lugar onde poderíamos deixar as mensagens, e enquanto tomava um descafeinado na sorveteria e comia um bolinho transbordando de manteiga e açúcar, desenhei um pequeno mapa do lugar. Era muito elementar, mas sem relacionar uma coisa com outra, não era tão fácil decifrá-lo.

Dobrei o papel e escrevi: “Entregar à moça com *piercing* no nariz”.

Sandra

Dirigi devagar rumo à casinha para que Karin fosse esquecendo o lance do estacionamento antes de chegar à Villa Sol. Assim que saímos do centro, a paisagem ficou linda, escura, com pequenas luzes aqui e ali; as sombras das árvores se moviam e o céu nos engolia. E eu estava compartilhando aquele momento com um ser que tinha matado centenas de pessoas sem pestanejar, sem remorso e com sadismo. Sentia seu perfume, e abri a janela.

– Você é muito romântica, não é, Karin? Gosta muito de histórias de amor.

– Não poderia viver sem isso. Agora já sou velha, mas algumas histórias me fazem recordar. Gosto muito. É o sal da vida, o amor, a conquista, a sedução. Você não pode imaginar como Fred era quando o conheci. Era um homem espetacular. Alto, bonito, determinado, do jeito que eu havia sonhado. Era um atleta, fazia todo tipo de esportes, montava a cavalo, esquiava, escalava... era um homem superior, completo. Eu me apaixonei assim que o vi. Era digno de estar em um livro ou em um filme. Agora somos dois velhos. Que idade têm seus pais?

– Minha mãe, 50, e meu pai, 55 – respondi pensando que a descrição que Karin fazia de Fred era como a que Julián havia feito, só que a dele menos idealizada. Para Julián, Fred era a matéria-prima que Karin precisava para escalar posições, e eu acrescentaria para moldar seus sonhos românticos. Pelo que pude deduzir até ali, Karin podia ser terrivelmente prática e também fantasiosa.

– E seus avós?

– Já morreram. Conheci muito pouco meus avós; às vezes não sei se os recordo ou os imagino.

– Agora você tem a mim – disse ela.

E, sem querer, sorri satisfeita; mesmo sabendo que era fingimento de ambas as partes, me senti reconfortada. Karin, nem nos momentos de maior fraqueza, nem nos que conseguia se sentir mais humana, daria mais do que recebesse em troca. Ela não estava acostumada à generosidade, não fazia parte de seu comportamento.

Na casinha, como dizia Julián, havia luz. Parei o jipe e disse a Karin que se quisesse podia me esperar, mas, como imaginava, ela não quis. Quando se sentia bem, não queria perder nada. Desceu do carro apoiando-se em mim e esperou comigo até que abrissem. No fundo, eu a havia levado ali para que tivesse muitas coisas na cabeça e ficasse meio confusa. Pensei que esse detalhe teria mais importância em sua cabeça que o fato de termos parado no Farol ou de ter duvidado quanto ao andar em que havíamos estacionado. Se contasse algo a Fred, teria de ser sua conversa com Alice. Só poria Fred contra mim quando não precisasse mais de mim ou eu falhasse com ela. Enquanto isso, ela estava disposta a representar.

Saiu um homem de bermuda meio descabelado, o tipo de homem que quando está em casa fica um esculacho. Abriu o portão preguiçosamente; estava descalço, apesar do frio. O tipo de homem para quem entrar em casa é como entrar na cama. Era professor. Eu sabia, por minha irmã, que ele tinha pedido transferência para um lugar de praia, fugindo de um divórcio. Disse a ele que queria ver se precisava de alguma coisa e ia pegar uma pasta que tinha esquecido. Afastou-se para que déssemos os quatro passos que nos poriam na soleira da porta. Não queria nem imaginar como devia estar a sala.

– Uma pasta? – riu feito louco. Como eu temia, tudo estava inundado de pastas, papéis e dois dedos de pó.

– Se me deixar olhar, vou reconhecê-la.

– Vamos fazer uma coisa: deixe que eu procure e amanhã você passa por aqui – e riu novo. O divórcio o havia transtornado ou sua mulher tinha se divorciado dele porque estava transtornado.

– Você mora sozinho? – perguntei para quebrar a tensão.

– Muito cuidado com o que pergunta – disse ele aproximando-se de uma maneira intimidatória. – Depois, não se queixe de minha resposta.

Santo Deus, o cara estava um caco!

– Muito bem – interveio Karin com seu sotaque estranho –, amanhã a esta hora mandaremos alguém pegar a pasta.

E, a seguir, soltou uma frase em alemão com uma seriedade e uma cadência que não só deixou o professor desconcertado como a mim também.

– Não entendi nada – disse o professor.

– Eu disse – esclareceu Karin olhando para ele muito seriamente com seu rosto difícil – que enfie a língua no cu e vá tomar banho, que isso aqui fede a esterco.

Eu me senti muito envergonhada por Karin, pelo professor louco, pela humanidade inteira, e muito aliviada porque um incidente desses era do que eu precisava para que Karin não pensasse que eu fazia coisas estranhas.

– Se minha irmã visse como a casa está... – disse eu ao entrar no jipe. – Ela não tem nenhum móvel bom na casa, mas cuida de tudo como se fossem os de Alice.

– Certas coisas não se podem tolerar – disse Karin irritada. – Ele acha que só as repugnantes pastas dele são importantes? Ele riu de sua pasta. É melhor que a encontre.

De repente, senti medo do ódio que Karin estava sentindo do pobre professor maluco.

– Karin, ele não riu de minha pasta; ninguém pode rir de uma pasta. Ele está um pouco fora de si, só isso.

– Ele lhe fez propostas sexuais de muito mau gosto.

– Só queria nos assustar, tenho certeza de que não é capaz de matar nem uma mosca. E obrigada por me defender, mas acho mesmo que ele é inofensivo.

– Amanhã alguém virá buscar a pasta e lhe pedir que se comporte. Não é só por você, mas pelos alunos dele. Que tipo de formação pode dar aos jovens?

– Não se preocupe com isso, Karin, as pessoas mudam muito no trabalho. E quem viria buscar a pasta? Fred?

– Vamos mandar Martín. Ele sabe tratar com essa gentinha.

A noite tomou conta de tudo. Estava preocupada com a vida desse homem descabelado que havíamos acabado de abordar em sua casa. Sem fazer a menor ideia, ele estava correndo um grande perigo. Quem poderia dizer que alguns dos assassinatos não resolvidos nessa região não eram obra da Irmandade?

– Temos de ser mais caridosas. Minha irmã me contou que a mulher o abandonou. Ele está muito apaixonado por ela e não consegue suportar. Ficou meio transtornado.

– A demência é uma coisa terrível – disse arrastando os erres com raiva.

Parecia que Karin estava com vontade de castigar alguém, e o pobre homem havia aparecido na frente dela.

Estacionei perto de um bar e, enquanto Karin tomava um descafeinado com leite analisando as pessoas, liguei para minha irmã do telefone público e lhe contei como era o inquilino; disse que talvez acabasse dando problemas. Minha irmã me escutava, estava menos falante que de costume.

– Você está diferente – disse ela.

– Estou bem – respondi sem saber o que dizer diante desse comentário.

– É sua voz. Parece mais velha, deve ser pela pressão no diafragma.

– Não reparei, mas eu me vejo como sempre.

– Como sempre, não – disse ela ostentando seu veio autoritário. – Sua voz está mais triste. Não se meteu em confusão, não é?

– Em que confusão vou me meter aqui? Tenho minhas preocupações.

– Então veja se se preocupa em dar um pai a seu filho.

Eu ia dizer que ela não tinha nada com isso, que se metesse em suas coisas e que eu estava lhe fazendo um favor controlando o inquilino e checando a casa, mas, evidentemente, não disse. Queria escutar sua voz, tão antiga quanto eu mesma. Só tínhamos dois anos de diferença e eu não podia dizer se gostava dela ou não; simplesmente havia crescido com ela e sentia saudade, e por isso havia ligado. Agora que estava me contando que meus pais haviam brigado outra vez, eu tinha vontade de desligar. Não a escutava mais, e o corpo me pedia para sair correndo.

– Você é uma encenqueira! Agora mamãe me joga na cara que eu não deixei a casa para você até que lhe desse na telha voltar. Conseguiu fazer que ficasse brava comigo.

Fazia-me lembrar como eu era antes de conhecer Fred, Karin, Julián, Otto, Alice, Martín, a Enguia. Fazia que recordasse que existe uma vida onde não acontece nada fora do normal, por mais

trágico que seja. Karin estava a alguns passos, sentada em uma banquetta com a xícara na mão, observando as pessoas, que, felizmente, não mais poderia enfiar em um vagão de trem a caminho de um campo de concentração.

Poderia ter dito alguma coisa à minha irmã, ter mandado um sinal dizendo que estava metida em uma confusão e em um caso de consciência, mas ela teria pedido todo tipo de detalhes, e eu não queria que soubesse, só que intuísse, que adivinhasse. De modo que lhe perguntei por meu cunhado e meus sobrinhos com uma grande sensação de distância, como se de repente eu tivesse oitenta anos e tentasse não esquecer o passado.

– Diga a eles que não se preocupem com a moto, sempre ponho a corrente.

Ao chegar, Fred nos deu uma bronca por causa da demorade umas quatro horas. Disse que estava prestes a convocar os efetivos. Os efetivos? Karin deu-me um sorriso cúmplice, e eu a ela. Queria brincar de meninas malvadas, e Fred seria nosso protetor. Ele, no fundo, estava contente por ver sua mulher exultante. Ela me pediu que lhe passasse a sacola e a abriu. Mostrou o pequeno pacote a Fred com um sorriso, dessa vez diabólico de verdade. Eu ia intervir para dizer a Fred que Karin tinha posto Alice em seu lugar, mas um sexto sentido me conteve. Certas coisas, detalhes, eram só para nós duas. Karin abriu o pacote com dificuldade, por causa da deformidade dos dedos.

Embora tenha falado em norueguês, entendi. Três. Alice, em sua infinita avareza ou generosidade, não sabia bem, havia lhe dado três ampolas. Melhor que nada. Mais três injeções de energia. Provavelmente não esperaria até se sentir mal; essa noite mesmo injetaria uma para que fosse fazendo efeito enquanto dormia, e, aleluia, jogaria a seringa usada na lixeira do banheiro, e talvez Frida, ao vê-la, ficasse um pouco confusa. Precisava esquecer Frida, não podia estar atenta a tudo. Fiz o que tinha de fazer, e o risco estava perfeitamente assumido.

Julián

Levantei muito cedo para tomar o café da manhã e os comprimidos e chegar logo ao laboratório. Levava as injeções do jeito que as havia tirado do meio dos talos das flores, enroladas em papel higiênico e depois em um pedaço de celofane. Não as queria tirar para que não pegassem ar, para não alterar o pouco produto que pudesse restar. Esperava que o pessoal do laboratório aceitasse fazer uma análise com tão pouco conteúdo e que fosse experiente e capaz de fazê-la.

Havia marcado com Sandra às três e meia no lugar de sempre. Será que tinha levantado a pedra e pegado a mensagem? Torcia para que até essa hora pudesse ter o resultado da análise.

Não era possível. Primeiro me atendeu uma assistente, e quando viu do que se tratava, o chefe do laboratório foi falar comigo. Era quase tão velho quanto eu. Havia mais dois pacientes na sala e disse à assistente que gostaria que fosse confidencial, então, levou-me a uma mesa de mogno que parecia tirada de um escritório de advogados do século passado. Tirei as injeções embrulhadas.

– Já foram usadas – disse enquanto a desembulhava –, e queria saber se sobra algum resto analisável.

– De que produto estamos falando?

– Esse é o problema; não sei, não tenho ideia, e estou muito preocupado. Trata-se de um filho, peguei-o várias vezes injetando isso. Não quero que acabe um viciado em drogas.

– Que idade tem ele?

– Trinta e oito anos, maior de idade, mas um filho é um filho. Não posso fingir que não vejo.

– Entendo – disse ele.

– Moram aqui?

– Não, estamos de férias. Achei que com o mar e o sol pararia de usar essas coisas, mas não deu certo.

– Está bem. Farei o que puder. Vou ver se consigo aproveitar alguma gota. Seu endereço?

– Estamos justamente mudando de hotel. Meu filho nos coloca em situações difíceis. Venho buscar quando estiver pronto.

– Estará pronto amanhã à tarde ou depois de amanhã, dependendo da dificuldade.

– Bem, passarei amanhã, quem sabe dou sorte.

Estava nervoso; sabia que aquele homem experiente encontraria algo verdadeiramente surpreendente. Com certeza, Salva não teve acesso ao produto. Devia saber de sua existência, mas nunca devia ter tido uma gota na mão; mas talvez soubesse onde era fabricado. Poderia tratar-se de um dos vários experimentos dos nazistas. Estavam muito interessados na imortalidade, e o próprio Führer havia mandado expedições para encontrar o elixir da vida eterna, assim como a Arca da

Aliança ou o Santo Graal. Poderia ser um experimento genético.

No momento, não tinha nada urgente para fazer até a hora de meu encontro com Sandra, então decidi resolver uma coisa pendente: ir até o asilo de Salva, Tres Olivos, e perguntar um pouco mais pelos pertences de meu amigo. Falei com a mesma leoa da vez anterior, mais forte ainda do que me recordava. Estava muitíssimo bronzeada.

– Outra vez por aqui?

O fato de se lembrar de mim mostrava muito dela; significava que prestava atenção nos detalhes, e nós, idosos, dependemos de pequenas necessidades e detalhes que devem ser atendidos.

– A senhora tem uma memória invejável.

– Não tenho opção, senão isto aqui seria um caos.

– Veja... vim de muito longe para ver meu amigo Salva, e eis que quando cheguei aqui, havia morrido e só me deixou um bilhete. Não se lembra do que fizeram com seus pertences?

– Acho que lhe falei: a roupa foi para uma paróquia e os papéis foram queimados.

– Queimados? Todos?

Ela estava ficando impaciente. Não gostava de remexer no passado.

– Será que não ficou alguma caixa por aí com coisas dele?

Ela não dizia uma palavra; olhava-me fixamente, dizendo sem falar: “já lhe disse tudo que tinha para dizer”.

– Salva merece que nos preocupemos um pouco mais com ele, embora já esteja morto.

– Não duvido – disse ela –, mas veja como está o refeitório. Eles também precisam que me preocupe com eles.

E então, ocorreu-me uma pergunta absurda, que não seguia o fio da conversa.

– Desculpe... mas quem mantém o asilo? É estatal?

A partir disso, começou a me olhar de outro jeito.

– É privado, com um pequeno subsídio do governo, mas se submete aos mesmos controles que qualquer asilo do Estado. Tudo está em ordem. Não foi possível fazer nada por Salva, e ele sabia. Até o final, tinha plena ciência de sua situação. Ele era uma pessoa excepcional. Senti muito sua perda.

Ela me deixou entrar no quarto de Salva. Estava vazio; as mantas dobradas em cima do colchão. De sua janela via-se uma horta, e depois o horizonte com montanhas. Ali Salva pensava, ali me escreveu a carta, ali passou os últimos dias de sua vida. Abri os armários, mas não tive sorte; estavam vazios. E olhei embaixo do colchão e também não tinha nada. Porém, Salva era previdente, muito previdente, e se quisesse me deixar alguma informação, teria deixado em algum lugar que eu teria de descobrir. Salva não se sentia angustiado com a ideia de que a morte estava virando a esquina, porque conhecia a morte, já havia olhado nos olhos dela e a desafiado. O Salva que eu conhecia não teria se acovardado com a morte.

Tinha certeza de que Salva considerou a possibilidade de que se desfizessem de suas coisas e que, ao chegar, eu não encontrasse nada. Também podia ser que seu legado não estivesse no quarto, e sim fora, em algum lugar do jardim ou onde fosse normal haver papéis. Na biblioteca, talvez. Fechei a porta com a sensação de que estava vendo algo, mas não sabia o quê.

Não esperava uma biblioteca com tantos exemplares; uns cinco mil, doação – segundo me contou a encarregada – de um historiador que havia passado seus últimos anos no asilo esquecido por todos. “Aqui há muita gente que exala seu último suspiro sem que ninguém se lembre deles, e as amizades que fazem aqui e nós mesmos somos seu único consolo”, disse a encarregada da biblioteca. “Depois, a família reclama porque nos doaram a biblioteca ou uma quantia em dinheiro.” Perguntei que livros Salva costumava ler.

– Salvador... era um homem muito inteligente, mantinha a cabeça em muito bom estado e era o único que não deixava a gente tonta contando sua vida. Acima de tudo, lia história e um pouco de medicina. Em geral, o que mais interessa às pessoas de idade que viveram a guerra civil é história, e também os fascículos – apontou várias estantes cheias de fascículos bastante manuseados – sobre como se cuidar e prolongar a vida. Acho que Salva leu todos, mas chegou uma hora em que esta biblioteca não tinha o que ele procurava, e ele ia à universidade. Até que ficou mal, passava os dias rodando de táxi para lá e para cá. Esse homem deve ter gastado um dinheirão em táxi.

Pareceu-me que se importava com o dinheiro dos mais velhos (como ela nos chamava), sim, mas não era a hora nem a pessoa adequada para perguntar pelo dinheiro de Salva. Fui até a seção de história e peguei dois livros sobre a Segunda Guerra Mundial. Se houvesse anotado algo, se houvesse deixado algum sinal, teria sido onde me fosse mais familiar: Mauthausen.

Não se falava muito sobre aquele campo nem havia nada sublinhado. Procurei no capítulo “Republicanos espanhóis nos campos da morte” e também não notei nada significativo. Teria de ir olhando livro por livro, mas tinha medo de que qualquer percalço que encontrasse pelo caminho me impedisse de chegar a tempo ao Farol. Seria imperdoável; e também era possível que Sandra e eu tivéssemos avançado muito mais na investigação do que Salva teria podido imaginar. Não era provável que conseguisse o líquido; teria sido um sonho para ele. No fundo, a única coisa que Salva teria me legado eram suspeitas. E se eu fosse crente, acharia que Salva, lá do Além, teria me enviado Sandra para que eu pudesse terminar o trabalho que ele havia começado.

E mais uma coisa: podia ser que eu estivesse superestimando Salva. Quando pensava nele, sempre via o homem de quarenta anos transformado em uma máquina de caçar nazistas. Como todo ser humano, devia ter perdido faculdades, e talvez soubesse menos do que eu acreditava. Mesmo assim, teria sido capaz de descobrir sozinho que nessa cidade se concentrava uma irmandade de nazistas, que testavam em si mesmos um experimento de cinquenta anos atrás que os fazia rejuvenescer. Ou talvez mais recente. Dávamos por certo que os nazistas se limitavam a não ser

descobertos, a envelhecer e a morrer em paz, mas podia ser que continuaram desenvolvendo algumas invenções para seu uso particular e para vender.

De volta à cidade, não sabia se devia passar pelo bar. Era dia de macarrão com tomate e salmão grelhado, tudo muito pesado; e, além disso, a visita ao asilo havia me tirado o apetite. “Se Salva, como diziam no asilo, havia mandado me entregar aquele envelope depois de morrer, devia ter me contado tudo com os mínimos detalhes e me deixar qualquer informação que me ajudasse, e não meias-verdades”, pensei de novo, mas dessa vez bem irritado por causa do comportamento incompreensível de Salva. Comprei um sanduíche e uma garrafa grande de água e fui direito para o Farol. Comi meio sanduíche e tomei os comprimidos sentado no banco entre as palmeiras selvagens onde Sandra e eu nos sentávamos quando o tempo estava bom. Depois, comecei a sentir frio e entrei no carro. Aproveitaria para dar uma cochilada até que ela chegasse.

Sandra

Às duas horas já havíamos comido com a leveza costumeira; fazíamos um horário meio europeu, meio espanhol. Tivemos tempo de ir à ginástica e de dar uma volta pela praia. Karin disse que tinha falado com o diretor da academia e que eu podia me matricular nas aulas de preparação para o parto. Quando ela disse isso, percebi que quase havia esquecido a criatura que carregava dentro de mim, e me perguntei se era uma mãe desnaturada, se não havia me metido nessa confusão para não ficar pensando constantemente no que me esperava. Não que houvesse esquecido que estava grávida, isso era impossível; seria como se esquecer de andar. O fato é que deixei de dar importância a isso. Mas, pensando bem, para efeitos práticos e reais, pensando ou não pensando nela, a gestação seguia seu curso, e nem eu nem o bebê estávamos quietos; cada um em seu mundo, fazíamos o que tínhamos de fazer. O futuro era uma incógnita, como se costuma dizer, porque quando me disseram que eu estava grávida imaginei nove meses em um mundo à parte, o das grávidas, cheio de coisas novas e íntimas. E veja só a vida que eu levava agora. Certamente não levava uma vida de grávida e talvez nenhuma mulher levasse. Essa vida não existia.

Karin também disse que, se eu decidisse por sua academia, ela pagaria o curso. Eu não disse nem sim nem não, não me comprometi, mas havia decidido que tanto isso quanto qualquer outra coisa relacionada a meu filho eu pagaria com o que ganhava trabalhando para eles. Até então, meu próprio corpo o separava deles, não podiam lhe fazer nada, e quando isso terminasse, nunca teriam contato com ele. Só os casaquinhos que eu estava fazendo, cada vez mais de vez em quando, serviriam de lembrança. Claro que jamais poria nele os que Karin fizesse. Também nisso Karin me revelou seu verdadeiro rosto. Depois de me atrair para ela com o pretexto de me ensinar a tricotar, praticamente não voltou a tocar nas agulhas. O casaquinho estava sem as mangas e a gola, e não parecia que tivesse intenção de terminá-lo, mesmo que pequenininho. Karin não era caseira, quando estava em casa era porque não tinha opção. Nesse dia voltou à força, porque cismou em ir a uma feirinha de antiguidades no interior da comarca. Tive de lhe dizer que as barracas fechavam ao meio-dia, e que, além do mais, Fred podia ficar bravo outra vez se chegássemos tão tarde. Karin deu de ombros, não levava Fred a sério. Então, tive de lhe dizer algo que de certo modo era verdade: que Fred era incondicional para com ela, que Fred estava ali quando ela não estava bem e que Fred não se importava que se desfizesse de suas joias em troca de um remédio que lhe fazia muito bem. Fred vivia para ela, e ela, em compensação, não o devia preocupar.

— Você percebeu, não é? — disse ela. — Tive o melhor. Todas tinham inveja de mim, inclusive Alice. Ela gostaria de tirá-lo de mim, mas não conseguiu. Só pode me tirar as joias.

Eu me perguntei se ela já amara o Fred real, se o teria amado com seus defeitos, ou se o Fred dos

romances havia engolido o real. Ele parecia amá-la como era, com a artrose e a cara de bruxa e suas fantasias e sua maldade. É que, talvez, não fosse por ela, o abismo o esperasse. O importante foi que, após essa conversa, ela se conformou em voltar para casa, e eu poderia ir ao meu encontro com Julián. O fato de que nesse mesmo momento alguém de fora daquela casa estivesse me esperando, alguém que não se parecia em nada com Fred e Karin, dava-me asas e vontade de lutar.

E para continuar falando de Fred e não deixar que arranjasse outra desculpa para ficar na farra, perguntei-lhe como havia percebido que estava apaixonada por Fred. Teve de pensar. Talvez estivesse procurando alguma frase lida em seus romances.

– Não sei – disse –, é coisa que não se pode explicar.

Seria a mesma coisa que eu responderia se me perguntassem o que sentia por Santi. Porém, o que sentia por Alberto era como pular de para-quedas. Eu sabia, mesmo fazendo muito tempo que não via Alberto e nunca tendo pulado de para-quedas.

Julían

Ouvi em sonhos alguém bater à porta. Abri os olhos e era Sandra batendo com os nós dos dedos no vidro. Amaldiçoei-me por ter adormecido. Se ela não tivesse visto o carro... Mas também era verdade que estava mais esperto depois dessa cochilada. Sandra havia recuperado um pouco de cor no rosto, como se estivesse se acostumando a amar sem ser correspondida, e desde que usava as botas de montanha parecia mais alta. Entramos na sorveteria e nos sentamos em nossa mesa de sempre. Já tínhamos o banco de sempre, a mesa de sempre. Em meio a tanta incerteza, a tantas sombras e suspeitas, fomos criando uma pequena ordem. Eu não sabia se era por conta de seu estado ou dos acontecimentos, a questão é que Sandra parecia muito mais madura que quando a vira na praia pela primeira vez e depois em sua casinha. Parecia que haviam se passado cinco anos, talvez dez, voando.

– Amanhã provavelmente teremos o resultado da análise. Eu me curvo perante você, Sandra. Você é muito corajosa, mas não quero que continue sendo. Alguém percebeu que pegou as seringas usadas?

Negou com a cabeça, mas Sandra ainda não aprendera a mentir categoricamente. Seus olhos esverdeados, um pouco inclinados para baixo, que para os outros podiam não parecer bonitos, mas que eu adorava, tinham o brilho cintilante de quando se tenta enganar o oponente.

– Frida percebeu alguma coisa? – não deixei que respondesse. – Frida é uma arma letal. Andei investigando-a. O nome dela é Frida... Bem, é melhor que não saiba como se chama, você poderia deixar escapar o sobrenome. Mora em uma casa de campo com vários jovens, que provavelmente pertencem à Irmandade. Dois deles, Martín e seu amado, estão às ordens dessa corja de velhos decrepitos por quem sentem devoção. Em compensação, os velhos decrepitos os sustentam muito bem. Com certeza cada um deles tem de se fazer merecedor de uma boa quantia depositada em algum paraíso fiscal, e pertencem a um grupo com ideologia, com armas, com uma religião própria e com passado, o que faz que se sintam especiais. Vi Frida; eu a segui e verifiquei que é fria e desalmada e que fará qualquer coisa que lhe ordenem, porque, para ela, a única lei que existe é a do grupo, e tudo de fora é irreal. Não sei se me entende.

Na verdade, eu não tinha visto Frida matando ninguém, mas a imaginava muito bem matando Elfe ou qualquer um que seus chefes mandassem. Quem poderia ser seu chefe direto? Heim, Sebastian, Otto, Alice? Não era provável que acatasse a autoridade de um estrangeiro como Fredrik Christensen.

Sandra assentiu e disse uma coisa que levei dois minutos para compreender. Queriam a todo custo inseri-la na Irmandade, o que significava que Fred e Karin compreendiam que estava vendo muito e precisavam envolvê-la mais. Talvez presumissem que sabia tanto que o melhor seria inseri-la no

grupo. Senão, era possível que os próprios Otto e Alice mandassem liquidá-la e Frida não se importaria nem um pouco, posto que Sandra não havia sido obrigada a conquistar os mesmos méritos que ela nem a passar por treinamento como ela, nem a fazer trabalhos de limpeza, por mais de confiança que fosse, nem a levar uma vida quase monástica para entrar na Irmandade. Devia ter muita inveja de Sandra e muita vontade de acabar com ela ou de lhe dar uma surra.

– Na verdade – disse Sandra –, não sei se ela percebeu o sumiço das ampolas. Nunca se sabe o que ela pensa.

– Meu conselho é que não volte para lá e que vá para Madri, para a casa de um amigo onde não possam encontrá-la. Falou de Santi a eles?

Meneou a cabeça afirmativamente.

– Vá para algum bairro da periferia onde seja impossível encontrá-la.

– Não quero viver fugindo – disse ela. – Não quero ter a sensação de que estão me seguindo. Vou esperar um pouco mais; talvez com mais provas a polícia possa intervir e fazer alguma coisa com eles. Por que não queria que eu fosse ao hotel?

– Porque nunca se sabe quem está de olho. Não é bom que me relacionem com você. Podem descobrir quem sou, e você estaria perdida. Deixe os recados debaixo da pedra, eu também os deixarei ali.

– Tenho de lhe contar uma coisa – disse então Sandra completamente desanimada. – Ontem trouxe Karin aqui. Ela não saiu do carro, eu disse que tinha de parar para ir ao banheiro, foi depois do negócio das joias. Estávamos voltando para casa, mas pensei que talvez você tivesse me deixado algum recado, e não é que tinha deixado mesmo um debaixo de uma pedra? Que intuição!

– Que negócio das joias?

Pelo que Sandra me contou, estava enfiada naquilo até o pescoço. Assistia às manobras de Karin e Alice, injeções em troca de joias roubadas dos judeus. Karin ainda estava comprando mais vida com a vida daqueles que ajudara a matar ou que ela mesma matara. Não fez nenhum comentário. Ela me contou a cena entre Karin e Alice com Frida e ela mesma no meio. Eu disse a ela que com certeza continuavam considerando Fred um nazista de segunda, e que por isso não devia ter acesso direto à compra do líquido. Também podia ser que Otto e Alice tivessem o monopólio. Dizia-se que Karin, em sua esplendorosa e malévola juventude, havia dado um jeito de chegar até o Führer e caído nas graças dele. Primeiro conseguiu mostrar que seu marido era merecedor da cruz de ouro, e por meio de Hitler parecia provado que Karin teve algum tipo de relação com ele, a quem pôde ter dito alguma palavra a favor de Otto em algum momento delicado de sua vida. Karin podia ter certa influência moral sobre Alice, mas esta tinha tudo: tinha o elixir da eterna juventude.

Mas de onde tiravam o líquido? De um laboratório da região ou o mandavam trazer de fora? Quando segui Otto, nunca vi nada estranho, mas com certeza era porque não sabia que estava procurando.



7. *O talismã*

Sandra

Julián disse que se eu não caísse fora rapidinho não teria outro jeito senão entrar para a Irmandade, mas que seria algo que me marcaria pelo resto da vida como uma filonazista, e que ele não estaria aqui para dizer ao mundo que eu era uma infiltrada, uma heroína que se havia proposto a revelar um grupo de criminosos. Talvez ele pudesse escrever para sua organização, na qual ele e seu amigo haviam trabalhado por tanto tempo perseguindo nazistas, mas eles achariam que era uma maluquice, nem deviam lembrar que ele ainda estava vivo; nem sequer deviam saber que Salva, seu amigo, havia morrido depois de uma vida inteira dedicada a fazer justiça. Eu disse que talvez a mim escutassem, mas ele negou com a cabeça, obstinado.

– Então... somos só nós dois – disse a ele. – Você está velho, e eu estou cada vez menos ágil. Não vamos dar conta disso.

– Somos três: você, eu e Salva. Ele me colocou na pista e deve ter dado um jeito de nos ajudar um pouco mais. A organização, com todos os seus meios, não foi capaz de descobrir o que nós sozinhos descobrimos. A oportunidade e a coragem juntas podem mais que uma organização. A esta altura, qualquer pessoa de fora poderia estragar nosso trabalho. Você vai ou fica, mas o fato é que estamos sozinhos.

– Caso me aconteça alguma coisa, gostaria que ligasse para minha família e que lhes contasse o que fiz – peguei o guardanapo azul-turquesa que estava embaixo de meus talheres e escrevi o endereço e o telefone de meus pais, e também o endereço e o telefone de Santi. – Se acontecer alguma coisa ruim com nosso filho, acho que Santi não me perdoará, mas gostaria que compreendesse que eu não fui atrás do perigo.

Durante aquelas semanas, eu havia compreendido que é impossível viver sem perigo. Nem meu filho nem eu, por mais que eu quisesse, poderíamos estar completamente a salvo. Tudo é perigo, e podemos saber qual de todos os perigos é o que nos matará. Alguns perigos pulam na cara da gente e outros estão por trás das cortinas à espreita, e não podemos saber qual é pior.

Julián me ouvia muito atentamente e me olhava como se fosse a primeira vez que me escutava. Então, colocou a mão no bolso do casaco, pendurado no encosto da cadeira, e pegou um saquinho de plástico com alguma coisa dentro.

– Tome, é um talismã. Agora vai ser melhor para você que para mim.

O que havia no saquinho era simplesmente areia; areia queimada. Ainda tinha alguns pontos

brilhantes, e o guardei no bolso da calça. Já fazia algum tempo que eu não achava mais que Julián era louco. Ele era um homem muito sensato e muito prático; quem estava louco era o mundo.

Combinamos de nos ver no dia seguinte nesse mesmo lugar por volta das oito, quando presumivelmente o resultado da análise estaria pronto, e se tivéssemos que deixar alguma mensagem, deixaríamos debaixo da pedra C. Voltei para casa relativamente contente porque o assunto em que estava metida se movia, ia para a frente, porque eu não estava sozinha, tinha Julián, e porque, pelo menos uma vez na vida, queria acabar algo que havia começado. Só não contava com um novo sobressalto.

Entrei alegremente na Villa Sol. Eram cinco e meia e Fred e Karin pareciam ter acabado de se levantar da sesta. Estavam se espreguiçando, bocejando e tentando despertar. Ofereci fazer um chá e acharam uma grande ideia. Fred pôs uma partida de tênis na televisão, provavelmente a Copa Davis, e Karin subiu para o quarto a fim de se trocar, porque ela costumava fazer a sesta no sofá, enchendo a casa de roncos.

Depois de pôr a água para ferver, senti vontade de ir ao banheiro e usei o lavabo. Para chegar a ele tinha de passar pela salinha-escritório, e vi que a porta estava encostada, o que significava que devia haver alguma visita, talvez Martín trabalhando nas contas. Não me convinha ter atritos com Martín, de modo que pus a cabeça pela porta para cumprimentá-lo, dizer: “Olá, Martín, como vai? Quer um chá?”, mas não havia ninguém. Fred estava entusiasmado com o jogo e torcia, e Karin não ia descer tão já. Devia estar arrumando o cabelo, imitando seus antigos cachos da juventude. Entrei atenta a qualquer pequeno ruído, mas sabendo que tinha de vencer o medo e aproveitar aquela oportunidade. Pisava o tapete persa que havia visto Frida sacudir, de modo que não fazia barulho, e não me atrevia a abrir gavetas, só xeretar por cima. Fui até a escrivaninha, aquela escrivaninha proibida para meus olhos, e meu coração deu um pulo.

Em cima dela havia uma fotografia de Julián. Olhei-a mil vezes, não havia nada escrito no dorso, nenhuma anotação, só a foto. Usava sua roupa atual, o casaco bege que compramos juntos, com os punhos e a gola de couro marrom, e o lenço no pescoço. Parecia um velho ator de cinema, ninguém diria que sofrera tanto na vida. A foto havia sido tirada na rua, em uma rua da cidade. Saí do lugar proibido com o coração a mil por hora e deixei a porta como a havia encontrado. Fred continuava falando sozinho e não se ouvia Karin. Entrei no lavabo, fiz xixi, dei descarga e lavei as mãos. Quase dei um grito ao abrir a porta e encontrar Karin frente a frente.

– Você está bem?

– Sim, muito bem – respondi com estranheza.

– Tirei a chaleira do fogo – disse ela –, não parava de apitar.

– O tempo passa voando, não é? – disse eu como explicação.

A porta da salinha continuava como antes. Karin não parecia ter reparado nela e não a havia

fechado.

Fred continuava atento à partida, e Karin se sentou ao seu lado. Eu preparei a bandeja com as xícaras de filete dourado, o açucareiro, embora nenhum de nós usasse açúcar, e as colherinhas, enquanto pensava que talvez já não fechassem a porta da salinha por me considerar da Irmandade, ou porque – e isso sim que me dava frio na espinha – quisessem que eu visse que eles haviam descoberto Julián. Mas pior seria se na foto estivéssemos juntos. Assim, como estavam as coisas, havia a possibilidade de que não me relacionassem com ele. Seria possível? Passei a mão pelo bolso em que estava o saquinho de areia para que toda sua força mágica passasse para mim, e comecei a servir o chá. Depois me sentei naquela que já era minha poltrona.

– Acho que vou ao cabeleireiro – disse eu passando a mão pela cabeça. – Faz meses que não corto o cabelo.

Era verdade. Meu cabelo curto havia se transformado em uma cabeleira, e a mecha vermelha estava desbotada. Às vezes fazia um rabo de cavalo. Julián tinha razão: tendo verdades à mão, para que recorrer a mentiras? As mentiras são esquecidas e nos põem em apuros; as verdades, não. Mas eu não contava que a ideia de ir ao cabeleireiro deixasse Karin louca.

– Eu também – disse ela. – Eu também quero ir. Quero fazer uma permanente, estou farta de colocar bobes.

Karin sempre tinha a palavra quero na boca, como se só o fato de pronunciá-la fosse atrair para si tudo que desejava.

Fred nos olhou de soslaio sem deixar de prestar atenção na partida. Apesar de tudo, ele era grato a mim por distrair sua mulher.

A verdade era que eu estava tentando por todos os meios ver Julián. Com certeza, depois do nosso encontro, ele teria ido ao hotel descansar e, por mais que houvesse me advertido para não ir lá, essa era uma causa maior. Precisava encontrar um jeito de alertá-lo, de lhe dizer que estava sendo vigiado de perto, que estava na mira da Irmandade e que sabiam que cara ele tinha. Porém, não podia voltar atrás no negócio de Karin e o cabeleireiro. Ela estava animada. Quando estava sob o efeito das injeções, precisava de muito pouco para se animar.

– Então, vamos – disse eu. – Se não tiver nenhuma preferência, acho que vi um cabeleireiro legal no Passeio Marítimo.

– Estou farta de ir ao de sempre. Quero experimentar algo novo – disse rindo e olhando para Fred.

Fred aceitou a brincadeira.

– Boa sorte, querida – disse e sorriu.

Parecia que Fred não precisava das injeções. Com certeza procurava não precisar delas para deixar todas para Karin.

O fato de os monstros poderem sentir amor era muito desconcertante, porque, sabendo o que é

amor, também tinham de saber o que é sofrimento.

De novo no jipe. Estava cansada de tanta estrada. E se esquecesse Julián por um instante e relaxasse no cabeleireiro? Havia escolhido um hipotético cabeleireiro no Passeio Marítimo porque ficava na direção do hotel, mas não sabia se existia algum.

Fui andando devagar, tentando me lembrar do que não sabia. Karin disse que, se não encontrássemos nenhum, poderíamos ir ao de sempre. Então, passei a mão pelo bolso em que estava o saquinho de areia e em poucos minutos vimos um *coiffure*. Não era grande coisa, mas ficava mais ou menos onde eu o havia imaginado, e isso era maravilhoso. Estava muito preocupada com Julián e preferia me arriscar um pouco a continuar com aquela incerteza.

Por sorte, tive de deixar o carro em cima da calçada, mas sabia que duas ou três ruas mais para dentro com certeza encontraria vaga. E, por sorte, tínhamos de esperar nossa vez, e eu disse que como uma permanente levava mais tempo, preferia que comesçassem com Karin. Enquanto isso, eu iria estacionar o carro mais adiante.

Parti em direção ao hotel. Estacionei confortavelmente e entrei correndo, não dei atenção ao recepcionista, não voltei a cabeça, mas sentia que seu olhar me seguia. Decidi subir diretamente à suíte de Julián, e quando estava dentro do elevador, vi passar como em uma miragem, como em um filme, Martín com um indivíduo robusto, com cara de capanga. Bati na porta e, como ninguém abriu, escrevi em um papel: “É Sandra”, e o coloquei por baixo da porta. Julián abriu e me fez entrar enquanto se certificava de que não havia ninguém no corredor.

– Você está louca de vir aqui! – disse bravo, realmente bravo. – Hoje mesmo lhe disse que nunca fizesse isso!

– Eu sei, mas não tenho tempo para discutir. Quando voltei do Farol, vi sua foto na Villa Sol. Eles têm interesse em você, alguém o está seguindo. E, aqui no hotel, acabei de ver Martín e um sujeito fortão. Não se preocupe, eu estava no elevador e eles passando, não me viram.

Sem prestar muita atenção, porque não tinha tempo para essas coisas, achei que o quarto não era nada mal. Não o teria imaginado assim tão grande e luminoso.

– O sujeito estava de terno e tinha cara de burro?

– Sim.

– Estavam saindo ou indo para a lanchonete?

– Para a lanchonete.

– De qualquer maneira, você não pode mais se expor, a coisa está ficando complicada.

O telefone tocou e Julián hesitou um segundo; não sabia se atendia ou não. Por fim atendeu e logo desligou.

– Desligaram – disse. – Mau sinal. Tem certeza de que não a viram?

– Acho que sim.

– Vamos – disse Julián. – Você tem de sair daqui, mas não pela porta principal. Siga-me.

Em vez de descer, subimos um lance de escada e entramos em uma sala de máquinas, que, por sua vez, tinha outra escada que descia. Não conversávamos. Julián tinha um caminho de fuga, e por fim chegamos à cozinha e saímos pela porta dos fundos do hotel.

Julián teria de fazer o mesmo trajeto de volta e fiquei preocupada com o fato de seu coração não aguentar subir tantas escadas. Mas, também, ele poderia subir só até o primeiro andar e dali pegar o elevador. Ele não tinha de se esconder.

Uma vez na rua, corri para o carro, pedindo ao talismã que ele continuasse ali e que não tivesse sido guinchado nem multado. E o talismã funcionou. Liguei o carro e estacionei atrás do cabeleireiro. Entrei suando. Tirei o casaco e, depois de dizer a Karin que finalmente havia conseguido estacionar, fui para a porta. Estava sufocando, e a tosse de dias atrás reapareceu, como se tivesse dado uma trégua, mas não curado. Uma rajada de ar frio e úmido me reconfortou.

As cabeleireiras estavam em volta de Karin com uma tintura preparada e pensando em que mais poderiam fazer para deixar seu cabelo como o da foto. Karin havia levado uma fotografia de quando era jovem e de quando tinha outra cara e os cabelos louros e ondulados. As cabeleireiras diziam a Karin que dava para ver que havia tido um cabelo lindo, e ela estava adorando, como sempre, ser o centro das atenções. Juntei-me ao coro de elogios e ela não pareceu pensar em outra coisa. Tossi e de repente senti um calafrio que me obrigou a pôr o casaco, mas logo senti calor e tive de tirá-lo.

Ficamos no cabeleireiro umas três horas. Karin havia levado um dos seus romances, mas ficou tão entretida ouvindo elogios que nem o abriu. Pagou meu cabelo também, que consistiu em tirar a mecha vermelha e igualar a cor em um castanho-claro com mechas cor de mel que, diziam, realçava o verde dos meus olhos, e em cortar as pontas. Seria bom não chamar tanto a atenção. Escolhi uma aparência mais neutra. Além do mais, Karin estava pagando e deixou uma bela gorjeta. Por enquanto, todo mundo contente.

A caminho de casa, ela disse que estava entusiasmada com a mudança e que de agora em diante iria sempre ali arrumar o cabelo. Durante o caminho não parou de se olhar no retrovisor. Gostava de si mesma, devia se ver metade como era agora e metade como era na foto de sua juventude. Eu me perguntei se as injeções que tomavam não poderiam estar deixando todos meio confusos, se não estariam criando em sua mente doente uma imagem de si mesmos completamente deformada. Menos no caso de Fred, claro, que não parecia usar nada. Só uma coisa incomodava Karin: que eu espirrasse e tossisse tanto. Cobria a boca com a mão sem nenhum rodeio para não pegar meus micróbios.

Julían

No hotel, depois do incidente com Sandra, aparentemente não aconteceu nada. Cheguei ao primeiro andar pelo caminho de fuga, ou rota alternativa, e ali peguei o elevador até embaixo. Fui à recepção como se chegasse diretamente da suíte e perguntei a Roberto quem havia me ligado, posto que ao pegar o telefone ninguém respondeu. Roberto deu de ombros, disse que da recepção ninguém ligara. Não acreditei muito. Como era lógico, Roberto devia estar mais do lado de Tony que do meu. Ao chegar a um ponto, em direção aos elevadores, de onde Roberto já não me via, segui para a lanchonete, e de fora localizei Tony com Martín, um sujeito forte, mas não tanto quanto Tony.

Cabelo raspado com máquina um, tatuagem no pescoço, costeletas muito finas descendo pelo queixo, terno cinza-escuro ou preto com bom caimento, mas incongruente com os tênis em vez de sapatos. Talvez fosse moda, e, em vez de camisa, um suéter de gola alta também preto. Tony estava clássico, e ao lado do outro seu terno parecia de liquidação. Conversavam com certa confiança, mas como não podia adivinhar o que diziam nem queria ser surpreendido olhando-os, segui para os elevadores e aí fim de papo, ao menos até o momento.

Estava meio enjoado por causa do esforço de andar apressadamente pelos corredores e subir a escada. Na hora do jantar, comi uma omelete em meu bar de sempre e na volta liguei para minha filha do telefone público do hotel. Fazia tantos dias que não ligava que de repente temi que tivesse acontecido alguma coisa com ela. Estava tão preocupado com pessoas que não conhecia e descuidado com as pessoas realmente importantes, pessoas para quem eu significava alguma coisa. Foi sempre assim. “Sempre” foi a partir do campo. Tudo o que conheci depois do campo entrava na palavra *sempre*. Sempre estive mais atento àqueles que me haviam feito mal que àqueles que me amavam, e sempre havia algo mais urgente a fazer que deitar na praia a ver minha filha crescendo e minha mulher passando creme lenta e minuciosamente.

Ela dizia: “Você vai se arrepender quando a vida passar e perceber o que era realmente importante. O importante é o que depois fica involuntariamente na cabeça; um dia de sol, uma refeição agradável, um passeio ao entardecer”. Raquel tinha razão; enquanto o tempo não passa, não sabemos o que foi importante na vida. Ficou gravada em mim a cena de minha filha, quando menina, brincando no pátio do colégio enquanto eu a via atrás do portão, e também Raquel quando às sextas-feiras se arrumava para irmos ao cinema e depois jantar.

Minha filha estava bem, mas muito preocupada comigo. Pediu-me por todos os santos que comprasse um celular para ser localizado. Perguntou se eu estava comendo bem, se tomava os remédios, se havia medido a pressão em alguma farmácia, se estava controlando o açúcar, as típicas coisas que se perguntam aos velhos cheios de achaques. Eu disse que nunca havia me sentido melhor

e que o negócio da casinha de verão estava em andamento. Disse que havia feito alguns amigos e ia falar de Sandra, de que podia ser minha neta, mas como minha filha não podia ter filhos, me pareceu cruel dizer algo assim. Disse que era um grupo de pessoas que vivia em um asilo da terceira idade, e que ali muitos avós tentavam viver o que lhes restava da vida.

Minha filha não acreditou muito, mas se calou porque queria acreditar; queria com todas as suas forças que eu fosse um aposentado viúvo com vontade de farra e de aproveitar o tempo que me restava. O problema é que ia desligar o telefone pensativa, porque me conhecia e sabia que eu não ia simplesmente me divertir. Antes de “sempre” poderia fazer isso, mas depois de “sempre” era impossível. Os seres mesquinhos e medíocres como Hitler não podiam suportar que outros seres humanos soubessem tirar da vida mais sumo e mais graça que eles, de modo que não só queriam aterrar e aniquilar como também tirar a vontade de viver. Hitler queria que o mundo fosse horrível. E assim foi para muitos. Para mim também o mundo se transformou em um lugar que podia ser horrível se alguém com poder decidisse que seria.

Abri o quarto. Ninguém havia entrado. Talvez por essa noite o mundo fosse suficientemente aprazível. Pelas portas de vidro que davam para o terraço, viam-se as estrelas e o raio *laser* de alguma discoteca, e as nuvens negras se desmanchavam em uma escuridão profundamente azulada. Acendi o abajur que ficava ao lado da cama.

Mas, com o novo dia, com a luz, vinha a ação. Não queria me impacientar com o resultado da análise e esperei até a tarde. Não queria que o pessoal do laboratório desconfiasse além do necessário.

Para aproveitar a manhã, fui até o Nordic Club, onde Fred e Otto costumavam jogar golfe com outros velhos nazistas estrangeiros e simpatizantes espanhóis. Martín também estava lá, e mais tarde chegou a Enguia. A Enguia jogava. Estava muito bem equipado e tinha modos suaves. Martín se limitava a olhar, mas todos conversavam. Talvez estivessem falando de Sandra, porque em um determinado momento Fred deu um golpe seco com o taco na terra. Estavam tirando-o do sério. Os outros retomaram o jogo sem lhe dar muita atenção, e um deles acertou a bola e a mandou longe. Fiquei observando-os até que foram se afastando para outros buracos, e voltei para o carro. Não podia deixar que me vissem depois de saber que eles tinham minha foto. Pelo menos, não podia precipitar a vontade desses sujeitos de se livrar de mim.

La esperar que saíssem para seguir algum deles, até que me ocorreu que, já que estavam ali reunidos, seria um bom momento de ver o que a fria Frida estava fazendo. Passaria primeiro pela casa comunitária que ela dividia com Martín e outros como ele, mas àquela hora devia estar limpando a casa de Fred e Karin. Teria de agir com cuidado, porque, pelo que Sandra havia me contado, deviam ter distribuído minha foto para o pessoal da Irmandade. Seria uma maneira de se prevenir contra mim ou de pedir minha cabeça. Não sabia até que ponto eles sabiam quem eu era, sendo que nem minha própria gente sabia, mas poderiam ter deduzido facilmente pelo fato de alguém

da idade deles, alguém a quem não poderiam enganar, tivesse tanto interesse neles.

Sandra disse que Frida trabalhava três horas por dia, das oito às onze, e que às vezes ficava mais tempo, se necessário. De modo que me situei perto da praça olhando para a Villa Sol. Faltavam dez para as onze, e só tive de esperar até as onze e cinco. Então, eu a vi fechando o portão e montando na bicicleta. Deixei que se adiantasse bastante e fui atrás dela. Logo compreendi que ia a caminho da casa de Otto e Alice. A grande porta preta do número 50 se abriu e ela entrou. Esperei um pouco, até vi que era bobagem montar guarda; com certeza Frida também estava limpando essa casa. Mas não, fiz bem em esperar. Às vezes, a intuição é mais poderosa que a razão, conforme confirmei ao ver sair um Audi possante e brilhante. Frida dirigia e Alice ia ao seu lado.

Aonde estavam indo? Temia que Frida me descobrisse e me reconhecesse, de modo que andei atrás delas o mais distante possível, com o coração apertado, até a estrada principal. Em uma rua perto do porto, pararam em frente a uma pequena loja de artesanato de nome Transilvânia. A primeira que saiu do carro, com uma agilidade impressionante, foi Alice. Tinha um cabelo liso meio castanho, meio loiro, à altura do pescoço, tão perfeito que parecia uma peruca, e calça *jeans* embaixo de um casaco de pele, talvez excessivo para esse clima, mas combinando muito bem com o Audi. Por seu andar, ninguém lhe daria mais de cinquenta anos. Frida logo se aproximou dela; exibia suas pernas fortes dentro em uma *legging* preta debaixo da bermuda, uma roupa desconcertante. Olhou para trás a fim de checar a rua, mas não me viu. Entraram, Alice na frente e Frida atrás. Logo depois, saíram com uma caixa de papelão que Frida carregava. A caixa estava fechada, não era a típica caixa que serve só para levar as coisas até o carro. Eu havia usado muitas caixas dessa forma. No supermercado, muitas vezes punham minha compra em uma caixa para que a transportasse mais facilmente, mas não era esse o caso. Durante um instante hesitei: ia atrás delas ou entrava na loja? Nessa ocasião, pensei com certa rapidez que a loja continuaria ali à tarde. Manobrei com uma perícia que me espantou, sem medo de encostar no carro de trás e em nada. Se contasse a Leónidas, meu amigo de Buenos Aires, as aventuras que estava vivendo enquanto ele jogava, não acreditaria. Não me incomodei em disfarçar que as seguia. Iam conversando tão entusiasmadas que não reparariam em mim.

Levamos quase meia hora para chegar ao edifício Bremer. Puro luxo, uma fortaleza com uma vigilância rigorosa na entrada. Até que pude perceber que atrás daqueles muros floridos existia um estilo mais rico que o resto.

Mas como saber se estava certo, se o que haviam tirado da loja eram as famosas injeções? Era só suposição. Estava tão nervoso pensando no resultado do laboratório que não conseguia ficar parado.

Os guardas do complexo Bremer levantaram a cancela para que o longo Audi brilhante de Alice entrasse. De alguma forma, parecia que Salva ia me guiando. Preparei-me para esperar dentro do carro com a garrafa de água ao lado; não tinha nada melhor para fazer nem outro lugar melhor onde

estar. Meu amigo Salva teria feito esses mesmos percursos? Não sei como podia se virar sem dirigir, tendo de depender de táxi. Devia ter sido muito difícil. Eu, pelo menos, tinha um carro e não dependia de ninguém. Achava que Salva, em minha situação, teria feito a mesma coisa que eu.

Depois de uma hora, estava cochilando dentro do carro, então liguei o rádio. De vez em quando, davam notícias do que estava acontecendo no mundo; ao contrário do que estava acontecendo comigo, que não era notícia. Não tinha pressa, Alice não podia ficar em um lugar que não fosse sua casa eternamente; em algum momento teria de sair. E, efetivamente, por volta da uma e meia, saíram Alice e um velho *playboy* com um terno de lã cinza com calça de barra italiana, as lapelas do paletó levantadas, um cachecol preto amarrado como nas revistas e óculos de sol.

Às vezes não há o que pensar porque o mundo se ordena sozinho e sem mais histórias as peças se encaixam. Diante de mim estava Sebastian Bernhardt, *o Anjo Negro*, como dizia Sandra. Reconheci-o logo, como se sua presença tivesse produzido uma faísca dentro de mim. Estava sendo um dia perfeito: o mais invisível de todos os invisíveis e provavelmente o mais importante da Irmandade, aquele que tinha a última palavra, estava a poucos metros de mim. Ele e Alice iam conversando rua abaixo. Sentiam-se jovens e bonitos, visivelmente muito mais do que eram. Liguei o carro fui até o fim da rua onde tinham virado. Vi-os sentados na varanda coberta de um restaurante que pendia sobre o mar. Ele pegava a mão dela, beijava-a, e ela ria. Podiam ser amantes, por isso o controle de Alice sobre o magnífico líquido, e por isso Otto estaria nesse momento entretido com o golfe. Depois, pareceu que tratavam de algum assunto sério. Pediram duas saladas e dois cafés e uma hora depois subiram a ladeira de novo. Fiquei na metade da rua, bem antes de chegar até eles, que pararam na porta do edifício ainda falando, principalmente ele, que parecia dar instruções a ela. Ela assentia. Cinco minutos depois apareceu Frida, e ela e Alice foram embora no Audi.

Dessa vez não as segui. Deviam voltar para a casa de Alice e entrar diretamente na garagem, e eu não poderia ver se iam tirar ou não a caixa que haviam pegado na Transilvânia. Provavelmente a deixaram com Sebastian.

Não sabia que mais fazer. Isso me deixava desesperado, mas pensaria em alguma coisa. Ver Alice e o Anjo Negro comendo abriu meu apetite, de modo que fui para meu bar de costume e pedi o *menu*. Comi lentilhas e sépia na chapa com água mineral sem gás e, de sobremesa, um creme de nata. Saí bastante estufado, decidido a tirar uma pequena sesta até a hora de ir buscar o resultado da análise.

Às cinco e meia já não aguentava mais e fui até a Transilvânia, a loja de presentes. Isso me ajudaria a matar a ansiedade. A espera do resultado do laboratório me mantinha aceso.

Havia só um vendedor de uns 35 anos sem muito que fazer. Disse a ele que queria dar um presente e que não sabia o que comprar.

– É artesanato da Romênia e dos Bálcãs – disse sem nenhum interesse em vender nem o que tinha exposto. Tinha sotaque romeno.

Fiquei olhando os preços daqueles objetos, alguns dos quais cobertos de pó, e comprei uma caixa de laca bem bonita para dar de presente a Sandra. Com a caixa na mão, continuei olhando, fazendo hora esperando que algo interessante acontecesse. O vendedor recebeu uma ligação, e em uma verborreia que eu não entendia distingi os nomes de Frida e Alice. Também podia ter sido imaginação; meu desejo de escutar algo familiar podia ter forçado os nomes, e também podia ser que naquela caixa de papelão tivesse simples objetos da loja, mas era curioso que não a tivessem embrulhado para presente.

O romeno pegou de má vontade a caixinha laqueada, embrulhou-a de qualquer jeito e, ainda por cima, como eu só tinha quinze euros em dinheiro, ele disse que não tinha importância, que preferia os quinze a ter de passar o cartão do banco. Sem dúvida, aquele lugar era de fachada. Se eram eles que traziam o produto de onde quer que fosse, deviam guardá-lo nos fundos até que Alice fosse buscá-lo. Com certeza, pela relação especial que mantinha com Sebastian, Alice era a responsável pela guarda e distribuição do tesouro. E outra coisa: Fredrik, Karin e os outros sabiam qual era o ponto de coleta? Mesmo que soubessem, provavelmente não se atreveriam a fazer absolutamente nada, pois se Alice tinha esse poder era porque tinha outros poderes, que deixariam suas costas bem quentes.

O laboratório ficava na periferia, perto do polígono industrial, e as instalações eram novas e modernas, embora seu diretor tivesse quase minha idade. Pediram-me que voltasse em uma hora, pouco antes da hora de fechar; o diretor queria me ver pessoalmente e me explicar a análise. Os pacientes sentados na sala, que também esperavam seus resultados, olharam para mim com pena e certo alívio. Achavam que eu estava tão mal que meus exames precisavam de um comentário do diretor, e ao mesmo tempo preferiam que, se a estatística tinha de se cumprir, se cumprisse em mim, e não neles.

Fiquei passeando pelo polígono, admirando o *design* original das novas plantas industriais, nada parecido com aquelas caixas de concreto vazias nas quais depois eram colocadas máquinas cheias de óleo. Tudo era vidro, aço, plástico, luminosidade. Estava nervoso. Ia ser o grande dia. Entrei em uma loja de bricolagem e vi como cortavam as tábuas. Tinha um cheiro muito bom, de pinho serrado. Raquel teria adorado esse lugar, ela gostava de tudo pré-fabricado para a casa; madeiras para montar e pintar, barro para decorar, couro para tingir. Ela me deixava louco com essas coisas. Dei uma volta, e era uma pena que eu jamais fosse ser cliente dessa loja, que eu não tivesse aproveitado isso nos anos em que essas coisas fazem sentido. Lindas arcas faltando só lixar, estantes que imitavam uma antiguidade de cem anos. Sentei-me em uma cadeira de junco para esperar. Casais se entusiasmavam com as estantes sem verniz enquanto tentavam segurar os filhos. Estudantes procuravam uma mesa com defeito, mais barata, para uma moradia provisória. Não havia nenhum lugar melhor no mundo para esperar o passado, a análise que me devolveria a um tempo que já não existia, mas que insistia em continuar existindo a todo custo. Tudo devia ter o cheiro dessa loja.

Quando faltavam quinze minutos, fui andando para o laboratório, admirando as árvores e as pessoas que trabalhavam, que ganhavam a vida fazendo para os outros algo que se podia ver e tocar.

Ao me ver de novo naquele remanso de paz, senti o mesmo nervosismo de quando eu fazia os exames do coração. O médico me fez entrar em seu escritório de mogno e fechou a porta. Era muito gentil, perguntou-me como estava e comentou sobre o bom tempo. Parecia que tinha todo o tempo do mundo. Por fim, abriu uma pasta e surgiu o típico formulário de resultado de exames. Eu já havia feito tantos exames que reconhecia um formulário só de olhar. “Pelo menos conseguiram extrair um pouco de líquido”, pensei.

– Bem – disse –, teríamos de repetir a análise. Trabalhamos com uma amostra mínima, e presumimos que estava contaminada, porque não detectamos nada de especial.

– Nada?

Deu de ombros.

– O senhor dizia que seu filho se injeta isso? Não tem com que se preocupar. É um poderoso complexo vitamínico.

– Doutor, não sou médico, embora passe a vida no meio deles, de modo que vou perguntar sem rodeios. É possível que esse composto produza o efeito de rejuvenescer e gerar a energia de um jovem a um idoso, digamos, como eu?

– As concentrações de vitaminas e minerais como a fosfatidilserina, a taurina, as vitaminas do grupo B e outras são muito elevadas. Evidentemente, podem melhorar a concentração e a sensação de vitalidade, mas não fazem milagres. Sem dúvida, é um composto muito mais eficaz que o que os estudantes tomam habitualmente. Às vezes, as pessoas pagam fortunas por fórmulas vulgares, tanto para ingerir como para uso tópico, como os cosméticos. Deixam-se enganar com a ilusão de ficarem mais jovens e mais inteligentes. Espero que seu filho não seja um desses. Em muitos, o que mais funciona é o efeito placebo.

O médico se acomodou na cadeira. Como todas as pessoas da minha idade, gostava de conversar.

– Ficamos horrorizados com a morte, sentimos pânico – disse ele –, o que é uma completa estupidez e uma perda de tempo, porque a morte nunca falta ao seu encontro. É pontual. Não podemos pará-la nem detê-la. Retardar? Bem, talvez, não tenho certeza. E sabe por quê? Porque a morte é boa, é necessária para a vida. A morte de uma célula é sua renovação; se não morressem umas e nascessem outras, não poderíamos viver. Diga a seu filho que coma bem, que faça exercícios, que faça amor sempre que puder, que aproveite a vida e que não se complique.

– E eu, doutor? Ele é jovem, mas eu...

– A mesma coisa, mas em doses pequenas.

Na hora de pagar, tive de usar o cartão ouro. De qualquer maneira, tiveram de trabalhar muito na análise, e dois auxiliares trabalharam até a madrugada. Custou dois mil euros, e ele me perguntou se precisava de nota. Disse que, em um assunto assim, era desnecessário.

Saí dali mais chocado que quando me comunicaram que tinham de trocar uma válvula do coração. No fim, os experimentos sádicos do Doutor Morte ou de Himmler não serviram para encontrar a imortalidade ou a eterna juventude, nem mesmo para prolongar a vida. Envasar o líquido nessas ampolas suspeitas e distribuí-lo por meio da loja de fachada chamada Transilvânia era pura cenografia e uma tapeação.

Estava louco para contar à Sandra. Por causa da conversa, já eram oito e quinze e eu não queria que ela pensasse que eu não ia. Meu pulso estava acelerado, e no carro bebi um bom gole d'água e procurei me acalmar. Se me acontecesse alguma coisa, eles continuariam dormindo tranquilos e pensando, até o fim dos seus dias, que eram os escolhidos. “Controle-se”, pensei comigo, e parti em direção ao Farol.

Levava a pasta com a análise na mão e pretendia dizer à Sandra que fôssemos para outro lugar, caso um dia tivessem seguido a ela ou a mim. Pensei em irmos separados a uma igreja que ficava na entrada da cidade. Ali ficaríamos tranquilos. Mas, quando cheguei, ela já não estava. Eram oito e meia, e às vezes Sandra não tinha como se livrar dos benditos caprichos de Karin. Fui até a pedra C, não havia ninguém pelos arredores; levantei a pedra, e nada. Nenhum bilhete. Não tinha ido; se tivesse, teria deixado algum sinal. Entrei para tomar um chá e fazer hora.

Sentei-me em nossa mesa habitual e a garçonete se aproximou.

– Ela veio e foi embora.

– Como? – perguntei.

– A garota veio, mas não esperou nem dez minutos. Estou me metendo no que não me diz respeito, mas não perca seu tempo. Essa garota não gosta do senhor.

Quase soltei uma gargalhada.

– E como sabe? – perguntei.

– É evidente, ela poderia ser sua neta. Olhe para si mesmo: se fosse ela, gostaria de alguém como o senhor?

– Obrigado pelo conselho. Quero um chá de camomila.

– Ela vai tirar seu dinheiro – disse a mulher de uns cinquenta anos mal vividos, a quem eu não queria ofender.

– Então, devia ter escolhido outro, porque eu não tenho muito. Vivo à base de camomila e pratos de nove euros, e no dia que almoço não janto.

– Já é alguma coisa; para essa aí serve.

– Não acha provável, nem remotamente, que pudesse se apaixonar por mim?

– Nem a pau! O senhor está louco se tem essa ilusão. É patético que possa lhe passar isso pela cabeça.

– Muitas coisas passam pela cabeça das pessoas. Não me diga que não pensa de vez em quando em algum ator famoso a quem jamais vai conhecer.

- Um ator como quem?
- Um ator... não sei, como Tyrone Power, por exemplo.
- Como quem? Esse morreu há muito tempo, nem sei que cara tinha.
- Foi um galã clássico.

– Essa garota não gosta de galãs, não gosta do senhor. Volte para sua casa. Eu não iria embora com a consciência tranquila esta noite se não lhe dissesse isso.

Eu ia dizer que pensava que ela estivesse do lado de Sandra e que foi uma grande surpresa saber que se preocupava comigo.

Agradei que a camomila estivesse pelando para fazer hora, porque sabia que assim que Sandra pudesse, iria correndo para lá. Devia ter acontecido algo grave para que não fosse ao encontro mais importante que já havíamos tido e que provavelmente jamais teríamos outro: a descoberta do Grande Tesouro. Sem Sandra, sem sua coragem, teria sido impossível descobrir. Um dia teriam que reconhecer seu valor. Tudo que eu havia feito em comparação com o que ela fizera não era nada, porque eu estava cheio de ódio por aquela gente e em qualquer ação minha havia uma vingança pessoal. Porém, ela fazia por todos. A garçonete não tinha nem a mais remota ideia de quem era a pessoa de quem falava e que havia julgado com tanta baixeza. Olhei para ela com desprezo quando me levou a conta.

Escrevi em um guardanapo: “*Sucesso*. Espero notícias e que esteja bem”.

Coloquei o guardanapo no bolso, peguei a pasta e saí. Sentei-me por alguns minutos em nosso banco e pus o guardanapo debaixo da pedra C.

Sandra

Tinha tempo de ver algumas lojas antes de encontrar Julián. Havia chegado ao ponto de ter prazer no simples fato de poder andar no meu ritmo, e não no dos pequenos passos de Karin ou mesmo de Julián. Porque, embora sempre conversássemos sentados, ele levava um século para pôr a xícara no pires, pagar e pôr o casaco. De modo que estar à vontade, sem sentir o peso de Karin em meu braço, era um deleite. Fui para a rua dos artesãos e artistas, onde se encontravam coisas únicas, sapatos feitos à mão, vestidos muito originais, cerâmica, objetos de madeira e couro.

Ia olhando as vitrines e entrando e saindo das lojas à vontade. Aquilo que antes de conhecer os noruegueses, antes da Villa Sol, antes de Julián, antes de sentir um formigamento no estômago que não ia embora de jeito nenhum, aquilo que antes eu fazia sem pensar nem dar importância, agora me causava sensação de liberdade e de ser dona de mim. Uma das lojas de que mais gostava era de roupa artesanal de crianças que vendia casaquinhos como o que eu tentava fazer na Villa Sol. Estava estudando uma cava quando, diante da vitrine decorada com cestinhas, delicados lençóis bordados, toalhas de renda e mil detalhes para que uma criança se sentisse nas nuvens, vi Frida passar.

Não era estranho que a encontrasse em qualquer lugar da cidade, mas vê-la fora dos domínios da Villa Sol me assustou e o formigamento no estômago ficou fora de controle. Frida não se encaixava no mundo normal, embora ninguém além de mim nessa rua percebesse. Meu primeiro impulso foi ir para o lado para que não me visse, mas depois percebi que estava andando concentrada, sem olhar para os lados. Provavelmente ela também pensava que eu não existia fora da Villa Sol nem do controle dos dois velhos, e que ela podia relaxar a vigilância. Deixei o casaquinho no balcão e saí. Tinha quase certeza de que Frida não voltaria a cabeça. Estava frio, por isso ela usava um colete de matelassê azul-marinho sobre uma blusa de lã vermelha, minissaia e botas com barrado de pele. Tinha o cabelo preso em uma trança.

Entrou na Transilvânia, uma pequena loja de presentes, e saiu com uma sacola grande. Uma vez na vida não tinha cara de assassina. Parecia uma garota quase normal, com certa ilusão no olhar. Continuava desatenta ao que acontecia em volta, e eu seguia com certo conforto suas fortes panturrilhas que sobressaíam das botas rua acima. Só esperava que não pegasse a bicicleta, porque eu havia estacionado a moto bem mais embaixo. Virou para o bairro de pescadores com passo cada vez mais rápido. Ou estava atrasada, ou queria chegar logo sabe-se lá aonde. E embora às vezes fosse difícil respirar, não estava disposta a perdê-la de vista. Meu instinto havia me colocado atrás dela, e me obrigava a saber aonde ia. Eu podia ter ficado olhando roupa para o bebê e permanecendo livre, mas saber o que Frida estava fazendo era mais forte que a liberdade.

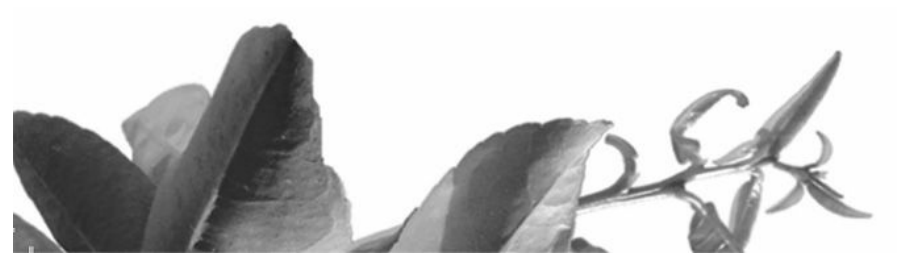
Parou em frente a uma taberna para se olhar no vidro da porta. Passou a mão pela trança e entrou.

No vidro havia um polvo desenhado que não permitia a visão lá dentro, de modo que dobrei a esquina, e, como era de se esperar, havia uma janela grande, e por ela se podia ver Frida de costas e a Enguia de frente. A Enguia! Afastei-me um pouco para observá-los melhor; eles não podiam me ver. A Enguia! Ela falava, ele a olhava. Ela tirou o que havia na sacola. Era uma jaqueta de couro muito bonita. Ele a pegou e, sem lhe dar muita atenção, devolveu-a. Ela pegou a mão dele, e ele, suavemente, retirou-a. Conversaram, ele encostado à cadeira, passando de vez em quando a mão no cabelo, e ela com os ombros e a cabeça voltados para a frente, para ele. Eu estava meio encoberta por um carro e não pretendia sair dali enquanto aquela história não acabasse. Como podia confiar em alguém que se encontrava a sós com Frida?

Meia hora depois, Alberto pagou e se levantaram. Frida lhe estendeu a sacola com a jaqueta e ele de início não a pegou. Estava com as mãos nos bolsos do casaco para não pegá-la, mas ela insistiu, suplicava com todo o corpo que não lhe fizesse essa desfeita, e ele não teve mais remédio a não ser aceitar. Até eu fiquei tão tensa com a situação que me senti feliz quando ele pegou a sacola e acabou de uma vez com aquilo. Não me pareceu prudente segui-los, com certeza cada um iria para um lado, de modo que fui buscar a moto.

Fui até o Farol o mais rápido que pude e esperei Julián por dez minutos. Pensei que talvez já tivesse ido embora, mas como não havia nenhum bilhete debaixo da pedra, talvez não tivesse podido ir. Quase perguntei à garçonete, mas felizmente logo me arrependi, porque só teria servido para chamar mais a atenção sobre nós e, ainda por cima, a única coisa que saberia, no máximo, era que Julián já tinha ido embora.

8. *Sabonete, flor, faca*



Julián

Senti um enorme alívio no dia em que Sandra me confirmou que Fredrik era mesmo Fredrik, quando encontrou a cruz de ouro. Imaginava como se sentiria mal por não poder ostentá-la no peito nem mostrá-la a ninguém além de seus “irmãos”. Seus irmãos deviam estar fartos da bendita cruz porque Fred era um estrangeiro; ariano, sim, mas, no fundo, alguém que havia chegado até o coração do Reich para arrebatá-la, para ocupar o lugar de alguém. Haviam-no desprezado, e temido Karin, porque quando ela embarcava nisso tinha bem claros seus objetivos: aproximar-se do Führer e seduzi-lo, contaminar-se com seu poder e mandar no mundo. Dizia a lenda que havia tentado desbancar a própria Eva Braun do coração de Hitler. O Führer teria sido capaz de se apaixonar, sendo que era capaz de provocar tantas mortes? Suspiraria por Eva ou por Karin enquanto em Auschwitz ou Mauthausen matava milhares de pessoas quando bem entendia? O que Karin viu em seus olhos? Teria visto neles todo o mal do mundo humano e do universo, das estrelas do céu e do inferno, do futuro e da origem da vida?

Nem mesmo Satanás, que supostamente encarnava o mal, teria se atrevido a ser todo o mal de uma vez só.

Eu não queria que esses pensamentos me distraíssem do fundamental, e o fundamental era conhecer os passos de Aribert Heim, ou melhor, do Açougueiro de Mauthausen. Ele pertencia ao grupo, mas levava uma vida um pouco à parte. Passava praticamente o tempo todo no *Estrella*, ancorado no porto, fazendo estalar sua bela e agradável madeira. Passava as horas vagas limpando e cuidando do barco, e quando não estava lá, estava no mercado comprando o melhor peixe pelo melhor preço. Quando havia boa lagosta, camarão vermelho e linguado, voltava mais depressa ao barco, louco para prová-los.

Era evidente que havia feito do barco e da comida o centro de sua vida. Mesmo no inverno andava de bermuda. A constante vida ao ar livre o mantivera forte, principalmente as pernas, muito musculosas. As minhas, ao contrário, eram finas e brancas, quase azuladas. Ele andava encurvado, o que o fazia parecer um animal obcecado por um objetivo. Não olhava para os lados e, se olhava, não se notava. Seu destino eram o barco, o mercado e o supermercado, não precisava de mais. Muitas vezes saía do barco um intenso cheiro de peixe assado e ele jantava sozinho esses extraordinários manjares com uma garrafa de vinho, que parecia muito bom. Após o festim, ficava recostado olhando o firmamento, e quando o espetáculo do firmamento acabava, ia para baixo ver televisão, que ficava

a todo volume porque ele devia estar surdo de um dos ouvidos.

Eu tinha certeza de que Salva o havia localizado ali e que o andara observando como eu o observava nesse momento, e que teria pensado em mim. E, como eu, teria se perguntado como um psicopata daqueles se comportaria na intimidade com suas mulheres, com a legítima e com a amante, com os filhos. Será que esqueceria, nesses momentos, seus impulsos assassinos?

Era o mais entediado da Irmandade, metódico até dar nojo. Eu comprovara que levava uma hora para ir e vir tanto do supermercado quanto do mercado. Às vezes no mercado demorava mais, mas nunca menos. E levava uma hora para jantar e olhar as estrelas. Tinha um carro estacionado na garagem de uma casa vizinha ao porto, e até aquele momento só o vira pegá-lo uma vez, talvez para se reunir com seus amigos. Era um carro grande, brilhante, perfeito. Talvez também o pegasse para fazer uma compra grande, o que devia ocorrer de vez em quando. Enquanto o estive observando, tudo o que precisava cabia em duas sacolas, que transportava uma em cada mão.

Dois ou três dias antes, aproveitando sua ida em direção ao mercado, onde mais tempo demorava, entrei no barco. Alguém poderia me ver, mas corri o risco, agi rapidamente e de forma natural. O que havia no convés eu já sabia de cor, de modo que descí a escada, tão reluzente quanto tudo o mais. Um santuário para um porco. Cheirava a café fresco; as cortininhas eram de pequenos quadradinhos vermelhos. Nas gavetas da cozinha, os talheres estavam perfeitamente organizados e, nos armários, a louça e os cristais. Peguei uma faca caso ele chegasse mais cedo e ficássemos frente a frente.

Na geladeira havia potes com o nome do conteúdo e tinha até uma adega climatizada. No banheiro não faltava um detalhe e tudo cheirava a flores. Em uma saboneteira de prata, havia reunido pequenos tabletes de sabonete desses oferecidos nos hotéis. Peguei um e o coloquei no bolso do paletó. Fui para o dormitório. Havia florzinhas naturais em um vaso e também peguei uma, que foi fazer companhia ao sabonete. Em um armário pequeno, havia colocado as cuecas e as meias em primorosos montinhos. Uns óculos para perto descansavam em uma estante e quase os mudei de lugar para desconcertá-lo. Eu sabia que notaria a falta da florzinha e do sabonete, e tinha a esperança de que pensasse que estava perdendo o discernimento.

Onde guardaria as centenas de anotações sobre seus experimentos? Em algum lugar tinha de haver cadernos escritos à mão, nos quais anotava absolutamente tudo o que fazia. Alguns desses cadernos serviram para julgá-lo e condená-lo, mas tinha de haver mais. Com toda a certeza teria dado um jeito de levar consigo o material que lhe fizesse recordar seus dias de glória, quando ele era Deus e os seres humanos, cobaias. Mesmo agora continuava anotando o que fazia, porque não deixar de ser como era, mesmo que não pudesse fazer tudo o que seu corpo pedia, permitia que vivesse melhor que outras pessoas que nunca tinham matado. Eu também anotava meus passos, nisso éramos parecidos, de modo que me perguntei onde eu esconderia aquela informação. Evidentemente, ele confiava que ninguém a entenderia, porque estava em alemão, e que ninguém a procuraria, porque ninguém sabia quem ele era. Um velho estrangeiro em um barco. Que nome diria ter?

Eu não guardaria os cadernos em gavetas, nem no alto do pequeno armário, nem no meio das roupas, nem no meio de uma manta dobrada. Se ninguém ia procurá-los, por que teria de escondê-los? Eu os deixaria à vista, entre coisas parecidas. Fiquei arrepiado quando peguei um. Estavam na prateleira, organizados como livros. Havia posto capas de romances de aventuras neles.

Eu voltaria.

Saí como entrei, limpei a escada com o lenço, e já no cais percebi que não tinha devolvido a faca. Colocara-a no bolso do casaco e ali estava. Eu é que estava perdendo o discernimento. Ia jogá-la no mar, mas me contive. Quem diria que da casa desse homem cujo simples nome causava terror, desse homem que havia despojado outros de tudo, inclusive da vida, quem diria que da casa desse homem eu tiraria um sabonete, uma florzinha e uma faca?

Fui encontrar Sandra.

Sandra

Como não encontrei Julián no Farol, não pude lhe contar que havia descoberto que Frida estava apaixonada por Alberto e que isso poderia transformá-la em uma inimiga ainda mais perigosa. Fui para a cama pensando que devia ter cada vez mais tato com os noruegueses e com Frida. Conviver com eles era como andar em uma corda-bamba. Era melhor lhes dar a sensação de que me manipulavam mais do que acreditavam, mas não podiam me manipular porque Julián neutralizava o poder com que Karin tentava me dominar constantemente – na verdade, muitas vezes com sucesso. Ela estava acostumada a impor sua vontade e a tratar os outros como brinquedos. A tensão estava judiando fisicamente de mim. E, ainda por cima, depois do que havia visto à tarde, não tinha certeza alguma de qual era a de Alberto.

Assim que apaguei a luz, vi os monstros que se escondiam dentro dos corpos humanos normais dos “irmãos”, e vi que eu era um brinquedo para eles, e que quando se apossassem de mim completamente também se apossariam de meu filho. De alguma maneira, estar em suas mentes distorcidas, estar em seus pensamentos era entrar um pouco no inferno. Mas, ao amanhecer, como num passe de mágica, como se abrisse uma cortina, tudo mudou, e eles deixaram de ser tão perigosos, e eu pensei que havia me deixado levar pelo pânico. Também atribuí minha tendência a exagerar essas situações ao fato de que eram desconhecidas, de que não as havia vivido antes, mas também à revolução hormonal que sofria e que me deixava mais instável. Pelo menos todo o mundo falava da revolução hormonal, e talvez essa revolução tivesse mudado o mundo para mim.

Levantei tarde para o horário norueguês. Fred não estava em casa, devia ter ido cuidar de seus afazeres da Irmandade, e Karin me pediu que fosse até a cidade e comprasse uns cremes e umas revistas. Era um jeito de me dar liberdade, e vi o céu aberto. Morria de vontade de saber se já tínhamos o resultado da análise, e isso me animava porque pisaríamos terreno firme. No fundo, queria que o famoso líquido merecesse tantas idas e vindas, os momentos de enorme nervosismo e medo. Esperava não ter feito uma tempestade em copo d’água.

Como se tratava de um serviço para Karin, peguei o jipe e em quinze minutos estava lendo um bilhete que Julián havia deixado embaixo da pedra, no qual dizia que o resultado da análise tinha sido um sucesso. Eu deixei outro dizendo, em poucas palavras, que nessa mesma tarde passaria de novo por ali na hora de sempre para ver se o encontrava.

Fiz as compras rapidamente. No que restou da manhã, fiquei passeando pelo jardim, respirando ar fresco e bebendo muita água. Karin estava lá dentro escrevendo cartas e passando cremes, até que chegou Fred e tomamos uma sopa que Frida havia feito. Pus a mesa com as toalhinhas bordadas e os pratos de filete dourado e esperei que a provassem primeiro, o que me causou uma sensação

estranha. Suspeitava que queriam me envenenar? Estava ficando maluca? Como se pode ter certeza de estar cem por cento em seu juízo perfeito? Era razoável ter dado tanto ouvido a um velho como Julián? As constantes brigas de meus pais haviam me deixado muito perturbada, e Julián, com uma vida tão longa, também podia estar transtornado. Os pirados não sabem que estão pirados. Depois que levaram duas colheradas de sopa à boca, comecei a comer. Estava boa, tinha pedaços de frango e verduras. Tomava essa sopa feita por uma desconhecida, com uns velhos desconhecidos, mas que, quisesse ou não, já faziam parte de meu mundo. E enquanto dormiam à tarde (Fred cochilando na poltrona com a televisão ligada e Karin roncando no sofá coberta com uma manta), fui ao Farol de moto.

Julián estava lá. Teve a ideia de subir para ver se eu havia deixado algum recado, e também para tentar me encontrar. Pensamos a mesma coisa. Tivemos sorte.

Ele estava louco para me contar que as ampolas que custavam uma fortuna a Fred e a Karin, e que acabariam levando-os à ruína, não tinham nenhum mistério, podiam ser fabricadas sem problema algum. Para esses velhos nazistas, no fundo, o tempo não havia passado. Sonhavam que seus cientistas, de uma raça superior que os demais, haviam conseguido, com seus experimentos, encontrar o segredo da eterna juventude, dentre outras coisas. Ainda deviam viver daquelas fantasias de grandeza que os faziam engolir suas próprias trapaças. Haviam tentado distorcer o mundo para transformar suas ideias fantasiosas em realidade. Com certeza, só um deles sabia que não eram tão poderosos como acreditavam.

Não contei a Julián que tinha visto Alberto e Frida juntos porque era difícil explicar. Se tivesse lhe dito, também teria de confessar que não sabia mais onde terminava a maldade deles e onde começava minha imaginação.

Em vez disso, disse que depois do que havia me contado sobre Elfe, depois de suspeitar que a tinham matado e do que sabia que eram capazes de fazer, eu estava preocupada com a integridade física do inquilino da casinha. Karin tinha ojeriza dele, odiava-o, e me dissera que pretendia mandar Martín lá para lhe dar uma lição.

Julián

Eu tinha um demônio dentro de mim, não podia evitar. Por que fazia essas coisas? Por que tinha essa atitude com Sandra? O demônio ficara adormecido muitos anos e acabava de despertar. Eu o senti quando Salva se apaixonou por Raquel naquele inferno e o sentia de novo, com a diferença de que agora não podia dominá-lo. Ele agia sozinho, era mais rápido que eu e mais esperto. O demônio queria que Sandra continuasse sendo como a conhecera, uma garota desorientada, que não sabia o que queria. O demônio não queria que estivesse apaixonada pela Enguia e que a Enguia pudesse afastá-la do velho Julián. Até então, Sandra e eu formávamos uma equipe, dividíamos um segredo. E, de repente, tudo isso podia mudar e o demônio não queria que eu ficasse sozinho. Mas eu, quando o demônio se distraía, não queria que acontecesse algo irremediável com Sandra, que ela sofresse um enorme desengano que a deixasse marcada pelo resto da vida. Preferia ir colocando a verdade diante dos seus olhos, e esperava que decidisse voltar a sua vida de sempre.

Eu havia prometido a Sandra que passaria pela casinha, mesmo sabendo que era bobagem. Sandra tinha medo de que o inquilino, um professor que não tinha a mais remota ideia de quem havia posto os olhos nele, tivesse a mesma sorte de Elfe. Nem Karin nem nenhum deles podiam se permitir o luxo de eliminar aqueles de quem não gostassem, principalmente se não representassem nenhum obstáculo em seu caminho. Porém, por nada neste mundo queria enganá-la outra vez, e fui até a casinha ver se o inquilino ainda estava vivo.

Foi como voltar ao passado. Deixei o carro na saidinha de terra que parecia sempre reservada para mim e andei pelo caminho deixando-me encharcar daquele cheiro de flores e do piar dos pássaros, tão denso que me deixava surdo. A rua era levemente inclinada para baixo, a tranquilidade era absoluta. Conversei com Sandra pela primeira vez naquela varanda. Parei em frente e parecia que ia sair a verdadeira Sandra dos *pierings* e das tatuagens, a garota da praia que se deixava levar pela vida, porque a vida era transparente e fresca como a água de um rio. Mas já estávamos em outra vida e em outro rio.

Atrás de mim, alguém perguntou se desejava alguma coisa. Devia ser o inquilino, de cabelo revirado e uma maleta na mão. Devia estar voltando da escola.

– Vim da parte de Sandra, irmã da proprietária. Ela quer saber se está tudo bem e se precisa de alguma coisa.

– Se preciso de alguma coisa? Que pergunta! Preciso de mais mesas e mais prateleiras. Esta casa parece de brinquedo.

Entrei atrás dele.

Ele abriu a porta sem a chave, só empurrando. Jogou a maleta no sofá e apontou para os montes

de pastas no chão, os livros empilhados, os papéis que cobriam a mesa da sala de jantar.

– Bom, essas casas são de veraneio.

– E eu faço o quê? – perguntou limpando os óculos com a ponta da camisa. – Diga a ela que não encontrei a pasta.

– Alguém lê tudo isso?

– Ninguém lê tudo, mas é preciso tê-los caso sejam necessários em algum momento.

– Meu nome é Julián – disse eu estendendo-lhe a mão.

– Juan – disse ele sem retribuir meu gesto.

– Desculpe a pergunta, mas não fecha a porta da rua?

Ele me olhou com a cabeça um pouco baixa, como se o tivesse flagrado em uma falta e fosse castigá-lo.

– Perdi a chave. Conte a ela, se quiser. Ela que me expulse daqui, para que eu tenha de procurar outra casa absurda como esta e tenha de mudar todas as minhas coisas...

– Não se preocupe, não vou dizer nada. Não acredito que alguém vá entrar aqui para levar os livros.

– Nesse caso – disse sentando-se à mesa na frente de um milhão de papéis –, foi um prazer.

– Como vão as aulas? – perguntei indo para a porta.

– Uma chatice. São uns imbecis.

– Dá aula todos os dias?

Conseguí saber que seu horário era das três às sete da noite, às vezes das três às seis, e alguns dias das três às oito.

Não tinha mais que pensar em que estratégia seguir, que passos dar; o plano ia se traçando sozinho. Pouco a pouco fora se montando um mundo ao meu redor, invisível para outras pessoas, um mundo onde eu tinha algo a dizer e a fazer. De modo que assim que fiz o que Sandra me pedira, assim que entrei no carro, já sabia o que tinha de fazer.

Tinha de ir de novo ao barco do Açougueiro, já que ele devia estar fazendo compras ou passeando. Era a única casa, ou morada, de toda a Irmandade que era acessível, provavelmente porque havia muitos anos que vivia assim sem que lhe acontecesse nada, e não tinha por que ter receio. Passar despercebido, camuflar-se, ser um de tantos, não ter aparentemente nada a esconder era mais seguro para ele que se cercar de muros e vigilância. Porém, de repente, um sabonete a menos, uma florzinha a menos, uma faca a menos. Mas quem ia entrar no barco para pegar essas coisas? Só poderia pensar que era distração sua.

Fiquei de meias para descer a escada. Tudo estava como da última vez. Ser tão intensamente organizado devia lhe dar sensação de estabilidade e de que seu pequeno mundo não podia mudar. Eu o entendia, porque comigo era igual. Se trocava os óculos de bolso, ficava todo atrapalhado. De

modo que tornei a pôr o sabonete no lugar, a faca também, e não toquei nas flores. A seguir, peguei da estante todos os cadernos escritos por Heim que pude carregar. Saí, coloquei os sapatos e esperei sentado em um banco em frente até que chegasse.

Entrou com suas fortes pernas nodosas e a cabeça voltada para o chão e desceu ao recinto sagrado. Eu estava com frio, mas esperei até vê-lo no convés. Deu grandes passos de um lado para o outro e desceu de novo. Nos catamarãs ao lado, não havia ninguém, e a ninguém podia perguntar se tinham entrado em seu barco. E por que alguém entraria para fazer aquela bobagem? Procuraria ser prudente e consideraria que ele não havia visto direito e que pensara que faltava algo quando na realidade não faltava. Ao subir de novo, observou o chão do convés como devia ter observado o de dentro e a escada. E em um determinado momento balançou a cabeça como se dissesse a si mesmo que aquilo era uma bobagem e que não valia a pena pensar mais nisso.

Mas, no dia seguinte, antes de ir ao meu encontro com Sandra, na hora em que ele costumava ir ao mercado ou dar uma volta em terra firme, ele não saiu. Certamente queria ver se algo se movia, se desaparecia ou reaparecia enquanto ele estava ali. A semente da insegurança com relação a si mesmo estava plantada, só precisava esperar que crescesse. Tinha certeza de que começaria a fazer por si mesmo o que eu teria feito. Ele mesmo se encarregaria de regar a planta da suspeita. Dia sim, dia não, eu passava por ali. Não queria perder o Açougueiro de vista. Doía vê-lo, mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de vê-lo em suas tarefas cotidianas de limpar seu querido convés como em outros tempos havia feito essas outras tarefas cotidianas de matar seres humanos com o mesmo primor e organização.

Enquanto Sandra estava no *bunker* da Villa Sol, ficávamos incomunicáveis e eu não sabia quando poderia tranquilizá-la dizendo que o inquilino estava bem e que, por mais loucos que todos eles estivessem, não iam se arriscar por um capricho de Karin.

Tínhamos que esperar que nos encontrássemos no Farol às quatro da tarde, dia sim, dia não, para contar as novidades, a não ser que Sandra desse um jeito de me deixar algum bilhete no hotel, na caixa de correspondência do Farol ou que eu deixasse que me visse quando levava Karin à ginástica. O bom de sermos animais de costumes é que acabamos tendo um horário mais ou menos fixo. Eu mesmo, apesar do tipo de vida em que estava metido nesses últimos tempos, sem prestar contas a ninguém e tendo de aproveitar qualquer oportunidade que surgisse para dar seguimento a minhas pesquisas sobre a Irmandade, não tinha mais remédio que parar ao meio-dia para descansar e deitar cedo à noite.

Tinha de administrar minha energia e não deixar de tomar os remédios. E graças a essa viagem havia percebido que sabia cuidar de mim mesmo. Eu me vigiava como se estivesse fora de mim e me obrigava a beber água mesmo sem sede, e a comer mesmo sem muita fome. Também me obrigava a fazer alongamentos ao me levantar, pela manhã, e alguns minutos de ginástica sueca que Salva havia me ensinado a fazer no campo, principalmente quando chegamos lá. No final, não tínhamos força nem

para respirar, mas Salva dizia que o exercício era muito bom para a cabeça porque ativava a circulação do sangue e o transporte de oxigênio para o cérebro. E depois que tentei o suicídio daquela maneira tão pobre e tão lamentável, não deixei mais de fazer as flexões nem um único dia.

Não sabia como entrar nesse outro mundo de Sandra, quando me veio à mente o prazer de Karin em ir ao centro comercial. Eram sete e meia da noite, de modo que era bem provável que Karin pedisse a Sandra para dar uma volta por lá. E embora tivesse pensado em ir ao Nordic Club para ver se dava sorte e via Sebastian Bernhardt, fui para o centro comercial.

Estava lotado. Perto de nossa casa em Buenos Aires também havia um, e Raquel adorava ir lá noite sim, noite não. Para mim, no início, era um saco, achava uma perda de tempo, tinha coisas mais importantes a fazer, como ir atrás de um ou outro nazista; mas, com o tempo, percebi que relaxava, notei que ali esquecia tudo e só pensava no que via. Era como dar uma volta pela cornucópia, pela Caverna de Ali Babá. Ali havia de tudo, o que se necessitava e o que jamais se necessitaria. De modo que não me importava de ir lá e aproveitar para comprar umas meias e uns lenços de pano. Minha filha dizia que era mais higiênico assoar o nariz com lenços de papel, mas eu gostava do contato suave do algodão no nariz e não pretendia renunciar a isso. Não sei se era luxo ou mania, porque também não suportava meias de fibra sintética; tinham de ser de fibra natural, e as cuecas cem por cento de algodão, como as camisas. Precisava que a carroceria do meu corpo fosse suave e confortável e que a notasse o menos possível. E quando via os velhos da Irmandade pensava que eles também deviam ter suas manias, como as camisas anormalmente largas de Fredrik, e que havíamos chegado ao mesmo ponto, uns pelo caminho dos verdugos e outros pelo caminho das vítimas. Havíamos chegado à beira do precipício.

Não cheguei a entrar no centro comercial propriamente dito. Assim que estacionei entre duas colunas e abri a porta do carro, alguém veio por trás e me empurrou para uma das colunas. Bati as costas e a cabeça no cimento. Como ainda estava com as chaves na mão, cravei-as no estômago daquele energúmeno o mais forte que pude, mas estava tão perto que não cheguei a feri-lo. Ele se afastou e torceu meu punho. Era a Enguia.

Pedi que me deixasse em paz.

– Deixarei se você se afastar de Sandra.

– Sandra? – perguntei.

– Sim, Sandra – respondeu torcendo um pouco mais minha mão.

– Está bem – disse soltando-me como pude, porque, se me machucasse mais, aí sim que não poderia ver Sandra de novo.

– Está bem – repeti. – Mas por quê?

No olhar da Enguia não havia ira. Estava cheio de cansaço, de tristeza, talvez.

– Vá embora e não torne a se aproximar de Sandra.

Com uma das mãos, ele apertava meu pescoço, e pedi que me soltasse se não quisesse que eu morresse ali mesmo. Quando fiquei livre, pigarreei e segurei minha mão torcida. Aquilo ia me custar caro. Ficaria com dor no corpo todo vários dias. Abri o carro e me sentei. Ele me observava.

– Quem é você? Por que veio para esta cidade?

– Um amigo me convidou a vir, mas, quando cheguei, ele havia morrido. Ou fazia outra longa viagem de volta, ou ficava. Decidi ficar, fazia muito tempo que não tirava férias.

A Enguia sabia que eu não estava dizendo toda a verdade. Sentou-se no banco ao meu lado e acendeu um cigarro sem pedir licença. Claro que alguém que havia acabado de bater em mim não ia ter delicadezas desse tipo.

– E de onde conhece Sandra? – disse olhando em volta. Estava notando que eu levava muitas coisas no carro. Viu a manta do hotel, a água, as maçãs, o binóculo, um caderno, jornais. Se naquele momento não pensasse em revistar tudo, pensaria mais tarde.

– Eu a conheci na praia e ficamos amigos. Quando nos vemos, nos cumprimentamos.

– É muito mais que cumprimento. Vocês passam tempo demais juntos. Encontram-se com frequência.

Seu tom era malicioso. Meu pulso e minha mão doíam bastante.

– Talvez Sandra se sinta sozinha e precise falar com alguém. Eu posso não ser o homem dos seus sonhos, mas ela pode contar comigo. Pelo menos eu não a engano, não crio falsas ilusões e não a fico vendo sofrer enquanto continuo com minha vida de Dom Juan.

A citação a Dom Juan provocou-lhe uma careta de deboche.

– Você está prejudicando Sandra deixando que o vejam com ela. Imagino o que está procurando, e imagino que Sandra apareceu em seu caminho, e imagino que lhe ocorrem mil coisas que Sandra poderia fazer para ajudá-lo, mas também imagino que não vai querer morrer justamente agora que seus sonhos podem se realizar, ou agora que pelo menos tem sonhos.

– Há muito tempo, faço hora extra na vida.

– Isso era antes; agora não a quer perder. E acredite. Se tornarmos a vê-lo com ela, acabou, entende?

Assenti, e por fim a Enguia saiu do carro.

Perdi a vontade de entrar no centro comercial e comprar meias.

Seria melhor ir para o hotel antes que meu corpo esfriasse e não conseguisse me mexer.

Dirigi com a mão boa, a direita, segurando o volante, e com a machucada no câmbio. Tirei forças não sei de onde para deixar o carro o mais escondido possível, e antes de ir para o quarto, pedi um copo de leite quente no bar do hotel e o levei para cima. Minhas mãos tremiam, não de medo, mas de cansaço. Embora ainda fosse cedo, queria tomar meus remédios, tirar as lentes de contato, pôr o pijama e ir para a cama. Não tiraria o edredom porque precisaria de todo o calor possível, esquecer Sandra e o que pudesse estar lhe acontecendo para ser capaz de funcionar no dia seguinte.

Quando já estava com os óculos fundo de garrafa, bateram à porta. Não me parecia o momento mais apropriado para que chegasse o fim. Se realmente quisessem me liquidar, deviam tê-lo feito no estacionamento do centro comercial, com o carro ao lado, como se fosse um assalto. Nem sequer teria merecido uma nota nos jornais. Mas, pelo contrário, chamaria demais a atenção se assassinassem um velhinho completamente indefeso no quarto de um hotel. De modo que perguntei quem era.

Roberto entrou observando a suíte como se quisesse se certificar de que não estava faltando nada. Para mim, ela já não parecia tão impressionante como antes. Havia me acostumado a “comer frango e arrotar peru”.

– O senhor está bem? O pessoal da lanchonete me contou que o senhor não estava com cara boa e suas mãos tremiam muito.

Viu o copo de leite no criado-mudo e depois notou que segurava uma mão com a outra.

– Escorreguei e me machuquei.

– Deixe-me dar uma olhada – disse ele.

– Dói por causa da contusão, mas não foi nada.

Ele insistia em que fizesse uma radiografia, mas eu disse que já estava de pijama e que não pretendia sair do hotel.

– Só quero descansar.

Comecei a pensar que talvez Roberto, o da pinta grande, fosse meu amigo, que pudesse lhe contar o que estava fazendo ali, entregar-lhe o álbum de fotos de Elfe e os cadernos incriminadores de Heim e os meus. Era fácil demais, amizade demais e fraqueza demais de minha parte. Descartei a ideia, apesar de ele ter subido de novo com pomada e uma faixa, que colocou muito bem colocada e que lhe agradei muito.

Sonhei que a Enguia torcia a mão de Sandra e que a machucava, que suas articulações latejavam de dor e que eu a enfaixava. Mas, quando acordei, minha mão é que doía, e eu não podia fazer nada por Sandra se ela não queria se salvar. Poderia fugir da Villa Sol aproveitando qualquer momento em que fosse para a cidade. Poderia ir à estação de ônibus e desaparecer. Mesmo que eu pudesse entrar na casa, imobilizá-los todos e pegá-la pela mão para tirá-la dali, ela não queria; estava envenenada com ideias de vingança, de justiça ou de acabar o que havia começado; ou ideias de paixão. De modo que eu tinha de pensar em assuntos mais práticos.

A qualquer momento, revistariam meu carro. Eles deviam saber que eu guardava provas e que não as esconderia no hotel, de modo que o carro se tornava a melhor opção. Não precisei pensar muito. Desde que estive na casinha falando com o inquilino, lembrava-me sempre do caos de livros e papéis em que o professor vivia mergulhado. Ali, os cadernos e o álbum não chamariam a atenção, pelo menos não a dele. Tinha tanto para ler que não procuraria mais papéis ainda pela casa.

Tomei um paracetamol com o café da manhã. Não estava com fome, mas não podia desfalecer, e como não ventava, pensei que seria bom ir à praia para me fortalecer com os raios de sol. Ficaria sentado perto do muro onde o sol batia mais forte, depois voltaria para o hotel para me deitar um pouco na cama, e lá pelas três e pouco iria até a casinha.

Tudo correu como havia previsto. Esperei até o inquilino sair com a mala e entrar em um Renault de terceira mão pelo menos, e entrei sem problemas. Se ele me surpreendesse, eu lhe diria que estava tirando medidas para as estantes, mas não foi necessário. Abri o pequeno portão e em alguns passos estava diante da porta da rua, que se abriu com suavidade. Em meio a montanhas de papel e pastas, consegui chegar à escada. Dos quartos de cima, logo deduzi que o seu era o que estava com a cama revirada e com jornais e revistas pelo chão. Havia algumas revistas *Playboy*, e não quis olhar mais. Parecia que entrava menos nos outros quartos. Um deles, o maior, tinha duas camas (recordava vagamente de tê-lo visto quando Sandra me mostrara a casa) e duas escrivaninhas com gavetas nas laterais, e em uma parede uma estante com livros do colégio, que deviam ser dos sobrinhos de Sandra. Não achava que o inquilino fosse prestar atenção naquelas coisas, e se lhe interessassem já as teria examinado, de modo que abri uma das gavetas. Havia cadernos e folhas encadernadas com desenhos desde o ensino fundamental. Só os pais das crianças podiam se interessar por aquilo, então, coloquei o álbum de fotos de Elfe embaixo e os cadernos de Heim e os meus atrás dos livros. Era impossível que alguém que não os estivesse procurando os encontrasse. E se os encontrassem por acaso, não saberiam interpretar as anotações de Heim nem o que fazer com o álbum.

Saí bastante aliviado com a certeza de que nem a Enguia nem ninguém me relacionavam com a casinha; pelo menos não suspeitariam de que era meu cofre. O que já não me agradava tanto era o fato de que qualquer um pudesse entrar, de modo que no dia seguinte, dia de encontrar Sandra, eu lhe contaria que havia visto o inquilino em perfeito estado e que seria conveniente lhe dar uma chave nova.

Depois, fui para o pronto-socorro para que examinassem minha mão.

Sandra

Entreguei uma chave nova da casinha a Julián, e ele se ofereceu para levá-la ao inquilino. Eu tinha uma para uma emergência, e no fim havia surgido uma. Não pretendia dizer à minha irmã que naquele momento qualquer um poderia entrar na casa e roubá-la porque não queria que fosse até lá e complicasse ainda mais a minha vida. Julián estava um trapo, escorregara no estacionamento do centro comercial e torcera a mão, mas não era nada. Puseram-lhe uma faixa elástica no pronto-socorro.

Eu queria ficar o mínimo de tempo possível com ele no Farol por medo de que Alberto fosse à casa dos noruegueses e visse que eu não estava, o que me deixaria bem transtornada. Mas ficar tanto na casa, e, no final, ele não aparecer, estava me transtornando mais ainda. Até me passava pela cabeça às vezes mandar-lhe um recado por Martín quando ele ia levar as injeções para Karin ou falar com Fred na salinha-escritório, mas, depois, dava para trás, como se o próprio Alberto me pedisse que não dissesse nada. Só aquele beijo no porto, a confissão de Julián sobre tê-lo visto com outra e nenhuma demonstração de interesse de sua parte depois daquela noite... e eu preocupada com o que ele queria que eu fizesse. Mas que cretina!

O que ele queria que eu fizesse?

– Já fez muita bobagem por amor?

A pergunta pegou Julián de surpresa. E não devia fazer outras, porque teve de pensar muito. A noite na costa era negra e úmida e entrava nos ossos. As casas de veraneio eram pouco iluminadas, luzes isoladas, que davam mais sensação de escuridão. Tudo eram estrelas e a lua em quarto minguante. O mar rugia, invisível. A luz do Farol fazia-o aparecer a cada minuto em meio às trevas. Ali se estava fora do mundo conhecido, estava-se completamente sozinho no planeta juntamente com outros que também estavam sozinhos.

– Não fiz muitas, na verdade – disse ele –, não precisei fazer. Só amei uma mulher e ela me correspondeu logo, e nunca me colocou em situação de ter de fazer nada fora do normal.

– E isso que está fazendo, faz por quê? Por que veio até aqui?

– Por amizade e por ódio – disse levantando a xícara de café com a mão enfaixada. – Vim pela amizade por meu amigo Salva e por ódio pelos monstros que você conhece.

– E por nada mais?

Não sei por que fiz essa pergunta. Obrigou Julián a desviar o olhar para o outro lado, para a garçonete.

– Estou vivendo, eu me sinto vivo; estou correndo riscos, aqui tenho algo para fazer e estou fazendo sem recorrer a minha filha. Mas acho que Raquel, escondida em algum canto de minha

cabeça, me ajuda muito.

– E por nada mais? – repeti sem nenhuma intenção, perguntando-me por que Alberto teria ficado com Bolita. Os noruegueses não sabiam que estava com ele, de modo que o cachorro havia se transformado em um maravilhoso segredo de nós dois.

– Tem razão, não estou fazendo isso sozinho; estou fazendo isso com você. Jamais imaginei que fosse me acontecer algo assim. Quando cheguei aqui, Salva já não estava, mas você estava, e não me importei com a mudança – olhou um pouco para cima, como se quisesse que seu amigo Salva o perdoasse. – As situações nunca se repetem exatamente da mesma forma, e nesta um dos dois estava sobrando. Um dos dois tinha de deixar lugar para você.

– Acha que tudo está planejado, que as coisas não acontecem por acaso? Acha que neste plano estava previsto que você e eu estaríamos aqui, agora, tomando um café e um suco?

– Não, não acho, foi um modo de dizer. Nós é que vamos ligando isso com aquilo para dar um sentido bonito à coisa, mas no fundo tudo é selvagem e brutal.

– Os sentimentos não podem ser dominados; sentimos ou não sentimos – disse eu pensando que nunca pude sentir por Santi o que sentia por Alberto, embora Santi merecesse muito mais.

– Sandra, fui muito descuidado com você, não estive a sua altura, sou um velho egoísta.

Quando ia lhe pedir que não se torturasse e que alguém tinha de me ensinar as coisas que ele havia me ensinado, com uma pancada brusca a garçonete pôs o prato com a conta na mesa. Era um pratinho marrom-escuro com um clipe que segurava a conta para que o vento não a levasse embora.

Fui até a casa com a imagem do pratinho e a pequena gorjeta que Julián havia deixado. Quando cheguei, perguntei se haviam tido visitas, e os noruegueses me perguntaram onde estive, de modo que ficamos empatados.

Julián

“Salva, se pudesse me ver entrando e saindo do barco de Heim à vontade... Salva, se pudesse ver isso”, pensava diante do espetáculo de Heim, *o Açougueiro*, ficando louco. Eu sabia o que ele sentia porque perder a memória era, de todo o lodo da velhice em que a pessoa acaba afundando, o que mais me aterrorizava. E por mais diferentes que fôssemos Heim e eu, nesse ponto devíamos ser iguais. Primeiro foram o sabonete, a florzinha do vaso e a faca. Desapareceram e reapareceram, o que para um homem tão metódico e organizado, que ordenava o mundo que o cercava milimetricamente, devia ter sido bem inquietante. E então, os cadernos com as anotações de suas selvagerias em Mauthausen. “Onde os coloquei?”, devia se perguntar. “Por que os teria tirado da estante onde os guardei camuflados em capas de livros normais?” “Será que alguém entrou no barco?” “Não, nunca ninguém entrou, e mesmo que tivessem entrado, teriam de saber muito bem o que estavam procurando. E, nesse caso, ter roubado os cadernos nunca explicaria a sensação de eu ter perdido e encontrado a faca. Certamente já pensei na possibilidade de mudar os cadernos de lugar... e se acabei fazendo isso e não me lembro?”

Foi numa terça de manhã, de tempo bom, mas fresco o suficiente para não andar, como ele, de bermuda, que fiquei contemplando Heim enquanto punha no convés praticamente tudo que tinha embaixo. Encheu-o de livros, de lençóis, mantas, panelas, de mais cadernos de capas pretas que eu não havia encontrado. Subia e descia. No fim, sentou-se na espreguiçadeira dobrável onde costumava cochilar depois do almoço para checar cada coisa, fazendo anotações em outro caderno de capa preta. Algumas vezes, segurava a cabeça com suas mãos enormes e depois prosseguia na tarefa. Tudo o que ia anotando ia devolvendo ao seu lugar correspondente, e assim fez por vários dias, manhã e tarde. Eu o observava um pouco de manhã e outro pouco à tarde, sempre saboreando um delicioso café expresso em um bar em frente e pensando em Salva e no que daria para que ele me acompanhasse. Fiquei tentado a contar à Sandra, mas achei melhor para ela não saber. Até que, no último dia, depois de ter tirado à luz do dia suas coisas várias vezes e de ter anotado várias vezes, e de chegar à terrível conclusão de que a conta não batia, vi-o sair muito decidido do barco e ir para o estacionamento onde guardava seu majestoso Mercedes preto.

Esperei. O carro saiu lentamente da garagem, ele olhava para a frente sem pestanejar. Seu rosto era como uma pedra debaixo do quepe. Era fácil segui-lo. Apesar de ter um carro tão impressionante, estava pior de reflexos que eu, e mais ainda com a insegurança que estava sentindo. “Filho da puta, tomara que chegue a se sentir um merda, um ser inútil, tomara que sinta que sua vida não vale a pena ser vivida e que prove seu próprio remédio”, pensei.

Saiu da cidade e rodou uns vinte minutos até a seguinte, mas antes de chegar adentrou uma região

residencial que eu conhecia: Edifício Bremer, onde Sebastian Bernhardt morava, totalmente protegido dos estranhos por guardas de segurança. Provavelmente o Açougueiro estava indo consultar Sebastian sobre seu problema, o que confirmava a posição hierárquica do Anjo Negro, acima de Otto, Alice e Christensen. Fui invadido por uma grande agitação, estava começando a entender o funcionamento dessa comunidade de invisíveis. Sebastian devia ser quem evitara, durante todo esse tempo, que fizessem muitas bobagens, que se expusessem demais, e encontrara um jeito de que tivessem uma vida exageradamente longa para não ficar sozinho em um mundo estranho. Ele devia lhes infundir confiança e os mantinha unidos sob os laços da Irmandade. Era ele quem instruía os jovens. Devia ser a abelha-rainha, e morta a rainha, os outros não saberiam o que fazer. Para infundir confiança, devia tê-los feito acreditar que era invulnerável e que os podia tornar invulneráveis também com um produto destinado somente a eles.

Quarenta e cinco minutos depois, Heim saiu por onde havia entrado. Seu Mercedes preto deslizava pelas ruas de um planeta ao qual haviam se adaptado, como os insetos.

Fiquei para ver se Sebastian sairia.

Sandra

Eu o vi por acaso na quinta-feira quando estava indo ao encontro com Julián. Nessa ocasião, não tive de dar muitas explicações ao sair porque Martín acabara de chegar com alguma coisa para contar a Fred e Karin dentro da salinha-escritório, coisas deles, de sua Irmandade e de seus rolos. Eram três e meia; uma vez, pelo menos, ia chegar pontualmente ao Farol. Saí com a sensação de que essa história não poderia durar muito mais. Julián estava ficando sem dinheiro. Apesar de não querer se queixar, às vezes deixava escapar que já não podia manter as despesas do hotel e que tinha de pôr gasolina a conta-gotas. Um homem da idade dele também não poderia aguentar tanta agitação por muito mais tempo, e eu não poderia continuar me enrolando com essa gente e seu mundo à parte. Chegaria um momento em que esse assunto explodiria ou em que cada um de nós iria para casa. Não era preciso decidir nada; o momento decidiria.

Saí da Villa Sol e na rua senti uma chicotada nos olhos, no cérebro.

Aquele carro!

Dentro do carro, estava Alberto fazendo palavras cruzadas, apoiado no volante. Fiquei paralisada na moto.

Alberto!

Chamei-o sem mexer a boca, e ele ouviu sem ouvir. Voltou a cabeça para mim.

Ele era o mesmo. Os mesmos olhos, a mesma boca. Saiu do carro com um *jeans* azul-escuro, uma camisa xadrez e uma blusa de lã nos ombros. Fiquei feliz de ver que não estava usando a jaqueta que Frida lhe dera. Parou na minha frente, eu continuei sentada na moto.

Cabelo castanho-claro despenteado, testa e nariz vermelhos por causa do vento e do sol. Não estava nenhuma beleza. A carteira saía um pouco do bolso de trás e um pé do sapato estava desamarrado.

– Seu cadarço está desamarrado.

Olhou sem ligar nem se abaixar para amarrá-lo.

– Aonde vai? – perguntou como se acabássemos de nos ver cinco minutos antes.

– Não lhe interessa.

– Se pergunto, é porque me interessa.

Estava a alguns metros da casa e não havia sido capaz de entrar para me ver. Isso me doía tanto que não gostava mais dele.

– Não acredito – respondi. – Vou fingir que não o vi.

O último orgulho que me restava me impediu de chamá-lo de canalha.

– E eu vou fingir que não saí do carro, certo?

– Você é quem sabe. Parece que sabe muito bem o que deve fazer e o que não.

– Sim, sei muito bem. E você também devia saber, mas prefere agir feito maluca, sem medir as consequências.

– Sempre me ameaçando...

– Você está sob ameaça, mas não de minha parte. Eu disse que fosse embora, que deixasse isto para trás.

Eu gostava muito dele, queria que fosse o pai do meu filho; e também sabia que, no dia em que deixasse de amá-lo, eu o odiaria.

– Todo mundo me diz a mesma coisa, que vá embora. Mas para aonde?

– Todo mundo? Quem mais lhe diz para ir embora?

– É um modo de dizer. Não posso ir embora, há mais coisas que me prendem aqui que em qualquer outro lugar.

– Vamos dar uma volta de moto – disse ele sentando atrás de mim.

– Aonde quer ir?

– Vamos ao Farol, há uma vista muito bonita dali.

Foi quando me lembrei de Julián, que justamente estaria me esperando no Farol.

– Ao Farol? Tem certeza? Não prefere ir à praia ou ao porto?

– O Farol é um lugar mais tranquilo. Além do mais, há um enorme precipício, e poderei jogá-la dali. Ninguém vai encontrá-la, esse negócio de que o mar devolve tudo que engole é mentira.

Liguei a moto. Ventava, e com a velocidade o vento aumentava. Segui para o Farol, não podia disfarçar que conhecia bem o caminho; poderia quase fazê-lo de olhos fechados. Porém, ia o mais devagar que podia, estava adorando sentir Alberto atrás de mim. Protegia-me do vento, era impossível que lhe passasse pela cabeça me fazer algo de ruim. Parecia que todo o tempo em que não estive com ele havia sido tempo perdido, tempo de espera.

Ao chegar à esplanada onde o único jeito era estacionar, vi o carro de Julián, que devia estar na sorveteria e que talvez tivesse me visto chegar pela janela. Eu poderia dizer a Alberto que tinha de ir ao banheiro e que me esperasse um minutinho, e aproveitar para fazer algum sinal a Julián, mas não queria perder nem um minuto de sua companhia, de modo que deixei que Julián se cansasse e acabasse indo embora, ou que fizesse o que quisesse. Evidentemente, o que não pretendia era estragar aquele momento que havia surgido quando menos esperava.

Passamos por entre as palmeiras selvagens, pisando pedregulhos e pequenas rochas, até quase o precipício. O mar começava ali, imenso, azul em sua maior parte e verde em alguns pedaços. Ao fundo, juntava-se ao céu. Estávamos só nós dois.

– Parece mentira – disse referindo-se ao espetáculo diante de nós, ou a nós dois, ou à vida em geral.

“Parece mentira” foram duas palavras maravilhosas. Pegou-me pelos ombros e depois me beijou.

Foi um beijo conhecido, um beijo esperado. Foi melhor que a primeira vez porque já não havia surpresa, só o prazer de sua suavidade, de seu calor. Senti seu sexo contra mim, e ele se afastou.

– Agora não é possível – disse ele.

Segurei sua mão. Era meio quadrada, com dedos fortes, coisa insignificante perto daquela grandiosa beleza do mar e do céu, mas a única realmente importante e capaz de dar sentido à vida.

– E seu marido?

– Não sou casada.

– Bem, o pai de seu filho – disse retirando a mão das minhas e colocando-a no bolso para pegar um maço de cigarros. Acendeu um.

– Não temos nada um com o outro. Não estava certa se o amava.

– E ele amava você?

– Acho que sim. Lamento por ele.

De repente, voltou as costas para o mar.

– Tenho de voltar. Este vai ser nosso lugar.

Não quis lhe perguntar por aquela garota com quem havia sido visto na praia. Também não quis perguntar por Frida. A outra seria a garota da praia, e eu seria a garota do Farol. Não quis estragar meu momento, minha oportunidade e meu pouquinho de felicidade.

O carro de Julián não estava mais na esplanada. Perguntava-me se teria nos visto. Eu teria gostado que nos visse para depois poder falar sobre isso com ele, para poder prolongar de alguma maneira essas sensações. Talvez tivesse deixado um recado debaixo da pedra C, mas no momento não podia verificar.

Alberto pilotou; eu me sentei atrás dele e o abracei.

Julían

Minha espera valeu a pena. No fim, quando ia desistir e voltar para o hotel, vi Sebastian sair acompanhado por Martín e pela Enguia.

Sebastian tinha mais ou menos minha estatura, mas não era tão magro quanto eu. Tinha um porte elegante. Usava um casaco preto até metade da perna com as lapelas levantadas e um cachecol amarrado de maneira artística. Desceram devagar, acompanhando o ritmo de Sebastian, até o precipício, e entraram no restaurante envidraçado sobre o mar onde já o havia visto com Alice. Podia vê-los de fora comendo ostras e bebendo champanhe. Conversavam e de vez em quando riam. Fiquei perto de um carro, tirei a minicâmera do bolso e bati uma foto. Em algum momento me pareceu que a Enguia olhava para mim, e depois voltou a cabeça para Sebastian.

Voltei contente. Cada vez estava mais perto de Sebastian, e de alguma maneira queria comemorar com Sandra. Fui ao nosso encontro no Farol mais contente que o normal.

Ela estava atrasada, e esperei sentado perto da janela de sempre. Dessa vez, pedi uma Coca-Cola *light*, e a garçonete de sempre a pôs na mesa com um golpe seco. Estava me acostumando que me tratasse mal. Apesar do que se acredita, a pessoa pode se moldar com facilidade à tirania e ao despotismo dos outros; que o digam os povos que aclamam seus ditadores e torturadores. Eu estava me familiarizando com a brusquidão daquela energúmena.

Bebia a Coca-Cola devagar para que durasse, porque teria de pagar um suco e um pedaço de bolo a Sandra, e minha conta já estava quase no zero. Não queria torrar todas as minhas economias no hotel Costa Azul e naquele lugar. Tinha de deixar um pouco para alguma emergência e, principalmente, tinha de pensar no futuro de minha filha. E quem dera pudesse ter pagado o bolo de Sandra, porque não teria me sentido tão mal como me senti ao vê-la com a Enguia, recostada em seu ombro, contemplando o mar terrivelmente azul e romântico.

Eu os vi chegar na moto de Sandra e estacionar fora do campo de visão da janela. Logo, ao ver que não entravam, paguei e saí. Fui até nosso banco e os vi em meio às palmeiras, de frente para o mar. Vi quando se beijaram, e nesse momento fiquei muito feliz por Sandra, porque, não importava o que acontecesse, levaria isso consigo. Ao mesmo tempo, senti um grande vazio de repente. Como se pode compreender, jamais teria me atrevido a pôr os olhos em Sandra sem vê-la como uma neta; juro que nunca a havia olhado de outro jeito. Foi o fato de ficar sozinho e de me ver longe da vida feliz e maravilhosa de uma forma completa e totalmente irreversível que me deixou vazio por dentro, sem vida. Não sabia se lhe deixava um bilhete debaixo da pedra C depois que foram embora, e no fim desisti. Fui embora do jeito que havia chegado, ou melhor, pior do que havia chegado, mas, no fundo, estava feliz por ter acontecido a Sandra algo que ela desejava.

Sandra

Tive uma recaída. Quando estava voltando para a Villa Sol, de moto com Alberto, senti vários calafrios, que atribuí à emoção de estar perto dele. Quando se espera alguma coisa por tanto tempo e parece que nunca vai chegar, quando finalmente chega é demais. No precipício do Farol Alberto me desarmou, deixou-me sem defesas em todos os sentidos. Todas as portas de meu corpo se abriram, de forma que todos os vírus e bactérias que quisessem podiam entrar que ninguém os expulsaria.

Ao chegar à altura do carro, perto da casa, vimos que Martín já estava esperando apoiado no capô. Notava-se que esperar não era seu forte, mas também notava-se que Alberto estava um pouco acima dele no comando e que não podia censurá-lo por nada.

Não nos despedimos. Alberto não me deu oportunidade. Assim que desceu da moto, foi para o carro sem olhar para mim. Começou a falar com Martín e eu segui para casa. Não tivemos aquele momento, por mínimo que seja, que sempre existe no fim de tudo e que serve para ficar recordando várias vezes.

Ao chegar à porta da Villa Sol, senti que, no estado de agitação em que estava, não conseguiria ficar lá dentro, e segui até a praia. Precisava caminhar depressa, correr e gastar a energia que não me deixava esquecer Alberto. Não podia ficar fechada entre quatro paredes com esse pensamento porque morreria.

Andei pela margem a passo rápido por quase duas horas e, quando não aguentava mais, voltei para os noruegueses. Minhas pernas tremiam na moto. Podia ter tentado ver Julián, procurá-lo no hotel ou no porto, onde ele me disse que passava bastante tempo, mas não tinha vontade de falar de nada que não fosse Alberto, nem que me obrigassem a pensar em nada que não fosse Alberto.

Quando entrei, não notei o que Fred e Karin estavam fazendo. Também não consegui entender o que me diziam. Subi e me deitei na cama; estava suando. Cruzei as mãos no peito e me concentrei no beijo do Farol.



9. *Não tenha medo*

Sandra

Desde que fiquei grávida, desenvolvi algo parecido a um sexto sentido. Sentia as mudanças de tempo e principalmente se ia acontecer algo fora do normal, algo que fosse me alterar. Parecia que o bebê ficava mais ativo ou completamente paralisado, e isso me assustava. Tinha a impressão de estar cheia de sensores sem saber, e que bastava que se avizinhasse algum desgosto ou dor de cabeça para que os sensores se acendessem e só o bebê percebesse em seu mundo. Os sensores e o bebê estavam em outro plano ou em outra frequência que antecipava em poucas horas o que ia acontecer. E, de madrugada, acordei completamente sem sono e angustiada. Não queria levantar tão cedo porque não queria ficar cansada durante o dia e ter de fazer, exausta, todas as vontades de Karin até que chegasse a hora de encontrar Julián. De modo que comecei a ler, mas não conseguia me concentrar. Não tinha nenhum motivo objetivo para estar nervosa, pelo menos nenhum além dos conhecidos e com os quais havia aprendido a me levantar e deitar; porém, o amanhecer estava sendo muito desagradável, como quando era menina e acordava com as brigas sem sentido de meus pais, e então a vida ficava amarga, como se eles tivessem poder sobre o sol, o céu e as plantas.

Também era verdade que à noite havia tossido e que provavelmente a tosse teria me deixado agitada. Talvez tivesse piorado tardes atrás na porta do cabeleireiro, quando saí sem casaco. Talvez fosse hora de ir pensando em um nome para o bebê. Um nome, basicamente, servia para chamar alguém na rua e fazê-lo voltar a cabeça. Os nomes em si mesmos não são nada, tudo depende de quem os usa. Ernesto, Javier, Pedro, Jesus, Francisco e mil outros. Mas eu ainda não sabia que cara ele teria, nem que voz. Qualquer nome estaria bom.

Acordei por volta das dez. No fim, pensando em nomes acabara adormecendo. Melhor; quanto menos tempo tivesse de ver ou ouvir Frida, melhor. Levantei-me devagar, coloquei uma calça para descer e tomar o café da manhã, e ao abrir a porta do quarto tudo cheirava a pinho nevado. Faltava uma hora para que aquele duende dos limpos bosques fosse embora. Karin e Fred deviam ter tomado café fazia tempo e não estavam em casa. Deviam ter ido dar uma volta pela praia ou fazer compras. A casa estava toda para mim, se excluísse Frida, que de alguma maneira estaria me vigiando, mesmo que eu não a visse. Agasalhei-me para ir ao jardim e tomar meu café com leite. As plantas me faziam pensar muito positivamente, mas quando desviava a vista, algo negativo me rondava. Com Karin e Fred ausentes, eu poderia fuçar pela casa, poderia descer ao porão e ver o sol negro, já que sabia o que era. Simbolizava, segundo Julián, o que se esconde por trás do sol brilhante, o que não vemos, e

seus raios se dobravam formando a suástica e as runas. Os nazistas acreditavam nessas coisas, no que eles inventavam e no que podiam aproveitar para suas fantasias. No fundo, a questão era dominar e fazer o que lhes dava na telha, e todos os que eu ia conhecendo eram assim.

Não queria ficar com Frida, de modo que me arrumei um pouco e liguei a moto. Talvez encontrasse Julián acidentalmente na cidade, ou podia dar um passeio pela praia. Mas, quando ia sair, Frida apareceu. Estava com duas trancinhas e de luvas de borracha.

– Não pode sair – disse ela.

Fiquei olhando para sua cara de pão. Olhava em seus olhos.

– Precisa ficar até que eles voltem, querem falar com você sobre algo importante.

Percebi uma centelha maligna cruzando aqueles olhos azuis como o céu, que deviam ser capazes de sustentar meu olhar umas duas ou três horas.

– Obrigada – disse eu voltando para dentro.

Joguei-me no sofá e peguei a sacola de veludo com as agulhas e o casaquinho que parecia condenado a não ter mangas nem gola. Comecei a tricotar. Tricotava e tossia, tossia e tricotava. Tirei o casaco. O que Fred e Karin queriam falar para mim? O rosto de Frida estava demoniacamente impenetrável. Com as luvas de borracha, dava mais medo ainda. Poderia me trucidar e depois tirá-las e jogá-las no lixo com meus restos.

Bebi água porque a tosse irritava minha garganta e tornei a colocar o casaco; sentia calor e frio. Não tinha vontade de tricotar, não tinha vontade de nada, não havia nada ali que conseguisse fazer que me sentisse em um lar onde fosse gostoso se deitar no sofá e ler uma revista. Mas, também, eu não estava ali para isso, também não estava passando tanta angústia para me jogar no sofá e ler uma revista. Eu tinha uma missão, um trabalho a fazer. Frida e eu estávamos lutando no mesmo terreno, mas não com as mesmas armas; eu não tinha armas.

Subi ao meu quarto para fazer hora; a cama estava desfeita. Quando me levantava um pouco tarde, Frida não limpava mais meu quarto. Era seu jeito de me castigar por ser preguiçosa. Ela não me suportava. Já a havia pego me observando de soslaio quando me via deitada em uma espreguiçadeira ou no sofá, ou bocejando pela casa. Não suportava pessoas como eu, parasitas, em sua opinião. Frida tinha tanta certeza das coisas que dava inveja e medo.

Pela janela, vi o Mercedes entrando na garagem. Era curioso não terem saído de jipe. Haviam saído com o carro que usavam quando queriam impressionar ou parecer mais formais. Quase sempre que visitavam Alice e Otto, iam de Mercedes. Conheciam-se de sobra e deviam saber os bens que cada um tinha, mas, mesmo assim, não queriam ceder terreno com relação a aparência e ao poder, de modo que deviam ter ido à casa de Alice ou a outro lugar parecido. Talvez tivessem ido resolver algum problema de papelada ou simplesmente ao banco. Quando entraram, ouvi frases, depois percebi que eram em alemão, e finalmente captei a voz de Frida entre a deles. A situação me dava

uma sensação ruim, e me deitei na cama desfeita para pensar.

Não entendia o que podia ter acontecido, mas tudo indicava que tinha a ver comigo. Teria a ver com o hotel? Será que me viram entrar no hotel de Julián enquanto Karin estava no cabeleireiro? Eu poderia dizer que havia chegado até lá tentando estacionar e que sentira vontade de ir ao banheiro. Eles já estavam mais ou menos acostumados às minhas idas e vindas ao banheiro. Poderiam ter me visto com Julián no Farol, na cidade. Poderiam ser tantas coisas... Mas, ah, Deus... também poderiam ter descoberto o lance das seringas, era isso. Eu me defenderia dizendo que não sabia do que estavam falando, que duas seringas usadas? Com certeza alguém devia ter jogado no lixo, e posto o lixo na rua. Eu diria que, se pensavam essas coisas de mim, como ia entrar na Irmandade? Por que iam querer que alguém a quem julgavam capaz de roubar de uma lixeira duas seringas usadas entrasse na Irmandade? Para que eu queria duas seringas usadas? Será que achavam que era uma viciada e que as havia usado para injetar heroína?

Ouvi leves passos se aproximarem de minha porta. Não eram os enormes e pesados, lentos e maciços passos de Fred. E não eram os que Karin arrastava. Aqueles pareciam mal tocar o chão, eram como vento rasante, como grandes folhas de outono caindo uma atrás da outra. Eram como os passos de uma fada, ou de uma bruxa.

Bateu, ou melhor, roçou a porta com os nós dos dedos e abriu antes que eu respondesse. Frida estava me fazendo uma declaração de guerra, coisa que me irritou, assustou e que tornaria minha vida muito mais difícil. Surpreendeu-me deitada na cama sem tempo para reagir.

– Desça – disse. – Querem vê-la.

– Por que não bateu na porta? – perguntei para me recompor.

– Bati, mas você não ouviu; devia estar dormindo.

Percebi no tom de sua voz o desprezo que sentia por mim, e sabia que me faria todo o mal que fosse capaz. E talvez seus sentimentos por Alberto tivessem algo a ver com isso, e, se assim fosse, achava ótimo.

– Por que diz que eu estava dormindo? Estava me observando por algum buraco? – disse eu me levantando e falando o mais alto que podia. Algo me dizia que devia me rebelar contra Frida e deixar claro para Fred e Karin que não nos dávamos bem.

– Não vai adiantar nada ficar assim – disse ela sem levantar a voz, para que só eu a ouvisse.

Nesse momento, tive um acesso de tosse. Desde o dia do cabeleireiro, não parava de tossir, mas com o nervosismo minha garganta começou a coçar, meu peito doía e meus olhos lacrimejavam; eu mal podia falar uma frase inteira.

– Desde que cheguei... a esta casa... você me...

Ia dizer “você me odeia”, mas nesse momento ela saiu e bateu a porta. A tosse estava me sufocando. Ouvei barulho de água no banheiro, que ficava no corredor em frente ao meu quarto. Frida

devia ter ido buscar um copo de água. Deitei de bruços na cama para tossir melhor. Mais passos subindo a escada. Eu precisava do copo d'água, mas não o tomaria das mãos dela.

– Podemos entrar? – perguntou Karin.

– Está aberta – disse eu, o que era absolutamente verdade, porque aquele era o único quarto da casa que não tinha chave.

Karin tirou o copo de água da mão de Frida e o pôs em meus lábios. Bebi quase de um gole, e a tosse aliviou. Enxuguei as lágrimas. Estava cansada e suando.

– Fique calma – disse Fred. – Com certeza, tudo tem uma explicação.

– Tem de ter – disse Frida.

– Cale-se, por favor – disse Karin sentando-se em minha cama.

Levantei-me; não queria que minha cama se transformasse em uma cama redonda de monstros. Embora dormisse sob o mesmo teto que eles, precisava ter um espaço o mais afastado possível de seus corpos e espíritos.

– Já estou melhor – disse dirigindo-me à porta.

Eles me seguiram. Os passos pesados, os arrastados e os de borracha foram atrás de mim escada abaixo. Em comparação com todos eles, os meus eram normais. Ouvi meus passos, coisa que nunca havia feito antes, e eram mais parecidos com os da gente comum que os deles.

Fui para a cozinha, um terreno um pouco mais neutro que meu próprio quarto, e me servi um grande copo de água fresca. Eles foram atrás, calados. Só Frida disse algo em alemão, mas ninguém respondeu. Eu poderia jurar que estava dizendo que eu estava exagerando para causar pena e que era puro teatro. E, de certo modo, tinha razão; queria distraí-los do que quer que fosse que quisessem me cobrar. Não queria me sentir como uma condenada esperando a sentença.

Sentei-me para beber a água, e eles também se sentaram, menos Frida.

– Com certeza tem uma explicação – repetiu Fred.

Frida olhou o relógio. Karin olhou para Fred. Eu bebi de novo.

– Falta uma ampola da caixa que você trouxe da casa de Alice – disse Fred.

Faltava uma ampola na caixa? Aquilo não era obra minha. Estava tão surpresa que quase caí na gargalhada.

Os três me olhavam muito sérios. Levei um minuto para reagir. Fiquei com o copo na mão, depois coloquei-o na mesa muito devagar, e, ao levantar a vista, encontrei os olhos da filha da puta de Frida. Não queria lhes dar oportunidade, então calculei o que ia dizer, que seria nada.

– E eu com isso? Não estou entendendo.

– Talvez a tenha pegado sem querer ou guardado em outro lugar.

– E para que eu iria pegar uma ampola de Karin? Não faz sentido.

– Vamos ter de procurar – disse Fred.

– E as outras? – perguntei. – Usou todas?

– Não, tenho uma ainda – disse Karin. – Não queria começar outra caixa enquanto não acabasse essa.

– Eu nunca pus a mão nessas coisas, nem sequer entro em seu quarto.

– Claro que entra – disse Frida. – Outro dia entrou e deixou cair isto.

Mostrou-me um dos pequenos grampos coloridos com que eu costumava prender a franja antes de cortar o cabelo.

– Você entra em meu quarto, pode ter pegado isso lá – disse eu.

– Eu o encontrei – disse Karin com a voz um pouco abatida, como se lamentasse ter me flagrado em uma mentira.

Tinha de pensar rapidamente, porque, para começar, eu tinha certeza de que não tinha deixado cair nenhum grampo naquele banheiro. Frida devia tê-lo posto lá.

– O grampo pode ter sido arrastado com a vassoura; Frida também varre meu quarto.

Karin ficou pensativa.

– Também pode ser que, limpando, tenha derrubado a caixa no chão e quebrado uma ampola, e agora quer pôr a culpa em mim.

Havia acabado de ganhar a pior inimiga do mundo.

Karin e Fred negaram com a cabeça.

– Ela teria de tirar a caixa da gaveta da cômoda para que caísse no chão, e, nesse caso, a caixa ficaria molhada com o conteúdo da ampola – disse Fred.

– Não sei o que dizer, não sei nada sobre isso. Pode ser que Karin a tenha usado e não se lembre.

Karin franziu a testa, não gostou do que eu disse. Provavelmente Frida havia percebido a ausência das seringas na lixeira, devia achar que eu tinha uma desculpa na ponta da língua e preferira armar contra mim. Não me ocorria mais nada; ela queria me desmascarar de uma vez por todas. Então, Fred interveio.

– O que acha que há nessas injeções?

– Vitaminas. Suponho que deva ser um complexo vitamínico muito forte e completo, que eu, estando grávida, não me atreveria a usar.

– Talvez quisesse a ampola para outra coisa – disse Frida.

Frida estava decidida a acabar com aquilo de uma vez por todas e pretendia me acusar de espiã dizendo que eu tinha pegado a ampola para usar como prova. Mas Karin olhou para Fred, e Fred disse que havia acabado, que dariam um jeito de esclarecer a situação e que Frida podia ir embora. Karin ainda não queria acabar comigo, ainda queria sugar um pouco mais meu sangue e não estava disposta a permitir que Frida estragasse sua diversão precipitadamente.

Frida disse algo em alemão. Não precisava que me traduzissem para saber que dizia que levaria o assunto adiante. Os outros assentiram.

– Se foi você, é melhor que nos diga – disse Karin assim que Frida fechou a porta atrás de si.

– Eu não toquei nessas ampolas, juro.

Eu disse a verdade. Olhei-os de frente e sustentei o olhar.

– Não sei o que aconteceu, mas não fui eu.

– Talvez Alice – disse Karin – tenha mandado Frida pegá-la achando que a culpa recairia imediatamente em Sandra. Assim, ela fica com uma ampola mais e eu fico sem Sandra. Você sabe que ela quer tudo o que é dos outros.

– Tenho de confessar uma coisa – disse eu –, quero ser sincera. Há alguns dias, entrei em seu banheiro. Queria pôr umas gotas do perfume de Karin, que eu adoro, mas entrei só para isso e não deixei cair nenhum grampo, eu juro.

– Isso muda as coisas – disse Fred. – Antes, você jurou que nunca havia entrado no banheiro, e agora reconhece que entrou. Você não é mais confiável.

– Não jurei, só disse que não havia entrado, e disse a Frida, não a vocês. Não queria que Frida usasse essa informação contra mim.

– Faz bem em nos dizer a verdade – disse Karin olhando para seu marido com ar de reprovação. – É normal que, morando aqui, tenha entrado algumas vezes em nosso quarto e em nosso banheiro, e também seria normal que houvesse olhado meus vestidos e os experimentado.

– Não, não os provei. Não me atreveria, não são meus.

– Gosta deles?

– São realmente maravilhosos. Só os vi uma vez.

– É normal – disse Karin dirigindo-se a Fred.

– Mas o que tem esse líquido para que Alice ponha em perigo sua amizade?

– Nossa amizade não está em perigo – disse Fred. – Não é a amizade que nos une, e sim a Irmandade. Alguns irmãos não se suportam, porém, não podem deixar de ser irmãos. Não existe nada que possa nos separar para sempre.

– E o que faremos agora? – perguntei ingenuamente, sabendo que alguém estava me testando: eles, Frida ou Alice. Era como estar diante de uma prova sem saber uma única resposta e sem entender as perguntas.

Disse a eles que ia para Madri porque me sentia mal, achava que estava com gripe e aquela situação tão desagradável havia me feito piorar. Não aguentava mais, ia ter um filho e estava sozinha, com uma família que não era a minha. E por mais que eles dissessem que eram como meus avós, não eram, porque meus verdadeiros avós teriam acreditado em mim, e não em uma estranha. Mas, para eles, Frida não era uma estranha, a estranha era eu. Tinham mais confiança na empregada que em mim, e eu entendia. Eu era uma recém-chegada, não era neta deles, haviam me encontrado na praia vomitando, sozinha, e me levaram para essa casa que Frida conhecia muito antes que eu. Conforme falava, meus olhos iam se enchendo de lágrimas, e por fim explodi. Tinha verdadeira vontade de explodir. Não era neta deles, eles não eram meus avós, era uma empregada como Frida que eles

pagavam, e pagavam muito bem, aliás; por isso estava com eles. Mas nem tudo se pode pagar com dinheiro. Tinham acabado de me acusar de roubar e eu nunca tinha roubado nada na vida. E chegamos a esse ponto. O choro, misturado com a tosse, deixou-me sem fala. Os dedos dobrados de Karin me entregaram o copo. Bebi bastante e me acalmei um pouco.

– Vou jogar golfe. Ao ar livre penso melhor – disse Fred.

Continuava tossindo quando ele voltou com as calças xadrezes, os sapatos brancos e pretos e o boné que usava para jogar. Pegou do armário da entrada a sacola com os tacos e saiu. Quando ouvi o Mercedes partir, disse:

– Vou juntar minhas coisas. Chegou a hora de dizer adeus.

Subi com uma grande sensação de liberdade. Não haviam tentado me reter; estava indo embora, livrando-me desse pesadelo. Comería por aí e ficaria deitada na praia até a hora de ver Julián e me despedir dele. Já que havíamos descoberto que o famoso líquido era um engodo, meu dever para com a humanidade estava cumprido e eu não teria de fazer mais nenhum ato heroico pelo resto da vida. Estava indo para o mundo normal, onde as pessoas tomam o que o médico normal receita.

Estranhei que Karin, que não suportava que ninguém agisse por vontade própria, deixasse-me subir. Quando cheguei ao quarto, a janela estava aberta e ouvia-se o cantar dos pássaros; parecia que tudo era como antes. Eu estava esgotada por causa do mal-estar físico e por tentar sair daquela confusão com muita sinceridade, mas não tinha mais como suportar. O único amigo que eu tinha ali não se aguentava em pé, e nos outros não podia confiar. De modo que peguei a mochila, abri-a e coloquei nela a meia dúzia de coisas que tinha, pensando que, se Fred e Karin não se pareciam em nada com aqueles velhinhos da praia que ajudavam garotas como eu, quantas vezes eu teria me enganado e julgado muito bem ou muito mal as pessoas? Também, ninguém pode passar a vida toda suspeitando de cada um que cruza seu caminho para poder acertar. Algumas pessoas logo percebem o que existe embaixo de um rosto ou um sorriso. Eu, tinha de admitir, era lenta, e por isso Fred e Karin haviam surgido de supetão em minha vida, assim como Julián também, de certo modo.

Com o que me pagaram, daria para viver por um tempo. Passei a mão pela última prateleira do armário para ver se tinha esquecido alguma coisa, e nesse instante ouvi os nós dos dedos de Karin batendo na porta.

– Entre! – disse antes que entrasse, que era o que ela ia fazer de qualquer jeito.

– Você não devia ir embora assim. Você não está bem, está resfriada. Pode ser uma gripe. Fique uns dias até melhorar. Quando se recuperar, nós mesmos a levaremos até o ônibus ou o avião, ou aonde quiser. Enquanto isso, descanse.

Via a cara de bruxa de Karin e senti medo. Eu era mais nova e mais forte, e poderia com ela caso chegássemos ao corpo a corpo, mas sentia medo. Ela conhecia terrores que eu nunca vira e perversidades que nem me passavam pela imaginação. Intuí que, mesmo que estivéssemos sozinhas, não seria tão fácil vencê-la.

– Não; decidi ir embora hoje – disse calçando as botas e pondo a mochila nas costas. – Quero ir antes que Fred volte.

– Não tão depressa – disse Karin pegando minha bolsa.

Era uma bolsa de couro de alce marrom com franja e alça bem comprida para usar a tiracolo. Era uma bolsa leve, confortável, que combinava muito com meu estilo. Santi me dera de presente. Tudo que Santi me dava ficava muito bem em mim. Como se precisasse abstrair o que estava acontecendo naquele momento, pensava nessa bobagem enquanto Karin abria a bolsa. Não entendia por que estava fuçando em minha bolsa. Era um ato muito agressivo, até mesmo para Karin. E, quando reagi, quando ia lhe dizer que metesse suas patas sujas e tortas em suas coisas, ela tirou uma coisa embrulhada em papel higiênico. Desembrulhou-a, e era uma daquelas ampolas.

– Eu não queria acreditar em Frida, negava-me a pensar que você estava nos traindo, mas, veja... ela tinha razão.

– Frida colocou isso aí... – disse eu com um fio de voz. – Ela está apaixonada por Alberto e eu sou um estorvo para ela.

– Não diga bobagem. A esta hora, Frida deve estar contando à Irmandade o que aconteceu, e como vou defendê-la depois do que encontrei?

– Eu juro, Karin – interrompi-a –, juro que não peguei nem guardei essa ampola na bolsa, juro pelo que você quiser.

Eu mesma não podia acreditar que estava dizendo algo assim.

– Não os posso trair. Você me colocou em uma encruzilhada. Ou eles, ou você.

– Se não posso fazer nada para provar que não fui eu, vou embora.

– Espere – disse Karin bloqueando minha passagem com a bolsa na mão. – Nessas circunstâncias, você não chegaria nem à esquina.

Karin retrocedeu, jogou a bolsa na cama, saiu e trancou a porta por fora.

Fiquei pasma.

– É para seu próprio bem, querida – disse por trás da porta.

Sentei-me na cama e olhei pela janela. Não havia jeito de descer. Estava em um segundo andar bem alto e não havia nenhum encanamento perto onde me segurar; além disso, em meu estado não podia correr riscos. Podia tentar abrir a porta com um pontapé, mas não tinha certeza de ter tanta força a ponto de quebrá-la. Karin havia me trancado, havia me sequestrado.

Deitei na cama. Quem me dera ter poderes sobrenaturais para poder me comunicar mentalmente com Julián... Quem me dera que ele notasse que alguma coisa não estava bem e fosse me buscar. Mas como um homem de oitenta anos iria me buscar, se era tão magro que até uma criança poderia quebrar seus ossos? Quem me dera que Alberto pressentisse que eu estava metida em confusão e fosse me buscar correndo. Quem me dera que me amasse. Quem me dera que meus pais fizessem o

que, em outras circunstâncias, não os perdoaria se fizessem: aparecer para me buscar recorrendo até à polícia, se necessário. Quem me dera que minha irmã se irritasse com o inquilino e fosse falar com ele, e o inquilino lhe dissesse que eu aparecera por lá com uma idosa, que ele achava que era minha avó, e que minha irmã sentisse curiosidade e me procurasse. “Por favor, venham me buscar”, pensei com todas as minhas forças. Quem me dera que o espírito de Salva, esse de quem Julián falava, estivesse naquele quarto e me mandasse sinais para eu poder sair, porque, sendo um espírito, poderia ver tudo e perceber algum ponto fraco por onde eu pudesse fugir.

“Salva, você que esteve em um campo de concentração, você que esteve muitas vezes à beira da morte antes de morrer, mande-me força e sabedoria para sair dessa. Penso em você, Salva, em como foi forte e astuto para vencer o mal. Entre em minha cabeça, Salva, e diga-me o que devo fazer. Deixe que eu pense com seu cérebro e que não precise aprender tudo que aprendeu para não me deixar dominar pelo medo.”

“Tenho oitenta e sete anos”, pensei. “Tenho oitenta e sete anos e os conheço. Vocês me exploraram e torturaram e eu sei como enfrentá-los. Um: vocês são vampiros do inferno e não são capazes de viver sem sugar a vida dos outros. Dois: assim, jamais se deve confiar em vocês, de jeito nenhum, porque me enganarão e farão o que for necessário para sugar meu sangue. Três: terei que ser como vocês para que me deixem em paz. Quatro: vocês são seres da noite, e a noite esconde as verdadeiras intenções, os verdadeiros desejos.”

Eu ainda era filha do dia e via as coisas à luz do dia, mas, imaginando que essa luz se apagasse, como essas mesmas coisas seriam nas trevas? Fechei os olhos. Peguei o saquinho de areia que Julián havia me dado e o apertei forte. Não, não era como fechar os olhos, porque com os olhos fechados não se via nada. Na escuridão, continuamos vendo, mas de outro jeito. Não vemos tudo como de dia; só algumas coisas que brilham mais ou que se destacam por algum motivo. Fechei as venezianas e as cortinas, deitei-me na cama para ver o que era possível ver. Por baixo da porta, entrava um fio de luz. E esse fio de luz, esses grãos de luz concentraram-se em minha barriga. Minha barriga.

Aqueles que enxergam na escuridão não podiam ver o brilho dos meus olhos nem o *piercing* em meu nariz, mas viam meu filho em minha barriga. De modo que não era loucura pensar que Karin tenha se arriscado a ponto de eu descobrir seus segredos não só para sugar meu tempo e minha energia, apenas para que eu a acompanhasse na vida de que ela gostava. Karin não me trancou ali porque eu suspeitava dela e de Fred e de seu famoso líquido transparente. Poderiam ter se livrado de mim. Querem o meu filho. Tentei não pensar nisso, mas surgiu em minha mente o filme *A semente do diabo* e me senti muito mal. “Cinco: não se deixe suggestionar pelo mal. A grande especialidade do mal é fazer acreditar que tem mais poder que o bem.”

Meu filho me protegia; enquanto estivesse em mim, não me fariam nada. Tinha de aprender a me mover na escuridão do mal e ver o que eles viam. Tinha de ser mais esperta do que havia sido até então e não me deixar cegar pela luz.

Tudo de que precisavam era de vida.

Procuravam tudo que tivesse vida.

Passou-se uma eternidade até que ouvi a porta da rua. Fred acabara de chegar. Ele e Karin deviam estar falando de mim em voz baixa, porque não os ouvia. Fui até a porta e me afastei quando ouvi seus passos na escada. Uns pesados e outros se arrastando pelo corredor até meu quarto. A chave girou e entraram. Eu estava sentada na cama. Deitei-me de frente para a janela e dei as costas a eles.

– Karin me contou o que aconteceu e disse que você não pode explicar. Ou pode?

Não respondi. Estava pensando em como me levantar e sair voando escada abaixo.

– Sejam sensatos. Karin passou a chave porque não sabia o que fazer. Fez isso para protegê-la. Se dependesse de nós, deixaríamos que fosse embora, mas não se trata de nós, e sim da Irmandade. Se a Irmandade souber que pretendia tirar o fármaco de nosso círculo, a situação se agravaria muito para você, entende? Temos de pensar juntos no que fazer.

– Nem vamos lhe perguntar para que queria a ampola – disse Karin. – Para vendê-la no mercado negro? Acha que é uma droga?

Continuava muda e de costas para eles. Tinha de morder a língua para não lhe dizer o que eu sabia sobre o líquido, mas quando se aproximaram mais e os senti mais perto, sua respiração em minha nuca, virei-me de repente e me levantei.

– Vocês sabem muito bem que não peguei a ampola. Não peguei, não peguei. Isso é uma armadilha.

– Seria perigoso para as pessoas se esse medicamento circulasse sem controle. É fabricado só para nós – disse Karin. – Nós arcamos com os riscos de seus possíveis efeitos colaterais, não nos importamos. Você não pode sair daqui.

– O problema – continuou Fred – é que Frida deve ter contado a Alice, e Alice a Sebastian, e a esta altura todo mundo deve estar em polvorosa.

Não podiam mais me enganar, eu enxergava em sua escuridão. Via as mesmas coisas que eles.

– Temos de pensar no que fazer – disse Karin sentando-se na cama.

– Sim, temos de pensar em alguma coisa – disse Fred coçando o queixo.

– Já sei – disse Karin olhando sorridente para mim –, vamos dizer que foi um erro meu, que só havia uma, que fiz confusão.

Eu não disse nada.

– Mas – interveio Fred – não vão se convencer. Você vai ter de entrar para a Irmandade, para que esse incidente fique em família. Quando fizer parte da Irmandade, estará sujeita a uma hierarquia, a normas, e todos nos sentiremos mais seguros: você, nós e eles.

A escuridão me dizia que, se eles se empenhavam tanto para que eu entrasse na Irmandade, era

porque, a partir desse momento, eu me encontraria em uma prisão sem grades. As trancas estariam em minha mente.

– Não há outra saída – disse um dos dois.

Eles estavam na escuridão. Julián estava na luz, e logo começaria a se preocupar comigo.

– E o que devo fazer para entrar para a Irmandade?

Ambos sorriram. Aproximaram-se mais de mim e puseram suas mãos em meus ombros.

– Você vai ver – disse Karin –, sua vida vai sofrer uma mudança espetacular. Não terá de se preocupar com nada. Você será nossa protegida, e tudo isto – disse dando uma meia-volta pelo quarto – será seu quando partirmos.

– Esta noite, vamos convidar Alice e Otto para jantar e lhes dar a boa-nova. Talvez também chamemos Sebastian, talvez venha, em se tratando de você. Quem sabe...

No jantar, falou-se de minha entrada na Irmandade, mas não consegui saber de nada, porque estava muito cansada e minha vista ficava borrada. No meio do jantar, disse que estava me sentindo mal e Sebastian puxou a cadeira para mim.



10. Ninguém nos vê

Julián

Martín levava Sebastian ao Nordic Club, aos bancos, a um escritório de advogados e a viagens longas. O Anjo Negro passava muito tempo no banco de trás do carro analisando documentos. Martín também o acompanhava ao restaurante do precipício. Às vezes comia com ele e em outras o esperava do lado de fora. Foi em um desses momentos em que estava sozinho que aproveitei para ir até sua mesa. Dei meu nome completo e perguntei se podia me sentar um instante.

Como imaginava, Martín entrou correndo, mas Sebastian fez um gesto com a mão para que não me incomodasse. Estava reagindo exatamente como eu havia imaginado, elegantemente. Martín disse alguma coisa em seu ouvido enquanto olhava para mim. Sebastian fez uma expressão de contrariedade, não sei se por ouvir a voz de Martín tão perto ou por mim.

Apresentei-me formalmente. Disse que era um republicano espanhol que estivera em Mauthausen no último ano da guerra e que posteriormente havia me engajado em uma organização dedicada à caça de nazistas. Ele me ouvia com muita atenção.

Pegou uma ostra da bandeja com gelo picado e me convidou, com a mão, a fazer o mesmo. Recusei também com a mão. Ele me ofereceu champanhe e deixei que me servissem uma taça, mas não bebi.

– Não me cai bem – disse eu, o que era verdade.

– Sinto muito que tenha tido de passar por aquilo – disse ele.

– Realmente sente? – perguntei no mesmo tom que ele, um tom de conversa normal, amigável até.

Para alguns, podíamos parecer velhos conhecidos, o que, de certo modo, era verdade.

– Por que não ia sentir? Jamais tive o propósito de fazer as pessoas sofrerem. Eu lutava por um mundo melhor. O mundo sempre melhora porque alguns tomam as rédeas e dirigem os outros. O povo geralmente não sabe o que quer.

– O povo não queria o mesmo que vocês, e vocês perderam.

– O mundo perdeu, a espécie humana perdeu. Queríamos evitar a mediocridade, queríamos dar um salto rumo à excelência, e, em muitos casos, conseguimos. Muita gente se favoreceu com nossos esforços. Mas, é verdade, perdemos a guerra.

– Vocês são predadores, roubavam, ficavam com o esforço e o talento dos outros. Roubavam a vida dos outros, mas, claro, não a chamavam de vida, e sim de “material humano”.

A informalidade com que o tratava não lhe agradou, mas não disse nada. Também, não podia fazer

outra coisa. Ou isso, ou um escândalo em seu restaurante favorito.

– Houve certo desenfreio, nunca estive de acordo.

– Foi um desenfreio matar milhões de pessoas?

Ele pensava enquanto mastigava a carne da ostra.

– O senhor sabe quem eu sou? Por acaso não se confundiu?

– Acho que não. Fredrik e Karin Christensen, Otto Wagner, Alice, Anton Wolf, Elfe, Aribert Heim, ou o *Açougueiro de Mauthausen*, Gerhard Bremer e Sebastian Bernhardt e mais alguns. É uma boa história, esta cidade vai ficar famosa. Seus guardas, Martín, Alberto e os outros, não vão poder conter os jornais.

– Os jornais não nos assustam.

– E a justiça?

– O que a justiça pode nos fazer a esta altura da vida?

– Não me refiro a essa justiça, e sim à justiça que promove um equilíbrio no universo, fazendo que haja a quantidade exata de hélio para que possamos existir e que haja a proporção necessária de bem e de mal, de sofrimento e de prazer para se poder viver. Vocês quebraram esse equilíbrio.

– Agora – disse avançando o corpo o máximo que pôde em minha direção – é muito fácil julgar, porque perdemos, não deu certo, mas imagine por um instante se tivéssemos ganhado. Teríamos conseguido o equilíbrio de que fala, porque o equilíbrio é ordem, beleza e pureza.

– Eu o procurei por muitos dias, precisava falar com você. Preciso que me entenda.

Sebastian assentiu e não lhe pareceu oportuno pegar outra ostra. Cruzou as mãos sobre a toalha de linho.

– Já não há tempo de dar marcha a ré. É hora da verdade. Quero saber se entende meu sofrimento, minha humilhação, minha dor por ter sido reduzido a material humano.

Ele me olhou nos olhos. Estava me levando muito a sério.

– Não sinto prazer pensando que sofreu, mas, em momentos históricos de transformação profunda da realidade, não há tempo para separar o joio do trigo.

– E seu dever era transformar a realidade, fazer que a realidade fosse outra.

– Exato. Sempre pensei que vim ao mundo para mudá-lo. Minha vida tinha um objetivo, uma missão, senão, teria sido absurdo nascer, e o nacional-socialismo me deu a oportunidade de agir.

– Você tinha um mundo ideal na cabeça.

– Sim, um planeta bonito.

– No campo onde eu estive, não havia nenhuma beleza. Acha bonitos os experimentos que Heim fazia conosco?

– Não tivemos tempo de ver os resultados. O resultado é o que importa. Talvez, em outro momento da história...

– Nem você nem eu o veremos.

– Uma vez, visitei seu campo – disse informal pela primeira vez –, na primavera do ano que disse que esteve lá. Havia nevado muito.

Era terrível dividir alguma coisa com aquele homem, mas eu era um dos que mal conseguiam erguer a pá naquela primavera.

– Não pensei no sofrimento de vocês, nem sequer pensei em vocês. Eu os via sem pensar, as coisas eram assim. Pertencíamos a um sistema, a uma organização. Eu usava o uniforme das SS e vocês o uniforme listrado dos prisioneiros. Estávamos dentro de uma ordem estabelecida, impossível de quebrar. Não havia nada a pensar. Havíamos conseguido um equilíbrio, entende?

– E agora, o que pensa? O mundo mudou sem vocês.

– Foi um golpe duro, porque tenho absoluta certeza de que a sociedade se enganou. Tenho certeza de que agora tudo seria mais perfeito.

– E entende que eu os odeie e que queira vê-los padecer nesses últimos dias de sua vida mais do que eu padeci?

– Teria de compreender se fosse mordido por um cachorro raivoso?

– Mas eu não sou um cachorro. Eu não o morderia, faria coisa pior.

– O que eu lhe fiz não foi por questões pessoais, e sim por razões superiores que estão além do bem e do mal. Por isso você se comporta como um cachorro e eu não.

Ele falava sério, tinha convicção do que dizia. Todos eles haviam se agarrado a ideias e programas para neutralizar a culpa.

– Não sente nenhum tipo de responsabilidade por todas aquelas mortes, milhões de assassinatos?

– A culpa, o remorso e o arrependimento detêm o progresso da humanidade. Você sente muito remorso quando abrem uma vaca ou quando tosquam uma ovelha para aproveitar a lã? Quando se veem com clareza o objetivo e o caminho para chegar a ele, e se vê que esse objetivo é bom globalmente, como se diz agora, não há razão para hesitar.

– E acha que eu teria de compreender você?

– Seria quase impossível, você esteve do lado das vítimas.

– O que me parece impossível é que não tenha existido ninguém, nenhum dentre vocês que não tenha se atormentado por ter participado de suas atrocidades.

Ele pensou durante alguns minutos. Já não restava café, então tomou um pouco mais de champanhe.

– Quase ninguém se atormenta pelo que fez, e sim pelo que não fez e que morrerá sem fazer. É como o caso da pobre Elfe, que dizia que bebia para esquecer, mas não era verdade. A pessoa sempre arranja desculpas para justificar seus vícios.

A pobre Elfe. Ele disse o nome dela sem lhe dar importância porque não podia imaginar que eu a conhecia. “Sebastian não sabe de tudo”, pensei.

– E não bebe mais?

– Se continua bebendo, deve ser em outro lugar, sem nos obrigar a suportar sua fraqueza mental.

– Não sei se está dizendo a verdade, e se não a disser agora, a mim, a marca que vai deixar neste mundo será sempre difusa. Nem tudo terá sido real.

Assentiu com uma leve inclinação de cabeça. Estava levando muito a sério nossa conversa.

– Não lhe falta razão. Agora, para bem ou para mal, somos invisíveis, ninguém nos vê; salvo você, claro.

– Se agora mandar sua gente atrás de mim – disse eu –, será mentira que agia servindo a uma causa maior. Se me matar, vai ser algo puramente pessoal, porque os descobri e pus a vida de vocês em perigo.

Assentiu de novo. Eu não sabia se essa afirmação significava que ia me matar ou que eu tinha razão, e esperei algum sinal.

– Há uma garota que se juntou recentemente ao grupo – dirigiu-me um olhar inquisitivo que me arrepiou –, chama-se Sandra. Ela não sabe muito bem onde está metida, não é dos nossos. É uma rosa fresca, que daqui a pouco vai murchar no mundo medíocre em que lhe coube viver. Arranjará um emprego que não a preencherá, um marido, terá filhos... de fato, acho que está grávida, e envelhecerá sem aproveitar a vida. Talvez possamos salvá-la de tudo isso. Temos de ajudar. Nem todo mundo sabe como se salvar. As pessoas não conhecem seu destino.

Eu não disse nada, fingi que não prestava muita atenção, que o nome de Sandra não me dizia nada. A Enguia teria lhe dito que Sandra se encontrava às escondidas comigo? E, caso contrário, por que não teria lhe contado?

Deixei-o tomando outro café. Ele tinha uma saúde de ferro. Eu estava bastante nervoso, tivera de me controlar tanto para não lhe dar um soco ou quebrar uma taça em sua cabeça que minhas mãos tremiam. Lá fora, dentro de um carro, Martín o esperava. Viu-me sair, seguiu-me com os olhos. Eu tinha quase certeza de que Sebastian não ia lhe dizer quem eu era porque, no fundo, eu vinha do mundo que ele havia perdido e queria tornar a falar comigo. Durante a conversa, em algum momento, eu me perguntei o que Salva estaria fazendo e dizendo em meu lugar, e acho que não me aprovaria muito.

Salva era muito mais esperto que eu e com certeza teria posto Sebastian contra a parede, teria feito que hesitasse, que desmoronasse por dentro. Do mesmo modo como soube me animar tantas vezes, do mesmo modo como no dia em que tentei o suicídio me convenceu de que a vida sempre valia a pena, ele teria feito Sebastian ver que seu plano sempre, absolutamente sempre, foi uma imbecilidade. Eu, ao contrário, havia lhe oferecido armas para se reforçar.

Eu me sentia muito mal. Outra oportunidade perdida. Deixara-o saboreando sua taça de champanhe e pensando no que nós, os vencedores, havíamos perdido por sermos tolos. Cheguei ao carro. Contornei o luxuoso condomínio de Sebastian e pensei que pelo menos a operação Heim estava dando seus frutos. Falar nunca foi meu forte. Eu gostava de falar com Raquel sobre bobagens,

sobre o que havia acontecido ao descer para comprar o jornal, comentar as notícias da televisão, discutir sobre um filme, chamá-la de querida, para que ela me chamasse de idiota com o mesmo tom que se me chamasse de amor. Usar as palavras a sério sempre me acovardou um pouco porque me vinha à mente Salva e sua magnífica dialética. Sebastian deveria ter falado com Salva, não comigo.

Sandra

Karin ia pouco ao meu quarto porque tinha medo de que eu lhe passasse gripe. E eu tossia o mais forte possível para que temesse, apesar de que a alternativa a Karin eram os terríveis Frida e Fred, que como um avô carinhoso costumava aparecer com um suco na mão e um pouco de chocolate. Eu só queria dormir e pensar em Alberto. A febre me punha em contato com ele e eu não me aguentava de tanta vontade de vê-lo. Sentia-me dominada por uma paixão que não podia controlar, talvez para combater a situação tão absurda em que me encontrava. De modo que me levantei e me vesti. Era manhã ou tarde? Dava na mesma. Desci a escada meio tonta. Nem adormecida nem acordada. Quando estava no último degrau, Karin me perguntou, surpresa, aonde achava que ia. Não respondi; perguntei onde poderia encontrar Alberto.

Depois de pensar na resposta por pelo menos cinco minutos, Karin perguntou para que queria saber.

– Para falar com ele – respondi.

Eu poderia ter perguntado de outro jeito, com mais rodeios, mas não era capaz dessa proeza naquele momento, de modo que fui direto ao ponto.

– Sobre o quê?

– Não sei, vou pensar em alguma coisa.

Ela sorriu com malícia nos olhos.

– Você gosta desse rapaz...

E sem me dar tempo de responder, prosseguiu.

– Não, não gosta de verdade, é uma paixão – fez uma pausa. – Sinto muito, mas está apaixonada pela pessoa errada.

Eu a ouvia com verdadeira ansiedade. Pela primeira vez, o que aquela tagarela dizia me interessava profundamente.

– Ele tem namorada. Foi visto na praia beijando uma garota. Prefiro lhe contar antes que se iluda demais.

Era a mesma informação que Julián me dera. Parecia que todo mundo vira Alberto beijando essa garota, que, segundo a descrição de Julián, não era lá essas coisas.

Karin ficou animada, era um novo ingrediente em sua vida. Um dos seus romances de amor se tornava realidade.

– Você está grávida e não é bom passar por desgostos. Não se dá conta de seu estado? Como pôde lhe passar pela cabeça que, com os milhões de garotas da sua idade soltas por aí, ele ia escolher justamente você?

Karin estava abusando, era uma filha da puta, mas estava jogando em minha cara verdades que eu não queria enfrentar.

– Eu não disse que queria alguma coisa com ele.

– Então, para que quer vê-lo? A mim você não engana.

Quase disse que ele havia ficado com o cachorro que eu dera de presente a ela e que queria saber se estava bem. Ainda bem que não abri a boca, que fiquei muda e tive tempo suficiente para me recompor e não ser dominada pelo momento e pela vontade de não deixar que maltratasse mais meu amor próprio. Para não falar demais, preferi me deixar levar pela febre e pela pena que sentia de mim mesma e comecei a chorar.

Sentei-me no sofá e as lágrimas correram soltas. Estava vencida pelo cansaço. Ela me olhava como se estivesse vendo um filme. Sentou-se ao meu lado e passou a mão em meu cabelo. Cheirava a esse perfume tão caro que impregnava qualquer lugar onde estivesse e que eu esperava que fosse para o outro mundo com ela.

– Quero ver Alberto. Quero saber se sente alguma coisa por mim – disse eu.

– Se fosse Martín, eu poderia fazer alguma coisa, mas no caso de Alberto, não. Ele é muito fechado, muito sério, não me atreveria a lhe dizer nada. Mas – disse sorrindo maliciosamente –, tenho uma ideia. Se você entrasse para a Irmandade, ele obrigatoriamente teria que aparecer, porque ele é o braço direito de Sebastian, nosso chefe.

Deitei-me no sofá. Morria de vontade de dizer a Karin que as injeções pelas quais estava perdendo todas as suas joias podiam ser compradas na farmácia. Morria de vontade de lhe dizer que a estavam enganando e que, se não acreditava em mim, mandasse analisá-las. E podia ser que Alice reservasse as verdadeiras para si, mas eu não queria desperdiçar essa saborosa informação. Queria guardá-la para algum momento crítico, quando fosse preciso tirar uma carta da manga, e acho que adormeci.

Julían

A vida é surpreendente. Era a única certeza que, ao cabo dos anos, eu tinha sobre a vida. A vida era cruel e surpreendente, monótona e surpreendente, maravilhosa e surpreendente. E às vezes só surpreendente.

Aconteceu quando cheguei ao meu quarto depois de vigiar o *Estrella* e os movimentos de Heim no convés. Estava contente porque o via pior a cada dia. Desorientado, subia e descia ao camarote. Já não descansava após o almoço como antes e, quando ia ao mercado comprar o peixe de que tanto gostava, voltava pelo menos duas vezes para se certificar de que tudo estivesse bem trancado. Olhava para os lados como se alguém o vigiasse – coisa que não deixava de ser verdade –, e da última vez que tirou seu impressionante Mercedes da garagem deu uma raspada na lateral. Devia estar indo ver Sebastian para choramingar e pedir mais injeções. O que provavelmente não lhe diria é que suspeitava que o haviam descoberto, porque se o descobrissem, descobririam os outros, e então ele representaria um perigo para todo o grupo. Nem perder a memória nem ser descoberto era bom, e não achei estranho que tivesse raspado sua imponente armadura, aquela que usava quando visitava outros anjos caídos.

O caso é que Roberto se fez de distraído quando o cumprimentei ao passar a caminho dos elevadores, e ao chegar a minha porta surpreendi Tony, o detetive do hotel, colocando algo por baixo.

Ele se assustou ao me ver.

– Pediram que lhe desse um recado. Coloquei-o lá dentro.

– Quanta gentileza. A camareira podia tê-lo trazido – disse eu, dando a entender que, fosse o que fosse, ele tinha algo a ver com aquilo.

Pelo menos não havia entrado, os papéis transparentes estavam no lugar. Devia estar cansado de saber que ali dentro não havia nada interessante. Ao entrar, peguei do chão uma folha dobrada e não a li imediatamente. Primeiro bebi água, depois fui ao banheiro e finalmente tirei os sapatos e me deitei na cama. A essa altura da vida, eu sabia que, fosse o que fosse que me esperava virando a esquina, era melhor que me pegasse com algumas coisas feitas.

Enquanto fazia essas coisas, tentava adivinhar de quem seria o bilhete, e embora desse por quase certo que era de Sandra e que tinha sido um perigo ter caído nas mãos de Tony, fiquei surpreso e aliviado ao ver que era de... Sebastian.

Dei um pulo na cama. Sebastian queria me ver. Propunha que nos encontrássemos no mesmo restaurante. Perguntava se podia ser no dia seguinte, à uma e meia, para almoçar. E esperava que eu aceitasse seu convite.

Dobrei a folha. Dobrei-a duas vezes e a guardei no bolso da calça.

Muitas bobagens passaram pela minha cabeça, como, por exemplo, que deveríamos ter combinado em um lugar escolhido por mim, ou que poderia ser que, afinal, ele tivesse se arrependido...

Sandra

Eu estava tão fraca que eles nem trancavam mais a porta. Levantei-me cambaleante e fui ao banheiro. Meu estômago estava revirado e tinha febre, que atribuía à gripe; passava o dia na cama. Como Frida me obrigava a comer e a tomar líquido, comecei a temer que quisessem me envenenar. Mas, no fundo, algo me dizia que queriam meu filho para a Irmandade e que não lhe fariam nenhum mal. Vomitei o café da manhã e a sopa do almoço na pia do banheiro. Era muito grande, de uma porcelana linda típica da região, com girassóis amarelos. As paredes eram cobertas de seda amarela com uns apliques antigos nas laterais do espelho. Manchei o tecido amarelo com pedaços de peixe e tentei limpá-lo com um papel, mas estava muito tonta. Recolhi os restos da pia com grande quantidade de papel higiênico e me amaldiçoei por não ter vomitado no vaso sanitário. Pensava que Frida teria que limpar aquilo, e tinha medo que se irritasse ainda mais comigo.

Quase não via Karin. Fred subia de vez em quando para se certificar de que eu ainda estava viva. Eu só tinha sono, e em sonhos via coisas terríveis, tinha sensações desagradáveis que me faziam abrir os olhos de repente. Nunca sonhava com o beijo de Alberto, mas quando estava acordada vinham à minha mente cenas de amor que poderíamos estar protagonizando naquele momento. Eu o via nu em cima ou embaixo de mim, mas me faltavam detalhes para poder vê-lo completamente nu, de modo que logo o imaginava vestindo a roupa que conhecia. Eu gostava muito dele assim, de calça e camisa meio amassada, e me excitava ao lembrar do cheiro dele. Em minha vida normal, antes de ir para a cama com alguém, ficava me perguntando como seria seu sexo por dentro... Porém, sobre Alberto não me ocorria perguntar nada. Eu gostava dele, gostava de tudo que o fazia ser como ele era. Eu me imaginava sempre abraçada a ele, colada nele. Por fim, me sentia muito frustrada porque não tinha nada disso, e dormia de novo.

Menos naquele momento, quando ao fechar os olhos ouvi sua voz atrás da porta e tornei a abri-los.

— Sandra, você está bem?

Abri ainda mais os olhos, sem me atrever a respirar. Era muito estranho que Alberto tivesse subido até o quarto e que soubesse que eu estava tão mal. Quem poderia ter lhe dito que aquele quarto era uma prisão para mim? Eu não podia confiar no que acreditava estar ouvindo.

— Sandra...

Meu nome atravessou a madeira e chegou até mim.

Sentei-me na cama. Minha cabeça girava como quando tomava mais de dois gins-tônicas.

— Sim — respondi.

— Quero vê-la. Acho que eu te amo — disse ele.

Eu te amo? Ele havia dito isso ou eu queria ouvir?

– Eu também – disse.

Depois, ouvi outra voz. Parecia a de Martín. As duas vozes se misturaram como se discutissem e se afastaram. Deixei a cabeça cair no travesseiro e tentei recordar o “eu te amo” de Alberto conforme o havia ouvido, em voz baixa, do outro lado da porta. Eu te amo, eu te amo, eu te amo. E eu, que faria?

Julían

Antes de ir ver Sebastian, passei pela Villa Sol de carro. Achava estranho ficar tanto tempo sem ter notícias de Sandra. Estava seriamente preocupado, nervoso. Ela não foi aos nossos encontros nem deixou nenhum recado na pedra do Farol ou no hotel. Sandra sabia como entrar lá e passar um bilhete por baixo da porta do meu quarto sem ser vista. Nada. Nada disso aconteceu.

As janelas do segundo e do terceiro andar da Villa Sol estavam fechadas. Não dava para saber se Sandra tinha ido embora de repente. Ela poderia ter dado um jeito de me dar alguma explicação, mas, se tivesse de sair fugida, não teria sido tão fácil. Se tivesse certeza de que não a poria em perigo, teria procurado a Enguia para perguntar por ela. Na verdade, eu não sabia o que fazer. Eles tinham minha foto, me conheciam, não podia aparecer naquela casa sem mais nem menos. Assim, segui rumo ao Edifício Bremer, que, como havia suspeitado, era de propriedade de Gerhard Bremer, outro nazista que também jogava golfe com eles. Era um construtor rico em quem nunca ninguém ousou tocar em um único fio de cabelo. Ali, com certeza, Sebastian estava seguro, mas não deixava de ser um descuido para alguém com a inteligência dele; a não ser que pensasse que ninguém teria a ideia de procurá-lo ali. Eu, aliás, não teria pensado nisso.

Estacionei perto. Com o sol batendo nos vidros, parecia que o restaurante ia sair voando sobre o precipício. Na porta, Martín me disse que ele estava em uma mesa do fundo. Era muito confortável não ter de perguntar por ele.

Na mesa do fundo, envolvido em uma transparência diabólica, Sebastian segurava um cigarro na mão. Acho que o segurava para completar sua imagem mais que para fumar. Na realidade, não o vi levar o cigarro à boca em nenhum momento. Ao me ver, convidou-me a sentar com um gesto.

– Pedi um arroz negro e lagosta – disse ele. – Claro que, se preferir outra coisa, pedirei o cardápio.

Eu disse que estava bem; o que não disse é que não pretendia comer nem um grão de arroz, nada pago com seu dinheiro.

– Não esperava que quisesse me ver – disse eu. – Bem, no fundo, esperava, mas não sei por quê.

– Nunca nos compreenderemos. Uma reconciliação é impossível. Você não perdoa e eu não me arrependo. Acho que houve um momento em que nos faltou visão da realidade, só isso.

– Foi para isso que me chamou?

O garçom começou a encher a mesa de manjares e só faltou se ajoelhar diante de Sebastian; nem olhou para mim.

– Pedi que viesse porque gostaria que fizesse alguma coisa por Sandra, a garota que mora com os noruegueses – ele também os chamava como Sandra e eu. – Ela está doente, e não quero que lhe

aconteça nada. Acabou. Perdemos. E o mal inútil não serve para nada. Sabemos que ela é sua espiã dentro do grupo. Leve-a dali, nós não viveremos para sempre. Leve-a a um médico.

– Eu conheci Sandra na praia quando ela já morava com os noruegueses. Eu os investigava e cruzei com ela por acaso. Tornamo-nos amigos, mas ela não sabe o que estou fazendo. Acha que sou só um velhinho que lhe recorda o avô.

Ficou pensativo. Ele me oferecia comida nas bandejas, mas eu não pegava, e depois as deixava no lugar enquanto pensava se o que eu dizia era verdade.

– Ela não suspeita de nada?

Eu não pretendia lhe dar argumentos contra Sandra; não pretendia dizer a verdade. Nesses casos, o melhor era negar, negar até a morte.

– Nada em absoluto. Ela gosta de você, chama-o de Anjo Negro. Não sabe nada sobre as SS.

– Então, por que nunca o convidou a ir à casa dos noruegueses?

– Convidou. Eu é que dei desculpas para não ir. Você teria de convencê-la a ir embora, eu não tenho razões para isso. Aliás, faz bastante tempo que não a vejo.

– Essa garota é maravilhosa – disse Sebastian. – Por que me chama de Anjo Negro?

Meneei a cabeça.

– Talvez porque ela o viu à noite, à luz da lua, e você parecia melhor que os outros.

– Melhor? – disse ele com um sorriso cético, irônico, desagradável. – Sou como eles, e eles não são piores que muita gente que anda pela rua.

– Pois eu tenho bastante idade e não conheci ninguém pior.

Serviram um aromático arroz negro nos pratos, mas não comi. Ele deu duas garfadas. Dessa vez, haviam servido vinho tinto e água. Ele molhava os lábios com o vinho e bebia água. Mesmo tendo sede, não a provei.

– Vou lhe dizer uma coisa – disse limpando a boca com um guardanapo branco de linho que dava pena amassar –, temos um traidor na organização, e fico feliz por não ser Sandra. Fico feliz por ela não ter de sofrer nenhum acidente. Fico feliz por ela ser pura e feliz.

Sandra

Os dois juntos me levaram para baixo. Minha cabeça estava longe por causa da febre e da fraqueza que sentia. Ao pé da escada esperavam-me rostos conhecidos e outros que nunca havia visto na vida e que também deviam ser membros da Irmandade. Além de Martín, havia alguns sujeitos como ele: um homem de cabelo branco com outros dois ou três que pareciam espanhóis, um estrangeiro, e os demais me eram familiares. Fechei os olhos para que os rostos não se fundissem uns com os outros.

– Você está bem? – perguntou a voz de Karin o mais docemente que pôde.

Neguei com a cabeça. Como ia estar bem? Era uma pergunta absurda, ela sabia perfeitamente que eu estava mal, mas adorava uma festa, e qualquer pretexto era bom.

Havia conseguido me vestir com enorme esforço. Na verdade, Frida havia me vestido. Colocara em mim um dos dois vestidos que estavam no armário, porque o resto eram *jeans*, camisetas, blusas de lã. Ela, que não costumava falar, nessa ocasião fez todo tipo de comentários sobre minha roupa, as botas de montanha e meu cabelo, sobre os *piercings* e as tatuagens. Como era muito difícil levantar os braços para que me colocasse o vestido, Frida me chacoalhou de mau jeito, até que fiquei irritada e disse que não me tocasse mais e que não estava a fim de cerimônias. “Vá à merda”, disse a ela. “Vão todos à merda e me deixem em paz”, e me recostei meio de lado na cama com o vestido pela metade.

– Vou lhe dar uma aspirina – disse ela.

– Não ouse me dar aspirina, não posso tomar nada.

Os olhos dela brilhavam. Eram tão azuis e tão brilhantes que pareciam muito umas lâmpadas que minha mãe punha no terraço no Natal. Ela tinha vontade de me matar, mas não podia. Um monte de gente me esperava lá embaixo.

– Está bem, vamos ter uma festa em paz. Vou tratá-la bem e você fará o que eu disser. Vamos, ponha um braço aqui... A princesa já está pronta – disse sentando-me na beira da cama. Frida era muito forte, tinha músculos fortes nos braços.

Como, segundo ela, as botas de montanha não combinavam com o vestido florido que eu havia usado no aniversário de Karin, decidimos pelas sandálias de plataforma, embora já não fizesse calor para isso. Mas posto que estava gripada... Depois, foi ao banheiro e voltou com o *blush* e um pincel e me maquiou.

– Assim parece que está meio normal.

Chamou Fred e descii a escada com eles. Procurei Alberto com o olhar, mas não o vi. Foi quando Karin me perguntou, com todo o cinismo, se estava bem. Tirei, e ela me colocou seu xale, que fedia

a perfume.

– No porão sempre é mais frio – disse ela.

Não gostei de ouvir a palavra porão. Não gostava de porões; nos filmes, no porão era onde acontecia o pior. Era onde trancavam ou matavam alguém, ou onde escondiam a arma do crime. Desde que morava naquela casa, só havia descido uma vez ao porão e nunca mais.

A única coisa boa foi que todos me trataram com gentileza. Perguntaram-me como estava, e o Anjo Negro se aproximou de mim. Beijou minha mão e a manteve um pouco entre as suas.

– Está com febre – disse dirigindo-se a alguém. – Acho que não está em condições de participar desse ato, não vai entender nada.

– É a hora, acredite – disse Fred.

Frida e Martín me levaram até o porão.

De fato, fazia mais frio lá que em cima. Era um frio úmido.

Todos se posicionaram em volta do sol gravado no chão e me colocaram no centro. Vi Alberto, que olhava fixamente para mim, muito sério. Alberto estava ali. Passei a mão pelo cabelo para ficar o mais bonita possível. Não entendia como não o havia visto antes e como o estava vendo ali. Então, o Anjo Negro (e eu já entendia por que decidira chamá-lo assim) pronunciou algo parecido com uma prece. Mais ou menos, disse: “Sol da sabedoria que ilumina o mundo verdadeiro, o mundo dos espíritos. Por meio de ti, Sandra consagra sua alma. Estás oculto atrás do sol de ouro, que ilumina o mundo material. Queremos subir à tua luz, ao sol da sabedoria, para alcançar a iluminação e a verdadeira vida. Além dos céus e nas profundezas do coração, em uma pequena cavidade, repousa o universo, um fogo arde ali irradiando em todas as direções. A escuridão desaparece, não há mais noite nem dia. Além do dique que mantém o mundo não há noite nem dia, não há velhice, morte nem dor, obra boa nem ruim. Além desse dique, o cego vê, as feridas se fecham, a doença se cura e a noite se faz dia”.

Comecei a tremer e achei que fosse desmaiar, e isso interrompeu a cerimônia. Parecia que o mais importante estava feito.

O Anjo Negro pôs as mãos em meus ombros.

– Você pertence a nós e nós pertencemos a você. Vai conhecer nossos segredos e nós os seus.

– Certo, obrigada – disse eu, sem saber o que falar.

Todos me olhavam esperando algo mais. Talvez devesse ter preparado alguma coisa, mas ninguém me dissera nada, e se disseram, eu não havia registrado a informação.

– Desculpem – acrescentei –, estou muito contente, mas com frio.

Alberto me pegou pelo braço e me ajudou a subir até o vestíbulo. Tudo estava preparado para se tomarem uns drinques. Alberto não se deteve, continuou me empurrando escada acima.

– Agora, vá para a cama e não fale com ninguém – disse. – Descanse o máximo que puder.

– Eu te amo – disse eu, correspondendo ao fantasmagórico “eu te amo” de uns dias atrás. Uns

dias? Quanto tempo havia passado?

Ao chegar à porta do quarto, Frida já estava ali, olhando para nós.

– Deixe comigo – disse me arrancando das mãos de Alberto. – Você, desça e fique com os outros.

Alberto não me soltou; senti suas mãos até o último momento em meus braços. Mas depois notei que não estavam mais, e me senti completamente sozinha.

Frida me jogou na cama e eu me deitei meio de lado, sem sequer tirar as sandálias.

– Preciso de um médico – disse eu.

– Não se preocupe, depois virá um.

Teve a delicadeza de pôr uma manta em cima de mim e saiu. Dessa vez, não ouvi o barulho da chave. Também não precisava, aonde iria naquele estado? E como iria fugir no meio de tamanha concentração de inimigos? Encolhi-me e tentei esquecer tudo, mas uma coisa me deixava preocupada: o fato de que um médico iria me examinar.

Devo ter adormecido profundamente, porque foi muito difícil me mexer e abrir os olhos. Sonhava com gente que falava. E quando finalmente consegui sair do meio daquelas vozes e acordar, tive a impressão de entrar em outro pesadelo ao ver sobre mim o rosto de Fred, Karin e do Açougueiro, que estava preparando uma injeção. Aquilo não podia ser real, não podia estar acontecendo comigo. Ri e em questão de segundos passei do riso ao pranto. Estava ardendo em febre.

– Não quero – disse eu.

– Querida – disse Karin –, com isso você vai ficar boa. Ele sabe o que faz.

– Não! Não, não! – gritei com uma angústia que até então só havia sentido nos pesadelos. – Não! – gritei bem alto, e acordei.

Dessa vez, estava acordada de verdade. Belisquei-me para me certificar. Já havia me beliscado em sonhos quando não sabia se estava dormindo ou acordada, mas nunca consciente como naquele momento. Mas me sentia tão mal que tinha dúvidas sobre meu estado real.

Fred, Karin e o Açougueiro estavam realmente me observando.

– Querida – disse Karin –, você está com febre.

O Açougueiro estendeu uma mão para mim. Era enorme e cheia de tendões, como as raízes de uma árvore. Quis me esconder debaixo da manta, ficar invisível e desaparecer. Ele afastou um pouco a manta procurando meu braço, mas meus braços estavam colados ao meu corpo como duas barras de ferro. Felizmente, não tentou afastá-los. Com dois dedos, pegou meu punho e eu fechei os olhos e comecei a pensar em possíveis nomes para o bebê.

– Trinta e nove e meio de febre. Ela precisa de um banho.

– Está bem, vou mandar Frida preparar um – disse Karin.

Não abri os olhos enquanto todos não saíram.

Depois troquei de roupa como pude. Coloquei a calça, as botas de montanha e uma blusa de lã.

Pus a documentação na mochila e esta nas costas. Vomitei no banheiro, acho que no chão, e lavei o rosto com água fria.

Abri a janela e joguei a mochila no jardim. E agora? Minha cabeça rodava. Coloquei a mão no bolso da calça e apertei com força o saquinho de areia que Julián havia me dado. Podia tentar me segurar em um dos galhos que davam para a janela e me balançar até lá embaixo. Na imaginação, tudo parece fácil, mas como era difícil na realidade... O galho nem estava tão perto, nem o salto parecia seguro. Mas não podia permitir que me dessem o banho. Um banho de quê? Um banho de água? A ideia do banho saída da boca do Açougueiro soava aterradora. Dessa forma, voltei para dentro, molhei a toalha e a coloquei em volta da cabeça. “Febre, vá embora”, disse. Sentei-me no parapeito da janela. De cima, vi uma sombra se mexer e um ponto vermelho, como um cigarro aceso. Esperei que fosse embora e dei início às tentativas de alcançar o galho, até que uns braços me pegaram por trás. Tentei me livrar deles, mas logo me pareceram familiares.

– Calma. Nem pense em pular, vai se machucar.

Era Alberto, e se não pudesse confiar em Alberto, a vida não valia a pena. Voltei para o quarto. A toalha molhada me fizera bem, estava um pouco mais alerta.

– Quero ir embora. Eles vão me dar um banho.

– É para baixar a febre.

– Já baixou, ajude-me. Tenho de sair daqui. Preciso de um médico normal.

Ele me olhava muito sério, triste.

Tirei a toalha, e ele passou a mão por meu cabelo molhado.

– Está bem. Vou ajudá-la a descer. Primeiro eu pulo, depois aproximo esse galho para você e a pego pelas pernas. Vamos lá.

Alberto pegou o galho e pulou no chão. Tive medo de que o galho se partisse, mas não se partiu. Frida devia estar chegando, mas podia estar esperando que todos os convidados fossem embora para me dar o banho. Toquei o galho com os dedos, segurei-me como pude e com minhas poucas forças me pendurei, balancei, e nesses poucos segundos senti meu corpo, minhas articulações, as vértebras se esticarem e foi muito agradável; mas, ao cair, Alberto não conseguiu me segurar e bati o flanco. Fiquei em pânico.

Alberto agiu depressa, colocou meu braço esquerdo em volta de seu pescoço e me pegou pela cintura. Saímos rapidamente. Seu carro estava estacionado um pouco longe, e enquanto íamos fui me arrependendo dolorosamente de tudo que havia feito. Não teria me importado se tivesse posto em perigo só a mim mesma, mas havia envolvido um ser inocente a quem, em tese, devia proteger.

Entramos no hospital, e depois que Alberto explicou a uma enfermeira atrás de um balcão que eu estava com febre, talvez com gripe, que estava grávida e que havia caído, fizeram-nos esperar em uma salinha. Cinco minutos depois, Alberto disse que tinha de ir embora, mas que não me preocupasse com nada porque ali cuidariam de mim e que voltaria assim que pudesse. Então, fechei

os olhos e tudo começou a rodar.

Julián

Depois de tudo que estava acontecendo, eu podia esperar qualquer coisa, menos ver a Enguia entrar em meu quarto. Quase caio duro. De repente, ouvi alguém mexer na fechadura, e, antes que pudesse pular da cama, ele veio em minha direção. Vi a morte vir em minha direção. Eu estava recostado em duas grandes almofadas, de pijama e óculos de fundo de garrafa, lendo o jornal. Jantara uma comida leve e tomara os sete comprimidos de praxe. Estava tão relaxado que era bastante difícil fazer qualquer movimento.

– Fique calmo, só quero falar com o senhor.

A Enguia ficou me olhando enquanto eu demorava uma eternidade para tirar as mantas e colocar as minhas magras canelas para fora, calçar os chinelos colocados em um lugar tão preciso que nem precisava olhar para encaixar os pés neles para não pisar no chão frio quando me levantava para ir ao banheiro.

– Precisa se apressar – disse ele. – Tem de ir ao hospital, Sandra está lá. Está muito mal.

Falava telegraficamente para que não me confundisse e o entendesse o melhor possível.

– O que aconteceu com ela? – perguntei tentando compreender a situação.

– Eu a levei. Teve de fugir pela janela da Villa Sol.

– Pela janela?

Por fim estava despertando. Visualizei as janelas do segundo andar onde seria o quarto de Sandra.

– Pela janela – repeti. – E você, como entrou aqui?

– Com muita facilidade. Não há segurança nesses lugares. Vista-se e vá ao hospital, eu tenho de voltar à casa dos Christensen. Vai fazer isso?

Estava pegando de um cabide a camisa que havia usado nesse dia. Tive de tirar a parte de cima do pijama na frente dele e, como imaginava, ele ficou olhando meus braços magros. Julguei ver em seu rosto uma ponta de compaixão e admiração. Quando chegasse à minha idade, perceberia que cada um faz o que pode em cada momento da vida e que não há nenhum heroísmo nisso.

Para que eu fosse mais depressa, ajudou-me a vesti-la.

– Onde estão seus sapatos? – perguntou olhando em volta enquanto eu tirava a calça do pijama.

– No banheiro.

Sempre os deixava lá, com as meias dentro.

– Quando pulou, ela se machucou. Caiu de mau jeito – disse enquanto me entregava os sapatos e foi embora rapidamente, sem me dar tempo de perguntar qualquer coisa a mais.

Só faltava colocar as lentes de contato. Também passei rapidamente a máquina de barbear e

peguei remédio suficiente para duas vezes.

A noite estava úmida, e quando cheguei ao hospital me disseram que estavam examinando Sandra. Perguntaram-me se eu era parente e assenti. Disse que era responsável por ela.

Eu sabia como eram os exames no pronto-socorro. Colocavam você em um compartimento separado por cortinas chamado boxe e tiravam amostras de sangue e urina para analisar. Também aplicavam soro. Perguntei se podia entrar para lhe fazer companhia, mas não deixaram. De repente, senti medo de que ela não estivesse consciente, de que não percebessem que estava grávida e fizessem exame de raios X. Nem que fossem burros isso era impossível... Além do que, a Enguia não havia dito que estava inconsciente. De qualquer maneira, fui até o balcão.

– Por favor, diga aos médicos que ela está grávida.

– Eles sabem o que fazer – respondeu a enfermeira –, não se preocupe.

Não se preocupe, não se preocupe. As piores coisas da vida acontecem por não se preocupar. Sentei-me na salinha de espera. Por que havia fugido pela janela? Deveria ter saído há muito tempo pela porta, não pela janela.

Eu estava tão ansioso para ter notícias, para que algum médico fosse falar comigo, que não me atrevia a ir buscar café na máquina do corredor. Quando por fim decidi, avisei no balcão, sem nenhuma garantia de que me dessem ouvidos. Quando voltei, mesmo correndo o risco de que me achassem um chato, perguntei se haviam me chamado enquanto estava na máquina do café.

– Vou ver – disse a enfermeira pegando o telefone. – Pode entrar.

Bebi o café de um gole, queimando a língua, e entrei naquele lugar que eu havia visto da maca algumas semanas antes.

Sandra se surpreendeu ao me ver.

– Esteve consciente o tempo todo?

– Sim, acho que sim – respondeu.

– Não tirou raios X, não é?

Negou com a cabeça e ficou me olhando com um enorme cansaço.

– Estou bem e o bebê também. Minha febre baixou e disseram que só preciso de descanso, que tudo se deve a um forte estresse. E você, por que está aqui? Como soube?

– A Enguia me contou. Ele se preocupa muito com você.

– Onde está ele? – perguntou com a típica ansiedade.

Dei de ombros porque, na verdade, não sabia.

Para garantir, fizeram um ultrassom nela antes de irmos embora. Saímos dali às seis da manhã sob a responsabilidade de Sandra. Fizeram a febre baixar e prescreveram um tratamento que, basicamente, consistia em descansar bastante.

No carro, ela disse que não tinha absolutamente nada. A mochila com o dinheiro que Fred lhe pagara e algumas coisas tinham ficado no jardim. Eu disse que não se preocupasse e perguntei o que

faríamos. Ela falou que iríamos ao meu quarto pela rota alternativa do hotel, mas que antes pararíamos em uma farmácia para comprar o xarope que lhe haviam receitado e uma escova de dentes.

Fiz tudo o que me pediu perguntando-me como nos arranjariamos na cama de casal do meu quarto. Se eu fosse jovem, teria me bastado o cobertor dobrado e duas mantas para montar uma cama no chão, mas não suportava mais essas coisas. Se fizesse isso, acordaria com os ossos moídos, e então Sandra é que teria de cuidar de mim. Também poderia juntar as poltronas da salinha, mas, mais que isso, eu não queria que ela visse meu verdadeiro eu, aquele dos óculos fundo de garrafa; que visse o sujeito mijão que tinha de se levantar cinco ou seis vezes durante a noite, que me visse de camiseta. Talvez essa fosse a última lição que Sandra e eu teríamos de aprender durante nossa curta amizade.

Andamos pelos corredores e pela escada que já tínhamos passado algumas vezes no escuro. Abrimos portas tentando não fazer barulho, mas Sandra mancava por causa do tombo e eu tinha medo de tropeçar e cair também. Suspiramos aliviados quando chegamos à porta do quarto. Peguei o cartão, coloquei-o na ranhura, a luz verde se acendeu. Entramos. Sandra se jogou na cama e começou a chorar baixinho. Apenas as lágrimas caíam e ela mordida o lábio.

O bufê com o café da manhã abriria dali uma hora, e eu poderia levar coisas deliciosas para Sandra. Disse a ela que deitasse no lado da cama contrário ao que eu deitava e que não se preocupasse com nada, que descansasse, e que no dia seguinte veria tudo de outro jeito. Eram só palavras, mas palavras razoáveis que a convenceram. Em cinco minutos estava profundamente adormecida.

Deitei-me do meu lado, perto do telefone e do banheiro, e peguei o jornal do chão. Era o jornal do dia anterior e já estavam acontecendo outras desgraças. Nem tirei os sapatos, não queria dormir antes do café da manhã. Depois, com certeza também me deitaria para descansar.

Não desci ao bufê logo cedo, queria que estivesse mais cheio para, depois de tomar o café da manhã, poder colocar na sacola uma fruta, dois *croissants* e um pequeno sanduíche de presunto com tomate. Pegaria um sachê de café descafeinado desses que se põem nas mesas e adicionaria leite quente em um copo e o levaria na mão junto à perna, para que o copo não chamasse a atenção; e se me perguntassem alguma coisa, diria que não havia percebido, algo nada surpreendente em um homem da minha idade.

Assim que entrei no elevador, considerei a missão cumprida.

Embora quase tenha derrubado o leite ao abrir a porta, fiquei muito satisfeito quando coloquei na mesinha, em cima de uns guardanapos de papel, os *croissants*, a fruta e o copo de leite, com os sachês de açúcar e de descafeinado. Quando Sandra acordasse encontraria tudo, com o leite frio, é verdade, mas talvez pudesse colocar esse copo longo e estreito dentro de um mais largo que havia no

frigobar com água quente da torneira.

Coloquei a placa de não incomodar na porta, deitei-me do meu lado da cama por cima da colcha, tirei as lentes de contato, os sapatos, cobri-me com uma manta e dormi como uma criança. Quando acordei, deviam ser umas onze da manhã. Sandra ainda dormia. Troquei de camisa e me lavei fazendo o mínimo de barulho possível. Não quis tomar banho para não acordá-la. Deixei um bilhete ao lado do café da manhã.

O carrinho da limpeza ainda estava no corredor. Procurei a camareira e disse que não arrumasse o quarto porque estava cansado e pretendia subir logo.

Tentei localizar a Enguia. Passei pela casa de Frida na hora em que devia estar trabalhando na Villa Sol. O velho carro de Elfe que a Enguia costumava dirigir ultimamente não estava lá. De qualquer maneira, esperei uma hora no cruzamento por onde todos que pegavam esse caminho teriam de passar para ir a qualquer lugar. Entendi que naquele dia no estacionamento do centro comercial a Enguia não quis me fazer mal, só queria me advertir e me convencer do grande perigo que seria para Sandra se me vissem com ela. Não levava em conta que poderiam me tirar do caminho facilmente. Gostaria de saber se ele havia ajudado Sandra só por amor ou se havia mais alguma coisa. Mas o que poderia haver mais forte que o amor?

Por outro lado, estava preocupado. Se ele fosse procurar por Sandra no hotel, acabariam relacionando meu quarto com ela, de modo que, quanto antes fosse embora, melhor. Tinha de agir com rapidez e não lhe perguntar o que pretendia fazer; simplesmente tinha de comprar uma passagem de ônibus durante a madrugada, quando menos gente viaja.

Sandra

Acordei completamente assustada, como se tivesse levado uma bofetada: não tinha sido Frida quem colocara a ampola em minha bolsa. Foram Fred e Karin para me enredar ainda mais na armadilha que haviam armado. Fizeram aquilo para que eu não tivesse outra alternativa a não ser entrar para a Irmandade. E me queriam ali porque eu ia trazer um novo ser à luz, alguém que eles educariam à sua imagem e semelhança. Estava com dor no flanco, mas não tinha mais febre. Só me sentia desorientada, de repente não sabia onde estava. Era um quarto de hotel. Fechei os olhos de novo; era o quarto de Julián, e Julián não estava. Era uma e meia da tarde. Recordava o tombo e o hospital. Estava livre. Levantei-me para ir ao banheiro e vi o café da manhã em cima da mesa e um bilhete de Julián que dizia que não saísse do quarto. Abri as cortinas. Que varanda linda! Dava para ver os telhados e uma linha muito fina de mar ao fundo. Abri a porta de vidro e respirei. Fui envolvida por um ar fresco muito agradável que logo se transformou em frio. Bebi um copo de água de uma garrafa que havia por ali, depois deitei de novo. Talvez devesse parar de me preocupar com o fato de a vida não ter sentido. Algumas pessoas percebem rapidamente que não tem sentido e pensam em tudo a curto prazo; outras demoram mais, e durante um tempo vivem iludidas, como eu.

Eu tinha vivido iludida até aquele exato momento. A partir de então, sabia que a realidade dependia de mim. Não queria nem podia voltar à Villa Sol, porém, não me sentia capaz de abandonar Dianium sem ver Alberto de novo e lhe pedir que abandonasse aquela merda de Irmandade e começasse uma vida nova comigo. E me dava raiva que minhas coisas, mesmo que fossem poucas, ficassem nas mãos dos noruegueses. Preferia jogá-las no lixo.

Quando acordei de novo, eram três horas. Estava com fome. Tomei o café da manhã, um banho e me vesti. Saí para respirar na varanda. Aquela aventura tinha mesmo acabado para mim. Tinha a terrível sensação de que não tornaria a ver Alberto. Sentia aquilo como os amores de verão da adolescência, que ficavam limitados ao mês de férias, como a borboleta que eu tinha tatuada no tornozelo.

Julián

Sandra estava bem melhor, até de bom humor. Tinha tomado o café da manhã que eu deixara no quarto de manhã e estava lendo o jornal tranquilamente, deitada na cama. Disse que tinha ouvido passos junto à porta e que temera que a qualquer momento a camareira entrasse.

– Conforme vão passando as horas, este lugar vai ficando mais inseguro – disse eu. – Comprei uma passagem de ônibus para amanhã às seis. Até lá, você terá tempo para descansar e recuperar as forças. A pancada dói?

– Estou um pouco machucada, só isso – respondeu pensativa.

– Não tem mais volta, Sandra. Não tem mais nada a fazer aqui.

– Não vou embora sem minhas coisas. Pelo menos, quero a mochila que ficou no jardim com meu dinheiro e meus documentos. Também tenho de devolver a moto, não é minha.

– Tudo isso tem jeito. Você pode tirar outro RG, e a moto é velha. Não vale a pena o risco.

– Não pretendo ir embora sem nada – disse mal-humorada, determinada. – Não vou permitir que aqueles dois fiquem com o que é meu. Sempre viveram de tudo que roubaram, mas a mim não vão roubar.

– Será que não é porque quer ver a Enguia mais uma vez?

– Se pudesse, também levaria Alberto, mas ele é quem tem que decidir. Ele sabe onde me encontrar.

Seu tom, de repente, ficou mais melancólico e sonhador, como se o simples nome da Enguia a transportasse a outro mundo.

– Eu vou. Tenho vontade de falar com Fredrik Christensen, e talvez esse seja o momento. Se eu não der sinal de vida até a noite, ponha o despertador quando for dormir e saia do hotel pela rota alternativa com tempo suficiente para poder ir andando até a estação de ônibus, caso não encontre um táxi. Nesse caso, esqueça a mochila e todo o resto. Tome vinte euros para as despesas.

– Isso é muito egoísta de minha parte, não me perdoaria se lhe acontecesse algo de ruim – disse ela.

– Não vai acontecer, mas sempre é preciso contar com o pior e ter um plano B.

Sandra sorriu para mim, um sorriso misto entre a paixão pela Enguia e o medo por minha integridade física, além da preocupação com o que ia acontecer até a manhã seguinte e com o que aconteceria depois, quando chegasse a sua vida normal.

Perguntei se estava com fome e se queria que lhe arranjasse alguma coisa para comer. Ela disse que ainda tinha uma maçã e que ultimamente sempre acabava trancada em algum lugar.

O tempo passou voando até que achei que era hora de ir à Villa Sol.

Estacionei quase na porta da Villa Sol. Não se ouvia uma alma atrás dos muros. Por cima deles, de vez em quando caía uma garoa das folhas, que molhava a rua. Estava entardecendo e toquei a campainha.

Perguntaram quem era e eu disse a verdade, que era amigo de Sandra.

Fredrik foi pessoalmente abrir a porta. Não abriu totalmente, só o suficiente para nos vermos.

– Vim buscar as coisas de Sandra. Ela disse que deixou uma mochila no jardim, algumas outras coisas no quarto e a moto na garagem.

– Sandra – repetiu para ter tempo de pensar. – Onde ela está? Estamos preocupados.

– Ela está bem, foi embora da cidade.

Observou-me mais atentamente. De repente, reconheceu-me.

Eu olhei para ele sem pestanejar.

– Sim, sou o homem da foto, aquele que andou seguindo você e os outros.

Abriu a porta para que eu pudesse entrar e fechou-a automaticamente atrás de nós. O jardim era muito agradável. Piscina, espreguiçadeiras em volta, gazebo, churrasqueira. Árvores que chegavam ao céu, plantas semissilvestres, cheiro de terra molhada. Sentamo-nos em umas cadeiras de ferro fundido em volta de uma mesa muito bonita e eu ajustei o lenço no pescoço. Ele estava mais acostumado ao frio e usava uma camisa de manga curta.

– Sei quem são vocês – disse eu –, e é melhor deixarmos Sandra fora disso. Ela não sabia nada sobre vocês antes de eu lhe contar.

– Ela já é um dos nossos.

– Você sabe que não. Sandra nunca será nem dos seus nem dos meus. Ela está nas mãos do vento.

Chegou a esta casa por puro acaso.

– Nada é por acaso. Ela está conosco, em nossa vida, e isso nada nem ninguém vai mudar.

Fredrik Christensen era um animal, teimoso, com um repugnante ar de superioridade. Falava com o queixo erguido, olhando para mim como se eu fosse uma barata.

– Se me entregar as coisas de Sandra e a deixarem em paz, não exporei vocês.

– Como posso ter certeza?

Senti um calafrio. Pela porta de vidro da sacada, alguém nos observava, com certeza, Karin.

– Na idade em que estamos, nenhum de nós chegaria a um julgamento. No início, eu só pensava em vingança, mas agora penso no futuro de pessoas como Sandra.

– A mim você não engana – disse Fredrik. – Se alguém tivesse feito comigo o que fizemos com você, eu jamais perdoaria.

– Não esqueça que somos muito diferentes. Além do mais, vocês morrerão logo.

Sorriu para si mesmo.

– Sei de um segredo que você com certeza não sabe – disse eu.

Era claro que Christensen não sentia frio. Recostou-se na cadeira estendendo os braços e se

deixando acariciar pelo ar.

- A meia dúzia de trapos dessa garota lhe interessa tanto assim?
- Trapos ou não, são dela.
- Bem, se o segredo valer a pena, eu lhe entregarei tudo.
- Tem a ver com o medicamento que se injetam.

Ele ficou completamente desconcertado.

- Mandei analisar o conteúdo.
 - É impossível – disse ele.
 - No laboratório, conseguiram tirar uma amostra de umas ampolas usadas. Encontrei-as no lixo.
- Ele não estava gostando nada do que ouvia.

- Posso lhe mostrar os resultados, vai ficar de queixo caído.
- Agora você está em minhas mãos. Se eu quiser, não sairá vivo daqui.
- Então, nunca saberá a verdade.
- Diga mais.

– É um composto multivitamínico em concentração elevada, mas, no fundo, como muitos dos que vendem por aí.

– Não pode ser, de jeito nenhum – disse Fredrik incrédulo. – Karin melhora quando injeta o medicamento.

– Trata-se de um efeito placebo. Primeiro melhora e depois piora. Não diga a verdade a ela, se isso a ajuda. Mas não prolonga a vida de vocês. Um dia desses, você terá uma pneumonia e não sairá mais do hospital, e Karin está a um passo de não se levantar mais da cadeira de rodas.

– Desgraçado!

– Não me importa. O que importa é que é a pura verdade. Mande analisar uma ampola se não acredita em mim. Talvez, depois, possa economizar muito em joias e quadros.

Levantou com dificuldade sua grande armadura de ossos e entrou na casa. Enquanto esteve ausente, Karin ficou espiando por trás da porta. Embora estivesse com o traseiro gelado por causa do ferro da cadeira, não me movi nem pensei. Não queria me distrair pensando. Suportei o frio mantendo-me alerta cerca de meia hora e senti uma grande satisfação ao vê-lo voltar com a mochila na mão e outra sacola de viagem com roupa dentro.

– Aqui está – disse. – Tirei a moto da garagem, está ao lado do seu carro.

Abri a mochila para ver se o dinheiro que Sandra havia ganhado naquela casa estava lá. Havia uns três mil euros, uma revista e as carteiras de identidade e habilitação. Não olhei na sacola, já era suficiente.

Tive de me levantar para colocar a mão no bolso de trás da calça e tirar uma folha dobrada com os resultados da análise.

– Veja, não estou mentindo. Pode verificar por si mesmo.

– Quer que eu acredite que essa análise é das ampolas? Pode ser de qualquer coisa.

– Pense o que quiser, mas é a verdade.

Não tornei a me sentar. Enquanto ele lia aquilo, fui com a mochila e a sacola rumo à saída. Foi difícil abrir a porta por dentro, mas, por fim, ela cedeu, e me senti tão livre fora daqueles muros que me deu vontade de cantar.

Tive de descer até a casinha e convencer o inquilino a ir comigo de carro até Tosalet e levar a moto de volta. Foi muito trabalhoso convencê-lo de que não era um truque de sua ex-mulher para que se matasse na estrada. Fiquei tranquilo quando finalmente a vi acorrentada à buganvília.

Antes de voltar ao hotel, passei por uma rotisseria e comprei um frango assado com batata frita. Quando cheguei ao meu andar, o elevador fedia a frango.

Nervoso, coloquei o cartão magnético na porta. Não sabia o que poderia ter acontecido durante minha ausência. Talvez já tivessem ido buscá-la.

– Sandra! – chamei assim que fechei a porta.

Apertei as mandíbulas ao não ouvir resposta alguma, barulho nenhum. Deixei a mochila e a sacola em cima da cama completamente abatido, ferido pelo inimigo. Ia olhar no banheiro antes de sair em busca dela quando entrou vinda da varanda.

– Como foi?

Sandra nunca saberá a felicidade que senti. Entrou por aquela varanda como a noite que caía e como as nuvens azuis-escuras que viajavam pelo céu.

– Melhor do que imaginava. Aí estão suas coisas.

– Fiquei muito nervosa pensando no que podia estar acontecendo na Villa Sol só por um capricho meu.

– Deixei a moto na casinha – disse em resposta a suas maravilhosas palavras.

Sandra

Julián se deitou vestido na cama. Disse que preferia ficar preparado caso tivéssemos de sair correndo, mas imaginei que não fosse só por isso.

– Descanse, não se preocupe. Vou acordá-la às cinco, eu durmo pouco.

Julián me dava paz, tanta que dormi profundamente, e parecia que fazia cinco minutos que havia me deitado quando senti tocarem meu braço.

– Está na hora – disse ele.

Sáímos clandestinamente pela rota alternativa do hotel na hora mais triste do dia, quando as pessoas ainda dormem e não é noite nem dia.

Tivemos tempo de tomar um expresso, ele, e um café com leite eu antes de entrar no ônibus. Pedi que desse meu endereço a Alberto, e, depois, dei adeus com a mão pela janela. Ele usava o casaco que havia comprado na cidade e o lenço no pescoço, perfeitamente barbeado, como sempre. Não tirei os olhos dele, até que o perdi de vista.

Julían

As histórias não terminam até que não acabamos com elas, até que não lhes colocamos um ponto-final com a cabeça ou com o coração. Para Sandra, o fim daquela história chegou assim que entrou no ônibus de volta para casa, mesmo que continuasse se iludindo com a Enguia. Mesmo se esse relacionamento vingasse, teria que ser em outro mundo, não no de ontem. Este, por ora, ainda era coisa minha. Se com tantos sobressaltos eu não tinha morrido, era porque ainda precisava fazer algo, e tinha de seguir marcando o passo como um soldado. Fredrik Christensen teria dado o alarme depois de nossa conversa em seu jardim? Se fosse para tomar medidas, Sebastian já as teria tomado em nosso primeiro encontro. No fundo, pensava em tudo isso para não pensar em Sandra se afastando no ônibus rumo a um futuro completamente desconhecido para mim.

Deixei que as pernas me levassem para algum lugar, tinha vontade de andar. Ultimamente, havia passado muito tempo no carro. Fechei a gola do casaco, coloquei as mãos nos bolsos e me deixei atrair pela brisa do mar, por sua umidade, essa bendita umidade que me abria os pulmões e me fazia respirar como se não tivesse fumado três maços de cigarro por dia durante anos e anos da minha vida. E quando me dei conta, estava no porto. A manhã estava completamente aberta e uns raios de sol frios iam dando a tudo um ar de normalidade. Andei automaticamente, guiado pela recordação de meus próprios passos, até o *Estrella* e Heim, ou melhor, até o lugar onde o *Estrella* costumava estar.

Olhei desconcertado em volta, talvez o meu sentido de orientação tivesse falhado; não seria a primeira vez que um dia um velho como eu, de repente, não sabe onde está ou não está onde julgava estar. Porém, a única coisa que faltava era o *Estrella*. O bar da frente continuava no lugar e os catamarãs dos lados; o toco com duas listras pintadas de vermelho, uma área que servia de estacionamento uns duzentos metros adiante. Nem o *Estrella*, nem Heim estavam lá, e isso me deixava nervoso, principalmente porque eles tinham tirado Heim de mim. Ao perceber que não estava mais em seu juízo perfeito, tinham se livrado dele como se livraram de Elfe. Os que ainda eram capazes de se defender não queriam laços desnecessários, não tinham força para puxar os outros. Por mais que fosse Heim, ele mesmo teria se reduzido a material obsoleto.

Tomei outro café, esse descafeinado, calculando a quantos quilômetros de distância Sandra já estaria. Eu teria gostado de ir a Madri com ela, ainda podia me permitir algum gasto extra, como uma viagem de ônibus, uns dias em alguma pensão e alguns pratos do dia. Mas, sozinho, a viagem não valia a pena, não tinha mais tempo de ver nem a milésima parte de tudo que não havia visto, de modo que era melhor deixar as coisas como estavam, não mexer em nada nem para frente nem para trás. Ficaria ali, no lugar que Salva havia escolhido para terminar seus dias. Ninguém era tão parecido comigo como Salva era, e ele havia preparado meu caminho; para que recusá-lo? Desde o momento

em que peguei o avião em Buenos Aires, soube que estava fazendo a viagem dos elefantes e que não voltaria. Voltar para quê? Minhas recordações não se separavam de mim. Tres Olivos era uma boa opção. Com minha pensão, poderia pagar o asilo e ninguém me procuraria lá. Quando a vida lhe dá algo de bandeja, tem de aceitar, porque, senão, acaba pagando caro. A vida sempre sabe mais que nós.

De novo minhas pernas finas e cansadas, que tinham memória melhor que a minha, deixaram-me perto do carro, que estava estacionado próximo da estação de ônibus. Fui para o hotel sem pensar em qualquer perigo. Tirei as lentes de contato, coloquei o pijama e entrei na cama, coisa que nunca havia feito de dia, salvo em caso de doença. Mas o corpo pedia descanso e exigia que me recuperasse de tanta tensão e dormisse sem pensar em nada, sem me preocupar, tentando fazer que as imagens de Sandra me olhando pela janela do ônibus me alterassem o mínimo possível.

Sandra

Enquanto não saímos de Dianium e pegamos a estrada, não reparei no passageiro que estava ao meu lado. Estava concentrada em meus pensamentos enquanto as luzes do amanhecer, essas luzes espalhadas por entre a neblina, iam desaparecendo. Fiquei olhando para Julián até que o perdi de vista; tinha pena de perdê-lo de vista para sempre, e não sei por que não conseguia parar de olhar o lenço que usava no pescoço. Tive de respirar fundo. Não deixava de saber como seus braços eram finos, apesar de no quarto ele ter tido o cuidado de não tirar a camisa na minha frente. Mas eu os sentia quando os tocava acidentalmente, e vi no banheiro o arsenal de remédios que tomava. Era um homem nas últimas, porém não tinha medo, e acho que o medo não se preocupa com a idade. Eu tinha mais medo de chegar ao fim do trajeto que do perigo passado nas mãos da Irmandade. Temia muito mais a normalidade, a vida comum em que não tinha ofício nem benefício. De qualquer maneira, eu não era mais a mesma perdida que chegara a Dianium em setembro, quando achava que o mundo me devia algo. Sentia algo diferente, algo mais amargo e ao mesmo tempo mais reconfortante. Não saberia explicar. Ao nos despedirmos, quase dei um abraço em Julián, quase o apertei contra mim, mas naquele momento pensei que não seria bom para nenhum dos dois. O que tem de bom em se despedir? O rapaz ao lado devia ter uns vinte e cinco anos e dormiu assim que se sentou. Sua cabeça descansava em meu ombro e suas pernas estavam tão esparramadas que as minhas mal tinham lugar. Inclinei a cabeça dele para o outro lado e ele tornou a buscar seu ponto de apoio em mim, mas eu não estava disposta a aturar aquilo e o acordei. Olhou para mim assustado, como se eu tivesse aparecido em sua cama de repente, até que se orientou.

– Desculpe, é que ontem foi noite de balada.

Sorri levemente para desculpá-lo, sem lhe dar confiança, não tinha vontade de falar com ele. Tinha vontade de pensar nos noruegueses, no que fariam e em como aceitariam minha fuga. Era impossível que me encontrassem porque não tinham ideia de onde eu morava, e seria muito trabalhoso descobrir. Caso se sentissem ameaçados, seria mais fácil se fugissem. Se eu contasse a esse garoto o que havia acontecido comigo, ficaria pasmo. Que saberia de nazistas?

Olhei para ele de soslaio; nem em mil anos poderia ser como Alberto.

Em Motilla, paramos para ir ao banheiro e comer alguma coisa em um restaurante de estrada lotado de viajantes. Meu colega de viagem insistiu em me oferecer uma Coca-Cola e disse, bocejando, que eu parecia triste.

– Você é muito observador – respondi dando por terminada a Coca-Cola e a conversa. – Neste momento, o que mais me apetece no mundo é estar triste.

Julían

Eu pagava o hotel semanalmente, e ao pagar a última semana comuniquei a Roberto que ia embora. Ficou surpreso por eu abandonar uma suíte daquelas por um preço quase ridículo e tentou me explicar que, se comparasse com outros hotéis, veria que eu era um cliente privilegiado e que o desagradável acontecimento graças ao qual deixara um quarto normal e passara àquela suíte podia acontecer em qualquer lugar, mas que ele, pessoalmente, se comprometera para que não se repetisse, e, como via, não havia se repetido. Compreendi que estávamos em baixa temporada e que era sua obrigação manter os clientes de qualquer jeito. Mais valia ter uma suíte cara ocupada pelo preço de uma simples que deixá-la às moscas.

Tive de interromper sua descrição das maravilhas que eu sem saber estava desfrutando no hotel para lhe dizer que não era questão de dinheiro, mas que estava indo embora da cidade. Claro que, se fosse ficar mais tempo, eu não iria embora do hotel. Minhas férias haviam acabado e tinha de voltar ao meu país. Roberto ficou confuso; os aposentados tinham todas as férias do mundo. Mas não disse nada, sabia muito bem guardar suas curiosidades para si. Eu disse que estava entregando o carro de aluguel e também a manta e uma toalha que havia pegado para alguma emergência. Tomaria um táxi para ir ao aeroporto.

Roberto mandou descerem minha bagagem e insistiu em chamar um táxi pelo telefone, mas recusei categoricamente. Disse que preferia parar um na rua porque, além de tudo, tinha de fazer hora até a saída do avião. Não queria, por nada deste mundo, que depois pudessem localizar o táxi e perguntar aonde havia me levado.

– Lamento – disse em tom de brincadeira. – É minha última vontade.

Saí do Costa Azul às onze da manhã arrastando a mala de rodinhas e com uma sacola no ombro.

Já longe do hotel o suficiente para que ninguém pudesse me seguir, parei um táxi e pedi que me levasse ao asilo de idosos Tres Olivos. Durante a viagem, olhei para trás várias vezes e nada. Minha decisão os pegara de surpresa, pois Tony não estava no hotel e assim não pôde me controlar.

Dessa vez, ao chegar a Tres Olivos dispensei o táxi.

Gostei do aspecto do jardim, com vários sujeitos como eu muito agasalhados jogando bocha. Falavam da falta de habilidade de um mais que do outro, e de futebol. Fui até a recepção e encontrei a mulher robusta da vez anterior.

Fingiu que não se lembrava de mim, mas lembrava, e não entendi por que negava. A não ser que estivesse acostumada a sempre dizer não de cara.

Fui claro. Disse que não queria ser uma carga para minha filha e que se me fizessem um bom preço até que morresse e me dessem o quarto que meu amigo Salva havia ocupado, ficaria com eles.

Ela abriu a boca, mas a fiz fechar.

– A senhora é muito bonita e muito inteligente e eu gostaria de passar o resto dos meus dias em um lugar onde pudesse vê-la. Isso alegraria muito minha vida.

– Não vá me dizer que também é bom de bico como Salva.

– Salva também ficou aqui para vê-la?

– Todos estão aqui por isso – disse rindo. – Esse quarto está ocupado há uma semana – acrescentou um pouco mais séria –, mas vou ver o que posso fazer para remanejar. Meu nome é Pilar.

Eu acabava de entrar na verdadeira velhice. Estava nas mãos de Pilar. Pilar me chamou de você assim que compreendeu que eu era dela. Mais um para Pilar. E com muito prazer. Era o que eu necessitava: uma Pilar, bocha e gente que tivesse vivido uma vida e que ainda tivesse algumas horas extras.

Esperei sentado em um banco até que Pilar resolvesse o problema do meu quarto, e então ela passou diante de mim como uma visão, como se eu estivesse dormindo e sonhando com acontecimentos e pessoas daqueles dias e os misturasse sem um sentido aparente. Quem vi passar diante de mim e ir para as árvores foi Elfe.

Assim que consegui reagir, saí atrás dela, mas Pilar me deteve.

– Aonde vai tão depressa?

– Acho que reconheci alguém.

– Bem, vai ter tempo para isso, ninguém vai embora daqui – não riu, como teria sido normal. – Agora, vamos tomar posse do quarto de Salvador. Você teve sorte. E vou lhe mostrar um pouco de tudo isto.

Uma camareira acabava de arrumar o quarto, e deixei a mala em um canto e a sacola em cima de uma pequena escrivaninha. A janela estava aberta e o ar que entrava ia levando os humores do inquilino anterior e filtrava a presença invisível de Salva.

As instalações não eram grande coisa. Havia poucos velhos jovens, de modo que as quadras de tênis e *paddle* não deviam ser rentáveis. A cozinha estava limpa, e o melhor era uma piscina pequena coberta, que era o orgulho do asilo. Pilar disse que, quando entrasse, não ia querer mais sair dali, mas eu me dava bem com ginástica sueca e não sabia se ia me atrever a mudar.

– Salva entrava?

– Não, dizia que confiava mais na ginástica que fazia. Ginástica sueca, acho.

Eu falava e olhava, e ouvia as explicações de Pilar pensando em Elfe. Quase perguntei a Pilar, para confirmar, se havia no asilo uma mulher alemã, de minha idade mais ou menos, ex-alcoólatra, ou alcoólatra, chamada Elfe e, em caso afirmativo, quem a havia trazido. Mas não perguntei, porque não queria levantar a lebre logo ao chegar.

Pilar tinha razão, teria tempo. Já era quase hora do almoço. Por isso eu não esperava. Não a haviam matado, haviam-na isolado. No fundo, matar era mais comprometedor que a mandar para essa

reserva, onde, contasse o que contasse, tudo podia ser obra de sua imaginação.

Não tive tempo de abrir a mala; sentia o cheiro de sopa e de peixe e o barulho dos pratos no refeitório. Quando entrei, fiquei um tempo parado porque todos deviam ter seus lugares, e eu não queria tirar o lugar de ninguém e ter de me levantar depois. Esperei até achar um lugar livre, ansioso por ver Elfe em alguma mesa.

Um homem gordo fez um sinal para que me sentasse ao seu lado. Enquanto comíamos, não parava de falar. Eu não prestava atenção em nada, atento à entrada de Elfe. Como estavam longe Sandra e seu filho... Fora tudo um presente do céu, como tantos presentes que a vida havia me dado. Nem todo mundo era recompensado como eu. Eu disse à minha filha que havia encontrado umas instalações hoteleiras para gente da minha idade e que ficaria ali mais um mês. Que a casinha que tanto me agradara, no fim, havia sido alugada, e eu não tinha vontade de procurar mais. Teria de se conformar com um hotel quando fosse me ver. Também disse que estava com saudade, mas que era bom nos darmos um pouco de espaço.

Na sobremesa, disse ao homem gordo que um amigo havia me pedido que desse um recado a uma tal de Elfe, uma mulher alemã com certos problemas.

– Às vezes vem comer e às vezes não, você sabe – e fez o gesto de empinar o cotovelo.

Sandra

Andei tristonha por um tempo. Era a única maneira que tinha de guardar tudo o que havia acontecido em Dianium, de não esquecer Alberto e Julián, nem mesmo os noruegueses, nem o mal que havia passado naquele quarto do primeiro andar da Villa Sol. Ficava do lado direito de quem subia a escada e era preciso percorrer uns dez metros de corredor; dez metros de diferentes tipos de passos que torturavam meu cérebro. Mais ou menos em frente ficava o banheiro, e lembro que uma vez vomitei na pia de lindos girassóis amarelos e senti verdadeiro terror por ter sujado tudo e por não ter forças para fugir. Aprendi como era importante não se deixar debilitar, não se deixar amedrontar e não se deixar manipular. Não era fácil evitar, mas eu conhecia as consequências da inocência, sabia que o inimigo pode ser qualquer um.

Ao chegar a Madri, fui diretamente para a casa de meus pais. Em qualquer outro momento, não teria suportado a ideia do que me esperava, mas naquele parecia uma bobagem. O choro de minha mãe, os conselhos de meu pai enquanto gritavam um com o outro e tiravam a razão um do outro, um jantar quente, algumas recriminações, uma cama agradável. Entrei em meu quarto e deixei a mochila em cima da colcha branca de algodão, de verão (minha mãe ainda não havia colocado o edredom, como se, no fundo, não tivesse certeza de que eu ia voltar). Tirei as botas compradas em Dianium olhando em volta. Nas prateleiras, ainda estavam os livros do colégio. Os pôsteres, o abajur, a escrivaninha, tudo tinha certo ar adolescente. Minha cabeça estava começando a ficar clara; evidentemente, havia voltado para ir embora.

Não foi difícil. Minha irmã alugou, a um excelente preço, um pequeno local em um centro comercial e montamos uma loja de bijuteria. Deu tão certo que até pudemos contratar uma vendedora, e eu financeiei um apartamento. Santi voltou para minha vida de uma forma mais real que antes. Apreciava nele qualidades que nem havia notado antes, e me pareceu que poderia ser um bom pai. Não se pode ficar esperando o amor perfeito a vida toda. O amor perfeito não é real, nada perfeito é real, de modo que nossa relação também não tinha de ser perfeita, e nos limitamos a nos ver de vez em quando e levar Janín juntos ao parque. Eu lhe contei um pouco do que havia vivido naqueles dias tão fantasmagóricos e tão isolados de tudo, e às vezes deixei escapar o nome da Enguia; preferia chamá-lo assim na frente de Santi para diminuir a emoção, para diminuir o que sentia por ele, porque Alberto com certeza foi a ilusão de que eu necessitava para suportar a tensão que vivia na Villa Sol. Porém, seu nome não era só um nome; era seu casaco azul-escuro, a camisa amassada, a cinza do cigarro caindo em seus mocassins, era o cabelo meio comprido e a testa vermelha por causa do vento do mar, era seu cheiro e o olhar preocupado, e a voz se arrastando por baixo da porta quando disse: eu te amo. E depois nada, não voltou ao hospital, nem ao quarto do hotel de Julián. Eu fugi, ele ficou.

Santi estava feliz por eu ter assentado a cabeça e dizia que o passado passado estava. Mas não era verdade.

Durante um tempo, fiquei tentada a voltar a Dianium para procurá-lo e tirá-lo da cabeça de algum jeito, mas, depois, o bebê e o trabalho ocupavam todo meu tempo, o presente me devorava e às vezes parecia que havia virado a página. Até que caía rendida à noite na cama e dormia, e então aqueles dias voltavam tão frescos como se fossem hoje.

Julían

Em meu primeiro dia no asilo, Elfe só apareceu à noite. Fui jantar sem vontade, só para que os comprimidos não me caíssem mal, para não adoecer logo na chegada e para ver se a via.

Contemplando as oliveiras pela janela, pensei sem querer no bar onde almoçava e na suíte do Costa Azul. Pensei em Sandra e na Enguia. Havia se passado tão pouco tempo desde tudo aquilo, e ao mesmo tempo estava tão longe... Quando decidi ir para o asilo, sabia que era um lugar para rondar o passado, porque quando o corpo não dá mais de si, resta-nos o poder da mente e a imaginação para recriar os melhores momentos da vida.

Estava pensando nisso quando vi Elfe entrar no refeitório meio alienada, mas mais asseada que da vez em que a vira em sua própria casa cercada de vômito. Não importava o que dissesse, ninguém a levaria a sério.

Fiz um sinal para que se sentasse com o homem gordo e comigo. Estávamos começando a formar um grupo.

Ela se sentou e não me reconheceu. Como ia me reconhecer? Aquela mulher tinha conseguido viver como um fantasma.

– Elfe tem quadros em seu quarto que valem milhões de euros, não é verdade, Elfe? – disse o homem piscando para mim.

– Um Picasso – disse Elfe –, um Degas e um Matisse, acho.

Elfe ficou olhando para o teto tentando recordar, e o homem balançou a cabeça com pena.

– Parece que todos viemos de uma vida melhor – disse ele, sem suspeitar nem remotamente que com certeza os quadros de Elfe eram verdadeiros. Depois, Elfe perguntou com uma insegurança doloridamente infantil:

– Sabem onde está o meu cachorro?

O homem me dirigiu um olhar que dizia: está maluca, sem imaginar que eu sabia onde estava o cachorro: na casa de Frida.

Quando terminamos, eu me ofereci para acompanhá-la até seu quarto. Quando o abriu, vi os quadros nas paredes. Eram tão verdadeiros que pareciam falsos.

– Quer tomar um drinque? – disse colocando a mão no armário como em um ninho de cobras. Fui embora e fechei a porta. “Você tinha de ver o que está acontecendo, Salva. Não ia acreditar.”

Nem eu mesmo teria acreditado se me dissessem que, alguns dias depois, sairia de um táxi um homem alto, encurvado, desajeitado, arrastando duas malas de rodinhas. Foi um pouco difícil encaixar Heim no pequeno jardim do asilo. E tive de fazer um esforço para que a visão de Heim falando com Pilar fosse real.

Queria dizer, então, que teve de abandonar seu querido barco, o *Estrella*. Sem dúvida devia ter sofrido, mas deviam tê-lo convencido de que, diante de sua alarmante perda de faculdades mentais, tinha de se isolar se quisesse sobreviver. E, evidentemente, preferira sobreviver, acima de tudo. No fundo, devia pensar que, sendo de uma raça superior, ainda lhe restavam muitos anos pela frente, e que pensaria em alguma coisa para deter sua demência. Será que ele sabia que Elfe também estava ali? Como Elfe reagiria quando o visse?

Aquilo parecia não acabar nunca; quando eu não ia a eles, eles vinham a mim, reviviam para mim. Algum motivo devia ter. Sentia que estavam em minhas mãos e que o espírito de Salva me guiava.

Quando finalmente Pilar cumpriu o protocolo de levar Heim ao seu quarto, mostrar-lhe as instalações, explicar os horários, perguntar se era diabético por conta da comida e outros temas com que também me aturdiu no início, fui falar com ela.

– Um novo cliente?

– Sim – disse enquanto digitava a ficha de Heim no computador, evidentemente sob outro nome que eu não estava a fim de decorar. – Vamos ver se esse é um alemão como manda o figurino e chega pontualmente às refeições; não como Elfe, que castigo de mulher!

– Os pontuais são os ingleses, não os alemães.

– Mas supõe-se que os alemães são mais organizados. Você não imagina como as malas daquele homem estão arrumadas.

Dei-lhe razão. Os que eu tinha conhecido eram muito organizados.

– Pilar – disse eu olhando para ela fixamente –, não sei como aguenta ficar com tanto velho. Uma mulher bonita como você devia estar se exibindo por aí.

Ela riu, não muito alegremente.

– Nem tudo que reluz por aí é ouro – disse ela.

– Isso também é verdade – concordei. – O que acharia se um velho como eu a convidasse a ir ao cinema ou dar uma volta pelo mundo?

Aguntei bem o pouco que levou para responder.

– Não seria nada mal. Com certeza, deve ter muitas coisas para contar.

– Mais do que você imagina.

11. Debaixo da terra, debaixo do céu



Sandra

Convenci minha irmã a irmos todos juntos à casinha passar alguns dias. Disse a ela que seria ótimo para o bebê sentir a brisa do mar e ficar cercado de outras crianças e do calor da família, incluindo seus avós. Ele tinha seis meses e era esperto, ou melhor, muito observador. Se fosse verdade que o feto recebe as sensações do exterior, ele devia ter captado muita dúvida, medo, precaução e a clara mensagem de que nada nem ninguém é o que parece. Quando olhava, parecia que buscava a verdade dentro de nós ou que sabia que por trás de qualquer coisa havia algo a mais.

Depois de pensar em centenas de nomes, escolhi Julián, e o chamávamos de Janín. Eu teria gostado que o velho Julián soubesse, e mandei-lhe uma carta ao hotel Costa Azul, mas foi devolvida. Ele não estava mais lá, e imaginei que talvez tivesse voltado para a Argentina.

Acho que se decidi voltar a Dianium foi com a esperança de encontrar Alberto em uma esquina qualquer. No início, sonhava com ele. Sonhava que descíamos de moto da Villa Sol, que passeávamos pela praia. Sonhava que aquele mundo tinha uma luz muito brilhante que me cegava e que me impedia de ver direito o que havia ao meu redor. Sonhava com aquela garota da praia como se não fosse eu mesma. Já não era totalmente ela. Recordava-a como uma irmã mais nova, cheia de dúvidas. Não que já estivesse segura de tudo, mas havia entrado na casa do mal, havia provado o mal como se prova a doença ou a miséria, tudo o que nos faz estar em um mundo à parte, e isso não se esquece.

Fiquei impressionada ao entrar na casinha. Cheirava a flores. Parecia que fazia mil anos que havia chegado ali com uma mochila e a cabeça confusa. Saímos dos carros inundando o jardim de gritos. Assim que pusemos o pé nele, meus pais começaram a discutir. Janín olhava para eles com os olhos arregalados. Ainda havia por ali um rastro de livros e papéis do inquilino. Meu cunhado logo começou a arranjar desculpas para ir à cidade sem a tropa, como nos chamava. Nessas circunstâncias, jamais poderia acontecer nada parecido com o que aconteceu comigo. Não podia existir um Fred ou uma Karin, nem a Villa Sol, nem Julián. Alberto já não podia existir.

Acomodei-me no quarto menor. Meu pai instalou um berço dos meus sobrinhos que tirou da garagem, e escancarei a janela. Os pássaros se alvoroçavam nos galhos verdes.

Julían

Os dias em Tres Olivos passavam calmamente quando a pessoa se acostumava e deixava de se interessar pela vida lá fora. Às vezes nos levavam a Benidorm ou a Valência, e era agradável se a pessoa não pretendia fazer nada por sua conta. Às vezes alguém morria, e comentávamos no refeitório como se nunca fosse acontecer com nenhum dos outros. Heim estava feito um peixe em um aquário e Elfe andava meio bêbada de um lado para o outro sem perceber nada. Às vezes Elfe trocava alguma frase em alemão com Heim, mas, sinceramente, acho que não chegava a reconhecê-lo totalmente.

Às quintas-feiras, Pilar tinha folga e saíamos por aí. Ela dirigia sua BMW e eu falava do campo de concentração e de minha época de caça-nazistas. Procurava não mencionar muito Raquel.

Ela me achava um velho interessante. Quando compreendi que estava se apaixonando por mim, falei de minha doença coronária e disse que tomava dez comprimidos por dia. Disse que não estava em condições de satisfazer suas necessidades e que a qualquer momento podia cair duro. Disse que não tinha dinheiro nem para pagar o enterro, que tinha só para o asilo. Mas Pilar era muito teimosa. Queria que formássemos um desses casais em que a mulher parece a enfermeira ou a cuidadora. Para mim, dava na mesma. A última mulher por quem pude fazer alguma coisa foi Sandra. Naquele momento, só queria encontrar um jeito de torturar Heim. Ele sempre havia conseguido escapar de seus caçadores, mas não poderia escapar de si mesmo.

Uma tarde, pedi a Pilar para que me acompanhasse até a casinha na hora em que o inquilino dava aula. Ela ficou no carro e eu entrei cautelosamente, passei por montanhas de papéis e subi até o quarto onde meses antes havia escondido o álbum e os cadernos de Heim e os meus. Estavam onde os havia deixado. Como se nem o tempo, nem o vento, nem nenhum olhar houvessem passado entre aquelas quatro paredes. Peguei-os e voltei para o carro.

– O que é isso? – perguntou.

– Isso? Nada, é uma encomenda. Temos de passar no Correio.

Pilar olhou para mim com admiração. Achava que qualquer coisa que eu fazia era interessante. Que pena que minha vida estava começando quando terminava. Ou, talvez, fosse melhor assim, não é, Raquel?

Mandeï à minha antiga organização o álbum de fotos de Elfe, os cadernos de Heim e minhas anotações, com os endereços dos Christensen, de Otto e Alice, de Frida. Quanto a Heim, preferi não dizer nada, porque Heim era meu.

Pilar se conformava com pouco; que lhe dissesse que era muito bonita, o que era rigorosamente verdade, e que era a mulher mais simpática e alegre que eu havia conhecido na vida, o que também

era verdade. Eu acabava cedendo quando insistia em que nos beijássemos apaixonadamente e algumas vezes deixei que me arrastasse para a cama. Ela se esforçava para aparentar que gostava de meu corpo, o que não fazia sentido algum. Até que eu disse a ela que isso havia acabado, que havia me desacostumado ao sexo e que não queria tornar a me acostumar e a ter mais uma necessidade.

Por fim, Pilar e eu formávamos uma equipe. Passávamos bons momentos sem precisar nos despir depressa e correndo. Era melhor que se despisse com outros e que deixasse para mim minha parcela interessante. Mas, no fundo, acho que qualquer psicólogo me diria que eu estava tentando repetir o maravilhoso relacionamento que tivera com Sandra. Que teria sido de sua vida? Não queria saber. Eu pertencia ao seu passado.

Sandra

A moto continuava ali, presa à buganvília pela corrente. Embora eu tivesse carro e não precisasse dela, montei-a. Liguei-a com satisfação, saboreando o momento, e segui para Tosalet. Eu me sentia livre, completamente livre sabendo que meu filho já havia vindo ao mundo e que se acontecesse algo de ruim comigo não aconteceria com ele também. Missão cumprida.

Ao chegar à altura da Villa Sol, vi umas crianças no portão metálico com as toalhas no ombro. Atrás ia o pai. Pedia que se comportassem.

Aproximei-me e perguntei se morava nessa casa. Era desconfiado e me perguntou por que queria saber. Eu disse que por razões sentimentais, que durante um tempo também havia morado ali. Ficou me olhando com incredulidade.

– Como são os quartos de cima? – perguntou enquanto dizia às crianças que tivessem cuidado com os carros.

Eu os descrevi.

– Entre, se quiser – disse ele. – Mergulhe na nostalgia.

Eram as mesmas espreguiçadeiras, só que agora cheias de toalhas e fora do lugar. A piscina era a mesma, mas com alguma coisa diferente. A diferença do agora. As portas da casa estavam abertas e na janela da cozinha não se via a cara de Karin.

– Aluguei-a para o mês todo. Venha quando quiser. Jante conosco.

Seus olhos se animaram. Provavelmente era divorciado e estava passando férias com os filhos. Agradei e voltei à moto. Com certeza, nem sequer sabia quem eram os proprietários.

Passei pela casa de Otto e Alice. O silêncio era total e causava uma sensação pesada; parecia que de uma hora para outra afundaria no chão e arrastaria consigo as casas em volta, a cidade e o mundo inteiro. Subi no selim como naquela noite chuvosa da festa e vi o jardim descuidado, com mato por todo lado. As colunas dóricas, não sei por que, davam uma grande sensação de abandono, como aqueles templos que o tempo vai descascando e sepultando no passado.

Na volta, passei pelo hotel Costa Azul. Entrei e andei pelo vestíbulo. O recepcionista da pinta grande estava lá. Olhou para mim tentando se recordar. Eu havia tirado os *pierings* e usava o cabelo mais comprido e todo castanho, como da última vez em que o tingira com Karin. Tinha optado pelo conforto. Desde que comecei a trabalhar, prestava mais atenção na roupa e na boa impressão que devia dar aos clientes. Só me importava que não faltasse nada ao meu filho e não ligava para o que pensassem de mim, e sim com o que pensava da vida. Não sentia mais a sensação de perigo naquele lugar. Saí seguida pelo olhar do recepcionista.

Só isso? Não, restava o Farol. Deixei por último. O pior era que ninguém podia dividir aquilo

comigo. Parecia que minha cabeça e meu coração iam explodir. No lugar da sorveteria, havia um restaurante pequeno com um grande terraço debaixo de um caramanchão, aproveitando parte da esplanada. Tive medo de que tivessem tirado o banco entre as palmeiras, mas não, continuava ali. Havia um casal sentado. Não me importava. Na frente deles, levantei a pedra C.

Ficaram olhando para mim sem saber o que pensar. Debaixo dela, via-se a ponta de um plástico. Retirei a terra e tirei o plástico. Era uma sacola de plástico em que estava escrito “Transilvânia souvenirs” e que continha uma caixa de laca pequena. Dentro não havia nada, e havia muito. Jamais pensei que minha vida pudesse estar tão cheia de emoções. Sentei-me no banco ao lado do casal. Para mim, eles eram invisíveis. Eu os incomodava, havia interrompido seu momento mágico, e foram embora.

Obrigada, disse mentalmente ao casal e ao universo inteiro. Toquei no bolso o saquinho de areia que um dia Julián me dera. Sempre o levava comigo. Tirei-o e o coloquei debaixo da pedra. Queria que ficasse com ele e que tornasse a lhe dar sorte. Eu já tinha muita.

Na volta, pus gasolina na moto e andei no meio de gente despreocupada que vagava com preguiça de um lado para o outro e voltei para a casinha. Subi ao meu quarto. Janín dormia esparramado no berço. Pela persiana meio fechada, entrava a brisa. Pus a caixa em cima da cômoda.

Julián

Na verdade, na maioria das vezes as peças se encaixam tarde demais, quando já não se pode fazer nada. E então, para que saber certas coisas? Sandra havia voltado à sua vida normal e nós, os outros, seguido nossos respectivos destinos. Por ora, o meu era Tres Olivos e Pilar. Na quinta-feira, como em todas as quintas-feiras, Pilar me pegou cedo. Fizemos um bom passeio de carro ouvindo música sertaneja, paramos para comer em um restaurante bacana – como sempre ela pagou – e depois voltamos à cidade para fazer algumas compras. Nossa primeira parada foi em sua butique favorita. Não entendia por que desperdiçava seu tempo e seu dinheiro com alguém como eu, mas ali estávamos, ela experimentando vestidos para o *réveillon* enquanto eu procurava um lugar para me sentar.

E foi entre um vestido de veludo preto e outro, acho que de seda vermelha, que ouvi uma voz de mulher ao meu lado.

– Desculpe, posso falar com o senhor?

Voltei completamente para ela. O pequeno cachorro que levava nos braços latiu.

Era uma moça entre trinta e quarenta anos, cabelo loiro preso em um rabo de cavalo. Era magra e forte, de longe se notava que fazia muito exercício. Estava de *jeans* e um casaco impermeável amarelo forrado de azul-marino, como os dos marinheiros dos filmes. Dei uns passos para trás a fim de vê-la melhor. Parecia familiar, já a havia visto antes.

– Sou amiga de Alberto, amigo de Sandra. O senhor é... Julián. Estou há algumas semanas tentando localizá-lo e, quando já havia perdido a esperança, eis que o vejo entrar na loja.

– Você estava com a Enguia na praia.

– Com a Enguia? Que Enguia?

– Eu a vi namorando com Alberto na praia há alguns meses. Pode ser?

Balançou a cabeça afirmativamente. Pilar saiu do provador e deu uma voltinha. A saia devia ser de lantejoulas, porque brilhou ao se mover.

– Muito bonito – disse. – Espero você lá fora.

Sáímos e instintivamente fomos até uns bancos à frente. O frio era úmido e entrava nos ossos.

– Meu nome é Elisabeth.

O nariz de Elisabeth estava ficando vermelho na ponta. Tinha muita presença, mas não se podia dizer que fosse bonita. Acariciou o cachorro e o deixou no chão. Amarrou a guia em um banco. Esticou os braços como se tivessem ficado intumescidos.

– Alberto disse que, se acontecesse alguma coisa com ele, procurasse o senhor. Eu também o vi aquele dia na praia; estava nos vigiando.

Sentamo-nos no banco e ambos colocamos as mãos nos bolsos. Pressenti que ia me contar algo desagradável, uma dessas coisas que deixam a vida sombria.

– Alberto morreu. Ou melhor, foi morto.

Ali estava a coisa que deixa a vida insuportável.

– Ele estava infiltrado na Irmandade, e eu era seu contato.

– Policiais?

– Algo parecido. Detetives. Ele foi descoberto e o calaram para sempre. Um acidente de trânsito, entende? Mas eu sei que não foi um acidente.

A notícia me deixou paralisado e foi difícil reagir. O passado continuava engordando à base de desgraças. A Enguia havia ficado definitivamente no passado, ao passo que Sandra devia estar navegando no futuro. Só Heim, Elfe e eu estávamos estancados no círculo do presente até que Heim enlouquecesse completamente, Elfe não saísse do último *delirium tremens* e eu tivesse um infarto fulminante.

– Sinto muito – disse eu. – Ele ajudou Sandra, e acho que, apesar de tudo, tentou me ajudar.

– Agora estamos procurando Christensen, Alice e Otto. Estão assustados, e não só por nós. Parece que há mais gente atrás deles. Sabemos que estão escondidos. Podem ter refeito a vida em qualquer cidade, em qualquer praia, a costa é muito longa. Achamos que Heim fugiu para o Egito. De Elfe, não temos qualquer notícia.

Olhei-a nos olhos sem dizer nada. Eram azuis, mas não podiam se comparar com os pardo-esverdeados de Sandra, que faziam rir por dentro. A Enguia e Elisabeth não formavam um belo casal. Era evidente que não podia haver nada entre eles. Naquele dia já distante, na praia, fingiam que se abraçavam e se beijavam. Como gostaria de contar a Sandra! “A Enguia e aquela mulher eram só colegas de trabalho, de um trabalho muito perigoso. E queria lhe pedir perdão por consentir que às vezes minha imaginação me dominasse e que meus pensamentos com relação a você não tenham sido tão honestos como você merece. Em algum momento, tive a ilusão de que eu também era jovem, e, como já sabemos, abusei de sua confiança no assunto do cachorrinho. Sandra, sou repugnante.”

– Alberto gostava daquela garota, Sandra. Dizia que quando estava ao seu lado sentia vontade de rir e de engolir o mundo, e que isso havia acontecido muito poucas vezes na vida dele. Mas, infelizmente, ele a conheceu nas piores circunstâncias possíveis.

– Isso já não importa – disse com impotência.

– Sim – disse Elisabeth com os olhos cravados no chão, é muito estranho como as coisas acontecem.

Quando vi Pilar sair da loja e vir em nossa direção, levantei-me do banco. Elisabeth também se levantou e desamarrou o cachorro.

– O nome dele é Bolita – disse.

– Eu sei – falei –, e você não sabe o que fazer com ele. Sente carinho, mas ao mesmo tempo é

uma carga, não é?

Assentiu e, contra todas as expectativas, corou um pouco. Peguei Bolita no colo. Pesava demais, os cães crescem rapidamente. Ele lambeu meu pescoço e o coloquei de novo no chão.

– Ficarei com ele. Tenho muito tempo livre e uma casa com jardim, mas não poderá visitá-lo, está bem? O dono só pode ser um.

Elisabeth passou a mão pela cabeça e pelas costas do cão pela última vez e não tornou a olhar para ele. Sabia como deixar os entes queridos para trás.

– Seria bom se me dissesse qualquer coisa que eu não saiba – ficou em silêncio um instante, usando a tática de me olhar nos olhos sem pestanejar. – Não quero que tudo acabe aqui.

– Entendo – disse eu enquanto lhe dava as costas para ir até Pilar puxando a coleira do cachorro.

– Sei que não está mais no Costa Azul. Onde posso encontrá-lo?

Limitei-me a fazer um gesto de adeus com a mão e peguei uma das sacolas que Pilar levava.

– Quem é ela? – perguntou Pilar cheia de curiosidade.

– Uma admiradora. Acho que não lhe contei que fui um astro de cinema.

Pilar se pendurou em meu braço olhando-me de soslaio, sem saber se era verdade que eu havia sido um astro do cinema mudo.

– E esse cachorro?

– Um presente da admiradora. Precisamos de um cachorro.

Nós três começamos a andar. Elisabeth devia estar nos observando e, se não jogasse a toalha agora mesmo e esquecesse esse assunto, acabaria encontrando Tres Olivos e, portanto, Heim e Elfe.

De minha parte, durante muitas noites, com os óculos de fundo de garrafa, debaixo da luz do abajur, escrevi à Sandra uma longa carta recordando os acontecimentos que havíamos vivido juntos, e entreguei-a a Pilar para que a enviasse depois de minha morte, como Salva havia feito comigo. Não sabia se lhe contava ou não que a Enguia havia morrido em um suspeito acidente de carro (no qual não pude evitar ver a mão de Martín), e que nunca pensara seriamente que ele tivesse uma relação amorosa com aquela garota da praia, e que ela era um contato de outro tipo. E no fim não contei, porque esperava que aparecesse um amor tão forte em sua vida que acabasse com a ilusão da Enguia sem que eu a precisasse desiludi-la. Também não lhe disse que consegui encontrar Bolita, que desde então estava no asilo e que Pilar e eu o levávamos a correr pela praia.

Enquanto isso, enquanto chegava o dia em que essa carta seria posta no Correio, dediquei-me a enlouquecer Heim. Sabia como fazer, eles haviam me ensinado.

Nota final

A maioria dos velhos nazistas que aparecem neste romance foi inspirada em personagens reais que após a Segunda Guerra Mundial encontraram refúgio sob o céu quente e aprazível de nossas costas, onde viveram sem ser incomodados até idades muito avançadas. Só o personagem fictício Aribert Heim, também chamado *Doutor Morte* ou *Açougueiro de Mauthausen*, conserva o nome verdadeiro.



Clara Sánchez mora em Madri, lecionou durante muitos anos na universidade e participou regularmente do programa da TVE *Que grande es el cine*, bem como em diversos meios de comunicação. Colabora com *El País* e tem um blog:

Em 1989 publicou o romance *Piedras preciosas*, seguido de *No es distinta la noche* (1990), *El palacio varado* (1993), *Desde el mirador* (1996), *El misterio de todos los días* (1999), *Últimas noticias del paraíso*, pelo qual ganhou o Prêmio Alfaguara de Romance 2000; *Un millón de luces* (2004) e *Presentimientos* (2008). Foi agraciada com o prêmio Germán Sánchez Ruipérez de melhor artigo sobre leitura em 2006. Sua obra foi publicada em diversos países.

Sumário

[Abertura](#)

[Créditos](#)

[1. Nas mãos do vento](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[2. A garota de cabelo vermelho](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[3. O veneno da dúvida](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[4. Abre-te, Sésamo!](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[5. Os monstros também se apaixonam](#)

[Sandra](#)

Julián

Sandra

Julián

Sandra

Julián

Sandra

Julián

Sandra

6. A eterna juventude

Sandra

Julián

Sandra

Julián

Sandra

Julián

Sandra

Julián

Sandra

Julián

Sandra

Julián

7. O talismã

Sandra

Julián

Sandra

8. Sabonete, flor, faca

Julián

Sandra

Julián

Sandra

Julián

Sandra

Julián

Sandra

9. Não tenha medo

Sandra

10. Ninguém nos vê

Julián

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[11. Debaixo da terra, debaixo do céu](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Sandra](#)

[Julián](#)

[Nota final](#)

[Sobre a autora](#)